

"O romance de estreia de Brendan Kiely desafia nossos princípios e explora os caminhos pelos quais atos feitos em nome do amor podem tanto destruir quanto curar." – BOOKLIST

CONFISSÕES DE INVERNO

BRENDAN KIELY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CONFISSÕES
DE
INVERNO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

CONFISSÕES
DE
INVERNO

BRENDAN KIELY



Título original: *The Gospel of Winter*

Copyright © 2014 por Brendan Kiely

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Margaret K. McElderry Books, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Vera Lucia Ribeiro

preparo de originais: Flávia Midori

revisão: Hermínia Totti e Raphani Margiotta

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Michael McCartney

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: Vitral: Mark Strozier / Thinkstock; Silhueta: Michel Frost

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K58c

Kiely, Brendan

Confissões de inverno [recurso eletrônico] / Brendan Kiely [tradução de Vera LuciaRibeiro]; São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: Gospel of winter

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-464-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ribeiro, Vera Lucia. II. Título.

15-25794

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Jessie,
que disse
“E se...?”

*A questão não é que eu acredito,
mas o que devo fazer.*

– SØREN KIERKEGAARD

capítulo 1

Para contar o que de fato aconteceu, o que você não sabe e o que os jornalistas não informaram, tenho que começar pela ceia de Natal da mamãe. Duas noites antes, como se o universo fosse um dos produtores de seu grande espetáculo, uma nevasca cobriu todo o nosso cantinho de Connecticut. Mamãe ficou extasiada. Velas elétricas nas janelas, guirlandas nas portas, montes de neve junto às paredes da casa, tudo estava “simplesmente perfeito”, como diriam as amigas dela. A alegria chegaria ao auge, ou pelo menos assim pareceria.

Essa era mamãe – a mais animada. E todos estavam prontos para beber de sua disposição para curar a depressão alheia. Íamos receber em casa mais de 150 convidados e ignorar o fato de que, embora os convites tivessem sido enviados no fim de outubro, com os nomes do meu pai e da minha mãe em alto-relevo, o Velho Donovan encontrava-se na Europa, onde passara quase o ano inteiro e planejava se instalar de vez.

Nunca me deixaram entrar no escritório do Velho Donovan, mas, como ele não ficava mais em casa, me apossei do lugar – espiando por entre os livros e as raridades que ele trazia de todos os cantos do mundo –, na esperança de preencher o vazio que se abria dentro de mim. Se não tivesse que ir àquela festa, eu passaria a noite inteira no escritório, lendo *Frankenstein* para a aula do Sr. Weinstein. Mas mamãe estava se arrumando no andar de cima, então pensei: dane-se a festa. Se eu ia lutar contra aquilo, precisava de um empurrãozinho.

Tranquei a porta do escritório e me sentei na cadeira giratória atrás da escrivaninha. Luzinhas brancas que enfeitavam os arbustos do jardim iluminavam o cômodo. Fiquei um tempo na penumbra, ouvindo a correria dos empregados contratados para o bufê. Depois, acendi a pequena luminária, só para que eu pudesse enxergar o que ia fazer. O calendário em cima da mesa estava no mês errado havia semanas, e eu o mantive assim. Arrastei-o pelo tampo da escrivaninha e o virei de cabeça para baixo. A superfície metálica reluziu. Peguei dois comprimidos de Adderall e os soquei com uma das canetas pesadas do Velho Donovan no verso do calendário. Arrumei o pó em carreiras, desmontei a caneta e cheirei-o com o tubo vazio.

Uma série de pensamentos e lembranças desordenadas explodiu na minha cabeça e imaginei o Velho Donovan ali, no meio da escuridão – calvo e de pele pálida, os olhos fixos me encarando. Ele se inclinou na minha direção e desenrolou uma das suas ladainhas: *Garoto, você pode ser um dos dois tipos de*

peessoas: aquele que faz a realidade acontecer ou aquele que deve se encaixar dentro de uma realidade.

Li sobre o Velho Donovan nos jornais. Ele era um daqueles homens que se reuniam em Davos, Pequim ou Mumbai. Bastava um aperto de mãos deles para abalar toda a economia mundial. *Pense globalmente, aja localmente*, tive vontade de lhe dizer, mas ele nunca estava em casa para cumprir a parte local. Além disso, quando é que a gente conversava alguma coisa? Quando é que ele me perguntava sobre a vida?

Cheirei outra carreira. O fantasma do Velho Donovan arriou na poltrona e uma lembrança se materializou no cômodo. Ele lia uma edição da *Barron's*. As meias dele estavam emboladas, enfiadas nos sapatos, que jaziam no chão por ali. Apoiados numa banquetta, seus pés descalços mais pareciam passas brancas, murchas e translúcidas, secando diante da lareira. O homem transpirava e coçava os fios curtos espetados acima das orelhas. Um pequeno cinzeiro cheio de guimbas que se erguiam como lápides estava pousado em uma pilha de jornais dobrados, em cima da mesinha. Um copo descansava sobre o braço largo da poltrona. Ainda havia muita bebida dentro dele, mas mesmo assim ele encostou o narigão na borda e sorveu tudo. O último gole ficou preso na garganta e ele pigarreou para limpá-la. *Garoto, você terá sorte se for apenas uma nota de rodapé na história. A maioria das pessoas leva uma vida sem importância e sem sentido. Estou tentando ajudá-lo.*

Eu me concentrei até que só restasse uma voz na minha cabeça. Acho que era a minha ou pelo menos soava familiar.

– Eu estou no escritório – falei para o vazio à minha volta. – Estou bem aqui.

Mas éramos só eu e o silêncio e, naquele nada, senti medo. Eu tinha pavor das outras pessoas e de mim mesmo. Meus medos me oprimiam e me encurralavam. Não conseguiria superá-los se não fossem meus picos químicos. Cheirei a última carreira de Adderall, arrumei a mesa, saí do escritório e finalmente enfrentei a noite.

Grinaldas de decoração foram enroladas no corrimão da majestosa escadaria que ia do hall de entrada até o segundo andar. Em todos os lugares, os funcionários do bufê se alvoroçavam com detalhes de última hora. Dois garçons de smoking afofavam a neve falsa em volta da base da árvore de Natal, na sala de estar. Na biblioteca, um barman fazia fileiras de copos sobre um bar improvisado, posicionado na entrada da cozinha. O serviço de bufê nunca mandava as mesmas pessoas para os eventos da minha mãe, mas todos sabiam lidar com a produção. Ao longo da festa, a equipe fazia o trabalho em silêncio e aparecia prontamente, quando necessário, então desaparecia na paisagem. Quando os convidados chegassem, eu receberia meu sinal para entrar, mas, por enquanto, ninguém pareceu notar minha presença.

Na cozinha, Elena orientava os empregados. Encolheu-se quando viu a bagunça que estavam fazendo ali e se aproximou de mim no momento em que me notou. Usava a camisa branca de sempre e tinha prendido o cabelo no alto. Parei para abraçá-la e achei que fosse amassar os delicados babados que cobriam a faixa de botões.

– Vai se divertir hoje? – perguntou ela em espanhol.

– Acho que não.

Elena ajustou meu colarinho.

– Você tem que se cuidar.

– Mas você está aqui.

– Ah, *mi hijo*, por favor! – resmungou ela.

Elena nunca me tratava assim na frente dos meus pais, é claro, e também não falávamos espanhol na presença deles. Eu praticava o idioma com ela quando ficávamos sozinhos em casa. Depois desse tempo todo, eu era quase fluente.

Elena beijou as pontas dos dedos e as encostou no meu rosto. Quando ela sorriu, seus olhos se estreitaram.

– Por favor, tenha juízo.

– Olhe para mim – retruquei, apontando para o paletó e a gravata que estava vestindo, o paletó e a gravata que mamãe queria que eu usasse. – Estou pronto para representar meu papel.

Os cozinheiros remexiam nos fornos embutidos na parede e Elena olhou na direção deles. Segurei a mão dela.

– Não podemos nos esconder no seu quarto? – perguntei. – Mamãe nem vai notar que saímos. Veja quanta gente ela contratou. Não vai precisar de nós.

Elena me encarou.

– Você está bem? O que houve com seus olhos?

– Nada.

Meus olhos deviam estar vermelhos, mas ela apenas balançou a cabeça e não fez mais perguntas. Abraçou-me, recuou um passo e segurou o meu rosto.

– Por favor. Você também precisa ajudar. Pela sua mãe. Faça isso por ela.

Deu um beijo na minha bochecha e me abraçou de novo, embalando-me como fazia tantas vezes.

Eu teria ficado naquela posição por mais tempo se um garçom não tivesse derrubado uma tigela da bancada. Ela caiu no chão com um estrondo e seus cacos se espalharam pela cozinha. Elena se virou depressa:

– *Ay, Dios mío!* – exclamou, lançando um olhar furioso para o homem. – Eles nunca tomam cuidado – resmungou, correndo até a despensa para buscar uma vassoura.

Ameaçado por esse senso de dever, fui procurar minha mãe. Ouvi a voz dela vindo da sala de estar:

– Não tem fumé blanc? – perguntava ela. Quando a ouvia agitada daquele jeito, eu não conseguia evitar a associação com o trinado dos golfinhos. – Não tem fumé blanc? – repetiu. Mamãe conversava com um fantasma que só ela via. O decote do seu vestido longo, vermelho-escuro, deixava as costas quase nuas. – Chardonnay e fumé blanc. *Y* fumé blanc, eu disse à Elena. *Y, Y, Y.* Não estamos fazendo caridade. É uma festa de Natal. As escolhas fazem parte da elegância.

Mamãe sempre encontrava uma ponta solta capaz de reduzir um tapete valioso a uma pilha de fios de linha. Havia mais vinho do que qualquer pessoa conseguiria beber e, se fosse como as outras festas, até o pessoal do bufê beberia das garrafas abertas a ponto de voltar cambaleando para suas vans no fim da noite.

– Ela encomendou – falei. – Vi o barman colocando algumas garrafas para gelar.

– O que você está fazendo aí, escondido atrás dos móveis? – perguntou mamãe. – Pensei que fosse me ajudar hoje à noite.

– Quem está se escondendo? Estou bem aqui. Só acho que você não precisa culpá-la por tudo.

– Defendendo Elena, como sempre. Santa Elena.

Mamãe inspirou pausadamente, fazendo a “respiração da tartaruga”, como chamava quando praticava

ioga, tai chi chuan, pilates ou qualquer que fosse o exercício do dia.

– Ok – disse, de um jeito mais animado. – Vamos pôr um sorriso nesse rosto. É dia de festa. Você vai conhecer gente nova.

– Já estou sorrindo.

– Relaxe – falou, apoiando a mão no quadril. – Tente se parecer um pouco com seu pai, melhore essa cara. Somos todos amigos aqui, Aidan.

Não me lembrava do Velho Donovan sorrindo como um político em campanha ao cumprimentar os convidados no ano anterior.

– Não sou meu pai – retruquei.

– Não, não é – disse mamãe, baixinho. – Então apenas finja – acrescentou. Olhou para o pátio dos fundos e soltou um suspiro. – Por favor.

Eu queria muito fazer isso. Por ela.

As chamas das velas tremulavam no parapeito das janelas e nas mesinhas de canto. A lenha crepitava e faiscava na lareira. As paredes e os móveis adquiriram um brilho alaranjado com a luz do fogo. Quando mamãe se virou para mim novamente, dei-lhe o que ela queria.

– Feliz Natal.

– Viu? Assim é melhor. É isso que todo mundo quer ver.

– Então vamos nos divertir!

Ela abriu um sorriso triunfante.

Quando a campainha tocou, mamãe alisou o vestido e deu umas piscadelas. Estava na hora. Um dos empregados contratados ajeitou a gravata-borboleta e abriu a porta. Minhas mãos estavam nos bolsos da calça e me ocorreu que seria melhor tirá-las. Mas era Cindy, uma das amigas íntimas de mamãe, que a recebeu no salão como se houvesse voltado aos palcos do City Center e vinte anos não tivessem se passado. As duas logo se dirigiram para o bar. Já com as bebidas, Cindy ergueu a taça:

– A mais uma das incríveis festas de Natal da Gwen! Malditos sejam Jack e aquela vagabunda belga.

Embora tenham crescido em Nova York, minha mãe e Cindy só se conheceram depois que já faziam parte da alta sociedade de Connecticut. Cindy era bem baixinha, mais que mamãe, e exibia um sorriso largo, com os dentes à mostra, que tomava todo o seu rosto. De vez em quando eu via a família dela na Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo. O filho de Cindy, James, estava dois anos atrás de mim no colégio.

O único jeito de me lembrar de todos os amigos de mamãe era relacioná-los a seus vários círculos sociais. Quando esses círculos começavam a se sobrepor com frequência, eu também conseguia memorizar seus rostos e de onde essas pessoas vinham. As categorias em que elas poderiam se encaixar eram: Fortuna Pessoal, Interesses Filantrópicos ou Número de Presenças nas Festas dos Donovan – e, no caso de Cindy, ela se encaixava em todas elas.

Pouco depois a campainha tocou outra vez. Abri a porta, disse olá e cumprimentei rapidamente um convidado atrás do outro. Eles devolviam o gesto com um sorrisinho e entravam. “Olá”, dizia eu, quando outra pessoa chegava. “Olá”, e ia guiando cada um deles, dando um sorriso frouxo e me desligando aos poucos. Às vezes me pegava pensando no *Frankenstein* que deixara aberto na poltrona lá em cima: a criatura despertando, à espreita, com seus olhos amarelados.

A festa logo ficou cheia e não havia como se deslocar sem esbarrar nas pessoas. Os convidados

bebiam seus drinques com cuidado, para não derramá-los. Perguntavam sobre a escola, com aquelas vozes *ma-ra-vi-lho-sas*. “Tiro notas altas”, gritava eu. E eles murmuravam em resposta: “Ah, Yale, com certeza você vai para Yale.” Quase adotei um sotaque vagamente britânico, como às vezes as pessoas fazem quando, na verdade, são do Upper East Side. Em vez disso, apenas flutuei pelos cômodos, com o intuito de desaparecer em meio às gargalhadas agressivas.

Enquanto eu passava por um grupo que se aglomerava junto ao piano, tentando dar uma escapada até o escritório, um dos amigos do Velho Donovan, Mike Kowolski, me viu e acenou na minha direção. Aproximou-se arrastando os pés pelo salão, equilibrando o peso da barriga sobre as pernas. Atrás dele vinha o filho, Mark. Se ele não tivesse puxado o queixo forte e quadrado do pai, seria difícil acreditar que os dois eram parentes. Ele circulava pelo colégio com um ar distante e autoconfiante que sempre imaginei significar tédio. Nós nos encontramos ao pé da escadaria e Mike me deu um tapinha no ombro.

– Olhe só para você, cuidando da festa como se fosse o grande anfitrião. Meu Deus, Aidan, há quanto tempo! Você já está quase da minha altura! E desde quando seu pai deixa você andar por aí com esse cabelo? Um homem não deve esconder os olhos. – Ele apontou o dedo para mim. – Você vai apresentar o Mark aos poderosos hoje, não vai? Não posso permitir que você agarre todas as oportunidades de trabalho antes do seu amigo aqui.

– E aí, Donovan? – disse Mark.

Nós estudávamos na mesma turma do ensino médio, mas a última vez que ele falara comigo tinha sido na prova de natação, no início do ano. Não dava para dizer que éramos amigos. Ele era o capitão da equipe e teve que cumprimentar todos nós, um por um, antes que nos prov ssemos capazes de cruzar a piscina e voltar sem nos afogarmos. Para mim, ele era o Homem de Bronze, pois tinha um tom de pele meio âmbar e um cabelo encaracolado que não parecia crescer nunca. Havíamos frequentado juntos o catecismo, mas, depois que passamos para o ensino médio, s  conversávamos quando nossas famílias jantavam juntas. E fazia anos desde a última vez que isso aconteceu, antes que meu pai deixasse a empresa e abrisse o próprio negócio.

– Mark precisa falar com esses caras – disse Mike. – Não há como evitar. Isso aqui não é uma festa, é uma feira de empregos, certo? – prosseguiu, meneando a cabeça para o filho.

– Eu sei, papai.

– Tudo está na maneira de encarar as coisas, meninos. Façam disso uma oportunidade – completou Mike, cutucando meu peito.

Mark lançou um olhar para mim.

– Então talvez seja bom o Aidan me exhibir por aí.

Mike segurou o filho pelo braço.

– Ok, já entendi – disse Mark. – *Carpe diem*. Mas posso s  conversar um pouco com Aidan por enquanto?

– Vou dar uma volta com ele – retruquei, querendo parecer o mais calmo possível.

Mark tentou se soltar do pai, mas Mike não o largou. Inclinando-se na nossa dire o, declarou:

–   uma questão de foco, rapazes. Não é um jogo. Foco, foco, foco. Quando vocês veem uma coisa que desejam, devem correr atrás e agarrá-la, cacete. – Deu um sorriso e me puxou para perto, de modo que ficamos os três grudados. Seu hálito cheirava levemente a camarão. – Certo?

– Certo – respondi.

Mark me lançou um sorriso de agradecimento e o pai o empurrou na direção dos homens que se reuniam perto da lareira. Embora tivessem aberto passagem para nós dois, os olhos azul-claros de Mark pousaram em mim e insinuavam *Caramba, me tire logo daqui*. Ninguém nunca me pedia ajuda, mas ele logo começou a se mostrar, enumerando os feitos do seu currículo, como costumava fazer nas festas da minha mãe, e perdeu a chance de ser salvo.

Tire essa sua máscara, tive vontade de dizer ao Mike. Também era o que eu queria falar para muita gente lá do colégio. Tire essas máscaras de plástico que intimidam quem estiver no caminho.

De vez em quando eu saía com uns garotos. Às vezes o pessoal do clube de debates ou do clube de xadrez marcava de jantar na casa de um colega. Ou então eu me juntava à torcida na arquibancada para assistir aos jogos de hóquei na grama ou futebol americano. Então eu ficava lá sentado, ouvindo todos conversarem como se tivessem toda a certeza do mundo sobre tudo. Eles nunca respondiam “Não sei” ou “Estou com medo”, por exemplo, como se acreditassem que nunca precisariam da ajuda ou da opinião de alguém. Como era aquele poema do John Donne que tínhamos lido na aula do Sr. Weinstein? “Nenhum homem é uma ilha”? Mas não ali. Ali éramos um arquipélago social que insistiam em chamar de comunidade. Por que eu tinha a impressão de ser o único que vivia num pesadelo?

Mas eu sabia que aquelas pessoas sentiam medo. No início do outono, numa límpida manhã de terça-feira, passamos a temer aviões e a palavra *jihad*. Depois daquele dia, o medo se instaurara em nossa vida – crianças, adultos, não importava. Eu ouvia os orientadores conversando sobre o assunto: “Não sei o que dizer a essa garotada. Também estou com medo!” Então, por que eu parecia ser o único à procura de algum tipo de estabilidade, de normalidade, de alguém que pudesse conter aquela enrolação toda e dizer que *tudo vai dar certo*?

Dei a volta pelo corredor lateral até a biblioteca, deixando Mark sozinho, e me sentei ao pé da escadinha perto do bar improvisado. *Tirem suas máscaras*, tive vontade de dizer aos convidados da minha mãe. Eles não eram melhores que o pessoal do colégio. Mamãe declarou que a festa de Natal seria a maior e mais extravagante de todas. “Precisamos disso”, dissera. “Todos nós.” E seus convidados pareciam concordar. Como nos filmes que eu tinha visto sobre o Dia dos Mortos ou o Carnaval no México, todos ali na festa tinham o rosto carregado de maquiagem ou ruborizado pelo excesso de álcool.

Depois de algum tempo, mamãe me encontrou. Fiquei surpreso por ela ter conseguido me localizar naquela sala abarrotada, mas minha mãe era uma mulher determinada. Quando passou pelos homens que faziam fila diante do bar, percebi que ela trazia consigo duas colegas minhas do colégio. Pelo sorriso radiante que exibia, era óbvio que havia convidado essas duas em particular. Só não tinha me contado.

Endireitei minha postura imediatamente. Todo mundo conhecia Josie Fenton e Sophie Harrington. Costumávamos pensar nelas como celebridades, como se a vida pudesse ser glamorosa para quem andasse do jeito certo. Naquele outono, Josie saía com um cara do terceiro ano, mas ela terminou tudo um mês depois. Eu conversava com ela através do olhar.

Josie se sentava na minha frente na aula de literatura inglesa. Eu ficava imaginando como seria passar as mãos pelos seus cabelos longos e castanhos. Ela inclinava a cabeça ao escrever e o cabelo pendia para um lado. O movimento deixava à mostra a curva suave e elegante do pescoço, o melhor lugar para se beijar uma garota. Já Sophie tinha uma reputação diferente, sobre a qual muitos caras gostavam de se gabar. E, como eles olhavam para ela o tempo todo, a garota flertava de volta, com seus olhos escuros confiantes e um risinho nos lábios, que às vezes a fazia parecer mais velha e outras vezes mais cínica.

Mamãe devia estar delirando para achar que as meninas me davam alguma bola só porque eram filhas das amigas dela. E, enquanto as arrastava na minha direção, ela estampava no rosto um daqueles sorrisos que eu não deveria contrariar.

– Seja um bom anfitrião – disse, retirando-se. – Você também tem convidados hoje.

Josie e Sophie pararam ao meu lado, olhando ao redor como se procurassem alguém. De salto alto e saia justa, elas pareciam as outras mulheres do salão. Levantei-me e enxuguei as palmas das mãos na calça.

– Não sabia que vocês viriam – comentei, e logo depois percebi que havia perdido o timing para me mostrar descolado ou charmoso.

– Foi meio de última hora, acho – disse Sophie.

A pequena pinta no rosto pálido ganhava mais destaque quando ela sorria.

– A festa estragou seus planos?

– Ah, tanto faz – respondeu ela.

Josie deu um rápido sorriso. Usava brincos de prata com contas azuis que combinavam com seus olhos.

– Espero que não tenham subornado vocês para virem aqui.

– Ah, qual é? – disse Josie, revirando os olhos. Parecia cansada. – Todo mundo sabe que sua mãe dá festas ótimas. Ninguém recusaria um convite. – Ela olhou na direção do bar. – Veja só quanto álcool.

Mesmo que ela não estivesse sendo sincera, gostei daquele comentário.

– Posso lhes oferecer uma bebida? – perguntei.

Ela continuou olhando para alguma coisa nos fundos do salão e não respondeu. Sophie olhou para ela, na expectativa.

– Duas Cocas Zero, talvez?

– Não, quis dizer uma bebida de verdade.

– O quê? – Josie se virou. – É mesmo?

– É uma festa, não é?

– Seria legal – disse Sophie. – Minha mãe vai encher a cara mesmo.

– De repente a minha até daria uma força – observei –, ainda mais se me visse com vocês duas a noite toda.

Elas se entreolharam, com os lábios espremidos, e me apressei a acrescentar:

– E Mark está aqui.

– Mark Kowolski? – perguntou Josie.

– Tentem livrá-lo das garras do pai. Ele tinha obrigado Mark a conversar com uns caras lá na sala na última vez em que o vi.

– Aaah, um resgate! – exclamou Sophie. – Vamos cuidar disso, pode deixar. Onde encontramos você com as bebidas?

Mostrei o caminho pelo salão até o escritório do Velho Donovan. Elas se afastaram de braço dado, como se fossem uma só pessoa, esquivando-se dos outros na biblioteca. Pareciam dançar e, como estavam ali na minha casa, pensei que talvez pudesse me juntar a elas.

Convenci o barman a me dar duas garrafas de água com gás e umas taças de vinho e marchei pela festa o mais rápido possível. Quando cheguei à escrivania do Velho Donovan, todos estavam lá me

esperando. Josie e Sophie caminhavam ao longo de uma das paredes cobertas de livros. Não tinham a cara amarrada. Não pararam de falar quando me aproximei. Na verdade, fiquei surpreso: as duas pareciam mesmo estar se divertindo. Mark estava parado ao lado do globo gigante entre as duas poltronas de couro.

– Seu pai gosta de ler, hein? – comentou Josie. – Ele tem este escritório, mais aquela biblioteca.

– O que é um *pai*? – retruquei, enquanto colocava as garrafas em cima da escrivaninha.

Sophie virou-se e me lançou um olhar solidário. Josie balançou a cabeça.

– O patrão – respondeu Mark. – *Resultados!* Meu pai é assim. *Resultados, resultados, resultados.*

– Daqui a pouco ele vai ter um colapso – disse Josie. – Foi o que aconteceu com o meu. Agora ele virou um guru transcendental. Faz meditação e tudo.

– Bem capaz – falou Mark.

– Só sei que se o Velho Donovan estivesse aqui, não poderíamos usar o escritório dele – continuei. – Vejam só isso.

Abri o trinco do globo, levantei a metade superior da esfera e revelei o bar que havia lá dentro.

– Vai uma ice? – perguntei, tirando a garrafa do encaixe. – Podemos brindar em homenagem aos nossos pais: aos que foram embora e aos que torcemos para ir.

– Fala sério – comentou Josie.

– Pessoal – interrompeu Mark –, é melhor a gente pensar bem. Vão acabar nos pegando no flagra. Vão sentir o cheiro da bebida. Da última vez que fui apanhado, meu pai quase me estrangulou. Fiquei trancado em casa por um mês. Ninguém tem mais nada? – perguntou. Ele me cutucou. – Não é possível que você não tenha mais nada, cara. Nem uma erva? Poderíamos puxar um fuminho. Nunca me pegaram *fumando*.

Sorri para ele. Eu ia ficar feliz em distribuir uns comprimidos.

– Mas vamos começar por um drinquezinho – propus. – Não vão pegar a gente. Nunca me pegaram.

Josie, Sophie e Mark se sentaram junto ao globo e fui preparar as bebidas. Era bom ter alguma coisa para fazer, algo que me mantivesse ocupado, porque meu coração estava disparado como se eu tivesse cheirado de novo. Não sabia o que dizer para eles. Conversar exigia espontaneidade, e espontaneidade me deixava nervoso. Não queria falar uma besteira nem nada de que me arrependesse depois.

– Deem um gole – disse, entregando as taças a eles.

– Belvedere, não é? – perguntou Josie, depois de provar. – Bem suave.

– Pensei que você só gostasse da Ketel One. – Sophie deu uma risada e bebericou seu drinque. – Lembra aquela vodca que tomamos na casa do Dustin? Meu Deus, a gente ficou muito mal.

Ergui minha taça segurando-a pela base, e não pela haste, como tinha visto alguns adultos fazerem na festa.

– Saúde!

Brindamos e rimos dos convidados, que já começavam a ficar bêbados. Estava tentando não rir demais, mas não conseguia evitar. Eu não gostava da minha risada. Gostava das minhas expressões quando escutava música ou fumava um cigarro – me observei no espelho enquanto fazia as duas coisas e podia conviver com aquilo –, mas, quando eu sorria, ficava parecendo um sujeito muito perturbado.

Acabamos nos divertindo bastante e torci para não ficar sem assunto. Já tinha bebido mais da metade

do meu drinque quando percebi que as taças deles ainda estavam quase cheias. Especialmente a do Mark, que a deixara na mesa do Velho Donovan.

De repente a conversa cessou. Sophie olhou para os pés. Josie levantou-se e andou até a janela que dava para a cerca viva ao longo da propriedade dos Fielding, do outro lado do jardim.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntou Mark. Sophie revirou os olhos, concordando. – Quero dizer, não me leve a mal, Donovan, mas essa festa seria bem mais legal se não estivéssemos a 3 metros dos nossos pais.

– Não me importo muito – retruquei. – É assim que aturo essas festas – falei, tirando o frasco de Adderall do bolso. – Já estou viajando.

Sophie estreitou os olhos.

– Você engole esses comprimidos como se fossem vitaminas? – perguntou ela.

– Não – disse Josie. – Você cheira, não é? – Ela se postou ao meu lado e me deu um sorriso malicioso. – É isso que você faz todos os dias?

– Não todos os dias – retruquei, sorrindo de volta.

Não era exatamente mentira. Cheirei uma vez no colégio, pois não havia dormido a noite toda e estava cochilando durante as aulas.

– Então... estão a fim? – perguntei.

– Não sou muito chegado, não – disse Mark. – Cara, estou meio para baixo hoje. Vocês sabem que não sou assim.

– Tudo bem – comentou Sophie. – Eu topo. Sempre topo. – Pegou a taça com o drinque. – Mas primeiro vamos acabar com isso.

Erguemos as taças e tomei um gole bem grande, mas engoli um monte de cubos de gelo de uma só vez. Um deles entalou na garganta e me deixou sem ar e com a boca cheia de líquido. A água com gás fazia meu nariz arder. Fiquei paralisado.

– Ai, meu Deus, você está bem? – perguntou Sophie, inclinando-se na minha direção.

Respirei fundo, mas não consegui sorver o ar ou, se consegui, não senti. Debati-me violentamente, sem fôlego. Meu nariz e meus olhos ardiam com o gás efervescente dentro da boca. Parecia haver um cinto apertando cada vez mais meu pescoço e meu peito. O medo deu as caras quando comecei a me sentir zozzo, exatamente como quando forcei um desmaio de brincadeira e, pouco antes de tudo ficar escuro, pensei: *Droga, e se eu tiver ido longe demais? E se não conseguir voltar?*

– Nossa, parece que você está hiperventilando – comentou Josie.

– Ele está sufocando – disse Sophie. – Está sufocando?

Tentei assentir e me inclinei para cuspir o líquido de volta dentro da taça, mas tudo que estava espumando na boca saiu numa golfada só e respingou na blusa e na saia de Sophie.

– Puta merda! – gritou ela.

Meus olhos lacrimejavam tanto que eu mal conseguia enxergar.

– Desculpe – consegui dizer. – Sinto muito.

– Cale a boca! – disse Josie. – Tratem de se controlar. Não façam uma cena, senão vão mesmo nos pegar aqui.

– Eu sinto muito. Sinto muito mesmo.

– Ele estragou minha saia? – perguntou Sophie. – Olhe para a minha blusa! Mas que inferno!

– Cale a boca!

Mark foi até a porta e ficou atento ao barulho que vinha do corredor. Enxuguei os olhos. Ainda sentia a ardência na garganta e, instintivamente, tomei outro gole. Depois engoli o restante da bebida, impedindo com os dentes que o gelo entrasse. Um calafrio percorreu todo o meu corpo, mas foi uma sensação boa, enquanto o preparado espesso da vodca descia junto com a água gasosa. Larguei o copo e retirei uns lenços de papel de uma caixa na escrivaninha. Entreguei-os a Sophie, mas não adiantaram muito. A música estava alta lá fora e as pessoas conversavam aos berros. Ninguém conseguiria ouvir o que acontecia ali.

Josie ergueu Sophie da cadeira, e as duas examinaram as manchas escuras que se espalharam pela saia verde.

– Como vou explicar isso para minha mãe? – perguntou Sophie. – Qual é o seu problema? – censurou-me, com a voz abafada.

Josie segurou meu braço.

– Faça alguma coisa! Onde fica o banheiro mais próximo?

Com o rosto queimando, levei as meninas pelo corredor. Mark veio atrás. Algumas amigas da minha mãe estavam no salão e nos viram.

– Barbara, Barbara! Aqui está ele – zombiu uma delas.

Eu estava andando na frente das garotas, mas pude imaginá-las fechando a cara atrás de mim. Tentei ignorar o que a mulher dizia, mas senti outra vez um buraco se abrir dentro de mim. Fiz sinal para elas seguirem pelo corredor, para longe da festa, em direção a um dos quartos de hóspedes – onde o Velho Donovan dormiu durante alguns meses antes de finalmente ir embora.

– Aqui vocês terão privacidade – falei, segurando a porta da suíte.

Josie passou por mim e Sophie a seguiu.

– Que tal se a gente se encontrar mais tarde? – sugeriu Josie. – Vou ajudá-la a se limpar.

Então entrou com as bebidas e as colocou na bancada ao lado da pia.

– Pode deixar que vou ficar aqui com elas – disse Mark.

Os três fecharam a porta e cochicharam enquanto abriam a torneira. Deram risinhos. Pude ouvir as taças tilintando. Tinha vontade de quebrar alguma coisa. *Tirem suas máscaras, seus babacas*. Deveria ter dito isso, mesmo que eles não pudessem escutar. “Aidan é um idiota”, era o que estava escrito a canivete atrás da porta de um dos banheiros masculinos do colégio, e tive certeza de que os três fofocavam alguma coisa parecida naquele momento.

Mais risinhos, só que vindos do corredor. Uma das mulheres que nos viu sair do escritório parou à porta e bloqueou a luz que entrava na suíte às escuras. Fez sinal para as outras.

– É, eles estão aqui – disse. Ela se encostou no batente. Não conseguia ver seu rosto. Era apenas uma silhueta de mulher falando comigo por entre as sombras. – Por que está se escondendo no escuro, Aidan?

Havia algo de frio e penetrante na voz dela que me atingiu na mesma hora. Embora ela mal pudesse me enxergar, era como se tivesse me flagrado nu. Parecia que o chão se abria aos meus pés. Outra mulher se juntou a ela, depois mais duas.

– O que está fazendo? – perguntou uma delas.

Alguém acendeu a luz. Barbara Kowolski, a mãe do Mark, entrou marchando no quarto. Lançou-me um olhar furioso por cima das bochechas redondas e rosadas.

– Qual é o seu problema?

Permaneci calado, ainda digerindo o medo do momento anterior. As outras riram e começaram a conversar no corredor, mas Barbara colocou as mãos nos quadris e perguntou:

– Onde está Mark? Onde estão as meninas? – Ela olhou de relance para a porta do banheiro e apontou. As pulseiras tilintaram com o gesto. – Estão ali? Mark está no banheiro com as meninas?

Eu já ia dizer que não, mas ela me empurrou e tentou abrir a porta. Estava trancada. Deu uma olhada no corredor e viu que as outras mulheres tinham ido embora.

– Mark? – chamou o filho em voz baixa.

A torneira ficou aberta por um tempinho e, em seguida, ouviu-se a descarga. Josie abriu a porta e foi a primeira a sair.

– Oi, Sra. Kowolski.

Tinha as bochechas vermelhas. Sophie veio atrás, segurando uma taça vazia, e Mark a seguiu, com as mãos nos bolsos. Encurvado daquele jeito, parecia muito mais novo, como um cachorrinho amedrontado.

– Rapazinho – disse Barbara.

Nenhum deles olhou para mim.

– Sra. Kowolski – interveio Josie –, estamos só nos divertindo. E aí, tudo bem?

Barbara franziu o cenho. Sua pele era toda esticada com as plásticas e exibia um bronzeado permanente.

– Não banque a mocinha comigo – disse, e virando-se para Mark: – Seu pai estava procurando por você. Ele quer que conheça uma pessoa, mas... desse jeito? – Espiou a porta do quarto novamente e se voltou para nós: – Vamos fazer assim: nenhuma palavra sobre isso. Não digam nada aos pais de vocês. Também não precisamos mencionar nada ao Mike. Nem uma palavra. Entenderam?

– Eles não têm culpa – acabei dizendo. – Foi a bebida que eu preparei.

Barbara virou-se e apontou a unha vermelha para o meu rosto.

– Sei exatamente de quem é a culpa, Aidan.

– Não precisa falar assim com ele – pediu Mark. Apesar de quase não ter bebido, os olhos dele ainda estavam vidrados. Achei que talvez houvesse lágrimas ali. – Não foi culpa do Aidan.

– Com certeza foi – rebateu a mãe. – Já chega. Você vai para casa. – Percorreu o nosso grupo com o dedo. – Vou levar todos vocês para casa.

– Ah, mãe, para que isso? – protestou Mark.

– Chega – disse Barbara. – É melhor para vocês. Vou cuidar de tudo. – Abraçou Mark rapidamente e prosseguiu: – Você conhece o seu pai, querido. Não seja idiota. – Então empurrou o filho e as meninas para o corredor, enquanto ele tentava se despedir de mim. – Não é porque seu pai não está aqui que você pode fazer o que quiser – completou, dirigindo-se a mim: – Isso serve para você também.

Depois que ela saiu, apaguei a luz do banheiro e do quarto, e fiquei sentado na cama, no escuro, enquanto a festa prosseguia. Então eu me levantei, fui até a janela e olhei para o jardim. Ao luar, a camada de neve parecia a superfície da Lua – uma paisagem cinzenta e silenciosa, como eu imaginava ser a morte: um lugar aonde inevitavelmente chegaríamos sozinhos.

Eu queria desaparecer, talvez até mesmo sair, mas havia gente no corredor e na escadaria, gente em toda parte. A festa ia enchendo a casa inteira, invadindo todos os cômodos. *Todas essas pessoas e ninguém com quem eu possa conversar*, pensei, até que ouvi uma risada familiar no corredor, vindo do

salão. Conheci a risada dele no dia em que chegou à Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo, substituindo o padre Dooley na missa e transformando a homilia numa contação de histórias. Sua voz grossa, grave e constante me transmitia calma e paz. Então, mais aliviado, caminhei na direção dela.

Ninguém ria como o padre Greg: sua gargalhada borbulhava e ia ganhando volume conforme se prolongava. Ele se encontrava ao pé da escadaria, o rosto corado e o cavanhaque grisalho brilhando à luz do salão. Segurava um copo de uísque com cubos de gelo, que girava enquanto conversava. Todo mundo tinha que prestar atenção para ouvi-lo, pois havia muita gente ali falando ao mesmo tempo.

Se pusessem o padre Greg no ringue junto com o treinador Randolph, este não teria coragem nem de vestir as luvas. O padre parecia um jogador de futebol americano numa época anterior à existência de capacetes e ombreiras, capaz de sair daquilo tudo sem um arranhão.

Ele riu da própria história e, ao notar minha presença, meneou a cabeça para que eu me aproximasse. Obedeci imediatamente. O padre Greg costumava frequentar bastante as festas da comunidade e todos o adoravam. Não se importava com quem dizia que dança e música eram coisa do diabo. Entendia que, mesmo sendo católica, nossa cidade gostava do Carnaval e dos fartos almoços de Páscoa, mas preferia pular a Quaresma. Ele mesmo nunca perdia um evento.

– Mas não se trata apenas de dinheiro – dizia ele, quando me aproximei. – Vocês sabem o que significa trabalhar duro? Amar. Amar é trabalhar duro, talvez o trabalho mais difícil de todos, mas é o que realmente importa. É isso que fazemos com essa garotada. Ensinar um homem a pescar? Que nada! – exclamou, balançando a mão num gesto de desdém. – Ensine o homem a amar, Richard. Ensine uma criança a amar, a amar aprender, a amar os outros. Depois, veja o que acontece. – O padre Greg pousou uma das mãos no meu ombro. – Não é mesmo, Aidan?

Era ele o verdadeiro anfitrião da festa, de todas as festas. Eu era seu assistente, mas apenas naqueles seis meses em que o estava ajudando.

– É, eu sei. As crianças – disse Richard, com um sorriso severo. – É nelas que penso quando preencho meu cheque, todo ano. – Em seguida, apontou para mim com o narigão: – Ainda não recebi o telefonema este ano. Aidan, você já deve começar a dar aqueles telefonemas? Padre, vai deixar isso a cargo dele agora?

O padre Greg sorriu para mim.

– Ah, isso não seria ruim. Aidan não é mais criança. Como eu faria tudo sem ele? – Ele ergueu a mão espalmada e eu dei um tapinha nela, como se estivéssemos comemorando alguma coisa. – Aidan sabe que é preciso ter carvão na fornalha para que o trem continue a andar.

De fato, eu o estava ajudando *bastante* a angariar dinheiro para escolas católicas da cidade. Era exagero chamar de “carvão na fornalha” as planilhas e os relatórios que eu fazia para me organizar, mas, mesmo abrindo envelopes e anotando os valores de doações, eu participava ativamente de tudo.

– Ainda nem cumprimentei o dono da casa – disse o padre Greg.

– Minha mãe deve estar por aí – comentei, olhando na direção da biblioteca.

O padre Greg riu.

– Não, estou falando de você.

– Ah, sim.

Ele pediu licença às pessoas que ainda estavam ali e me conduziu até o armário de casacos, a poucos

metros. Foi bom receber um pouco de orientação. Ele sorriu, depois assumiu aquela expressão séria que exibia antes de encontrar as palavras certas para endireitar o mundo.

– Como você está aguentando?

Foi a primeira pergunta sincera que ouvi naquela noite. Queria que estivéssemos num lugar mais calmo. Queria fechar a porta para toda aquela tagarelice sem pé nem cabeça e conversar como duas pessoas que se importavam com coisas significativas. Já era hora.

– Escute – disse o padre Greg –, vou lá para fora um pouco. Preciso de um intervalo, respirar um ar fresco. – Pegou seu tíquete do guarda-casacos e o entregou ao porteiro. – Por que não vem também? – perguntou ele, envolvendo os ombros com o sobretudo, sem enfiar os braços nas mangas. Então enfiou a mão no bolso do paletó e puxou um cigarro. Sempre cheirava a cigarro. – Vamos? Só se você quiser, é claro.

O casaco se enchia de ar atrás dele enquanto andava até a escadaria da entrada da casa. Peguei minha parca de esqui e o segui.

Ele parou logo depois da curva da passagem semicircular de pedra branca em frente à porta principal e baixou os olhos para o declive do jardim coberto de neve.

– Precisamos descobrir um jeito de você se divertir na sua festa – disse.

Fiquei olhando o vapor quente sair da minha boca e desaparecer no ar gelado.

– A festa não é minha, na verdade – respondi, fechando o zíper do agasalho. – Nem sei o que estou fazendo aqui hoje.

O padre Greg se aproximou e apoiou o pé num degrau. Exalou pelo canto da boca e soprou a fumaça do cigarro para longe de mim.

– Sabe, sim. Você está fazendo o de sempre: tentando ajudar. Não se martirize tanto, Aidan.

Ele costumava falar muito o meu nome, e, embora no começo soasse estranho, acabei tomando gosto pelo hábito. Isso fazia com que eu me sentisse real, como se ele quisesse conversar somente comigo, como se eu significasse alguma coisa para ele... e como se ele também precisasse de mim.

Olhei para os arbustos cuidadosamente podados. O padre me ofereceu seu cigarro e desviei o olhar ao dar uma tragada. A nicotina subiu direto para minha cabeça e eu me encostei na coluna.

– Preferiria ter ficado lá em cima, lendo – acabei dizendo.

– Esse é o cara, o eterno batalhador – comentou, e encolhi os ombros. – Mas eu entendo. Sei como se sente. – Ele me deu o cigarro de novo. – Já falamos sobre isso – acrescentou, baixinho. – É difícil conversar sobre assuntos interessantes nesse tipo de festa. Conversas que gente como eu e você costumamos ter. Raramente vejo essas pessoas, a não ser em lugares assim. Não sei quando eu veria os seus pais se eles não me convidassem para esses eventos.

– É, aí um deles nem dá as caras.

– Pois é – disse o padre Greg, meneando a cabeça devagar, como sempre fazia ao me ouvir. Deu uma batidinha no filtro do cigarro para tirar a brasa e o colocou no bolso. Olhou de relance para a porta da casa. – Mas você não está sozinho – declarou.

O padre Greg sempre explicava que a presença de Deus na minha vida era uma garantia, a verdadeira estabilidade. Deus estava comigo, mas às vezes tinha que trabalhar por meio de pessoas como ele, dizia, para me lembrar da sua presença. Deus não vivia nos meus pensamentos, mas o padre Greg de fato se fazia presente, e eu precisava mesmo de algo mais palpável e definido. Com certeza.

Ele soprou o próprio punho para aquecer as mãos.

– Está se saindo muito bem na ausência do seu pai, Aidan. Ninguém gosta de se sentir abandonado. Já falamos sobre isso. Sabe como eu me preocupo com você. – Respirou fundo e exibiu outra vez aquele sorriso apreensivo, acompanhado de um suspiro. – Você está crescendo numa época terrivelmente assustadora, Aidan. – Pronunciou as palavras de forma clara e concisa, como o apresentador do telejornal, e apertou o meu ombro, o que me firmou contra a coluna. – Não podemos fingir que está tudo bem. E, em tempos como estes, a última coisa que devemos fazer é abandonar uns aos outros. – Fez uma pausa e se inclinou mais na minha direção. – Mas Deus não vai abandoná-lo, Aidan. A Igreja também não. E muito menos eu.

Então ele recuou um passo. Coçou o queixo e olhou de relance para a casa.

– Temos feito um ótimo trabalho juntos, não é? Você gosta de participar dessa campanha de arrecadação de fundos, certo? Não fica entediado?

– Não, eu gosto muito.

– Foi o que pensei. – O padre Greg meneou a cabeça e me fez ficar de frente para a casa. – Só acho estranho que seu pai ainda não tenha mandado o cheque, Aidan. A essa altura normalmente ele já teria enviado sua doação. Estou surpreso.

– Ele passou o outono inteiro na Europa.

– Eu sei, meu garoto. Eu sei.

Ele me conduziu de volta para dentro e, enquanto entregávamos os casacos na entrada, acenou com a cabeça para um dos homens perto da biblioteca. Com uma das mãos pousada nas minhas costas, cruzou o salão comigo, passando pela mesa de centro.

– Então talvez não seja com ele que devo falar agora, não é? – perguntou, voltando para o meio das pessoas, na sala de estar. – Vamos procurar sua mãe, Aidan.

Ele não podia ver meu rosto, porque eu estava na sua frente, mas não precisava.

– Não se preocupe – sussurrou ele ao meu ouvido, num tom animado. – Vamos conversar mais em breve. Você marcou hora depois do recreio, não foi? Aí colocaremos o papo em dia. Sei que já tem um tempo que não fazemos isso. E sei que você precisa desabafar.

Parei e me virei para ele. O padre Greg sorriu, e correu os olhos pela sala.

– Vamos continuar a conversa depois – disse. – Não se preocupe.

Por um ou dois segundos eu não soube direito o que fazer. Achei que o padre Greg estivesse ansioso para falar comigo, mas seu olhar percorreu o salão por cima da minha cabeça e ele acenou para alguém atrás de mim.

No fundo da sala, mamãe encontrava-se rodeada por seu séquito de admiradores – alguns amigos e outros homens e mulheres que eu não conhecia. Estava em cima de uma banquetta, em posição de arabesque, imitando a imagem de um retrato seu que ficava pendurado na parede junto à escada estreita da biblioteca. Estendeu os braços ao falar e correu os olhos pelo salão. Achei que ela tivesse me visto, mas me enganei.

– Era assim que eu tinha que me sustentar – concluiu –, senão seria um movimento malfeito.

– Determinação. Resistência – comentou Cindy. – É isso que define classe.

– Classe? – disse o padre Greg ao grupo, quando nos aproximamos. – Todo ano Gwen ensina o que é classe.

Mamãe desceu da banquetta e ele lhe deu um beijo rápido no rosto.

– Todo ano você sobe mais um nível. Que festa! Só você mesma pode se superar.

Minha mãe posou de indecisa.

– É verdade – confirmou Cindy. – Você devia organizar as minhas festas. Estou falando sério. Poderia ser minha assessora na próxima inauguração?

– Parece até que planejar tudo isso nem dá trabalho – retrucou o padre Greg. – É mais do que talento, é arte. Tenho certeza de que seus admiradores concordam – acrescentou. Então mamãe curvou-se num *plié*. – Alguns dos quais eu gostaria muito de conhecer, por gentileza.

– Os que você precisa conhecer estão no jardim de inverno – respondeu mamãe. Ela e Cindy deram uma risada, e o padre Greg fingiu uma expressão de culpa. Eu ficava com o estômago embrulhado quando via todo aquele joguinho – como se a seriedade fosse algo negativo.

Mamãe se ofereceu para acompanhá-lo e o padre Greg deu-lhe o braço. As portas do jardim de inverno se abriram e revelaram homens arriados em poltronas, fumando charutos. Padre Greg acenou ao descer os dois degraus e os homens rugiram seus cumprimentos. Senti o forte cheiro de tabaco no ar. Ele foi abrindo caminho pela fumaça enquanto mamãe fechava as portas.

Restamos Cindy e eu, parados lado a lado, e ela olhou em volta.

– Estou sabendo que você gosta de trabalhar com o padre Greg – comentou. – Acho ótimo. James também começou a participar das atividades na igreja. Ele adora. Agora é coroinha.

Ainda não tinha visto James por lá, mas isso me fez perceber como vinha diminuindo o número de tardes em que eu tinha horário marcado para trabalhar na igreja ultimamente. É claro que o padre Greg devia reservar algum tempo para os outros. É claro que precisava de ajuda em outras tarefas, além da arrecadação de fundos. Ele era o padre da nossa paróquia. Mas senti um nó na garganta quando pensei nele consolando James. Era eu quem mais precisava dele. O padre Greg era o único que não era falso comigo, como Cindy estava sendo nesse momento – ela e aquele sorriso de *Não quero ficar perto de você*.

Peguei um atalho até a copa pela sala de jantar. Quando entrei na cozinha, vi que Elena brigava com dois chefs junto aos fornos embutidos. Sacudia uma colher de pau que parecia ter sido queimada. Olhou para mim, mas continuou o escândalo. Os chefs não estavam nem aí para ela, mas Elena continuava gritando às costas deles enquanto trabalhavam. Chamei por ela, mas o lugar estava uma confusão imensa.

Esbarrei num dos garçons que voltavam para a cozinha e virei a bandeja de sobras de camarão que ele carregava. O homem xingou e eu me retirei, dando a volta na ilha central. Roubei uma garrafa aberta de fumé blanc do balde de gelo atrás do barman e saí de fininho pela porta dos fundos. O burburinho da festa me seguiu até o quintal e, quando passei da circunferência de luz do holofote sobre a aleia, gritei em direção ao céu. Não obtive resposta, como se minha voz apenas tivesse desaparecido na escuridão.

Atravessei o gramado até a segunda garagem e subi as escadas para o apartamento de Elena. Tentei abrir a porta. Estava trancada, mas ainda pude olhar pela janela. O quarto dela era simples e pequeno, como uma cela monástica: uma estante de livros, uma poltrona, um guarda-roupa e uma cama arrumada. No abajur da mesinha de cabeceira havia dois porta-retratos com fotos dos filhos, Teresa e Mateo. Na primeira, o marido de Elena, Candido, passava o braço pelos ombros da menina.

Sentei-me no chão e bebi encostado na porta, contemplando a noite escura. Fiquei ali por um tempo, e só quando vi Elena, que vinha arrastando os pés pela aleia atrás da cozinha e subindo a escada, foi que

me dei conta de quanto eu tremia. Escondi a garrafa de vinho atrás do vaso de plantas da varandinha dela. Mesmo assim, tive certeza de que me flagrara. Em vez de me dar bronca, ela me abraçou.

– *Mi hijo* – disse. – Não chore. Por favor, não chore – repetiu, enquanto me segurava nos braços.

Abriu a porta para mim, me sentou na cama e continuou me abraçando. Resmungou alguma coisa em espanhol e, depois de um tempinho, percebi que era a ave-maria – *Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte*. Não sei quantas vezes a repetiu, mas a acompanhei, em espanhol, embora doesse rezar com um nó na garganta.

– Não chore mais – disse Elena. – Por favor.

Algum tempo depois, ela se levantou e levou sua mala até a porta. Tirou o nécessaire de baixo da pia do banheiro e colocou dentro dele os produtos de toalete e higiene.

– Por que você não pode passar a noite aqui? – perguntei. Logo me arrependi de ter falado isso. Era véspera de Natal, pelo amor de Deus, e a família dela a esperava no Bronx. Elena já estava saindo mais tarde do que devia. Eu sabia que ela queria ir à Missa do Galo em sua igreja.

Quando terminou de pegar suas coisas no banheiro, ela apagou a luz. Apenas a iluminação externa iluminava o quarto.

– Você pode dormir aqui hoje – disse. – Não tem problema. Só quero que se cuide, por favor. – Parou junto à porta, na penumbra. Ela era apenas uma silhueta à luz da lamparina da varandinha. – Por favor – repetiu. Então, pegou a mala e desceu depressa para a garagem. Entrou no carro e começou a desfrutar de suas férias.

Um crucifixo pendia acima da cama de Elena e me concentrei nele por algum tempo, enquanto eu me sentava ali e bebia da garrafa. O perdão, tinham me ensinado, era o caminho para a paz, mas, naquele momento, achei que o silêncio já bastaria. Senti a língua ficar mole enquanto eu ia perdendo o controle. Quando você bebe sozinho por muito tempo, não se ilude achando que tem a cara limpa e lúcida. Na verdade, você está desmoronando, sabe disso, e só quer fugir, entorpecido feito um boneco de neve, derretendo até desaparecer.

capítulo 2

Na manhã do dia de Natal, deixei o quarto de Elena e me arrastei de volta para casa, ansiando por um banho. Eu me sentia fraco e nervoso, então deixei que a água quente percorresse o meu corpo na esperança de eliminar as toxinas pelo vapor. Mamãe e eu suportamos separadamente as nossas ressacas. Já tínhamos combinado de não abrir os presentes junto à árvore. Não tomaríamos *eggnog* no café da manhã nem comeríamos os pãezinhos de nata – nossa tradição durante tantos anos. A dor podia surgir dos momentos mais corriqueiros, e mamãe passou o dia debaixo do edredom, escondendo-se deles.

Telefonei várias vezes para o padre Greg. Caiu na secretária eletrônica, mas não deixei recado. Era Natal, e provavelmente havia sido convidado para ir à casa de alguém. Se ele não estava na igreja, para quem mais eu poderia ligar? Não acho que o Velho Donovan fosse querer falar comigo, mas, de qualquer forma, eu não sabia como encontrá-lo. Nunca soube, na verdade.

Lembrei-me da manhã, semanas antes, em que o vira pela última vez. Ele chegara de outra longa viagem à Europa depois que eu já tinha ido dormir. Quando acordei no dia seguinte, encontrei-o à mesa da copa, lendo um jornal, com outros cuidadosamente empilhados diante dele em cima da mesa. A fumaça do cigarro subia de um cinzeiro próximo. O Velho Donovan ainda vestia seu pijama listrado. Sentei-me de frente para ele e peguei um caderno do *Times* que havia descartado. Ele pigarreou e respirou fundo, com os pulmões úmidos e pesados.

– Bem-vindo de volta – declarei.

– Obrigado.

Ele bocejou e esfregou o rosto.

– Você perdeu muita coisa – comentei.

– Sério? Bem, eu estava tentando insuflar esperança entre os europeus. O petróleo está em baixa, o turismo também, o PIB despencou no último trimestre e vai cair outra vez. Está todo mundo com um medo desgraçado e escondendo o jogo. Como é que se salva uma economia, meu Deus? Com trabalho. Trabalho duro. É sempre o trabalho – enfatizou.

Ergueu a cabeça com raiva, como se eu fosse o culpado pela recessão.

Estava sonolento e desganhado, bolsas arroxeadas pendendo sob os olhos. Os pelos brancos do peito se enroscavam nas lapelas do pijama. Ele empurrou a caneca de café para a beirada da mesa.

– Pode encher de novo para mim?

Levantei-me e peguei a garrafa térmica na bancada do centro da cozinha. Enchi uma xícara para mim,

levei o café para a mesa e o deixei ao lado da caneca. Ele franziu o cenho e se serviu de novo. Depois empurrou os jornais na minha direção.

– Meta a cara.

Eu já tinha percebido antes que, quando o Velho Donovan dizia *Você precisa participar da conversa mais abrangente*, na verdade isso significava *Está na hora de você crescer*. Mas, ao correr os olhos pelas manchetes naquela manhã, fiquei pensando que espécie de mundo era esse do qual ele esperava que eu participasse tanto: para onde quer que eu olhasse, havia algo a temer.

– É deprimente – comentei, por fim.

– Parece a sua mãe. Tudo depende do que você espera encontrar. Procure ler Nietzsche.

Fiquei escutando o chiado mucoso de sua respiração.

– Não dormiu bem? – perguntei.

– É difícil ter que se acostumar com certas camas – respondeu meu pai. Tentou sorrir e eu me perguntei no que estaria pensando. – Às vezes acordo num avião e nem lembro aonde estou indo.

– Sei.

– Às vezes é difícil manter as coisas em ordem.

– Entendi.

Bebericamos o café.

– Não consigo manter o ritmo como antigamente.

– Sei.

– Droga, estou tentando conversar com você, antes que a sua mãe desça e comece a falar. Quero que você saiba de uma coisa. – Esfregou a testa. – Sempre foi importante para mim ter um filho. Tentei lhe ensinar coisas. Gostei de desempenhar esse papel.

Parou de falar quando um violão clássico ressoou pela casa. Depois balançou a cabeça.

– Era importante que eu lhe dissesse isso – recomeçou. – Quero ser um pai legal nos próximos dois dias. Gostaria que nos tratássemos bem, se possível.

Fiquei tenso. Na verdade, não tínhamos conversado muito desde o início do ano, e não me lembrei de nenhum momento em que ele falara comigo de maneira tão decidida.

– Devo ir embora logo – continuou. – Preciso voltar para Bruxelas.

– É, bom, já estava esperando por isso – retruquei. Não tinha muito interesse nas conversas dele, de qualquer maneira. – Vou chamar um táxi. Tenho que trabalhar hoje.

– Ainda não está dirigindo?

– Não fiz as aulas de direção esse semestre. Fiquei trabalhando.

– Não dava para fazer as duas coisas?

– Faz mais de um mês que não vejo você.

Ele deu uma piscadela.

– O que você espera ganhar com essa observação? Ainda não respondeu à pergunta. Sei que você trabalha na campanha da Preciosíssimo Sangue. Admiro isso. Acho importante. Mas vamos falar sobre coisas que ainda não sabemos, ok? Não há nenhum horário disponível para as aulas de direção antes da escola? Alguma autoescola dá aula nos fins de semana?

– Não sei.

– Ah! Então foi por isso que fez aquela observação sem sentido. Que bom que esclarecemos isso. –

Tomou um gole do café. – Você puxou à sua mãe em muitas coisas.

– Estou indo para o trabalho. Bem-vindo mais uma vez.

– Espere um pouco – recomeçou a falar. – Queria que ficássemos em casa hoje. Você sai para trabalhar, sua mãe vai cuidar das coisas dela e, quando dermos pela hora, o dia terá acabado, haverá outros compromissos e o fim de semana terá ido embora. Trate de ficar aqui hoje. Entendeu? – disse, batendo o dedo na mesa. – Sei que não é fácil, mas preciso da sua ajuda. Você pode me ajudar, não é?

Ele pegou outro cigarro e o acendeu. Fumou, fumou e deixou que a nuvem do silêncio se deslocasse até mim. Então ela me cercou e me sufocou por completo.

Em seus anos de remo, o Velho Donovan desenvolvera músculos que ainda hoje sustentavam seu porte, depois de tantos anos. Quando mamãe o conheceu, ele tinha o físico de um homem da idade dela, mas a cabeça mais decidida e mais sensata de um cara importante. Agora estava mais magro, mas continuava forte.

– Não vou voltar para Bruxelas a trabalho, pelo menos não de início – esclareceu, por fim. – Sei que você é só um garoto, mas vou lhe contar uma coisa que não pode dizer à sua mãe. Consegue fazer isso? Preciso saber se posso confiar em você, filho.

Olhei fixo para ele, do outro lado da mesa.

– Conheci uma mulher em Bruxelas.

Achei que eu deveria fazer alguma coisa, mas não sabia o que exatamente. Não queria fazer nada. Queria que ele tossisse de novo e de novo até que seus olhos virassem bolhas vermelhas e as veias da testa saltassem.

Ele se levantou e apagou o cigarro.

– Seja homem, meu filho. Guarde isso para você. Pode ser? Pense nisso como uma espécie de contrato. Prefiro lhe contar logo agora porque... Lembra que falei sobre a importância de um filho? Então, quero ser franco com meu filho.

Assenti e ele sorriu para si mesmo, como se houvesse acabado de ajudar um cego a atravessar a rua.

Mais tarde, começou a gritaria. Ele contou para mamãe que ia embora e não ficaria para a festa de Natal nem para as comemorações de fim de ano. Então nos deixou outra vez – antes mesmo do que havia planejado.

Velho desgraçado. Ele não fazia ideia. Não contei nada à mamãe, mas isso foi fácil. “O Guardador de Segredos” podia ter sido a descrição do meu anuário do colégio. E pensar em como valorizavam essa característica que eu aprendera tão rápido. Dias depois, por telefone, o Velho Desgraçado revelou o resto da história, e tudo finalmente desmoronou.



No verão passado, sem ter ninguém com quem falar, fiquei na cola da Elena quase todos os dias. Irritada, ela sugeriu que eu me oferecesse como voluntário para trabalhar na Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo. Disse que lá eu poderia conhecer pessoas novas. Além disso, segundo ela, seria bom que eu me aproximasse um pouco mais de Deus. Meus pais eram católicos, mas não praticantes, e, para Elena, eu não tinha uma educação religiosa adequada. Se nada mais funcionasse, arranjar uma atividade na igreja teria mais utilidade do que zanzar pela casa esperando que alguém me trouxesse de volta à vida.

Quando comecei a trabalhar na Preciosíssimo Sangue, passei a frequentar mais a missa. Nossa família era, como o Velho Donovan dissera certa vez, “culturalmente católica”, comparecendo à missa não mais que uma ou duas vezes por ano. O padre Dooley foi o sacerdote que acompanhou os meus estudos até a primeira comunhão e a crisma. Eu conhecia o valor das cerimônias e o objetivo das orações, mas na verdade gostava de ir à missa para ouvir o padre Greg.

O padre Greg não se limitava a cumprir as formalidades, como os outros. Nós nos cumprimentávamos tocando punho com punho bem na escadaria da igreja, depois da missa. Ele falava sobre a graça divina no livro *On the Road*, de Jack Kerouac. Tecnicamente, a paróquia era do padre Dooley, o superior do padre Greg na Preciosíssimo Sangue. Mas, quando cumpríamos os ritos e pedíamos perdão por nossas ofensas e perdoávamos os que nos haviam ofendido, era o padre Greg quem criava a verdadeira ponte entre a pessoa que eu era e a pessoa que eu queria ser. Eu encontrava nas nossas conversas cotidianas a fé sobre a qual todos tanto falavam na igreja. O padre Greg me escutava e, assim, me engrandecia.

O vazio da casa no dia seguinte ao Natal me atingiu e um buraco começou a se abrir em mim. Achei na geladeira um sushi endurecido que sobrara da festa e o belisquei, enquanto lia *Frankenstein* sentado na ilha central da cozinha. Era fácil compreender por que o monstro queria uma fêmea – sem ele, não tinha companhia nenhuma. Depois de algum tempo, resolvi que não me daria o trabalho de telefonar para a igreja à procura do padre Greg. Ia simplesmente aparecer por lá e lembrá-lo de que eu existia.

Haveria missas no fim da tarde, por isso achei que seria melhor encontrá-lo antes. Pedi que o motorista me deixasse no início da entrada de carros. Subi o caminho recitando os versos do Salmo 31 que tinham sido escolhidos para esse dia. Fiquei um tempo decorando a leitura e a resposta. Não era coroinha e não havia participado dos ritos e rituais litúrgicos, mas passara a apreciá-los ainda mais ao ouvir o padre Greg. Também esperava que um pouco mais de esforço da minha parte estabelecesse o tom certo entre nós.

A porta da igreja bateu com força atrás de mim produzindo um eco surdo. O hall principal era iluminado apenas pelos candelabros das paredes e pela luz pálida de inverno que adentrava as janelas. Como a porta do escritório do padre Greg estava fechada, fiquei com medo de que ele não estivesse lá. Tirei o casaco e o gorro e os pendurei no cabideiro.

O padre Dooley saiu da cozinha arrastando os pés, no lado oposto ao dos escritórios. Embora fosse idoso e encurvado, ele nunca admitia estar cansado. Ainda dirigia um dos carros da paróquia e se recusava a aceitar ajuda, a menos que fosse absolutamente necessário. Aproximei-me para cumprimentá-lo e tentei ajudá-lo a abrir as persianas de metal das janelas de serviço. Ele me dispensou com um aceno e empurrou a cortina para cima com o cabo da bengala.

– O que houve? – perguntou, esfregando e flexionando as articulações bulbosas dos dedos. – Você não tem serviço aqui hoje.

– Tenho, sim.

– Não, acho que você só vem na próxima semana.

O padre Dooley me flagrou olhando para a porta do padre Greg.

– Jurava que eu ia trabalhar hoje – retruquei.

– Eu conheço os horários. À noite teremos a maratona telefônica. Vamos receber os voluntários do Lar São José.

– O padre Greg está aqui?

– Em reunião. Nem o vi muito hoje.

– Posso falar com ele rapidinho?

– Não quando ele está em reunião, Aidan. Você sabe disso. – Olhou para o escritório do padre Greg.

– Ele não deve ser incomodado.

Depois de uma pausa, o padre Dooley disse:

– Uma pena você ter vindo até aqui à toa. Deve ter se confundido. Não sei o que posso fazer com você, estamos muito ocupados. Os voluntários já estão chegando e ainda vamos aprontar a missa de hoje. Desculpe, Aidan, mas você vai ter que voltar quando tiver hora marcada.

– Vou esperar o padre Greg – insisti. Ele hesitou, e continuei: – Posso ajudar na maratona, pôr notas de agradecimento no banco de dados. Ele não vai se incomodar.

O carro que me esperava já tinha ido embora e só voltaria dali a algumas horas. Além disso, que diabos eu ia fazer em casa?

– Poderia lhe dizer que estou aqui pelo menos? – insisti.

– Não posso entrar assim sem pedir licença – retrucou o padre Dooley, soltando um suspiro longo e frustrado. – Aidan, estamos ocupados aqui, está bem? Sinto muito, mas você terá que voltar para casa.

Com a mão no meu ombro, ele me conduziu em direção ao cabideiro. Entregou-me o casaco e o gorro e me impeliu adiante, até chegarmos ao corredor de linóleo.

– Vá para casa – disse baixinho, mas não gostei do seu jeito de falar.

Não costumavam me expulsar da Preciosíssimo Sangue.

Ele já estava estendendo a mão para a maçaneta quando a porta foi aberta pelo lado de fora.

– Padre Dooley! – Um homem tão idoso quanto o sacerdote estava parado na soleira. Tinha se embrulhado num sobretudo grosso e usava um gorro de lã na cabeça.

O vento irrompeu no presbitério. Atrás do idoso, homens e mulheres caminhavam lentamente em direção à igreja, saindo de um ônibus parado no estacionamento.

– Espero que o senhor esteja passando um café – disse o ancião à porta. – Precisamos de uma bebida para esquentar.

O padre Dooley balançou a cabeça e declarou:

– Já estava indo cuidar disso, Fred.

Ele fez um gesto para que eu saísse da frente e deixasse Fred entrar. Em seguida, deu meia-volta e refez o caminho até a cozinha.

Fiquei ali com o gorro e o casaco nas mãos, ajudando os voluntários. Passaram por mim devagar, um de cada vez, e se dispersaram pelo salão principal. De costas, pareciam um bando de gatos rondando, parando e avançando de maneira cautelosa e imprevisível.

– Está meio escuro aqui – gritou uma das senhoras.

– Então, faça-se a luz!

As lâmpadas se acenderam e o padre Greg apareceu sorridente do outro lado do salão.

O padre Greg era o único com uma voz capaz de ressoar num aposento daquele tamanho. Com o teto abobadado e uma cozinha pequena, a paróquia parecia sem vida, mas se enchia com a expectativa carregada na voz dele.

– Enfim chegaram os soldados – continuou. – Estão prontos para convocar os atrasados na luta pela fé? – Segurava uma pilha de papéis numa das mãos e os balançava no ar. – Esse pessoal aqui tem cinco

dias para fazer suas doações e colher as deduções de impostos do ano – anunciou, sorrindo. – Até nós, que vivemos de renda fixa, podemos pleitear as deduções certas.

Os voluntários riram e resmungaram. O padre Greg se aproximou para ajudá-los a retirar os casacos e arrumá-los nas cadeiras. Enfileirou algumas junto às mesas dobráveis, armadas ao comprido, perto do piano e do sistema de som. Havia um telefone em cima de cada uma.

Peguei duas cadeiras e atravessei o salão para me juntar ao padre Greg, perto das mesas.

– Pensei em ajudar na maratona telefônica.

– Não há necessidade – retrucou o padre.

– Mas eu quero.

O padre Dooley pôs uma cesta de pãezinhos na mesa e lançou um olhar furioso para o padre Greg, que suspirou e se virou para mim.

– Hoje não, Aidan. Já temos bastante gente para ajudar. Não posso ficar com você no meu pé.

– O quê?

– Escute – disse ele, abruptamente –, por que não me espera no escritório?

Fiz o que mandou. Na sala dele, só o abajur da escrivaninha estava aceso. Se fosse um dia normal de trabalho, tudo logo se acalmaria e haveria tempo para conversar. Não teria um monte de gente fazendo perguntas; apenas eu ou o padre Greg falaríamos – era disso que eu precisava. Mas agora ele estava no outro cômodo, instalando os voluntários idosos e explicando o roteiro básico da maratona telefônica. Olhei para o grosso tapete persa sob meus pés. A impressão das minhas pegadas tinha esmagado e deformado o desenho. Quando passei a sola do pé por cima, o tapete retomou sua forma. Recitei o salmo enquanto esperava:

Pois só vós sois minha rocha e fortaleza:

haveis de me guiar e dirigir, por amor de vosso nome.

Mostrai semblante sereno ao vosso servo,

salvai-me pela vossa misericórdia.

O padre Greg entrou, acendeu a luz e se jogou na cadeira giratória atrás da escrivaninha de mogno entalhado. Deixou a porta aberta, recostou-se e cruzou as mãos sobre a barriga.

– Vai ser uma noite boa – disse.

Não havia alegria em sua voz. Eu sabia que ele já havia atingido sua meta na campanha para angariar fundos. A maratona telefônica seria um bônus. Ele inclinou a cabeça para trás e esticou os pés. O teto poderia desabar que ele nem se encolheria. Dei uma olhada na porta aberta.

– Esperava que a gente pudesse conversar – falei.

– Eu sei – disse o padre Greg. – Mas hoje é um dia cheio.

– Não cheguei a me despedir na outra noite – comentei. Ele tornou a se empertigar no assento. – Meio que abandonei a festa.

– Tudo bem – retrucou ele, e ambos ficamos calados por um momento. Dava para ouvir os voluntários treinando suas falas no outro cômodo. O padre Greg sorriu de um jeito calmo, quase inexpressivo, como se nada passasse pela sua cabeça. Eu queria desabafar sobre o frio que me invadiu a

garganta quando gritei para a escuridão do lado de fora da festa, ou sobre o ódio que Josie, Sophie e Mark nutriam por mim, ou sobre como todo o colégio iria rir de mim quando as aulas recomeçassem.

– Você está tão ocupado assim? Achei que pudesse ter um tempinho livre para mim.

– Estou, Aidan. Muito ocupado. Preciso ir lá para fora. Preciso desempenhar o meu papel. Você sabe, sou o animador da paróquia.

– É. Certo.

– Você devia estar se sentindo bem, Aidan. Sua ajuda foi fundamental para o sucesso das doações.

Você é parte de tudo isso.

Ele se levantou, contornou a escrivaninha até o bebedouro e tirou um copo plástico do suporte.

Sentou-se no braço do sofá e me entregou o copo d'água.

– Você é um jovem muito especial – disse. – Tem que começar a se sentir melhor.

– Mas eu me sinto.

– Não parece.

Olhei de relance para a porta aberta outra vez. Em dias normais, ele a fecharia e pegaria a garrafa âmbar de uísque na gaveta da escrivaninha. Já tinha me acostumado a vê-la brilhar à luz do abajur. Mas hoje nada disso aconteceria.

Eu queria falar tanta coisa, mas, no fim das contas, não sabia o que dizer. Queria que o padre Greg se sentasse de novo à escrivaninha e encontrasse um horário vago na agenda para nós dois. Ali, sentado no braço do sofá, ele parecia indeciso sobre o que fazer em seguida, como se fosse ficar de pé a qualquer segundo.

– Aidan, nós vamos ter mais tempo. Eu prometo. Algum dia deixei de cumprir uma promessa?

Bebi o copo d'água num gole rápido.

– Você vai ficar bem – afirmou o padre Greg. Ele se inclinou e me deu um abraço desajeitado, com um braço só. Manteve a posição por um tempo, apertando-me um pouco mais, o que me pareceu sincero.

– Você tem que começar a confiar em mim, Aidan – acrescentou, afastando-se.

– Eu confio – retruquei em voz baixa, como sempre fazia.

– Você precisa confiar em mim de verdade. Tudo vai dar certo.

Fiz menção de me aproximar, mas ele levantou a mão para me deter. Inclinou-se para trás, tentando se afastar. Parecia haver um milhão de pessoas falando do lado de fora, e elas ficariam lá a noite inteira, como numa das malditas festas da mamãe. Eu pensei que seria legal trabalhar hoje, mas agora só queria cair fora dali o mais rápido possível. Alguma coisa estava errada. Desejava ir embora, mas não porque queria estar em casa. Era mais a ideia de me sentir à vontade.

– Tenho que cuidar de muita gente, Aidan – continuou o padre Greg.

– Mas você disse que sempre arranjaria tempo para mim.

– Claro que sim – afirmou ele, olhando de relance na direção da porta. – Agora você está se tornando um homem, Aidan. Amadureceu muito de repente. Tenho bastante orgulho de você. Sabe disso, não é?

– Continuo me sentindo sozinho.

– Já conversamos sobre isso, Aidan. Você não está sozinho. Onde está sua fé?

Não respondi, e ele soltou um suspiro.

– Olhe, depois conversamos mais sobre isso.

Apoiei os cotovelos nos joelhos e me debrucei para a frente, olhando para o chão entre meus pés.

– Quando?

– Não sei. Temos que ver na programação.

– Nunca mais me incluíram nela. Por favor. Você prometeu. Disse que sempre me ajudaria.

– E vou ajudar. Vamos arranjar um tempo para conversar, Aidan. Eu juro.

– Quando?

– Vamos ver.

– Amanhã! – gritei.

O padre Greg segurou o meu braço.

– Não precisa gritar – disse, olhando para a porta. – Pode ser amanhã. Amanhã. Mas pare com o escândalo e trate de se controlar.

Assenti. Ele se levantou do sofá e se sentou novamente à escrivaninha. Cruzou os braços e balançou a cabeça.

– Acho que está na hora de você ir.

Eu já ia argumentar quando ele ergueu a mão e apontou para mim.

– Aidan – disse, olhando-me nos olhos –, lembre-se de que você também me fez uma promessa. Não quebraria sua promessa, quebraria? Depois de tudo que fiz por você? Depois de tudo que discutimos?

– Não.

– Ótimo – comentou ele, e meneou a cabeça em direção à porta. Hesitei. Ele cruzou as mãos calmamente e as pousou sobre a escrivaninha. – Não me faça pedir de novo, Aidan.

Olhei para as mãos dele também, até que ouvimos a voz de Cindy no corredor, gritando pelo padre Dooley. Estava toda agitada como sempre. O padre Greg ergueu os olhos para mim e ficou sem fala por um momento. Cindy bateu à porta e enfiou a cabeça dentro do escritório.

– Chegamos! – gritou, e deu um sorriso espalhafatoso. – James está pronto para seu primeiro ofício, não está, querido? Ah. Interrompemos alguma coisa?

– Não – respondeu o padre Greg de um jeito meio apressado. – De modo algum.

– Ótimo! – exclamou Cindy. Empurrou James e entrou no escritório atrás dele. O azul metálico da echarpe e dos sapatos acentuava a luz fria dos olhos dela. Cindy era impetuosa, como dizia mamãe.

– Vamos lá, querido – disse ela para o filho. – Fale alguma coisa. Você está pronto, não está? Conte ao padre Greg o que andou praticando esses dias.

A aparência de James tinha mudado desde a última vez que o vi. Continuava sendo mais baixo que eu, mas agora estava muito mais magro, a pele pálida e abatida, como as feições de um roqueiro gótico. Seus cabelos negros pareciam se amontoar num ninho revoltado em cima da cabeça. No entanto, ainda era o garotinho tímido e cheio de tiques que eu conhecia.

– Aidan está ajudando também? – perguntou James, baixinho.

– Não – respondeu o padre Greg.

– Mas – comecei a dizer, olhando para ele – hoje é Dia de Santo Estêvão. Sei qual vai ser o ofício de hoje:

“Quando fordes presos, não vos preocupeis nem pela maneira com que haveis de falar, nem pelo que haveis de dizer: naquele momento ser-vos-á inspirado o que haveis de dizer.”

– Aidan – disse o padre Greg, interrompendo. – Já chega.

A sala ficou em silêncio. Eu tinha decorado o texto especificamente para impressioná-lo, mas, em vez disso, o padre Greg me fitou, calado, e me dirigiu um sorriso desanimado e tenso. Cindy estava atrás dele, por isso não percebeu nada.

– Está vendo, querido? – disse ao filho. – Daqui a pouco você será tão bom quanto o Aidan. Já imaginou?

– Aidan – começou o padre Greg –, peça desculpas ao James.

– O quê? Por quê?

– Ninguém gosta de sabichões. Não é um gesto acolhedor. Nós estamos numa igreja, Aidan, e devemos nos comportar de modo a fazer todos se sentirem bem-vindos e respeitados. – Virou-se para Cindy: – Desculpe-me. Perdoe o meu tom, por favor, mas de vez em quando as crianças precisam de disciplina.

– Ah, eu compreendo, padre – concordou ela. – Ouviu isso, James? Escute o que o padre Greg diz. – Deu um tapinha nas costas do filho e empurrou-o para a frente outra vez. – Ele vai se comportar bem. Sempre se comporta!

O padre Greg levantou-se para acomodar Cindy e James no escritório.

– Sentem-se, por favor – disse, apontando para o sofá. Ficou mais entusiasmado enquanto falava. – Aidan já estava de saída. – Ele olhou para mim e deu um de seus largos sorrisos. – Tenho uma reunião com Cindy e James. Que grande dia!

Bateu palmas e, em seguida, colocou uma das mãos nas minhas costas, conduzindo-me para fora do escritório.

– Vamos lá! – disse ele, animado, ao fechar a porta. Do lado de fora, cheguei a ouvi-lo bater palmas mais uma vez e dizer: – Você vai se sair muito bem, James! Vamos repassar os ritos para ter certeza de que você se lembra de tudo.

No salão principal, a turma da geriatria cochilava sobre os telefones e o café. Eu sabia a porcaria do roteiro melhor do que qualquer um deles, mas ninguém me queria ali. Mesmo com todos os enfeites de Natal, as estátuas, os quadros e as pessoas devidamente posicionadas para o trabalho voluntário, a igreja não parecia transmitir calor e vida. Toda aquela pompa não conseguia esconder a frieza e o vazio.

A sensação ruim me lembrou minha própria casa, uma casa de bonecas gigante dedicada a fingir que existia algo verdadeiro quando no fundo não havia nada. Nem esperei pela missa da tarde para ver James fazer a incensação do altar ou segurar o livro, enquanto o padre Greg levantava as mãos em oração e sorria para ele. A oração era uma dádiva sagrada, dissera o padre Greg, e não havia nada que pudesse quebrá-la, se eu tivesse fé.

*Porque não sereis vós que falareis,
mas é o Espírito de vosso Pai que falará em vós.
Sereis odiados de todos por causa de meu nome,
mas aquele que perseverar até o fim será salvo.*

Repeti a passagem enquanto saía e descia sozinho a longa ladeira do jardim até a rua. Não conseguia entender: aquilo seria realmente amor, se era posto à prova com tanta frequência? Eu não tinha

perseverado? Tinha, sim, e perseveraria até o fim, disse para mim mesmo. Precisava. De onde mais eu poderia tirar forças?

capítulo 3

*E*stava combinado que o motorista iria me buscar mais tarde, mas acabei me esquecendo de ligar para cancelar. Fui a pé para casa, deixando que o ar gelado atingisse meu rosto e meus olhos. Mantive a cabeça baixa enquanto os carros passavam. Estava me sentindo como uma sombra no cenário ensolarado dos outros. Queria que a mancha que eu representava se dissolvesse num piscar de olhos.

Devia parecer um louco andarilho, vergado contra o vento, com o sobretudo enfunando-se às minhas costas e o rosto sendo queimado pelo vento. Quase conseguia ouvir as pessoas pensarem: *Quem é aquele sujeito? Ele é daqui?*

Bem, *tirem suas máscaras*, porque sou um de vocês.

Em casa, preparei um lanche na cozinha e já estava indo me esconder no quarto pelo resto do dia quando o telefone tocou. Corri para atender, achando que poderia ser o padre Greg pedindo desculpas, me chamando para conversar com ele depois da missa, dizendo que se orgulhava de mim. Ou ligando para dizer que, se um homem pode estender a mão a outro, ele introduz Deus na vida dos dois, e eles se sentem melhor por isso.

Mas a voz que ouvi não foi a dele. Era Josie, e levei alguns segundos para me recompor. Fiquei meio sem jeito, não sabia por quê.

– As férias estão indo bem até agora? – perguntou ela.

– Estão, sim – respondi.

Josie hesitou.

– Na verdade, você não está achando meio decepcionante? Tanta preparação e expectativas... e aí, sei lá... onde foi parar toda aquela diversão?

– É verdade.

A respiração de Josie ficou acelerada de repente.

– Ai, meu Deus, mamãe! Não preciso de plateia! – ouvi-a dizer. Ela devia estar andando pela casa, à procura de privacidade. Esperei. – Na verdade, me diverti um pouco na sua festa – comentou ela, afinal.

– Eu também.

– Mesmo que a mãe do Mark tenha dado uma de louca obrigando a gente a sair escondido, sem o menor motivo. Nem estávamos bêbados direito ainda. Enfim, fiquei meio chateada com o jeito como acabou. E a gente nem se despediu de você.

Enquanto ela falava, saí da cozinha e fui para o escritório do Velho Donovan.

– Não tem problema.

– Mas não foi legal. Legal foi o seu jeito de lidar com a situação. Você encarou a bronca sozinho, tranquilo, por todos nós. E ficamos ali, sem fazer nada. Quando cheguei em casa, pensei: “Por que fiz aquilo? Eu sou uma babaca.”

Fiquei calado. Mal conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– É sério – prosseguiu Josie. – Você não revidou. No começo, achei aquilo tudo esquisito, então pensei: “Meu Deus, ele vai levar a culpa toda, por nós.”

– Mas acho que a culpa foi minha mesmo.

– Oi? Vamos cair na real, ok? Estávamos todos juntos lá.

– Cair na real? As pessoas fazem isso?

– Nossa, como você é cínico.

– Olhe, não fiz nada de mais – respondi, tentando soar um pouco mais caloroso.

– Fez, sim. Foi irado. Você foi demais!

Quando ela falou tudo aquilo sobre mim, foi como se estendesse a mão pelo telefone e afagasse meu queixo com a ponta dos dedos. Fiquei andando de um lado para outro enquanto conversávamos.

– Obrigado – disse, meio inseguro.

– Eu me senti mal – Josie baixou a voz –, fiquei me sentindo uma vaca. Então percebi que deixamos você numa tremenda fria.

– Nem tanto. Além disso, ninguém falou nada comigo. Sério! Lembra que combinamos de não falar nada. Você, Mark, Sophie e eu. Sei lá, cego, surdo, mudo e tapado?

A risada dela chegou como um abraço.

– Que bom que você não ficou chateado – comentou.

Nenhum de nós falou por um momento. Ouvi apenas a respiração dela e a imaginei passando a mão pelos cabelos enquanto pensava. Visualizei sua cabeça inclinada e aquela curva do pescoço com o ombro tão familiar para mim. Esperei.

– Escute – ela acabou dizendo –, estou tentando antecipar minha resolução de ano-novo. Decidi ser menos filha da puta. É difícil, porque você é rodeado por filhos da puta todos os dias, mas quero tentar. Quero ser diferente, sabe?

– Sei. Sei bem como você está se sentindo. Também estou querendo ser outra pessoa.

Houve uma pausa.

– Então escute: Sophie e eu vamos chamar o Mark para sair hoje. Está a fim?

E assim, de uma hora para outra, passei a ter planos – não uma atividade, não um trabalho, não um desastre social pré-programado organizado pela minha mãe, com hora e local marcados. Eram planos de sair como um garoto normal da minha idade. Eu tinha sido convidado. *Vamos cair na real*, dissera Josie, e me perguntei se, quando saíam juntos, eles eram assim, *reais*.

Na escola, havia um roteiro a seguir. Eu podia conversar sobre o dever de casa, os livros que estávamos lendo. Podia falar de teoremas de matemática, mas nunca de como eles se entrelaçavam na minha cabeça, da mesma forma que as tranças que Josie às vezes fazia no cabelo. Ela nunca saberia quanto eu reparava nesses detalhes. Ao sair com eles, eu deveria conversar sobre esse tipo de assunto, coisas que eu percebia por aí? Eu queria muito cair na real, mas o que eles haviam notado em mim? O que havia de real em mim?

Era o que eu pensava que queria, mas depois fiquei me perguntando se era mesmo.



As duas meninas me pegaram em casa, então fomos para a casa da Josie. Ruby, a empregada da família, serviu chocolate quente enquanto esperávamos pelo Mark. Embora nossas famílias tenham sido íntimas em algum momento, eu nunca passara muito tempo sozinho com ele. Que eu soubesse, nem eu nem ele saíamos com outros garotos do colégio. Mas Mark também me dava a impressão de que a distância que ele mantinha de todos queria dizer que não precisava de mais ninguém. Eu admirava mais isso agora.

Quando chegou, entrou direto pela porta da cozinha, sem bater. Cumprimentou Ruby, Sophie e Josie com um beijo em cada uma.

– Donovan também está nessa, é? – questionou as meninas, mas foi uma pergunta retórica. – Bom ver você de novo, cara.

Ele estendeu a mão e eu a apertei.

– Desculpe pela última vez – comentei.

– Cara – começou ele –, foi minha mãe que fez aquele escândalo todo. Ela entrou em parafuso. Prefiro nem tocar nesse assunto.

Josie nos conduziu pela porta dos fundos, subindo a ladeira até o anexo da piscina. Ligamos o som e nos sentamos em banquetas em volta do bar. Mark postou-se atrás do balcão, socando erva num cachimbo. Depois o acendeu e passou de mão em mão. Josie nos fez exalar por um tubinho de papelão cheio de folhas de amaciante.

Eu quase não abria a boca desde que havia colocado os pés ali. Depois da maconha coletiva, Sophie e Josie começaram a conversar entre si. Mark ficou brincando com os equipamentos do bar e eu liguei a TV. Fiquei zapeando por um tempo. Era engraçado ver as pessoas aparecerem e desaparecerem de acordo com o meu comando. John Walker Lindh surgiu na tela, carrancudo e assustado, olhando na nossa direção. Era aquela imagem que todos os noticiários mostravam desde que ele fora apanhado em Tora Bora, em dezembro. Por trás da fuligem e da barba desgrenhada, seus olhos brilhavam com uma intensa luz branca. Um risinho sutil surgia nos cantos da boca. Todo mundo conhecia a história dele: capturado com um tiro na perna, Lindh tinha se enfurnado feito uma toupeira nas cavernas das montanhas do Afeganistão – o norte-americano que havia passado para o lado dos talibãs. Olhava fixo, como se quisesse que eu entendesse o recado.

– Esse cara é muito doido – comentou Mark, do outro lado do cômodo. Eu me virei para ele. – Você não, Donovan – riu ele. – O fodido do Lindh.

– Não sei – disse Josie. – Tem alguma coisa de triste nele.

– Ai, desligue isso aí – resmungou Sophie. – Ele parece um monstro.

– Só está assustado – continuou Josie. – Pelo menos é o que eu vejo.

– Ah, meu Deus! – exclamou Sophie, apontando para algum ponto atrás de mim. – *Aquela* mulher é que é maluca. Como pode deixar que seu casamento com Michael Jordan acabe?

– Quer dizer que Michael Jordan está solteiro? – rebateu Josie, e as duas riram. O telejornal já estava falando de outro assunto. Não havia tempo para discussões nem questionamentos; não havia espaço para análises ou discursos acalorados. Vamos, vamos, vamos. Rumo à próxima informação.

– Esqueça isso, cara – disse Mark, segurando o cachimbo vazio. – Vamos puxar um baseado de novo. Desliguei a TV e me juntei a eles no bar.

– Esse tal de Lindh deve ter se achado o todo-poderoso explodindo tudo lá no Afeganistão – comentei.

– Deviam homenageá-lo com o nome de uma prisão – disse Mark, acendendo o cachimbo.

– Isso não é *nada* engraçado – observou Josie.

– Ai, meu Deus, não aguento mais esse cara – disse Sophie, com um muxoxo. – Já deu.

Mark deu uma tragada forte, e, quando Sophie lhe entregou o tubo para exalar, ele o descartou com um aceno. Inclinou-se para ela por cima do balcão do bar e a olhou nos olhos. Sophie riu e se debruçou. Os dois se beijaram e uma fumacinha escapou por entre as bocas abertas. Sophie afastou-se e exalou pelo tubo.

– Por que desperdiçar? – disse Mark, e bateu a palma da mão na minha.

Então Sophie deu uma tragada e beijou Josie, que exalou um sopro fininho pelo tubo.

– Ficou excitado? – brincou Mark.

Assenti, enquanto o coração disparava. Josie olhou para mim.

– Você por acaso já reciclou alguma vez? – perguntou.

Eu nunca nem tinha fumado maconha, mas não admiti isso. O álcool e os comprimidos eram mais fáceis – havia um pouco dos dois em qualquer casa que eu já tinha frequentado.

Como demorei para responder, Josie deu uma pequena tragada e me puxou em direção aos seus lábios. A fumaça entrou na minha boca, seguida por sua língua, que tremelicou delicadamente e saiu. Prendi a respiração e tentei sorrir, mas foi mais difícil do que imaginei, porque a fumaça queimava mais que os cigarros que eu havia fumado.

Pior, achei que meu estômago fosse explodir. Quantas vezes olhei para a nuca da Josie e me perguntei como seria ficar com uma garota tão bonita? E teve mais: ela ficou olhando para mim. Meus olhos também começaram a arder. Congelei, o pescoço e os ombros enrijeceram. *Caia na real*. O que Josie via? Havia tantos Aidans, um encaixado dentro do outro, como aquelas bonequinhas russas, e eu não queria que ela conhecesse nenhum deles. Exalei pelo tubo e tossi.

– Boa. Quando você tosse, você viaja – disse Mark. – Por falar nisso – acrescentou, virando-se para Josie –, Dustin que se dane.

– Dustin? – perguntei, desesperado para desviar o foco.

– É, estou com ele há umas duas semanas – respondeu Josie.

– Com o *Dustin*? – perguntei. Sophie e Mark riram.

Dustin tinha se tornado o representante da turma do segundo ano porque o time inteiro de beisebol fizera chantagem para lhe arranjar votos.

– Ok, foi trapaça, mas ele venceu, não foi? – disse Josie. – Além disso, ele não vai saber de nada disso – continuou. – Nem de nada disso aqui – acrescentou, sorrindo para mim. – Sacou?

Assenti.

– Que bom – disse ela. Apontou para mim e para o Mark. – Agora é a vez de vocês.

– Não. Acho que já vou – retruquei, lançando uma olhadela para o Mark. – O caminho... É só voltar por onde viemos, certo?

Mark se encostou na estante atrás do balcão, com um meio sorriso irônico.

– De jeito nenhum – disse Josie. – Precisamos completar o círculo.

– Isso aí – concordou Sophie. – As garotas fazem isso o tempo todo. Qual é o problema com vocês, rapazes?

– Nenhum – respondi.

Sophie e Josie protestaram e, com um ar divertido, Mark ficou olhando a nossa discussão. Uma dor surda tomou conta de mim. Não consegui olhar para ele. Meu corpo parecia uma máquina. Um beijo não era nada – eu sabia disso. Beijo era muito simples. O que vinha depois é que me assustava. Eu não queria nem me mexer, mas fiquei pensando se poderia acabar com a discussão logo beijando o Mark. Então poderíamos voltar a curtir o que tínhamos juntos. Na verdade, era isso que eu queria: fazer parte daquele círculo.

– Você parece meio tenso, Donovan – disse Mark, finalmente.

As garotas riram.

– Não, não estou. – Hesitei, enquanto ele me olhava. – Acho que estou chapado – prossegui. – Tenho que fazer alguma coisa agora?

– Meninas – disse Mark –, calma. Não podemos lidar com isso assim.

Deu um passo à frente, afastando-se das prateleiras, e apontou para o cachimbo na minha mão.

– Dê um tapa nisso aí, cara. Antes que apague.

Fiz o que me mandou e, enquanto tragava, Mark se esticou por cima do bar e me puxou pela camisa. Aproximou a sua boca e abriu a minha. A fumaça jorrou de dentro de mim. Ele a aspirou, me empurrou de volta, sacudiu o punho e exalou para o alto pelo tubo. Seus lábios estavam secos e firmes, e eu não sabia se ele na verdade queria que eu retribuísse a pressão. Também não sabia se eu tinha desejado isso ou não. A estática zumbia dentro de mim, e talvez o mesmo estivesse acontecendo com ele. O rosto do Mark se mostrava sereno, como se fosse esculpido em pedra, enquanto eu tinha a sensação de estar derretendo. Um monte de olhos se voltavam para mim, me observando – os olhares da sala, da cidade inteira, chegavam mais perto, pairando como pássaros gigantes fora das janelas, vigiando, esperando a hora de entrar, atacando.

– Como eu já disse – sorriu Mark –, para que desperdiçar? Essa aqui é erva da boa, cara. Não é todo dia que a gente consegue um bagulho puro.

Levantou a mão e batemos as palmas uma na outra. Um movimento rápido e automático... e um pouco de tontura.

As garotas ficaram zoando e o lugar pareceu rodar.

– Bagulho – resmunguei. – Falou.

Mark e as meninas riram. Torci para que não percebessem como eu tremia. Estava zozinho e molhado de suor e me apoiei no bar. *É isso que eu quero*, fiquei dizendo a mim mesmo. *É diferente. Agente firme*. Se uma das bonecas Aidan rachasse, outra também quebraria, e eu desmoronaria, uma camada por vez, até que eles descobrissem a pepita minúscula e terrível no centro de tudo. Nunca pensara em mim desse jeito, alguém com um poço de trevas no âmago. Não queria pensar nisso. Arriei numa banqueta e forcei uma gargalhada, diretamente roubada do padre Greg.

– Você está chapado? – perguntou Sophie.

– Estou.

– Ótimo – disse Mark. – Relaxe aí, cara. Bem-vindo ao grupo.

Batemos as mãos de novo, dessa vez como se fosse para valer.

Josie pegou o cachimbo e o acendeu. Fiquei meio sem jeito, não sabia se devia encostar nela, e a garota percebeu. Soprou a fumaça bem em cima de mim, através do tubo que já tinha cor de cocô, e a névoa se espalhou pelo meu rosto. Josie postou-se ao lado de Mark, atrás do balcão.

– Vou dizer uma coisa para vocês – começou ela, dirigindo-se a todos. – Sei que meu pai vigia esse troço feito um gavião, mas podíamos servir só um pouquinho de vodca e encher a garrafa com água. Aposto que ele não ia nem perceber.

– Não vou beber nada – disse Mark. – Vou encontrar os meus pais mais tarde. Eles querem outra noite em família, ou seja lá que diabo de nome deem a isso.

– Você acabou de fumar maconha – objetou Sophie.

– Mas aí é diferente.

– Tudo é diferente para você, Mark – disse Josie.

– Eu quero beber – declarei a Josie.

– É?

– É, e desta vez não vou cuspir tudo em cima de alguém.

Josie caiu na gargalhada, assim como Sophie. Estufei as bochechas e fiz uma tremenda encenação, e a Sophie fingiu que recebia a minha golfada. Riu tanto que chegou a chorar.

Bebemos a vodca e a tarde começou a ficar mais turva, pontilhada pelas risadas de Josie e Sophie. Elas trocavam umas poucas palavras e já sabiam o que a outra dizia, depois desatavam a rir. Fui influenciado por aquilo. Eu ainda estava nervoso e confuso, sem saber direito se eles ainda me zoavam ou não, mas percebi que podia mesmo fazer parte daquilo.

Tentei não trocar olhares com Mark, mas, quando conversamos, ele se mostrou calmo, aquele mesmo cara que eu sempre via na escola, com uma rebeldia contagiante estampada no rosto. Ali, no entanto, estava menos distante que de hábito, como se aquele risinho de desdém não fosse dirigido a mim, e sim me incluísse. Mais tarde, quando decidiu voltar para casa, perguntou se eu queria ir caminhando com ele.

– Eu tinha que me encontrar com o Dustin mais tarde, mas acho que não estou a fim, não – disse Josie, e virando-se para o Mark: – Esqueça essa sua “noite em família”. Temos uma coisa nossa aqui. Somos como um quadrado perfeito.

– Nada é perfeito – discordou Mark. – É o que meu pai sempre diz. Pensar que alguma coisa é perfeita é sinal de preguiça. É não trabalhar duro o suficiente para torná-la melhor.

– Que diabos isso significa? – perguntou Sophie.

– Nunca se acomode, é isso – respondeu Mark. – Mas, cara, *fica frio*, não é? A última vez que eu falei isso na frente do meu pai, ele me passou um baita sermão. E olha que nem tinha me dirigido a ele.

Josie e Sophie o abraçaram. Beijei Sophie no rosto e me inclinei para Josie, que segurou meu braço.

– Você vai à festa de ano-novo, não vai?

Sophie soltou uma risadinha atrás dela. De repente tive a impressão de saber o que eu devia fazer e me despedi da Josie com um beijo na boca. Josie retribuiu e sorriu para mim.

Mark pousou a mão no meu ombro.

– Ele vai comigo – disse à Josie. Fizemos meia-volta para sair. – Vai ser interessante – continuou, em voz baixa. – Dustin vai estar lá.

Saímos pela porta dos fundos do anexo da piscina e seguimos pelo muro baixo de pedra até uma

pequena área arborizada. Mark tirou um cachimbo do bolso e fomos alternando os tapas. Quando o fumo acabou, continuamos andando junto ao muro e saímos na rua do morro atrás da casa da Josie.

– Cara – disse Mark, depois de algum tempo –, é muito bom ter outro homem por aqui. Sou sempre só eu com as garotas.

– Legal para você.

Ele riu.

– Não, não foi isso que quis dizer. Só estou dizendo que gosto de ter outro cara por perto. O quadrado perfeito. Gosto disso.

– É a minha cara – retruquei. – Óbvio.

Mark riu de novo.

– É isso aí, Donovan. É isso aí.

Ele balançou a cabeça, sorrindo, e eu não soube mais o que dizer.

Caminhamos em silêncio. Eu estava zozzo, ainda tentando captar o que vivenciara a tarde inteira e como eu tinha me tornado parte daquilo. Descemos, dando a volta no campo de golfe do Clube Campestre Stonebrook. Embora a neve já houvesse derretido quase toda, alguns montinhos ainda se acumulavam nos bancos de areia avistados no campo. Conforme as nuvens se deslocavam, o sol aparecia de vez em quando e lampejos de luz acendiam e rebrilhavam nas crostas duras dos taludes.

Na base do morro, contornamos o outro lado do clube campestre e chegamos à pequena ponte que ficava a uma curta distância do porto. Para chegar em casa, precisávamos tomar direções opostas, mas Mark já não parecia estar com pressa.

– E aí, essa festa...? – perguntei, por fim.

– Vai ser legal, eu acho. É uma chopada na casa do Feingold. Todo mundo vai. Seria até estranho não comparecer. Não sei. Não costumo frequentar festas, mas vou a essa. Às vezes elas ficam chatas: todo mundo está lá, mas ninguém conversa. É como se nada daquilo fosse real. – Abanou a mão no ar. – Não sei. Desculpe, cara. Estou chapado.

– Não, provavelmente você tem razão. Mas de repente isso acontece porque todo mundo sente medo.

Mark olhou para mim.

– Medo de quê?

– Não sei. De tudo. Talvez todo mundo esteja só fingindo.

– Então não conseguem enxergar o que está na frente deles? Isso é deprimente.

– Eles têm que tirar a porra da máscara – retruquei, mas pareceu estranho dizer isso de forma tão casual. – Não podem, não é?

Mark baixou os olhos para o rio, e eu o imitei. Pedacos de gelo e folhas mortas flutuavam por baixo da ponte e seguiam em zigue-zague até o porto.

– Mas nós podemos – disse ele. – Somos reais.

Assenti, e não argumentei mais. Estava encerrado demais em mim mesmo. Tive medo de continuar falando, medo de dizer alguma coisa de que me arrependesse depois. Ficamos os dois calados por um tempo. Então Mark pousou uma das mãos no meu ombro.

– Cara, agora tenho que ir andando. Estou bastante atrasado.

Mark tomou a direção oposta na ponte e eu fiquei. Esperei, torcendo para que o efeito da droga

passasse logo e eu ficasse sóbrio antes de chegar em casa. Passei um tempo ali, olhando a superfície lisa e negra do rio, que rolava para o porto de água salgada mais à frente.

Pensei na língua que Josie colocou na minha boca e em seus lábios cantarolantes; na voz do Mark, brotando do seu queixo forte; e nas risadas da Sophie. Juntei as partes dos seus corpos, como um Picasso fraturado, e desloquei as imagens de maneira que elas formassem um novo mosaico estilizado, um caleidoscópio de cristais coloridos. Queria continuar remexendo as peças – línguas, lábios, dedos – até achar algo de significativo naquele padrão.

Havia algo mais profundo que apenas o sexo, não? Eu acreditava que a união dos corpos era a ponte para algo mais importante, uma junção de partes para compor um todo mais pleno, assim como o ato de respirar une a inspiração e a expiração num só movimento. Era só isso que eu queria: uma sensação de estabilidade, de completude, uma garantia de que qualquer medo poderia ser desfeito, de que a solidão era uma doença que se curava quando a expiração do outro se tornava a minha inspiração e, juntos, nenhum de nós jamais se sentiria só.

Parado na ponte, uma náusea começou a me invadir. Queria apenas que me dissessem que ia ficar tudo bem. Eu era capaz de dar, dar e dar, e podia seguir, seguir, seguir, mas vagaria sem rumo para sempre, a não ser que alguém me guiasse: *Aidan, siga em frente, vire à direita, depois à esquerda, à esquerda de novo, e vai chegar ao lugar certo.*

Afinal, não era isso que o padre Greg vivia me prometendo? “Um lar melhor”, um modo de eu me sentir em paz onde quer que estivesse? *É isso que Deus lhe pede, Aidan. É o que eu lhe peço. Pronto, passou, passou, você logo se sentirá muito melhor. Já vai ficar tudo bem. Você vai conhecer o amor. Isto é amor, Aidan. Isto é amor.*

Continuei ouvindo a voz tranquilizadora do padre Greg dentro da minha cabeça enquanto eu olhava fixo da ponte para o rio. A voz dele estava dentro de mim, me silenciava. Vez por outra, um bloco de gelo se soltava e cortava o rio, até desaparecer de vista na escuridão distante. Eu não conseguia manter o foco. Queria um senso de direção, poder me ver com clareza e dizer *Sim, sim, sim, este sou eu*, mas meus pensamentos emergiam e se misturavam em meio ao caos, e eu não conseguia enxergar nada com nitidez.

capítulo 4

“As coisas mais importantes da vida exigem uma demonstração de fé”, disse uma vez o padre Greg. “Jesus não transformou pedras em pão quando passava fome no deserto, nem se atirou do templo para provar que era filho de Deus. Ele sabia que podia sobreviver da fé, não de pão, e sabia que não precisava pôr sua fé à prova para confiar nela. Você deve acreditar em mim, Aidan. Deve acreditar que o amo. Tudo correrá bem se você tiver fé no amor que existe entre nós. Amor significa que Deus está agindo.”

Então acreditei nele. Continuei a acreditar quando ele foi o único que me deu um cartão de aniversário em setembro. Quando me deu a cópia de uma foto que havia tirado de Santo Aidan num vitral na Inglaterra. No dia em que ele rasgou um lenço limpo, me entregou uma metade e ficou com a outra. Quando ele me fazia rir. Quando ele dizia que minha situação ia melhorar. Quando eu chorava e ele simplesmente me abraçava.

Acreditei nele quando prometia que cuidaria de mim e dizia que era certo chorar, porque isso lhe dava a oportunidade de me dedicar mais atenção. Não parecia existir nada além da estranha e dolorosa seriedade que ele sabia oferecer.

Como tínhamos combinado que eu voltaria no dia seguinte, depois que ele praticamente me expulsou do seu escritório, eu não queria desapontá-lo de jeito nenhum. Saí mais cedo do que na véspera e pedi que o motorista me levasse de novo à Preciosíssimo Sangue, com a instrução de só me buscar ao anoitecer. No caminho, pensei no que ia dizer ao padre Greg. Tinha vontade de contar sobre Josie, Mark e Sophie, mas ao mesmo tempo achei melhor não. Eu já estava começando a fazer comparações, algo que foi me assustando mais e mais durante o trajeto.

Quando cheguei, o salão estava mergulhado na penumbra e no silêncio. A porta da cozinha se achava fechada e ninguém circulava por ali. Os resultados da maratona telefônica da véspera espalhavam-se pelo extremo oposto do salão. Um cavalete segurava o cartaz de uma escola, rabiscado com marcações de valores cada vez mais altos. Bem no topo, escrito com uma caneta para quadro branco, numa caligrafia grande e verde que eu sabia ser do padre Greg, lia-se: AGORA A ESCOLA SÃO FELIPE SE TORNOU REALIDADE.

A luz do escritório do padre Greg vazava pelas frestas em torno da porta, e a sala do padre Dooley estava aberta. Ouvei o resmungo de sua voz grave ao telefone, e não quis passar no corredor e deixar que

ele me visse. O padre Greg sabia que eu iria lá. Se não fosse procurá-lo diretamente, ele saberia onde mais me encontrar. Dei meia-volta e desci as escadas que davam no porão.

Ao pé da escadaria, a luz fraca deixava à mostra as rachaduras e as bolhas de umidade na parede, ao longo do corredor que levava ao depósito. A porta de metal cinza parecia mais pesada do que realmente era e, nesse momento, percebi que eu nunca a tinha aberto. Era sempre o padre Greg que ia na minha frente. Lá dentro, puxei a correntinha da lâmpada sem cúpula. Ela ficou balançando, frouxa, e projetou um brilho amarelado em torno da entrada do depósito; a luz tênue mal chegava à bancada de trabalho no centro do cômodo. Ali embaixo, as espirais cor de laranja do aquecedor elétrico reluziam, e assim eu soube que o padre Greg desceria mais tarde. Ele já tinha arrumado o depósito daquele jeito antes. O padre Greg não me afastaria outra vez.

O boiler murmurava num canto escuro. Canos sibilantes estalavam pelo cômodo silencioso. Com o casaco e o gorro nas mãos, fui até as duas janelinhas gradeadas da parede oposta, que davam para o quintal da igreja. Por elas entrava a esmaecida luz vespertina na oficina improvisada. Outros garotos da minha idade deviam ter olhado por aquelas janelas e desejado escorregar pela comprida ladeira congelada que chegava ao jardim, mas eu só queria esperar e deixar que meus olhos se habituassem à penumbra do porão.

Preferia ficar ali, no frio consolo das sombras. Os canos se calaram e, no silêncio, não houve mais nada senão o zumbir do aquecedor numa longa nota vibrante. Pela primeira vez na vida, fazer nada era tudo que esperavam de mim. Ele não demoraria a descer; não havia outro lugar a que eu pudesse ir.

Ainda estava embaixo das janelas, à sombra das prateleiras de metal, quando ouvi a porta se abrir. Encostei-me na parede e me escondi ao lado da estante, caso fosse o padre Dooley. Foi um alívio escutar a voz do padre Greg, mas ele conversava com outra pessoa. Eles se dirigiram à bancada de trabalho e, apesar de não poder vê-los, percebi que havia outro garoto ali, menor do que eu.

– Não tem problema a gente ficar aqui embaixo? – perguntou o garoto.

O padre Greg riu. Ouvi uma batida na bancada e o som de copos tilintando.

– É para cá que devemos vir – disse o padre. – Lembre-se, isso é apenas entre você e eu. Ninguém mais pode saber. Ninguém.

– Tudo bem – concordou o garoto.

Reconheci toda aquela timidez. Era James, do nono ano, o filho da Cindy.

– Isso é bebida de homem – o padre Greg alertou James.

– Eu aguento.

– Eu sei.

– Mas não estou me sentindo bem – completou James, depois de um momento.

– Vamos lá. Vá em frente. Gosto de compartilhar isso com você.

– Não, é que eu realmente não estou passando bem, eu acho. Só isso.

– Você está ótimo.

– Não. Acho melhor ir embora...

– Não tem mais ninguém aqui – insistiu o padre Greg. – Não precisamos ter medo. Está tudo bem. Não há por que sentir medo quando você está comigo.

– Estou me sentindo muito mal – reclamou James, mais uma vez. – Desculpe.

Depois de um momento de silêncio, um copo bateu com força na bancada.

– Não – repetiu James. – Por favor.

– Está tudo bem – garantiu o padre Greg. – Está tudo bem.

Eu não conseguia ver nada, mas nem precisava. Sabia que o padre Greg estava servindo dois copos de uísque – uma dose maior para ele e outra menor para James. Mesmo não estando tão próximo deles, eu conseguia sentir o cheiro da bebida no hálito do padre Greg. Conhecia o calor, sabia como seu bafo quente subiria do ombro para o pescoço, depois ficaria na orelha, fazendo a gente se perguntar se aquilo acabaria um dia.

– Já conversamos sobre isso – disse o padre Greg a ele. Mas, quando aquelas palavras que me eram tão familiares saíram da boca dele, fui tomado por um medo que não sentia desde a primeira vez que ele me levava ao porão. – É por isso que o que temos juntos é muito especial – prosseguiu o sacerdote. – Somos só você e eu, James, isso é o mais importante. Não quer que eles tirem isso da gente, quer?

– Não – respondeu o garoto.

– Eu me importo com você, James. Não quero machucá-lo. E você também não quer que alguém *me* machuque, certo?

– Não.

– Shhh – fez o padre Greg. – Eu vou ajudá-lo, James. Você vai ver. Shhh.

Deslizei o corpo pela parede e caí sentado no chão, dobrando os joelhos bem junto ao peito. Tapei os ouvidos com os punhos cerrados e fechei os olhos com força, embora não desse para enxergar nada mesmo. E nem precisava: sabia como o abraço de urso do padre Greg nos engolia e tirava o nosso fôlego. O homem tinha duas vezes o tamanho do James. Um ar lascivo pairava no ambiente. Eu aguentaria tudo em silêncio, e me mantive encolhido feito uma bola enquanto durou. Não conseguia ouvir nada, exceto a voz na minha cabeça, a voz do padre Greg dizendo *Isto também faz parte do amor, isto é amor, o nosso amor – só para nós dois.*

Havia lágrimas em meus olhos quando eles começaram o pai-nosso, e eu os acompanhei, rezando comigo mesmo. O padre Greg fez James repeti-lo até que falasse alto e bom som, com força, como se fosse para valer. Depois, em silêncio, desligou o aquecedor, apagou a luz e fez o garoto subir as escadas, dizendo as palavras que eu tinha ouvido tantas vezes:

– Isto é só entre você e eu, James, lembre-se disso. Ninguém mais pode saber.

Permaneci agachado no canto escuro junto às prateleiras, as lágrimas rolando pelo rosto. Senti ódio do James, e a culpa nem era dele. *Não*, eu o ouvira dizer. E aquilo ficou se repetindo dentro de mim.

Eu não conseguira encontrar essa palavra no verão anterior, quando o padre Greg havia me levado até a bancada da oficina e me oferecido aquele primeiro gole de uísque. Simplesmente deixei que ele se aproximasse, enquanto eu fechava os olhos e mergulhava dentro de mim mesmo. O polegar do padre Greg pressionara o meu pomo de adão e fiquei me perguntando se minha vida acabaria ali –, mas um brilho se espalhou pelo rosto dele e eu me senti estranho e curiosamente importante, pois estava lhe proporcionando aquela sensação. E acabei aceitando, uma vez após outra, até me acostumar.

Fiquei lá sentado, batendo os dentes, até que vi a luz dos faróis de um carro entrar pela janela do porão. Não sei quanto tempo passei ali. Quando a buzina soou, compreendi que era o motorista que tinha voltado para me buscar. Eu não suportava a ideia de entrar no carro, mas tinha que dar o fora dali. Ele buzinou de novo.

Ainda segurando o casaco e o gorro, corri para a porta. Ela se escancarou e bateu na parede de

tijolos com uma pancada oca, fazendo eco pela escadaria. O corredor estava escuro, mas havia luz na parte principal do salão. Subi os degraus de dois em dois, mas estanquei no patamar.

O padre Greg estava parado na entrada que dava para o estacionamento, olhando para fora e segurando a porta entreaberta com uma das mãos. Vi os faróis do carro brilharem na escuridão, em direção ao jardim na frente da igreja. Ouvi uma voz no estacionamento, mas estava longe demais para compreender o que dizia.

– Não, desculpe! – gritou o padre Greg. – Ele não veio aqui hoje. – Virou-se. Seu corpo enchia quase todo o vão da porta. Ele usava um gorro de lã e camisa de flanela, sem o colarinho clerical, e tinha o sobretudo desabotoado. Lançou-me um olhar furioso por um momento, hesitou e voltou-se novamente para o estacionamento. – Não. Não, com certeza ele não veio aqui hoje. Lamento não poder ajudar mais. – Acenou com a mão. – Está bem. Tudo de bom, feliz Natal.

Fechou a porta e passou o trinco.

– Aidan? – chamou, com os olhos vermelhos e a respiração pesada. – Você me deu um susto danado. Não devia estar aqui.

Fiquei calado.

– O que está fazendo aqui, afinal? Estava lá embaixo?

– Você disse ao motorista que eu não vim. Mas você me viu. Olhou direto para mim.

Ele cruzou os braços.

– Acalme-se – disse, coçando o queixo. – Precisamos conversar. Eu levo você em casa.

– Não – respondi, com a voz baixa.

O padre Greg se empertigou.

– Precisamos conversar. No meu escritório.

– Quero ir embora – retruquei, falando um pouco mais alto.

Ele relaxou os ombros. Tirou o gorro de lã e o enfiou no bolso do sobretudo. Alisou o cabelo desgrenhado.

– Vamos, Aidan. Você sabe com quem está falando.

– Não – tornei a dizer. Olhei para o salão principal. Estava completamente escuro, exceto por uma faixa larga de luz que saía do escritório dele.

– O motorista disse que deixou você aqui mais cedo. Passou a tarde inteira lá embaixo? – indagou. Enxugou o rosto e deu um suspiro. – Está certo, tudo bem. Fique calmo. Acalme-se, Aidan. Acalme-se.

Sua voz tinha o sibilar arrastado de quando se bebe em excesso. O padre se aproximou enquanto falava e, antes que eu pudesse me mexer, segurou meu braço. Tentei me soltar, mas não consegui. Ele me conduziu até o escritório e fechou a porta depois que entramos.

– Sente-se.

– Não quero mais ficar aqui.

O padre Greg tirou o sobretudo e pegou o casaco e o gorro das minhas mãos.

– Bem, escute – disse, enquanto os colocava na cadeira da escrivaninha –, apenas fique calmo. Podemos conversar sobre isso.

Levou-me até o sofá, mas me recusei a me sentar. Esfreguei o polegar pelos botões foscos de cobre que seguiam a costura do braço do móvel. Santo Agostinho me olhou do seu pequeno retrato na parede. O abajur da escrivaninha projetava um cone de luz sobre uma pilha de notas de agradecimento escritas pelo

padre Greg. Estavam esperando por mim, compreendi, para que eu as dobrasse, selasse e pusesse no correio. Ele afastou a garrafa de uísque e empurrou para longe com as costas da mão os dois copos baixos. Encostou-se na beirada da mesa e cruzou os braços sobre a camisa de um jeito que a deixou esticada sobre o peito.

– Por que não se senta? – disse.

– Não – respondi.

– Calma, Aidan, calma. Vamos lá. Sente-se aí.

– Não – voltei a dizer, mais alto.

– Vamos conversar sobre isso. Eu não sabia que você estava aqui.

– Pensei que estivesse me esperando. Você disse para eu vir.

O padre Greg esfregou o rosto.

– Ah, Aidan.

– Ontem. Você disse. Então eu vim.

– Porque você não queria ir embora.

– Não estou entendendo mais nada!

– Aidan, fique calmo.

– Pensei que fosse diferente. Achei que eu era diferente.

– Você é. Você é. Deixe-me explicar, Aidan.

Dei um passo na direção da porta, mas o padre Greg me empurrou de volta. Caí no sofá.

– Já chega! – gritou ele. Encostou-se na escrivaninha e esfregou o rosto. – Apenas fique aí enquanto

pensamos numa solução para tudo isso.

Não falei nada, tentando recobrar o fôlego. O padre Greg olhou para os pés e meneou a cabeça.

– Você não quer ir para casa. Não é isso que você quer, certo? Você sabe disso.

Fiquei quieto. Ele ergueu os olhos para mim.

– Você vai ficar bem.

– Você sempre diz isso.

– Porque é verdade, Aidan. É verdade.

– Não. Você mentiu para mim.

– Não, não é assim. Me deixe explicar.

– Você mentiu.

– Não, não menti – insistiu o padre Greg. Sua voz parecia mais jovem, suplicante. – Preciso que você

entenda. – Aproximou-se de mim, pousou a mão no meu ombro e se inclinou até ficar bem perto de mim.

Falou baixinho, logo acima da minha cabeça. – Shhh. Espere um pouco. Você sabe com quem está

conversando. Nunca menti para você. Shhh. Eu gosto muito de você, Aidan, sabe disso. Shhh. – Secou o

rosto com a mão e repuxou toda a pele flácida. – Pronto. Agora, fique calmo. Ótimo. Apenas respire um

pouco. Isso. Assim, muito bem.

Estendeu a mão para o meu rosto e afastou minhas lágrimas com o polegar. Fez pressão na minha

bochecha e a afagou até o canto da minha boca.

– Você é especial, Aidan – disse, baixinho. – Nunca se esqueça de quanto me importo com você. Só

precisamos nos lembrar disso. Podemos compreender, certo?

A mão dele contornou minha cabeça por trás e segurou meu cabelo, que ele puxou com delicadeza. A

manga da camisa roçou a minha testa. O suor dele. O hálito abafado, fedendo a uísque. Estremeci e, passado um momento, ele continuou:

– Você nunca contou para ninguém, não é? Nunca disse nada?

Balancei a cabeça.

– Sabe o que eles fariam comigo? Você não quer que eles me prejudiquem, não é?

Ele chegou para trás e voltei a ver a parede às suas costas, com os retratos de suas viagens pelo mundo – El Salvador, Quênia, Senegal, Camboja, as pessoas, as crianças sorrindo. Nesse momento, sorriu para mim. Tocou minha testa com as costas da mão.

– Você está ardendo em febre, Aidan. Está tremendo. Vou pegar um copo d’água.

A mão dele estava gelada. Não queria senti-la na minha pele de novo.

O padre Greg pôs-se ao lado da escrivaninha. Tornei a espiar a garrafa de uísque e ele acompanhou meu olhar.

– Você está bem? – perguntou. Fiz que sim e me levantei. – Acho que seria bom... Que tal beber um pouco, nós dois? Assim ficamos entendidos, certo?

Assenti com a cabeça e ele relaxou os ombros. Alargou o sorriso ao servir o uísque. Engolimos a bebida depressa e fiquei olhando para meu copo vazio. Lágrimas enchiam os meus olhos.

– Calma – pediu o padre Greg, e tornei a ouvir aquela mudança de tom em sua voz. Apertei o copo com as duas mãos e estremeci. – Aidan, por favor.

Quando ele estendeu a mão para mim, espatifei o copo na beirada da escrivaninha e estilhaços de vidro voaram para todo lado. Recuei e só senti a dor quando vi o sangue na minha mão.

O padre Greg me segurou antes que eu me afastasse mais. Repetia o meu nome sem parar, em pânico. Puxou-me para mais perto enquanto abria gavetas. Limpei a mão no risque-rabisque e nos cartões com as notas de agradecimento, chorando de dor.

– Por favor – implorou ele –, me deixe ajudá-lo.

Tossi e tentei me afastar, mas a mão me segurava forte demais. O padre Greg já não tinha outras instruções nem palavras para mim. Tirou um pano de prato da gaveta e secou minha mão. “Aidan, Aidan”, repetia meu nome, como se só lhe restasse agarrar-se a ele. Resmunguei. Ele olhou para minha mão e tentou examiná-la, procurando resquícios de cacos de vidro, mas continuei puxando para trás. A mão sangrava muito, e eu a virei e a enxuguei na manga da camisa do padre – e o corte tornou a arder.

– Aidan – disse o padre Greg – Por favor. Me deixe cuidar de você.

Então ouviram um grito do lado de fora do escritório.

– Greg! – A porta se escancarou e as fortes luzes do salão principal iluminaram o cômodo. – Que diabos está acontecendo? – perguntou o padre Dooley ao entrar.

– Ele se cortou – explicou o padre Greg.

O padre Dooley o encarou.

– Aidan. Ele se cortou. Estou tentando ajudar.

Ele começou a passar de novo o pano na minha mão, depois o amarrou nela bem apertado. Não conseguia articular nada.

– Greg. Pare – disse o padre Dooley.

– Não, não. Não, não é isso.

– Cale a boca – rebateu o padre Dooley. – Pare de falar. Você está doente, Greg. Não está bem –

disse e se afastou um pouco, balançando a cabeça.

– Não, não. Ele apenas se cortou.

– Greg! Chega! – exclamou o padre Dooley. – Aidan – continuou, virando-se para mim –, por favor, não tenha medo. Não vai acontecer mais nada. – Esperou que eu comentasse alguma coisa e completou: – Por favor, me deixe levá-lo em casa.

O padre Greg recomeçou a lamúria, mas o padre Dooley o interrompeu:

– Droga, Greg. Isso já é demais. Solte o garoto!

O padre Greg abriu a boca para falar, mas hesitou. Afrouxou a mão e finalmente me largou.

– Vai ficar tudo bem. Por favor, Aidan. Venha aqui. Venha já aqui.

Dei um passo à frente, mas, enquanto o padre Dooley gesticulava para mim, passei por ele e atravessei correndo o salão em direção à entrada para carros, descendo para a calçada.

O gramado coberto de neve parecia um deserto. Os arbustos ornamentais tinham se transformado em cactos que lançavam sombras sobre a areia e a terra. Fui para o meio delas, como uma criatura que só pode ser vista ao luar, espreitando pelos jardins, a silhueta de alguém atravessando a cidade.

O sangue havia coagulado na minha mão e filetes amarronzados percorriam o meu pulso. O sangue, eu tinha certeza, era meu, e vinha do corte do vidro, mas de alguma forma parecia dele, como se ele estendesse a mão, me agarrasse e me puxasse de volta. *Aidan*. Enfiei a mão num monte de neve e o frio foi cortante, mas fez cessar o sangramento.

O vento uivava, e pensei ouvir nele a respiração abafada do padre Greg, cochichando ao pé do meu ouvido. Dei um grito para tirar a voz dele da minha cabeça e continuei correndo, enquanto a lua era contornada por um círculo laranja através das nuvens e pairava, como um olho piscando para mim e me seguindo noite afora.

Um tempo depois senti a garganta arranhar e o rosto arder com a friagem. Estava tremendo, parado sob a luz pálida do letreiro de um posto de gasolina. Saí da igreja sem pegar o casaco, as luvas e o gorro. O cheiro de gasolina permeava o ar. Percebi que tinha cruzado os limites da cidade, até uma área próxima a uma rampa de acesso à autoestrada. Apenas um punhado de carros ocupava o estacionamento do McDonald's anexo ao posto. Não estava nem tão tarde assim, mas havia pouca gente lá dentro. Eu batia os dentes descontroladamente e não conseguia manter as mãos quietas. Entrei na loja de conveniência e circulei pelos corredores, para cima e para baixo. Comprei um café Irish Crème e um *burrito*. Coloquei-o no micro-ondas e o vi girar sob luz amarela.

A atendente não deu a mínima para mim. Ficou sentada atrás do balcão, do outro lado da loja, conversando ao celular. Eu nem sabia se havia mesmo alguém do outro lado da linha. Ela falava sem parar. Peguei o *burrito* e o café e me sentei junto à janela, usando como mesa uma pilha baixa de engradados de cerveja. Os carros passavam zunindo pela interestadual. Minha cabeça estava cheia de ideias enquanto eu visualizava pequenos objetos do escritório do padre Greg: o retrato de Santo Agostinho na parede, o porta-lápis ao lado do risque-rabisque, os botões de cobre fosco ao longo das costuras do sofá – aquelas coisinhas para as quais eu olhara fixamente tantas vezes, tentando me concentrar nelas, conhecer sua textura.

Um ônibus branco saiu da via expressa e veio chacoalhando pela estrada. Entrou no estacionamento e deixou que os passageiros saltassem em frente ao McDonald's. Eles fizeram fila atrás do balcão. Outra

xícara de café me faria bem, ou um comprimido de estimulante, como aqueles que os caminhoneiros tomam quando têm que dirigir a noite toda pelas estradas do país na calada da noite.

O ônibus avançou mais um pouco e parou diante dos tanques de diesel. Quando o motorista desceu, ligou a bomba e também seguiu para o McDonald's, saí correndo. Na lateral do ônibus havia ideogramas chineses em tons vivos de verde e vermelho, pintados em volta de uma logomarca com duas setas, que apontavam para Nova York e Boston: era o ônibus expresso, ainda mais caquético que os da Greyhound.

Fiquei olhando por sobre o ombro, achando que o motorista ia sair do McDonald's, mas, quando entrei no ônibus de um salto e olhei para fora, vi que ele comprava cigarros na loja de conveniência, como se não houvesse nada de errado. No fundo do ônibus havia um banheiro apertado e sem janela, que mais parecia uma despensa, e foi nele que me escondi. Cheirava como se alguém tivesse acabado de urinar ali, só que batizando o cubículo todo em vez de mirar o vaso. Tiras de papel higiênico prendiam-se às paredes em grumos que se dissolviam. A porta também não tinha trinco – o ocupante deveria fechá-la prendendo um elástico na maçaneta e esticando-o até um gancho na parede.

Fiquei ali, paranoico, com medo de que o motorista tivesse me visto, até que finalmente o motor foi ligado e o ônibus avançou um pouco. Parou outra vez e ouvi as pessoas voltando a embarcar. Permaneci no banheiro até o ônibus percorrer a estrada e entrar na via expressa. Depois de rodar por um tempo, abri a porta. Não havia quase ninguém. Os passageiros cochilavam em seus assentos. Ocupei um lugar perto do banheiro e me encolhi todo, enquanto o aquecimento do ônibus fazia efeito aos poucos. Ele seguia para o sul. O motor zumbia e os pneus marcavam um ritmo veloz e sincopado no calçamento da autoestrada. Os bancos cheiravam a produtos de limpeza e a um aromatizante de tutti frutti, mas nada parecia limpo. Quando aspirei aquele perfume, me senti impelido, me atirei para a frente, em direção ao nada.



A autoestrada ia sendo engolida pela cidade conforme a rampa de acesso mergulhava entre altos muros de concreto e cruzava os bairros. Por fim, o ônibus parou numa esquina movimentada, debaixo da imensa estrutura metálica de uma ponte. Os letreiros das lojas, pendurados nas portas ou colados nas vitrines, estavam escritos em chinês. Os passageiros saltaram e eu também descí. Andei pelo labirinto de ruas que cheiravam a peixe e gasolina. Saídas de emergência cortavam as fachadas dos cortiços em zigue-zague. As pessoas falavam alto e gritavam por todo lado umas com as outras. Esbarravam em mim, me ignorando. Meu nariz doía de frio e, por mais que eu o enxugassem com a manga do suéter, não conseguia impedir que o muco escorresse até a boca.

Perambulei pelas ruas interditadas do centro de Manhattan, evitando os soldados da Guarda Nacional em torno dos edifícios do setor financeiro. Esse era o território do Velho Donovan, e o imaginei sentado à mesa do escritório junto a uma das grandes janelas dos andares mais altos, espiando a cidade reluzente lá embaixo – sem enxergar nada de especial. Gritei algumas vezes, ouvindo o eco da minha voz pelos desfiladeiros entre os edifícios, mas ninguém me deu bola nem me ouviu. Ela estava rouca demais para sair da garganta.

Eu estava exausto. Ouvia um barulho na minha cabeça, como o produzido pelo vidro que cortara a

minha mão. Rastros de sangue sujo ainda se enroscavam nos meus dedos. Fitei as minhas mãos como se pertencessem a outra pessoa.

Encontrei uma rua calma de paralelepípedos e uma grade de exaustor do metrô, perto do que parecia ser uma antiga entrada de tijolos. Fiquei encolhido como uma bola, mas, enquanto as lufadas cinzentas sopravam do subsolo, em nenhum momento cheguei realmente a adormecer, porque a maquinaria de sirenes, frenagens e sibilos hidráulicos se infiltrava em mim como o vento gelado.

capítulo 5

Acordei num certo clima de violência. Quando rastejei para fora do meu pequeno abrigo, toda aquela realidade voltou em surtos lampejantes: a luz amarela do abajur da escrivaninha, o risque-rabisque verde, o copo se estilhaçando na minha mão, o padre Greg pressionando um pano de prato para estancar o sangramento, as manchas vermelhas em sua camisa. O padre Dooley gritara por mim, mas, de certa forma, parecia que ele chamava outra pessoa, um estranho – um estranho que escondera de mim todos os meus segredos, como se não fossem meus, como se estivessem trancafiados dentro de outra pessoa até aquele momento.

Entrei no banheiro de uma lanchonete no centro para me limpar. Depois de tomar o café da manhã, enquanto perambulava pela cidade em direção ao norte, percebi que não havia mais nenhuma alternativa: eu precisava de Elena. Nunca tinha ido à casa dela, mas sabia onde ela morava.

De tardinha, quando enfim reuni forças para descer a escadaria da Union Square, procurei o trem 4 para o Bronx. Por todo lado, havia pequenos grupos de três ou quatro soldados da Guarda Nacional de vigia, com o fuzil pendurado no ombro e o cano apontado para o chão. Observavam a multidão, esperando pacientemente por algum ato de violência que sua própria presença parecia tornar iminente. Quanto mais eu passava por todos aqueles guardas, mais olhava em volta, imaginando se eles poderiam notar alguma coisa que eu não enxergava.

A noite caía quando finalmente encontrei a rua de Elena. Parei numa lojinha na esquina, comprei um buquê de flores e marchei rua acima, sem esperar pelo troco. Não sabia direito o que estava fazendo. As pessoas pareciam me olhar, de todas as direções. Nunca tinha me sentido tão vulnerável por causa da cor da minha pele, até que me vi ali, o único branco andando na rua, procurando a porta de Elena e fechando-a atrás de mim. Então deixaria o resto do mundo trancado do lado de fora.

A avenida Undercliff curvava-se para longe das imediações do trem e serpenteava em torno da base de um grande morro, apinhado de antigas construções revestidas de ripas de madeira. Como as casas ao redor, a de Elena tinha uma garagem situada a alguns metros da calçada, e uma escadaria de pedra subia uma ladeira íngreme até a varanda da frente. Dois andares se erguiam acima da porta de entrada, o que dava à casa a aparência de um pequeno farol à beira de um precipício – se é que um farol pudesse ser um cubo com uma cumeeira. Mesmo em dezembro, o jardim, plantado na ladeira ao lado da escadaria, era vivo e colorido. A hera agarrava-se às pedras e aos arbustos perenes.

No interior da casa, uma cantoria ecoava suavemente. Prendi a respiração e toquei a campainha.

Teresa veio atender. Reconheci-a de imediato da foto no quarto de Elena. Ela estava dois anos à minha frente na escola. Seu cabelo perfeitamente repartido lhe caía por sobre os ombros, mas o que me chamou a atenção foram seus tênis de cores fortes. A garota passou um pé sobre o outro, apoiada na maçaneta da porta de madeira.

– Ah, meu Deus. O que você está fazendo aqui? – perguntou. Olhou com ar cético para as flores. Não respondi nada. – Tudo bem?

– Vi uma foto sua – comentei. – Você participou do time de vôlei esse outono.

Ela olhou para mim e abriu um sorriso.

– É, também vi a sua – retrucou ela. – Você sempre dá a impressão de que acabou de morrer. – Inclinou a cabeça para o lado e gritou na direção da escada atrás dela: – *Mami*, seu outro filho está aqui.

– Teresa se virou para mim: – Ela está de férias, você sabe.

– Eu sei. Só trouxe isso – respondi, levantando o buquê.

Elena veio descendo vestida num suéter justo e pantufas. Abriu um largo sorriso que me consolou, mas percebi a ansiedade em seus olhos.

– Terê, dê passagem, deixe Aidan entrar.

– *Bienvenido al Bronx* – disse Teresa, em tom sarcástico.

Passei por ela e, um instante depois, Elena me abraçou e ficou me segurando por um tempo. “*Mi hijo*.” Senti os olhos de Teresa cravados nas minhas costas. Comecei a me afastar, mas Elena apertou ainda mais o abraço. Só me soltou depois que Teresa passou por nós.

Elena fez um estalo com a boca em reprovação e me puxou para a sala. O ambiente cheirava a cebola frita. A música que tocava terminou e começou um merengue mais animado, enquanto eu inspecionava o sofá, a poltrona e a gaiola alta ao lado do armário de som. Uma pequena floresta de plantas cercava a janela da frente, que dava para a rua. Uma grande pintura da Virgem Maria pendia da parede acima da poltrona. Sua auréola dourada cintilava de leve e, embora sua cabeça se curvasse com humildade, os olhos pareciam desconfiados, como se perscrutassem a casa. Redondos e vivos, eles me seguiram pelo cômodo.

– Que surpresa! – disse Elena. Ela parecia nervosa. – Veio sozinho?

– Sim.

– Não sei mais o que dizer.

– Que tal “Por que você está aqui?”? – interrompeu Teresa, sob o batente da porta da cozinha.

Entreguei a Elena o exagerado buquê.

– Boas festas – falei. – *Feliz Navidad*. Nunca lhe dei um presente.

Elena segurou a bainha do suéter.

– Que surpresa! – repetiu ela. – *Gracias. Gracias*. – Elena tinha o cabelo solto, o que a fazia parecer mais jovem. – Nunca esperei que você me desse alguma coisa.

– Nem que viesse fazer isso na nossa casa – acrescentou Teresa.

Assenti e desejei ter pensado num assunto para conversar quando chegasse lá, algo que afastasse as perguntas delas. Eu só queria falar de fatos. *Isto é uma gaiola. Há dois pássaros. Sim, um é azul e o outro é amarelo.*

– Terê – chamou Elena, entregando à filha as flores que lhe dera –, arranje um vaso para elas.

– Você comprou a floricultura inteira? – perguntou Teresa, pegando as flores e entrando na cozinha.

Bateu as portas dos armários em busca de um recipiente adequado. Elena me levou até o sofá e me fez sentar nele.

– *Mi hijo* – disse, com um sorriso triste –, estou feliz por ver você. – Ela me abraçou novamente, depois recuou e se recostou no sofá. – Por que não ligou para avisar que vinha? Sua mãe... – começou, mas deixou a frase morrer. Deu um suspiro e olhou pela janela da frente, já então uma parede escura, salpicada pelos pontinhos de luz das outras casas e pela iluminação alaranjada e pálida do poste. – Estou confusa.

– Eu também – retruquei, baixinho.

Tive vontade de me deitar no seu colo, mas pensei em como pareceria estranho fazer isso em sua casa. Ficamos em silêncio por um momento, como quando assistíamos TV no meu quarto, jantando em mesinhas dobráveis.

Elena segurou minha mão e deu um tapinha de leve. Havia algo tão caloroso na casa dela e, quando Teresa voltou pisando duro, eu a imaginei carregando duas canecas fumegantes de chocolate, e não um jarro abarrotado de flores.

A garota depositou-o na mesinha de centro e olhou para a mãe.

– Ninguém nunca apareceu aqui com um buquê desse para mim – disse, com as mãos nos quadris. Elena lhe dirigiu um sorriso. – Caz, por exemplo – prosseguiu Teresa –, acho que ele nem saberia onde comprar flores, nem mesmo morando bem ao lado da loja.

– O Aidan não é o Caz – disse Elena.

– E eu não sei disso? – retrucou Teresa. – Já ouvi falar de como você é maravilhoso – comentou, voltando-se para mim.

Elena também tinha me contado sobre os sucessos da filha na escola, mas, ao vê-la rebolar quando falava comigo, tive vontade de conversar, só não sabia como. Nunca soube como chegar em garotas, por mais que quisesse. Porque eu gostava de mulheres, não gostava? Pelo menos era isso que eu sempre falei para mim mesmo. Então quem diabos eu tinha sido com o padre Greg? Aquele também era eu? Senti uma tonteira e apoiei a cabeça no encosto do sofá.

– Muito bem – disse Elena. Levantou-se e passou as mãos nos quadris. – Terê, ponha mais um prato na mesa.

– Você vai ficar para jantar? – perguntou Teresa para mim.

– Vai – respondeu Elena. Estalou os dedos e Terê voltou para a cozinha. – *Mi hijo* – disse baixinho –, isso não está certo. Como você chegou aqui?

– Obrigado por me deixar ficar para jantar.

– O que a sua mãe vai dizer?

– Por favor, não me faça ir embora.

– Não – disse ela, puxando-me para junto de si. – Estou feliz por você ter me procurado.

Minha cabeça afundou no ombro dela enquanto eu a abraçava. A bainha do suéter fez cócegas no meu olho.

– Desculpe – falei.

Enxuguei as lágrimas que escorreram e preendi todas as demais.

Ouvi algumas vozes vindo da varanda e a porta de tela rangeu e se abriu. Soltei-me tão depressa do

abraço da Elena que ela levou um susto. Ainda segurava minha mão quando Candido deixou o filho caçula, Mateo, entrar correndo na sala. O menino quicou uma bola de basquete no chão.

– Ei! – gritou Candido para ele.

Os dois pararam e me viram. Mateo recuou e se agarrou às pernas do pai.

– Temos um convidado – disse Candido, lançando um olhar de mim para Elena.

Ela se aproximou do marido e o beijou na boca.

– Há lugar para mais um – disse em inglês.

Candido balançou a cabeça.

– Por que ele está aqui? – perguntou-lhe em espanhol. – Qual é o problema?

– Ele fala espanhol – retrucou Elena.

– Esqueci – disse Candido. – *Lo siento* – acrescentou, dirigindo-se a mim. Demorou para pendurar a jaqueta de couro.

– Você não está mais de férias? – perguntou Mateo à mãe.

Elena pediu que ele ficasse quietinho e o empurrou para a frente.

– Trabalho na casa da família desse menino.

– Eu sei – retrucou ele.

Candido se aproximou por trás dele e eu me levantei para apertar sua mão.

– Ouvi muito falar de você – disse o pai. A barriga dele se derramava por cima do cinto, porém era mais alto do que eu o havia imaginado e fez a sala parecer menor e mais atravancada. Ele e Elena se entreolharam. – Seja bem-vindo – acrescentou.

Então pediu licença e levou Mateo para cima, para lavar as mãos antes do jantar. Elena me deu um tapinha no ombro e foi atrás deles.

Tornei a arriar no sofá e fiquei olhando para o teto, sem querer baixar de novo a cabeça e manter contato visual com a Virgem Maria. Fechei os olhos e prestei atenção nas vozes de Candido e Elena lá em cima. Era difícil discernir o que diziam, especialmente com o rádio tocando tão perto de mim, mas não precisei ouvir as palavras exatas; bastou escutá-los para saber que estavam acostumados a conversar e a dar ouvidos um ao outro. Entreouvi meu nome, mas não me preocupei. Eu estava na casa da Elena e, sem minha mãe e o Velho Donovan por perto, estava tudo bem.

– Ei – disse Teresa, rondando perto de mim, atrás do sofá. – Não pegue no sono. Você acabou de chegar. – E sacudi meu ombro.

– O que tem para o jantar? – perguntei.

– Não o que ela cozinha na sua casa.

Teresa contornou o sofá e se sentou ao meu lado.

– Às vezes ela faz um prato de frango, feijão-vermelho e arroz quando estamos sozinhos em casa – contei. – Adoro a comida dela.

– Você quer dizer, assim, a comida dominicana que ela faz?

– É, acho que sim.

– Esse prato eu não conheço – disse Teresa, brincando com o pequeno crucifixo de ouro em seu cordão.

– Ela já lhe ensinou alguma receita?

– Cozido à irlandesa. Lasanha. Sopas e molhos picantes. Coisas que a gente pode beliscar a semana

inteira.

– Ah, sei.

– Mas, uma vez, ela me ensinou a fazer *lengua picante e lambí guisado*.

– Parecem bons – comentei, torcendo para conseguir sair daquela conversa. – Esses ela nunca fez lá em casa.

– É, é só brincadeira. Ela também nunca fez para a gente.

Ri, sem jeito.

– Mas os meus amigos adoram vir comer aqui. Fazemos o dever de casa e depois eu requento umas sobras. Todo mundo sabe como ela cozinha bem.

– Ela podia trabalhar num restaurante.

– É, devia – disse Teresa, com um olhar raivoso de desafio.

Assenti com a cabeça. Quando era criança, costumava imaginar que Elena era minha mãe de verdade. Invejava Teresa e Mateo, por terem uma mãe tão dedicada e carinhosa, mas, quando a garota enfiou o nariz num dos ramos de flores, fiquei pensando se ela não tinha a mesma posição em relação a Elena. Teresa tinha visto a mãe menos do que eu, pelo amor de Deus.

– Essas flores devem ter sido carésimas – comentou ela, emburrada.

Presente errado para a pessoa errada. Fiquei assustado quando percebi que conhecia tão pouco a mãe dela, e não dava para compartilhar isso com Teresa. Era mais fácil fingir que eu nunca vivera nada com Elena. Teresa girou o vaso.

– Eu devia ter trazido mais – comentei. – Devia ter trazido flores para você também.

– Ai, meu Deus, você disse isso mesmo? – Teresa riu e balançou a cabeça. – Caramba, eu achava que você era tímido.

Abriu um sorriso como se soubesse de algo que eu não sabia e esperasse que eu entendesse. Talvez fosse só alguma coisa na sua risada – uma franqueza descontraída que parecia dizer *Ei, parceiro, relaxe, vamos lá*. Ela pousou a mão na minha coxa e sorriu.

– Por que você não me ajuda a encher os copos de água para o jantar?

– Sim, é claro – respondi, me levantando depressa. Fiquei tão surpreso quanto ela por ter dito aquilo. Foi bom, e soou seguro, mas eu queria me ocupar com alguma coisa, antes que estragasse tudo e dissesse alguma besteira. Na cozinha, Teresa me entregou os copos e falou das aulas no colégio. Era bom estar no último ano, ficou repetindo. Dali a poucos meses, toda a sua vida ia mudar, e ela estava empolgada. Queria encarar tudo de peito aberto. Senti inveja daquela confiança jovial. Admirei-a.

Antes de comer, a família e eu demos as mãos em volta da mesa, com a comida quente a apenas um palmo de distância, uma tentação. Dei as mãos a Elena e Teresa. O alimento foi abençoado e demos graças a Deus por eu poder partilhá-lo com eles. Arrisquei uma piscadela e abri os olhos: o vapor subia dos pratos, oscilando ao tom arrebatador da voz de Candido, que agradecia a Deus por sua orientação e sua força. Não pude acompanhá-lo, porque eu tinha a minha própria prece e, apesar de em geral elas parecerem muito vazias, meros cânticos para expulsar a dor, nessa hora o que eu queria gritar mesmo era: *Cristo, me deixe ficar sossegado com esta família*. Fechei os olhos novamente enquanto Candido terminava a oração.

– *En el nombre del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo, amén.*

Elena se sentou entre os meninos, Mateo à direita e eu à esquerda. Cortava a carne com delicadeza e

gestos calmos, enquanto Candido conversava com os filhos. Vez por outra, oferecia alguma orientação, mas basicamente jantou em silêncio, sorrindo, vendo Candido e Mateo baterem as mãos, palma com palma, ao falarem de basquete. Candido dava uma piscadela ocasional para Elena quando ela o mandava ficar quieto.

– Vocês deviam ter jogado aquela partida com o St. Mike's. O técnico, aquele tal de Carney, é um idiota.

– Candi – consertou Elena.

– Como era mesmo aquela lição de que você falou, *papi*? – perguntou Teresa. – Pratique um esporte de equipe para aprender a ficar indignado?

Candido pôs uma garfada na boca e mastigou devagar.

– *Mira, la pequeña maestra*. Você poderá acrescentar alguma coisa a esta conversa depois que tiver ido assistir a um dos jogos do seu irmão.

Teresa deu um suspiro, dramatizando um pouco.

– Ai, meu Jesus, *papi*. Por que tem que me cobrar tanto?

– Ei! Cuidado com o que diz – advertiu Candido em espanhol. – Esta casa tem regras.

Elena estendeu a mão sobre a mesa e tocou no braço da filha.

– Por favor, escute o seu pai – disse ela, em espanhol.

Teresa levantou-se para buscar mais água.

– Ora, viva! – exclamou Candido, recostando-se na cadeira. – Ela levantou um dedo!

A filha deu-lhe um esbarrão com o quadril ao passar por ele em direção à pia. O pai riu.

Terminado o jantar, Elena pegou meu prato e o empilhou no dela. Candido reclinou-se na cadeira, jogou o guardanapo na mesa e ficou limpando os dentes com a língua. Antes que Elena pudesse recolher os outros pratos, eu me levantei e perguntei se podia tirar a mesa. Não suportava a ideia de que ela usasse luvas de borracha em sua própria casa. Tudo parecia de pernas para o ar, de qualquer jeito. Por que eu não poderia lavar a droga da louça? Mas Elena descartou a ideia.

– Por favor – insisti. – Eu quero. Quero fazer alguma coisa.

Candido bufou.

– Não precisa – começou Elena, mas eu a ignorei.

Empilhei o resto dos pratos e os levei para a pia.

O telefone tocou.

– Não vamos atender! – ordenou Candido. – Ainda estamos jantando. Não comemos a sobremesa.

Elena baixou a cabeça e suspirou. A secretária eletrônica atendeu depois do quarto toque. Pus as luvas de borracha enquanto a pessoa começava a gravar o recado:

– Elena? É o padre Dooley de novo. Agora estou preocupado. Você ainda não o viu? Ele ainda não apareceu. Por favor, telefone assim que receber este recado. Estou com a Gwen. Ela está quase chamando a polícia. Por favor, ligue para mim.

Eu estava de costas para o resto da sala e não me virei. Fiquei parado ali, encostado na pia, segurando a beirada.

– O que está acontecendo afinal? – perguntou Teresa, voltando para a mesa.

– Era disso que eu estava falando – disse Candido. – Eu sabia que estava acontecendo alguma coisa

séria. – Sua cadeira emitiu um rangido agudo quando ele a empurrou para trás e se levantou. – O que ele quis dizer com “de novo”? De novo o quê? – A voz de Candido se alterou. – Você sabia disso?

Elena balançou a cabeça.

– Desculpe. Ele não estava aqui quando o padre Dooley ligou pela primeira vez. Chegou depois. – Ela enxugou o rosto. – Veio me procurar.

– Ei, *mami*, você sabia e não contou nada? Qual é? – reclamou Teresa, e deu um tranco no meu ombro. – Você acha que pode comprar minha *mami*, riquinho? Chegar aqui com suas flores e sua cara de enterro? Procure a sua própria mãe, ouviu, riquinho? – E me deu outro tranco.

– Terê! – gritou Elena, mas Candido foi até lá e segurou o braço da filha.

– Está bem, está bem. Já chega – disse ele, sem muita ênfase. Colocou-se entre nós e apontou para mim: – Que problemas são esses que você está trazendo para a minha casa?

– Por favor – pediu Elena. – Por favor. Ele não fez nada – disse em espanhol. – Ele não faria.

– Você não sabe – rebateu Candido.

– Sei, sim! – retrucou Elena, com um grito. – Sei, sim. – Ela se postou entre mim e Candido. Quando me virei, ele estendeu a mão pelo lado da mulher e tirou da parede o telefone sem fio. – Ele não fez nada – argumentou Elena. – São os pais dele. Eu já lhe falei. Olhe para ele. O que ele poderia fazer? – Estendeu a mão para o telefone. – Vou ligar para a senhora Donovan.

– Sim, você vai ligar mesmo – disse Candido. – E para o padre.

Entregou o telefone a Elena, que fitou o aparelho por um momento, com ar distraído. Depois, virou-se para mim e levou a mão ao meu rosto.

– *Mi hijo*. Está tudo bem. Tudo bem. Você vai ficar bem.

Eu me joguei sobre ela, deixando que me abraçasse. Seus filhos me olharam. *Não se preocupem*, tive vontade de dizer, *ela tem bastante amor para todos nós* – como se eu soubesse, e como se isso não fosse um insulto.

Elena fez a ligação e andou de um lado para outro junto à pia enquanto falava ao telefone. Ouvimos todas as acusações e o tom agudo da voz da minha mãe, berrando pelo telefone. “Não, senhora”, era o que Elena conseguia dizer de vez em quando.

Ela me entregou o fone, mas eu não queria pegá-lo. Segurei-o nas mãos e o fitei.

– Benzinho? – Mamãe se esganiçava ao longe. – Benzinho? – Encostei o fone no ouvido. – Você está bem?

– Estou com Elena.

– Sei disso, meu bem, mas você está em segurança? – perguntou com voz rouca. – Você está bem?

– É claro. Estou com Elena.

– Eu sei. Eu sei. Você está com Elena agora, mas antes você tinha desaparecido!

– Não. Eu saí.

– Você imagina o que eu fiquei pensando? O padre Dooley se ofereceu para ir buscá-lo. Acho que não posso dirigir, não no meu estado.

Fiquei sem saber o que dizer. Ouvi mamãe fungando.

– O padre Dooley?

– Ele tem sido muito bom. Eu estava precisando muito de alguém, mas só percebi isso quando ele

chegou aqui. – Respirou fundo. – Estou aliviada – disse, e prosseguiu com mais calma: – Logo, logo você já vai estar em casa.

Devolvi o telefone para Elena. Depois de desligar, ela andou na direção do marido, que a envolveu nos braços.

– Eu errei – disse ela. – Por favor, me perdoe. Eu devia ter dito alguma coisa logo de uma vez.

– Você não precisa disso – retrucou ele. – Nunca precisou.

– Não consigo entender – falei, com a voz embargada. – Ela mal notou que eu tinha saído.

Provavelmente nem se importou.

Elena se desvencilhou do abraço de Candido.

– Ela sente a sua falta.

– Por que agora? Quando foi que ela já sentiu falta de mim?

– Você veio para cá. Saiu e veio direto para cá, para mim. Ela sente a sua falta, *mi hijo*. Eu sei. O padre Dooley vem buscá-lo. Está vindo para cá agora – acrescentou.

Candido balançou a cabeça.

– Deus cuida de você – falou. – Sempre.

Acho que Candido pretendia me inspirar e me acalmar, como se aquele olho invisível e onipresente fosse protetor, mas na verdade enxerguei o padre Greg, seus olhos injetados por causa do uísque, embaciados de dor e raiva.

– Não – retruquei. – Não, eu vou de trem. Vou chamar o motorista. Não quero voltar com ele. Por favor.

– Estou fazendo o que ele me pediu – contrapôs Elena. – Você vai com ele. Precisa de ajuda.

– Não posso. Não quero!

– Chega! – interrompeu Candido. – Pare de gritar. Você não vai exigir que ela faça nada dentro desta casa. – Deu um passo na minha direção e segurou o meu braço. – Você veio até a minha casa. E, na minha casa, você obedece às minhas regras. – Deu uma sacudidela e se afastou, me soltando. – Vamos fazer o que o padre pediu, e hoje você vai para casa com ele.

Um buraco começou a se abrir no meu estômago e se espalhou pelo meu corpo. Balancei no mesmo lugar por um instante e ouvi meu nome, mas sem saber de onde vinha. Soou familiar, como se o padre Greg estivesse na sala conosco, repetindo o meu nome, me chamando.

Elena pediu que o marido levasse Mateo para o andar de cima e me deixou ajudar com o resto da louça. Teresa parou junto à porta, encostada no batente, e disse:

– Você não pode ser tão ruim assim. Sei lá, parece que nem está na sala. Parece mesmo um fantasma. Como pode ter feito alguma coisa de grave?

– Terê! Já para cima. Já. Me deixe a sós com ele.

Teresa captou o medo na voz da mãe e obedeceu. Precipitou-se escada acima. Uma porta bateu.

– Desculpe – falei, finalmente. – Eu não sabia mais para onde ir. Tinha que sair.

Elena segurou um prato embaixo d'água por tempo demais, olhando fixo para ele.

– Sua mãe está muito transtornada – disse, balançando a cabeça. Fechou a torneira e me entregou o último prato. – Ela não está zangada só com você, *mi hijo*. Comigo também.

– Desculpe – repeti. – Pensei que não teria problema.

– Para mim não tem – disse Elena.

Consegui abrir um sorrisinho, mas não muito autêntico. Parecia uma daquelas expressões moribundas que eu sempre via no rosto dos professores do colégio ou no de uma das convidadas de mamãe antes de desaparecer na multidão que circula pelas festas.

– E se eu não fosse para casa? – perguntei.

– Não. Você precisa ir.

Elena me conduziu à sala e me fez sentar no sofá. Passou algum tempo ao pé da escada, olhando para cima, para onde havia expulsado a família. Parecia estar montando guarda, ou, pelo menos, era o que queria fazer, mas sem saber direito quem precisava ser protegido de quem. Relaxei a cabeça no encosto do sofá e olhei para o teto, para os caroços e as rachaduras na tinta, marcas do tempo e da decadência natural. Pela janela, a luz de um poste piscou e se apagou. Senti os olhos de Elena em mim, e também os da Virgem Maria, fitando-me da parede.

No andar de cima, Mateo choramingou e se queixou de que não queria ir dormir, mas Candido o fez ficar quieto em menos de um minuto. Não gritou com o filho, mas havia em sua voz algo de resoluto, que exigia respeito. Mais do que me detestar, acho que ele se intrigava com o porquê de ser tão fácil para mim perturbar a vida da sua família. Queria lhe dizer que esta não era a minha intenção. Se tivesse outro lugar para ir, não teria entrado nessa casa feito um criminoso, ou não teria vindo a Nova York, porém o que mais eu não teria feito? Não é meio doido retroceder no tempo perguntando a si mesmo se faria isso ou aquilo?

Ouvimos um carro manobrar lá fora. Era o padre Dooley. Elena desceu comigo a longa escadaria até a rua.

– Já estamos indo, padre! – gritou.

Ele ficou imóvel ao lado do carro, curvado sobre a bengala. A luz do poste tinha voltado, mas piscou e apagou de novo. Só pude discernir a silhueta do padre, cujo casaco farfalhava de leve na brisa. Senti vontade de saltar pelos degraus e disparar pela rua até o metrô. Não via nada dentro do carro e me perguntei se o padre Greg também teria vindo, e, se tivesse, o que os dois fariam comigo. Uma sensação de inevitabilidade familiar me percorreu, uma sensação de estar sendo guiado escada abaixo para a escuridão mais profunda de um lugar sobre o qual eu não tinha nenhum controle.

– Deus vai ajudá-lo – disse Elena, ao me conduzir pelos últimos degraus e me encaminhar na direção do padre. – Ele vai cuidar de você. O padre Dooley o ajudará. Você precisa dele, *mi hijo*.

O padre Dooley se aproximou com um olhar cheio de raiva e desconfiança.

– Obrigado – disse a Elena. Estendeu a mão para apertar a dela e relaxou um pouco quando ela a aceitou e se dirigiu a ele em tom caloroso. Havia reverência na voz de Elena, e isso agradou a ele.

– Por favor, padre, não fique zangado com o Aidan.

– Ele deu um susto enorme na mãe – retrucou o sacerdote –, como você com certeza deve compreender.

– Sim, é claro, padre.

Ele abriu a porta do carona para mim, mas, antes que a fechasse, Elena voltou a insistir:

– Mas, padre, o senhor também compreende, não é? Ninguém é culpado aqui. Ninguém.

O padre Dooley sabia muito bem que Elena tinha insistido para que eu me oferecesse como voluntário na Preciosíssimo Sangue. Sabia reconhecer uma católica praticante quando a via.

– Todos temos parte da culpa, Elena, não é? Agora e sempre. Deus sabe, e caberá a Deus perdoar.

Vamos rezar por orientação. – Virou-se para mim e acrescentou, em tom confiante: – Você também, Aidan.

Elena meneou a cabeça, então o padre Dooley continuou:

– Devo lembrar o que você conversou com a senhora Donovan ao telefone. Espere o telefonema dela antes de voltar para lá.

– Sim, padre.

– Ela precisa de um tempo a sós com a família.

– Eu entendo, padre.

O padre Dooley meneou a cabeça, mas eu não gostei do tom de condescendência em sua voz:

– Ei, não desconte nela – protestei. – Ela não fez nada!

O padre Dooley sorriu.

– Por favor, Aidan. Ninguém está gritando. Elena compreende. Não é verdade? – perguntou, olhando para trás.

– Sim, padre. – Ela recuou, mas hesitou antes de subir de novo a escadaria. – *Mi hijo* – disse –, fico feliz por você estar bem. Você vai ficar bem.

Elena permaneceu onde estava por um momento, mas o padre Dooley se despediu e ordenou que ela entrasse em casa. O sobretudo dela chegava quase aos calcanhares, era como se ela flutuasse escada acima. Foi subindo, subindo, e não olhou para trás. O padre Dooley ligou o motor, a luz do poste tornou a piscar, e não consegui mais ver Elena.

O padre seguiu pelas ruas do sudoeste do Bronx e achou rapidamente o caminho para a I-95. Assim que entramos na interestadual, ele relaxou. Fiquei assustado com toda aquela confiança. Não olhou para mim. Manteve os olhos na estrada, aquele rosto pálido, de rugas profundas. Senti um pouco de náusea e entreabri a janela. A brisa encheu o carro e os ruídos foram bem-vindos. Quando apoiei a cabeça no vidro, senti a pulsação latejar nas minhas têmporas. Pelo menos o padre Dooley tinha ido sozinho.

– Imaginamos que você fosse para lá – disse ele, depois de algum tempo. – Elena foi a primeira pessoa para quem telefonamos. Fico surpreso por ela não ter nos avisado assim que você chegou. Ela devia ter sido mais sensata – acrescentou, me olhando de relance. – Mas estou contente por poder endireitar isso tudo.

– O senhor vai me levar para a igreja?

– Claro que não! – replicou ele. – Vou levá-lo para casa. Tem ideia do que ela está sentindo neste momento?

– Ela telefonou?

O padre Dooley respirou fundo e esperou.

– Não. Eu liguei para ela, e descobrimos que você havia desaparecido.

– É – torci o nariz. – “Descobriram”.

Ele respirou fundo e fez uma pausa.

– Você não apareceu para trabalhar hoje, lembra-se? – disse ele, soltando um suspiro. – Tinha hora marcada e por isso telefonei, para saber o que poderia ter acontecido. Ela ficou desesperada. Eu me ofereci para ajudar. Para que ir à polícia? Para que desencadear boatos?

Tornou a me olhar e prosseguiu, enfático:

– Ainda mais depois de seu pai ter saído de casa, Aidan. Sua mãe não precisava de mais esse susto.

Eu podia ajudar. E com discrição, você entende.

Cruzamos os limites da cidade e entramos num trecho mais verde da estrada. Eu ouvia o ritmo dos pneus na pavimentação.

– Gostaria que chegássemos a um entendimento – disse por fim o padre Dooley.

A náusea piorou. O suor fazia minha roupa grudar no corpo.

– Já resolvi as coisas na igreja. Por favor, preste atenção, Aidan – disse o sacerdote, reduzindo a velocidade. Eu olhava pela janela quando passamos por um posto de gasolina, mas sabia que ele me olhava de relance de vez em quando. – Fugir para cá foi uma façanha e tanto. Reconheço as pressões com que você vem lidando. É muita coisa para um jovem. Quero ajudar. O que estou querendo dizer é que você não precisa se preocupar em voltar a trabalhar na campanha. Já fez o bastante.

– O quê?

– Não precisa voltar para o trabalho, Aidan. Nem ir à missa durante um tempo. Tire uma folga. Por favor.

O padre Dooley manteve os olhos no trânsito e esperou que eu respondesse. O silêncio entre nós se aprofundou.

– Aidan, fale comigo, por favor. Vamos deixar isso combinado. Você pode confiar em mim. – Sua voz mudou de tom. – Vamos esclarecer as coisas. Está me ouvindo? Quero que você entenda que tudo isso ficou para trás. Estou tentando tranquilizá-lo, Aidan, você compreende isso? Está na hora de seguir em frente.

– O senhor conversou sobre isso com ele?

– Aidan – rebateu o padre Dooley –, não vá mais à Preciosíssimo Sangue. Está entendendo? – Baixou a voz. – Você é um rapaz brilhante, tem um grande futuro pela frente. Não quero que ninguém lhe tire isso.

Saímos da interestadual. A rodovia de acesso não ficava muito longe dos bairros de subúrbio e observei as casas e as lojas já com as luzes apagadas. Não demorou para chegarmos ao meu lado da cidade.

– Sua mãe está muito fragilizada nesse momento – avisou o padre Dooley. – Está consternada. Ela vem tentando reconstruir a vida de vocês. Pelo que entendi, seu pai se mudou para a Europa em caráter permanente. – Fez uma pausa e prosseguiu, olhando para mim: – Aidan, sei que você quer fazer o que é certo. Mas preciso que me escute. Vasculhe no fundo do seu coração e se pergunte se quer prejudicar alguém. O que estou querendo dizer é que isso pode ser evitado. Você e eu podemos encontrar uma solução juntos.

– Mas o senhor quer que eu me cale.

– Estou tentando fazer você pensar no contexto geral. Tudo tem consequências.

– Sim, eu compreendo – retruquei, num volume mais alto do que pretendia. – Entendo de consequências.

O padre Dooley me olhou com frieza.

– Não acho que entenda, Aidan. Há consequências para você também.

A estrada sinuosa tinha trechos não iluminados, de modo que o interior do carro ficava mais claro ou mais escuro conforme íamos contornando as curvas. Não soube ao certo, mas pensei ter visto o padre Dooley sorrir. Ele entrou na minha rua, o portão verde se abriu e o carro enveredou pela entrada de automóveis.

– Eu gostaria de saber se posso confiar em você, Aidan – questionou, quando o carro parou. – Estamos combinados? Posso confiar em você?

– Não – respondi. – Porque eu não posso.

Abri a porta. Mamãe veio até a varanda com os braços em volta do corpo e sem copo de bebida nas mãos, o que me surpreendeu. Caminhei na direção dela enquanto o padre Dooley resmungava atrás de mim. Ele me entendeu mal. Eu também não queria olhar para trás. Se não falasse mais do padre Greg, talvez ele desaparecesse e, com ele, as partes em mim que eu não compreendia.

Mamãe correu ao meu encontro e me puxou, me esmagando num abraço apertado. Não falou nada, apenas me abraçou. Não usava maquiagem e, embora cheirasse a cigarro, não farejei bebida nenhuma. Em vez disso, senti o aroma adocicado de refrigerante diet quando ela me beijou. Agradeceu ao padre Dooley por cima do meu ombro e disse que lhe telefonaríamos no dia seguinte. Quando entramos e fechamos a porta, mamãe pegou o meu rosto com as duas mãos. Tinha os olhos úmidos e fatigados.

– Pelo amor de Deus, você tem noção do que me fez passar?

Deu um passo para trás, enxugou os olhos e me levou para a sala.

– Você nem imagina o que me passou pela cabeça – contou. – Achei até que pudesse ter morrido. – Olhava para o chão ao falar. – Pensei que você tivesse ido para a igreja, mas o padre Dooley telefonou e disse que você não havia aparecido. Achei que simplesmente estivesse lá em cima no quarto. Já imaginou? – Segurou o cinto do penhoar e os pequenos nós de seus dedos amarelaram sob a pele alva, conforme ela apertava. – O padre pediu que eu o chamasse, para falar com ele no telefone. Estava aborrecido. A porta do seu quarto estava aberta, mas, quando olhei lá dentro, percebi que você nem tinha dormido lá. Sabe como fiquei apavorada? Onde você poderia estar? E eu não tinha a menor ideia. A menor. Para quem poderia telefonar? O padre Dooley continuava na linha. Você não tinha ido trabalhar. Mais de um dia se passara. Ou seriam dois dias? Não sabia onde você estava nem para onde poderia ter ido. Fiquei desnorteada. O padre Dooley veio para cá na mesma hora.

– O padre Dooley veio aqui? O que ele disse?

– Ela foi a primeira pessoa para quem ele ligou, você sabe... Elena. A primeiríssima pessoa. Veja só que situação! O que você estava fazendo lá? Por que não me contou?

Mamãe começou a arfar. Ela mordeu o lábio e cravou os olhos no chão junto aos meus pés.

– Eu nem sabia que você tinha saído – disse, em tom mais suave. – Sinceramente. Pode imaginar como me senti?

O padre Dooley e o padre Greg continuavam dizendo às pessoas que eu não estivera na igreja. Mentiram descaradamente para minha mãe. O padre Greg sentia tanto medo quanto eu.

Mamãe me abraçou e ficou me ninando devagar.

– Nunca mais me deixe – disse, na altura do meu ombro. – Você não pode me abandonar também.

– Estou em casa agora.

Era só isso que ela queria saber, e era o que eu poderia compartilhar com mais facilidade. Parecia ser isso que todos desejavam – um sentimento de certeza inabalável. Foi bom ser a pessoa a proporcioná-lo, para variar.

capítulo 6

Nos dois dias que se seguiram, mamãe e eu ficamos no quarto dela, vendo filmes clássicos como *A felicidade não se compra*, *A mulher faz o homem* e *Dama por um dia*, e, se a previsibilidade e a confiabilidade daqueles finais felizes não podem ser considerados um sedativo, não sei exatamente o que poderia ser. Depois de assistir a dois em sequência, você fica com a sensação de que tudo na vida é mais fácil de alcançar, como se tudo que você quisesse se encontrasse à venda na Macy's e sua única dificuldade é chegar à Rua 34 antes de seus sonhos serem vendidos. Minha nova vida, porém, não ia começar com uma corrida animada pela rua, acenando com o chapéu e informando a todos no café e na agência do correio como eu estava gloriosamente apaixonado por mim mesmo. Eu ainda tinha na mão a cicatriz que não podia apagar e ainda escutava a voz do padre Greg na minha cabeça.

No domingo, passei um tempo na cama, ouvindo o noticiário. Os Estados Unidos estavam vencendo a guerra contra o terrorismo; Karzai era nosso homem em Cabul. Frank Capra teria ficado orgulhoso. Os governos prometeram que a ordem mundial não tardaria a ser restabelecida.

Quando descii para a cozinha, já era quase meio-dia. Havia um vidrinho de extrato de baunilha ao lado de uma tigela grande e, aberto sobre a mesa, um livro grosso e imaculado de culinária. Mamãe debruçava-se sobre uma frigideira, balançando uma escumadeira ao ritmo da música de sintetizador dos anos 1980 que tocava no sistema de som. Um gingado sutil descia dos seus quadris para os pés.

- Hoje tenho umas coisas para fazer na rua, mas não queria sair antes de você levantar.
- O que está fazendo?
- Esperando que elas façam bolhas. Quando fizerem bolhas, estarão prontas para ser viradas.
- Não. Quero dizer... Você está fazendo panquecas.
- Gosto de preparar o café da manhã.
- Normalmente num liquidificador.

Mamãe apontou a escumadeira para mim.

– Chega. Você levantou tarde. Não vai zombar de mim. Já fiz meus 45 minutos de exercícios no elíptico e preparei meu shake, muito obrigada. Isso tudo é para você.

Mamãe também comeu uma das panquecas, mas sem manteiga e sem calda. Sentou-se de frente para mim na bancada de madeira, bebericando o restinho do seu shake saudável, e me contou mais sobre os seus planos de negócios. Cindy dera uma sugestão na festa de Natal e mamãe a tinha levado a sério.

- Um corpo em movimento permanece em movimento – disse.

Simples lei da física. Comece a andar para a frente e não olhe para trás. Cindy havia sugerido que mamãe criasse sua própria empresa de planejamento e organização de eventos e, desde que a ouvira, ela apenas tinha olhado para a frente. Apenas uma semana havia se passado, e ela já se encontrava às voltas com a papelada.

– Ninguém faz festas como você – comentei.

– É empolgante, não é?

Havia uma expressão obsessiva em seus olhos quando ela disse isso, mas era fato que mamãe tinha um plano, e admirei sua determinação de recomeçar a vida. Cindy abrira a própria galeria de arte anos antes e, agora que esta era uma próspera empresa na cidade, tinha os amigos certos para ajudar mamãe a se organizar. Ela já havia feito uma lista de clientes potenciais que devia procurar, oportunidades e locais para uma lojinha.

– Seria impossível trabalhar em casa – disse. – Esta será a minha empresa. Não vou ficar me escondendo do mundo. Vou planejar as festas a que todos comparecem, e elas nem terão que ser na minha casa.

– Está tudo acontecendo muito rápido – observei.

– Está acontecendo, Aidan. E eu vou cuidar desta família.

Talvez, pensei, porém também achei que seria mais fácil quando Elena voltasse. Ela poderia reforçar o novo espírito pioneiro de mamãe ou, pelo menos, me ajudar a encontrar um jeito de me equiparar a ele. Eu queria um pouco daquela coragem e daquele entusiasmo, mas não sabia me virar sozinho.

Mamãe deu vários telefonemas e, quando terminou, já era quase fim de tarde. Foi me encontrar no meu quarto.

– Tenho que correr, senão nunca vou sair daqui – disse. – Você vai comigo?

– Preciso terminar uns deveres de casa. Acho que também tenho um trabalho a fazer. Boa sorte. Você vai se sair muito bem.

Mamãe sorriu. Aproximou-se da poltrona e me deu um abraço.

– Obrigada – disse, baixinho.

A campainha da entrada nos pegou de surpresa. Mamãe desceu até o saguão para abrir a porta e eu a segui, mais cauteloso. A luz já começava a esmaecer do lado de fora, mas, pela janela estreita contígua à porta de entrada, vi o luxuoso Lincoln azul-claro estacionado junto à escada da frente, e comecei a tremer. O vidro partido estava de novo nas minhas mãos. O hálito dele era quente e rançoso ao meu lado. Agarrei o corrimão da escada e procurei ficar imóvel, tentando mergulhar dentro de mim mesmo como se, de repente, assistisse à cena na TV, e não ali ao vivo, também na condição de participante. Mamãe abriu a porta, inclinou-se para trás e o recebeu com uma alegria pré-fabricada. A voz dele o precedeu na casa e me prendeu com força. Mamãe o deixou entrar e, com um sinal, me chamou para cumprimentá-lo.

Não consegui me aproximar muito. Então ele chegou mais perto e me ofereceu um frio aperto de mão. Segurou a minha depressa e a soltou. Ali ficamos os três, perto da mesa do saguão, e aquilo me fez lembrar de nós juntos na festa – e de quanto ela parecia estar num passado distante.

– Senti sua falta na missa hoje – disse o padre Greg.

Sua voz percorria devagar o meu íntimo.

– Sinto muito – foi minha reação automática.

– Não – riu o padre Greg. – Eu estava falando com sua mãe, Aidan. Pensei que ela fosse. Este

período de festas vem sendo difícil, não é, Gwen? Achei que você e o padre Dooley já tivessem discutido isso.

Mamãe assentiu com a cabeça:

– Obrigada pela sua preocupação.

– É claro – disse o padre Greg. Remexeu-se e deu um risinho nervoso. – Esta é uma das minhas famílias favoritas, e Frank tem oferecido apoio moral. Não queria que vocês achassem que eu os estava negligenciando. Também gostaria que soubessem como estou interessado. Estou aqui para ajudar.

– É muita gentileza, padre.

– Não, não. É minha responsabilidade. Estou sempre aqui para lhes dar apoio. A vocês dois. Sabem disso, não é? Não pretendo ser desrespeitoso, mas, às vezes, quando temos tudo de que precisamos em termos materiais, nos esquecemos de cuidar dos nossos jardins espirituais e afetivos. Mas ainda podemos precisar de cuidados de um modo que não compreendemos de início. Isto não é um sermão, Gwen – apressou-se a dizer. Pôs a mão no ombro dela. – Fazemos parte de uma comunidade. Você pode se deixar ajudar. – Deu uma risada sincera e confiante. – Estamos fazendo isso há quase 2 mil anos. Já temos alguma prática.

– Mais uma vez, obrigada – disse mamãe –, mas Aidan e eu precisávamos de um tempo em família. Não é? – perguntou, passando o braço pelos meus ombros.

– Fico feliz em saber disso – retrucou o padre.

Ele meneou a cabeça e refletiu por um momento.

Eu queria que mamãe continuasse falando, para desviar a conversa de volta aos seus negócios, qualquer coisa para empurrá-lo porta afora e tirá-lo da nossa casa. Estava apavorado demais para falar e tinha a palma da mão ainda pegajosa depois do nosso breve aperto de mão. Mas o padre Greg falou:

– Gwen, como o Aidan sabe, somos todos uma família na Preciosíssimo Sangue. Você sempre foi uma pessoa generosa. Permita-se aceitar um pouco da generosidade alheia. Ficaria surpresa ao ver como ela liberta. – Estendeu o braço na minha direção e apertou meu ombro com força. A sensação chegou ao meu estômago. – Você quer apoiar sua mãe, certo? E vai apoiá-la. Sei que vai. Mas você também vai precisar de apoio, Aidan. E nós somos as pessoas certas para isso, não é?

Senti minhas entranhas estremecerem com violência e fiquei com vontade de me sentar. Inclinei-me sobre o tampo de mármore da mesa para me apoiar, enquanto mamãe se mantinha perfeitamente imóvel. Apenas piscava quando o padre Greg se dirigia a ela. Então deslizou um pé para a frente e o plantou no chão com firmeza.

– Ora, padre, foi exatamente disso que falamos o dia inteiro. Enquanto estávamos aqui, em casa.

O padre Greg recuou.

– Estou apenas oferecendo conselhos – disse à mamãe. – Fico feliz por ver que vocês dois estão indo tão bem.

– Sim – continuou mamãe. – E agradeço muito a preocupação. Mas é que hoje ainda tenho muitas coisas para fazer. Lamento apressá-lo.

– Não, é claro. É claro – disse o padre Greg, e olhou para mim. – Mas faz algum tempo que não tenho visto Aidan no trabalho. Temos que acertar algumas coisas. Não acha, Aidan? Quem sabe você dá um pulo na igreja.

Os dois me fitaram por um momento, mas foi para mamãe que olhei, apesar de me dirigir ao padre

Greg.

– Na verdade, andei conversando com meus amigos – comecei, devagar. – Há uns projetos na escola de que eu gostaria de participar. – O suor escorria pelas minhas costas. Sequei as mãos nas calças. – Não devo voltar a trabalhar na Preciosíssimo Sangue. Além disso, talvez minha mãe precise de uma mãozinha na nova empresa, e quero poder ajudá-la, se for o caso.

O padre Greg deu um meio sorriso.

– Então você poderia me ajudar a resolver umas pendências. Podemos falar mais sobre o assunto no meu escritório?

– Preciso terminar meus deveres de casa antes da volta às aulas. A escola começa de novo na quarta-feira.

– Ele está certo – disse mamãe. – Fico contente com isso.

– Bem, entendo. Ótimo. Mas, nesse caso, gostaria de discutir outra coisa com você – falou o padre, dirigindo-se a mamãe. – Ainda mais agora que Aidan não voltará ao trabalho. E, como Jack não está aqui, acho que é com você que devo falar. É sobre a doação da sua família.

Mamãe respirou fundo e se empertigou. O padre Greg levantou as mãos, na defensiva.

– Não, não quero dizer que precisa ser agora, Gwen. Só estou mencionando porque Jack geralmente prefere registrar isso nos livros antes do fim do ano, para efeito fiscal. Você entende. Talvez isso também lhe seja útil ao pensar na sua nova empresa, não?

Mamãe lançou-lhe um olhar fulminante.

– Eu compreendo. Mas agora serei eu a tomar as decisões, padre. Sinto muito, mas o senhor terá que nos dar licença. Está ficando tarde.

– Fico contente por vê-la seguir adiante com toda essa determinação, Gwen. – O padre Greg sorriu. – Um verdadeiro modelo.

Fomos todos cordiais e gentis na despedida, e até consegui exibir algo semelhante a um sorriso ao apertar de novo a mão do padre Greg. Ela era muito familiar. Quase fiquei com vontade de me inclinar para um abraço. Quantas vezes me permiti cair nos braços dele? Senti o estômago embrulhar e fui para o banheiro antes mesmo que ele fechasse a porta ao ir embora.

Qualquer fiapo de confiança que eu pudesse ter sentido enquanto ele estivera na minha casa evaporou-se a partir do momento que mamãe me deixou. O céu já estava escuro quando o carro dela desapareceu na rua e, apesar de ter subido para meu quarto, minha mente voltou ao escritório do padre Greg, onde ele citava Mateus 28:20: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo.” Então se levantava e contornava a escrivaninha, sentava-se na borda dela e se inclinava para a frente, exalando seu hálito em mim. Ficava me lembrando que Deus trabalhava por meio dele e que nunca me abandonaria. Dizia que o amor, como a fé, é ter certeza daquilo pelo qual esperamos. Eu acreditava que era amado.

Ainda sentia um forte desejo de que nada tivesse mudado – de que ainda estivéssemos na festa de Natal e ele me levasse para fora de casa, de que não houvesse mais ninguém por perto e ele me fizesse rir, e me desse conselhos para não odiar o Velho Donovan ou mamãe, além de orientação para me ajudar a lidar com meus novos amigos. Sentia mais até: o desejo de nunca tê-lo visto com James e, depois disso, de nunca ter enxugado meu sangue na camisa dele. Por que eu deveria aceitar a verdade de que também fizera parte daquilo tudo? Agora, quando pensava no padre Greg, eu sentia suas mãos nos meus braços,

puxando-me para perto, me engolindo num abraço. Havia muito mais. A verdade nem sempre precisa estar debaixo do nosso nariz para que seja reconhecida, não é?

Fitei as paredes do meu quarto e torci para que alguma coisa ali ganhasse vida. Desejei que as resmas empilhadas na minha escrivaninha levantassem voo e dançassem no ar, que uma voz emergisse do redemoinho e falasse comigo, me guiasse. Desejei que todos os livros caíssem da minha estante e revelassem seus segredos por meio de trechos destacados, esparramando-se abertos pelo chão.

Foi uma espécie de oração, acho, ou uma súplica, para que as palavras viessem – as palavras que eu sabia que precisava dizer para minha mãe. Mas elas nunca apareciam. Em vez disso, eu só conseguia enxergar o monstro que ela veria em mim se lhe contasse toda a verdade, e queria ter forças para evitar isso.

Fiquei sentado na poltrona e chorei. Visualizei mamãe no palco – a Odette de *O lago dos cisnes*, com seu traje branco ofuscante, as pernas entrelaçadas, equilibrada nas pontas dos pés, preparada para a arremetida agressiva com a sapatilha de bailarina, de um lado a outro do palco. Agora ela me parecia muito mais forte. Enxerguei a ferocidade em seus olhos. *Eram meus olhos também*, pensei, e, como ela, eu teria que me forçar a seguir em frente.

capítulo 7

Mamãe e eu nos preparamos separadamente para o ano-novo. Para ela, a contagem regressiva teve início em algum momento do começo da tarde, quando experimentou várias roupas e pediu minha opinião. Uma amiga havia planejado uma noitada na cidade. Reservou dois lugares num bar, cobrou um favor para conseguir uma mesa num pequeno restaurante italiano de que eu nunca tinha ouvido falar e aceitou o convite de uma festa oferecida por uma das ex-companheiras de balé, num apartamento da Rua 72, com vista para o parque. Mamãe se antecipara tanto em seus planos que sua capacidade de tomar decisões se encontrava alterada. Ela me mostrou vestidos de gala que eu nunca a tinha visto usar. Desfilou um pequeno exército de botas, escarpins, rasteiras e saltos tão altos que parecia impossível andar, embora ela marchasse para lá e para cá com renovada confiança. *Foda-se!*, gritavam os sapatos, como se atravessassem todo o Atlântico para berrar com o Velho Donovan.

– Isso aqui é a minha cara? – perguntou ela, ao passar por mim.

– Quem você quer ser?

– Essa aqui – riu ela. – Sou eu que escolho, não é?

Mamãe e a amiga pegaram um carro para Nova York e partiram assim que a noite caiu. Em vez de decidir que roupa vestir, fiquei pensando em qual bebida levar do bar do Velho Donovan, quais charutos pegar do umidificador e como guardar tudo nos bolsos do sobretudo, com meus últimos comprimidos de Adderall e quaisquer outras pílulas que achasse no armário da mamãe, sem parecer um palhaço cleptomaníaco gingando por um circo psicótico. Devidamente abastecido, me sentei na varanda, fumando um dos cigarros da mamãe, e esperei que o Mark passasse para me buscar.

Fiquei com receio de que ele não fosse aparecer, então seu Audi chegou acelerando na entrada para carros e fez a curva na frente da casa. A música no interior do carro estava alta. Ele abriu a porta do carona.

– Você se incomoda de apagar isso? – pediu, apontando para o cigarro. – O carro deveria ser meu, mas não é, se é que você me entende.

Joguei o cigarro fora e entrei no carro. Mark não falou muito enquanto atravessávamos a cidade, apenas perguntou se eu me importava em fazermos uma parada rápida antes de seguir para a festa. Com a música no último volume, passamos pelo campo de golfe e estacionamos numa ruela perto da ponte. Era uma ruazinha de terra batida que levava a um pontal à beira do rio, pequeno o suficiente para servir de atracadouro para um barco a remo.

Mark desligou o motor. Saltamos e nos encostamos na grade do para-choque dianteiro, contemplando o rio que desaguava no porto. Ele acendeu um baseado e o tragou até que ficasse incandescente.

– Cara – começou a dizer –, desculpe o mau humor. Eu estava meio puto mais cedo. Hoje Deus proferiu seus mandamentos. Não posso nem entrar no meu próprio carro sem me sentir vigiado, às vezes sendo observado por toda parte, com a porra daquela carranca gorda.

– Deus?

– Meu velho. Ele acha que é Deus. Espera que todos nós obedeçamos ao seu mínimo suspiro.

– Parece familiar – comentei. Traguei o baseado e segurei a fumaça por um momento antes de exalar, imitando o Mark. – Só que agora o meu foi embora de vez.

– Sorte sua, então.

– Pode ser.

Depois que terminamos de fumar à beira do rio, voltamos para o carro e fomos para a festa. Feingold morava a uns dois bairros de distância, subindo pela orla, a poucas quadras do mar. As casas das redondezas eram quase tão grandes quanto a minha, só que mais juntas uma da outra. A maioria tinha as luzes apagadas, mas a do Feingold conseguia iluminar o bairro inteiro, no topo de uma colina.

Havia carros estacionados na entrada para automóveis e também dos dois lados da rua. Mark passou por eles e parou na esquina, longe dos outros. Não percebi que tinha a perna inquieta até o Mark olhar para ela. Quando parei, fiquei ansioso para recomeçar o movimento. Respirei fundo. Antes de saltarmos, mostrei ao Mark o que eu tinha dentro do sobretudo.

– Estou me sentindo uma farmácia hoje. Quer alguma coisa?

– Não, cara – respondeu Mark. – Só fumo maconha. De alguma maneira ela me acalma.

Assenti com a cabeça, mas, antes que eu guardasse a bolsinha, ele acrescentou:

– Mas vá em frente se essa é a sua, cara.

– Trouxe Vicodin.

Ele balançou a cabeça.

– Talvez mais tarde.

– Eu curto esse – expliquei, pegando um comprimido de Adderall. – Ele me deixa preparado.

– Saquei.

Mark ficou calado enquanto eu esmagava o comprimido num pedaço de papel em cima do painel. Enrolei-o em forma de cone e aspirei tudo numa fungada profunda. Ele balançou a cabeça como se seguisse o ritmo da batida de uma música. Finalmente guardei o papel no bolso quando terminei.

– Beleza – disse Mark, quando saltamos do carro. – Vamos dar cobertura um ao outro esta noite. Nunca se sabe o que vai rolar nessas festas.

Nós nos demos as mãos como se fôssemos entrar numa queda de braço, e eu senti um alívio por chegar à festa com Mark, e não ter que ir sozinho.

Quando subimos a ladeira da entrada para automóveis, a música e o barulho estavam mais altos. Alguns garotos fumavam na varanda, e Mark me apresentou a dois caras do terceiro ano que eu não conhecia. Eles faziam parte da equipe da nataçãõ. Mark deu um tapa no baseado que circulava pelo grupo e eu filei o cigarro de alguém. Pelas janelas do térreo vi gente dançando, e havia mais pessoas perto das janelas do segundo andar. Mark se encostou na lateral da casa, com um sorriso vago, e deixou a conversa rolar. Meneava a cabeça de vez em quando, como se soubesse de algo que todo o resto desconhecia.

Tentei ser sociável, mas me peguei falando rápido demais. Depois de outro cigarro, perguntei se o Mark queria procurar Josie e Sophie e enveredamos pela multidão.

Lâmpadas foscas nas cores verde, roxa e amarela iluminavam o lugar, dando à casa o clima de uma estufa fosforescente. Na penumbra, as pessoas gritavam mais alto que o hip-hop que explodia na sala, e algumas dançavam, entrelaçando as pernas umas nas outras. Copos descartáveis eram agitados no ar. Mais adiante, a cozinha era ligeiramente mais bem iluminada e três caras que eu não conhecia rodeavam o barril de chope, cantando a letra da música. Um deles segurava a torneira diante do rosto e gritava para ela. Sophie estava sentada na bancada, os olhos grandes e inquisitivos oscilando entre dois sujeitos que se inclinavam na direção dela. Seu cabelo estava mais curto e a deixava com cara de mais velha ou menos inocente. Um dos caras tinha pousado a mão nos jeans dela:

– São macios *mesmo* – ele estava dizendo, quando nos aproximamos.

Sophie deu uma risadinha de pouco caso. Apoiava as costas nos armários e exibia um sorriso amarelo. Iluminou-se ao nos ver.

– Esses aí estudam na minha escola – disse, à guisa de apresentação, apontando para nós. Jogou as pernas para a frente, pegando impulso, pulou da bancada e pôs um braço em volta do pescoço de cada um de nós. – Me tirem daqui, pelo amor de Deus – cochichou.

Mark levantou uma das pernas dela, eu peguei a outra e carregamos Sophie pela cozinha, de volta ao barril de chope. Ela manteve o copo no alto, como a rainha do Egito. Encontrou outro limpo para mim e, depois de enchê-los, fomos para outra sala em que uma TV mostrava as comemorações de ano-novo no mundo inteiro. Já passava um pouco da meia-noite no Rio de Janeiro e as ruas estavam abarrotadas de gente festejando.

Enquanto Sophie nos atualizava sobre o que havíamos perdido, corri os olhos em volta e me perguntei se era assim que as pessoas aproveitavam os fins de semana. Quase todo mundo gritava coisas sem sentido umas para as outras, mas qual era o problema? Ninguém se sente solitário num baile de máscaras, mesmo que não se saiba quem é quem de verdade. Eu estava numa festa. Alguém ali queria a minha companhia – aquilo era real. Fiquei me sentindo como mamãe, levantando e girando sem parar entre os outros bailarinos.

Depois que bebemos a segunda rodada de cerveja, perguntei se não deveríamos procurar Josie. Sophie revirou os olhos. Mark deu uma risada sincera, pela primeira vez desde que tínhamos chegado à festa. Ela o fitou.

– Provavelmente ela precisa de companhia, mesmo que não perceba isso.

Segui os dois conforme eles iam percorrendo e se desviando das pessoas pela festa no térreo. Josie se encontrava na varanda fechada por telas, fumando um cigarro com outras garotas do colégio. Seus olhos captavam as luzes da festa lá dentro e cintilavam como gelo na noite.

– Feingold deixou que vocês fumassem aqui? – perguntou Mark.

– Não sei. É meio como se a gente estivesse do lado de fora.

– Cadê o Feingold, aliás? – indagou Mark. – O cara está dando uma festa e eu ainda nem falei com ele. – Correu os olhos pela varanda. – Posso soar estranho, mas acho melhor a gente perguntar se não tem problema fumar aqui. Estamos na casa dele, afinal.

– Você tem razão – concordou Josie. Apagou o cigarro na base de um vaso de plantas, abriu a porta

de tela dos fundos e jogou a guimba no quintal. – Só filei um cigarro para dar um tempo. É bom sentir o ar frio no rosto.

– É – sorriu Sophie. – Cadê o Dustin?

– Foi dar uma volta. Deve me procurar depois. – Josie deu o braço a Sophie. – Especialmente depois que ele tiver tomado mais algumas.

Ela sugeriu que fôssemos buscar mais bebida e voltamos a enveredar pela festa, descendo até a penumbra do porão. Dustin não estava lá, mas encontramos outro bar e mais pessoas misturando coquetéis venenosos. Depois que nos amontoamos no bar e peguei bebidas para todos, exceto para o Mark, senti a mão de alguém tocar as minhas costas, seguida pela voz grave do Craig Riggs atrás de mim:

– E aí? – perguntou ele, baixinho. – Legal ver você por aqui. Está interessado em alguma coisa?

Pensei que poderíamos nos afastar um pouco, achar um lugar mais escondido. No colégio, costumávamos ir até o carro dele no estacionamento ou então ao vestiário enquanto todos estavam na quadra treinando. Mas Riggs prendeu um longo cacho castanho atrás da orelha e se inclinou mais para mim.

– Todo mundo de boa aqui? – perguntou.

Comprei dele outra caixa de Adderall e, ainda me sentindo vagamente no comando, liderei nosso quarteto até o banheiro do porão. Uma vez lá dentro, tranquei a porta e esmaguei os comprimidos que sobraram do estoque anterior. Juntei com alguns novos e arrumei o pó em carreiras sobre o fundo de uma caixa de lenços de papel. Enrolei uma nota de dólar e cheirei a primeira. As meninas me imitaram, mas o Mark nem quis tocar no pó. Em vez disso, deu mais um tapa na erva. Partimos para a segunda rodada antes de sair do banheiro, e senti uma onda mais forte que qualquer barato que já havia experimentado antes.

Subimos novamente para a sala de estar e descobrimos que o ano-novo estava quase chegando ao litoral do Canadá, na cidade de St. John's. Dançamos como loucos, trincando os dentes e falando mais depressa do que conseguíamos concatenar as ideias. Mark e eu ficamos trocando de parceiras, entre Josie e Sophie, e, a certa altura, ele e eu também dançamos juntos – um arrastar de pés fraterno e desajeitado, no qual batíamos os antebraços feito um par de gladiadores vitoriosos. Suados e com sede, nós quatro saímos para a varanda dos fundos, com mais copos de bebida. Foi só então que percebemos que era quase meia-noite em Nova York.

– Acho melhor procurar o meu namorado – disse Josie.

Ela havia conseguido meio maço de cigarros com uma garota que vomitava no quintal, atrás de um arbusto. Nós dois paramos na escadinha embaixo da porta aberta e dividimos um deles.

– Ele é que devia procurar você – comentei.

– Ai, meu Deus – riu Sophie. – O pior é que o Aidan tem razão, Josie.

– Quer saber? – falou Mark. – Foda-se o Dustin!

Josie suspirou.

– Por favor, não diga isso.

– Não – retrucou Mark, descendo até onde Josie estava e segurando-a pelo braço. – É sério. Ele que se dane.

Ela sorriu e inclinou a cabeça para o lado. Era o lado que eu nunca via na aula de inglês, a parte inferior, aquele trecho entre o queixo e a base da garganta. *Por que nossos pontos mais vulneráveis são*

também os mais sedutores?, pensei. Ergui os olhos para o céu, querendo ter aquela sensação de insignificância diante da vastidão à minha volta. Tentei ver as estrelas mesmo com todas aquelas luzes para atrapalhar.

– Olhe, estamos todos aqui – continuou Mark. – Estamos nos divertindo muito sem ele. Você também.

De dentro da casa, as pessoas gritavam que estava quase na hora. Aumentaram o volume da TV e desligaram a música. Mais e mais gente se acotovelava ao redor da televisão na sala dos fundos. Eu me aproximei de Josie.

– Vou começar do zero este ano – falei. – Minha mãe diz isso o tempo todo, mas agora acho que a entendo.

Um calafrio pareceu passar por Josie e coloquei o braço em volta dela.

– Vamos entrar, todo mundo – sugeri. – Está congelando aqui fora.

A sala ao lado da varanda estava cheia de gente comemorando em frente à TV, gritando para a multidão que reluzia na Times Square. O Adderall ainda fazia efeito no meu corpo, e eu senti uma confiança enorme quando segurei a mão da Josie ao andarmos. Ela a retirou quando entramos na sala e Mark passou o braço pelos meus ombros. Sophie se espremeu entre nós dois e a levantamos de novo, deixando-a mais alta que os outros. Ela agitou os braços e reuniu a multidão, e eu me perguntei se era assim que todo mundo se sentia o tempo todo. E, apesar de agora ter amigos, fiquei imaginando por que, enquanto todo mundo berrava para a TV, eu ainda sentia um buraco se abrir dentro de mim.

– Três minutos! – gritei, junto com o pessoal, mas o buraco continuava se alargando e me perfurando como se estivesse escavando um túnel.

Era como se houvesse um bichinho mastigando o que aparecesse na frente, abrindo caminho da barriga até o coração. Não queria pensar no padre Greg. Não o queria por perto. Só queria ter gente à minha volta, gritando e comemorando, queria ter Josie, Sophie e Mark me abraçando... mas ele continuava dentro de mim, ele e o seu sussurro ao pé do ouvido: *Eu conheço você, estou aqui, Aidan. Estou aqui.* Era como se existissem dois Aidans na festa: o que fazia a contagem regressiva e gritava, repetindo “Feliz ano-novo!”, e o que ficava escondido no escuro, em silêncio, ouvindo o padre Greg sussurrar, sussurrar como aquele segredo enchia tudo de significado e sentido.

Garrafas de cerveja, vinho e champanhe circularam pela sala. Copos espirraram bebida e tilintaram uns nos outros, mesmo antes da hora. Havia muito barulho, e levei alguns segundos para perceber que Mark gritava alguma coisa na minha direção:

– Onde diabos o Feingold se meteu, afinal? – repetia.

Tentei esquadrinhar a multidão, mas Sophie se desequilibrou sobre nossos ombros. Conseguimos nos recompor e a mantivemos no alto enquanto a galera começava a contagem regressiva. Enquanto a bola neon descia na Times Square, simbolizando a passagem de ano, pensei em mamãe lá em Nova York, com o mesmo atrevimento impetuoso, girando em torno do próprio eixo por entre todos os convidados da festa. Havia nela a mesma esperança e determinação que se viam em mim: *Por favor, por favor, vejam quanta animação! Mas não observem mais a fundo.*

Quando a bola caiu e todo mundo explodiu em vivas, Sophie pulou dos nossos ombros e entornou o conteúdo do copo em quem estava perto. Beijou Mark com a boca aberta, depois me beijou do mesmo jeito. Senti inveja da liberdade e da independência com que ela comemorava, como se a tristeza fosse uma doença à qual estava imune. Josie nos observava. Cheguei mais perto, mas ela desviou o rosto.

Afastou-se, jogou o cabelo para o lado, correu os olhos pela sala, tornou a se virar para mim e me deu um beijo na boca. Com um risinho nervoso, olhou para Mark. Ele se aproximou e Josie também aceitou seu beijo. Mark me olhou de relance ao se afastar dela.

– Donovan, você é gente boa – disse ele, passando o braço em torno do meu pescoço.

– Kowolski – retruquei, imitando sua voz –, você também é legal. Sério mesmo – acrescentei, puxando-o para um abraço.

Minha mão subiu um pouco mais do que eu pretendia e segurei sua nuca, ao trazê-lo para perto. Ele estava molhado de suor.

Hesitamos por um ou dois segundos, meio sem jeito. Então ele se soltou.

– É nesse mundo em que vivemos, cara! – gritou. – Um mundo totalmente fodido. Um mundo em que as pessoas erradas estão no comando. Bem-vindo a 2002. Somos a Geração Fodida, a geração em que todo mundo ferra com a gente.

– Especialmente os que dizem que só pensam no nosso bem – acrescentei.

– Pois é – concordou Mark.

Parte de toda aquela ironia alegre já tinha ido embora.

– Pelo menos temos o que temos – falei.

– E isso seria o quê? – perguntou Mark.

Puxei Josie para a conversa, entrelaçando meu braço no dela.

– Pelo menos temos isso aqui. Nós, quero dizer. Nossa amizade.

Josie ergueu o copo e o encostou no meu.

– Um brinde a nós. A todos nós. Onde está Sophie?

Bebemos e a procuramos. Ela apareceu abrindo caminho por entre as pessoas, com duas faixas reluzentes amarradas nos pulsos.

– Essa é a melhor festa do mundo! – gritou, avançando de cabeça baixa e voltando a levantá-la quando conseguiu sair da muvuca.

Tinha perdido o copo, mas ganhara uma garrafa de vinho. Despejou líquido demais para mim, enquanto a música entrava de novo em ação, com um funk que fez todo mundo se mexer.

Ofereci vinho ao Mark, mas ele recusou com um aceno da mão.

– Você viu o Feingold por aí? – indagou.

Todo mundo se balançava para cima e para baixo, mas vi a expressão do rosto dele e parei de dançar.

– Vamos procurá-lo – sugeri.

Mark saiu na frente e passamos pelas pessoas até a entrada, onde também havia gente dançando. Perguntamos aqui e ali, mas ninguém parecia ter visto o Feingold – embora alguns nem soubessem quem era ele. Cada vez menos eu esbarrava em alguém conhecido. Enfiei a cabeça pela porta e dei uma olhada na varanda. Feingold não estava lá.

Mark subiu as escadas e nós o seguimos. No topo, um casal estava no maior amasso, e não parou quando passamos. Encostado na parede ao lado da porta fechada do banheiro, Riggs tinha os olhos abertos mas as pálpebras caídas, e não reparou em nós. A boca estava meio aberta, e ele meneava a cabeça como se fosse empurrado por uma brisa leve. Na outra ponta do corredor havia uma porta entreaberta, e fui tomado por um aperto no peito quando Mark saiu correndo em direção a ela.

Dustin e mais dois caras do time de beisebol do colégio circundavam a cama, os bonés dobrados e

gastos apontando para um Feingold nu, deitado de braços e pernas abertos sobre o edredom bege. Tatuaram com canetinha permanente a frase AS BICHAS CAEM PRIMEIRO nos braços e nas pernas, e um monte de rabiscos representando cocô e xixi desenhados na barriga dele. Passaram pasta de dentes em seu cabelo. A cama estava encharcada debaixo das pernas dele e sua virilha tinha riscos feitos com batom, que tinha sido espetado no seu umbigo.

Rindo, Dustin apontava uma câmera para os amigos, Nick e Andre, em pé ao lado do Feingold. Nick segurava uma lâmina de barbear acima da sobrelanceira da vítima, enquanto Andre erguia o polegar em sinal de positivo e segurava uma canetinha na outra mão. Os dois sorriram para a foto, que Dustin bateu assim que entramos. Virou-se para nós e, ao ver Josie, tirou o boné e alisou o cabelo louro e fino para trás. A excitação de menino levado que tomava o seu rosto imediatamente deu lugar à culpa. Ele se virou para os companheiros. Nick já ia começar a usar a lâmina.

– Ei, espere! – gritou Dustin.

Tudo aconteceu bem rápido. Mark correu para cima do Nick. Afastou-o da cama e o empurrou em direção ao armário, mas, quando baixou a cabeça para ver os olhos fechados do Feingold, foi puxado para trás por Andre, que prendeu os braços dele nas costas. Sophie e Josie gritaram. Nick ficou cara a cara com Mark.

– Pega leve – avisou Nick. – A gente só está de sacanagem. Foi culpa dele mesmo. Ele desmaiou primeiro. Apagou sozinho.

Do outro lado da cama, Dustin tentava acalmar Josie, que balançou a cabeça e recuou.

– Que merda é essa? – exclamou Sophie.

Mark tentou se soltar, mas não conseguiu. Preso nos braços de Andre, xingou os três garotos. Nick gritou de volta e eu finalmente me mexi, mas Dustin pegou o meu braço e me puxou para trás.

– Calma, pessoal – disse Dustin para todos nós. – Não é grande coisa isso aqui.

– Por que vocês fariam isso com alguém? – perguntou Josie.

– Babacas – xingou Mark.

Nick apertou os braços dele com mais força.

– Cale a porra da boca!

– Vocês podem ficar calmos? – gritou Dustin. – A gente só quis se divertir um pouco.

– Divertir? – repetiu Josie. – Não ouse tocar em mim de novo – avisou, quando ele tentou se aproximar.

– Ah, qual é! – suspirou Dustin. – Que merda é essa?

– Não. Que merda é *essa*? – disse Mark, apontando para Feingold com a cabeça. – É assim que vocês curtem?

– Caralho, eu vou arrebentar essa sua boca se você não ficar quieto – ameaçou Nick. – O que foi? Você e Aidan vieram tocar punheta no Feiny? É por isso que vieram aqui, por isso que vieram procurar por ele? Sei muito bem o que vocês são. Sei direitinho do que gostam.

– Bem que você queria saber alguma coisa importante mesmo – retrucou Mark.

– Feche a boca, veado – vociferou Nick, dando-lhe um soco no estômago.

– Já chega! – gritou Dustin. Então afrouxou a mão que me segurava e me desvencilhei. – Vamos nos acalmar! – disse ele a todos no quarto.

Mas eu não precisava obedecê-lo. Não ia sair distribuindo socos e nocauteando todo mundo. Nunca

tinha brigado assim antes, mas isso não vinha ao caso. Eu ainda podia fazer alguma coisa.

Fui atrás do Nick, mas ele me empurrou para o lado e comecei a cair na cama. Deu outro murro na barriga do Mark, mas recuperei depressa o equilíbrio e parti para cima dele. Nick se virou, desferiu um soco e me acertou com força na lateral do rosto. Agarrou-me enquanto eu caía e tornou a me acertar na cabeça. Tropecei na direção do Mark, mas, com os braços presos às costas, ele não pôde me segurar. Resvalei pelo ombro dele e caí no chão. As meninas gritaram e, por alguns minutos, perdi a consciência.

Quando voltei a mim, estava deitado de costas. Dustin imprensara Nick na parede. Minha cabeça latejava, mas pude ouvir Josie e Sophie gritando com Andre. Mark tinha conseguido se soltar e se abaixou perto de mim, me puxando até a cama e me encostando nela. Com a visão periférica, percebi que os dedos do Feingold balançavam à minha direita, mas à esquerda não conseguia enxergar quase nada. O olho não abria direito.

Havia mais gente no quarto agora e, embora desse para ouvir as conversas num burburinho cada vez mais alto, o cômodo estava mais calmo. Ergui os olhos para o Nick e sorri. Doeu, mas sustentei o sorriso. O sangue do meu queixo pingou no colo.

Josie e Sophie se agacharam na minha frente e perguntaram se eu estava bem. Sorri de novo.

– Cubram o Feingold – pedi.

Mark se levantou num salto e Sophie o ajudou.

Josie afagou o meu rosto e balançou a cabeça. Ficou de pé.

– Qual é a porra do seu problema? – perguntou ao Dustin, que soltou o Nick e se virou.

Nick contornou Dustin e apontou para Mark, do outro lado da cama.

– Ainda derrubo você também.

– Ninguém vai derrubar ninguém – interveio Dustin.

– Vá se foder – retrucou Nick. – Você muda de tom na mesma hora em que a namoradinha entra no quarto. A gente só estava falando daquele cara.

– Sério – ordenou o outro –, cale essa boca!

Andre agarrou Nick pelo ombro e o conduziu até a porta. Os dois abriram caminho pelas pessoas que já se aglomeravam ali e saíram pelo corredor.

– Vamos conversar em algum lugar – pediu Dustin a Josie.

– Não quero papo nenhum com você – respondeu ela.

Dustin estendeu a mão na direção dela, que a afastou com um tapa.

– Ei, espera aí! – disse ele. – Não é o que parece. Você tem que entender.

Tentei me levantar, colocar-me entre os dois, mas estava fraco e zozzo, e Dustin já havia passado por trás de mim. Perseguiu-a pela metade do quarto, pedindo que ela se acalmasse. Quando finalmente consegui ficar de pé e vi num espelho o meu olho inchado e a boca ensanguentada, percebi que aquilo não ia cicatrizar depressa, mas me perguntei se valia a pena assim mesmo. Dois garotos e uma menina foram cuidar do Feingold. Tossi. Outra garota, que eu não conhecia, saiu do banheiro com uma toalha úmida e a pressionou de leve no meu rosto. Era mais baixa que eu e usava um penteado que parecia uma esponja. Queria poder me deitar nesse penteado e dormir, mas ainda estava doído com o Adderall e a adrenalina, e minha pulsação estava quase tão acelerada quanto os pensamentos que me atormentavam a cabeça.

De repente, Josie segurou meu braço.

– Quer sair daqui?

– Ninguém precisa ir embora – disse Dustin, ao fundo.

– Você deveria – sugeriu a garota-esponja para ele.

– Não vou a lugar nenhum. Todo mundo está ótimo. Vamos descer e voltar para a festa.

– Dê uma olhada em volta – objetei. – Ninguém está ótimo.

Dustin começou a se mover na minha direção, mas Mark segurou o braço dele. Outros dois caras também o contiveram.

Sophie chegou perto de Dustin e apontou o dedo para a cara dele.

– Você é igual aos amigos com quem anda.

Em seguida, aproximou-se de mim. Com os braços sobre os ombros de Josie e Sophie, caminhei até a porta, arrastando os pés. Elas chamaram o Mark e nós quatro abrimos caminho para atravessar o corredor já cheio, em direção à escada. Mark pediu que alguns garotos da equipe de natação cuidassem do Feingold. Depois, pegamos nossos casacos e um pacote de ervilhas congeladas para pôr no meu rosto arrebitado, e seguimos para a varanda da frente, onde cuidei do machucado e filei uns dois cigarros para a viagem. Todo mundo quis compartilhar.

De volta ao carro, Josie e Sophie ficaram repetindo que eu devia ir para casa, mas não quis. Quando elas pararam de insistir, Mark disse que podia nos levar à praia em que fizera treinamento para salva-vidas no verão passado, e eu lembrei que a festa não precisava acabar. Eu continuava cheio de bebida e remédios.

– De repente a gente podia assistir ao nascer do sol – sugeri. – Nunca vi o sol nascer e moramos bem de cara para o mar. Seria uma ótima forma de começar o ano.

Engoli um Vicodin, reclinei-me no banco do carona e deixei que eles discutissem o assunto.

Não demorou muito para chegarmos à orla. Mark desligou os faróis e parou numa área de penumbra do estacionamento. Caminhamos entre casas escuras e silenciosas e saímos na praia. As ondas estavam agitadas e um vento gelado corria por ali. A lua cheia da noite anterior, embora alta e distante no céu, ainda lançava uma luz pálida sobre nós. Ondas leitosas quebravam na areia, e começamos a andar a poucos passos da linha d'água para não atrair atenção de quem passasse pela rua.

O barulho impossibilitava a conversa e, de qualquer forma, sentíamos muito frio para abrir a boca. Josie segurou o meu braço e se aninhou em mim. Mesmo através da jaqueta, senti seu braço fino apertar o meu e me guiar pela areia compactada. Eu não enxergava direito por causa do olho inchado e oscilava para lá e para cá entre a dor e o delírio, e o apoio dela me animou mais por dentro do que me equilibrou por fora.

Ao chegarmos ao posto de salvamento, Mark passou sob a rampa que levava à varandinha e entrou. Espiei pela janela. A sala era grande o suficiente para abrigar um par de cadeiras, uma mesa estreita e alguns flutuadores e pranchas enfileirados. Quando Mark voltou e nos deixou entrar, comemoramos por sair do frio. Pelo menos o vento foi bloqueado. Depois de batermos os pés algumas vezes, para que o sangue fluísse de novo, tirei uma garrafinha de licor de melão do bolso interno e passei de mão em mão. Tinha um gosto horrível, uma doçura pegajosa, mas o calor que veio com ele fez valer a pena.

O vento penetrava pelas frestas da frágil construção e assobiava nos cantos.

– A casa está rangendo – comentou Sophie. – Parece até que estamos num barco.

Mark acendeu um baseado e o entregou a Sophie. Ela deu um tapa e acenou para que Josie se aproximasse. As duas se beijaram e reciclaram. Josie puxou uma tragada e se inclinou na minha direção.

A língua dela se moveu com delicadeza dentro da minha boca e, embora meu maxilar latejasse, não me afastei. A fumaça vazou, e nós nos beijamos pelo que pareceu bastante tempo, apesar de eu só ter percebido isso quando acabamos. Sophie soltou uma risadinha e Josie tinha os olhos brilhando. Fiquei meio sem graça. Dei uma tragada profunda e, enquanto enchia os pulmões, me inclinei para o Mark. Beije-o e exalei a fumaça rapidamente. Ele a recebeu e inflou as bochechas como um fole. Seus lábios não eram tão diferentes dos da Josie – um pouco mais finos e rijos, talvez. Mark afastou-se e exalou a fumaça reciclada num filete fino pelo canto da boca. Sorriu e desviou os olhos. Sophie e Josie deram um risinho.

– É isso aí! – exclamou Sophie.

– Ninguém pode ficar de fora, cara – comentei.

– Ficar de fora? – Mark riu. – Obrigado por se importar, cara.

Estendeu a mão e eu a apertei. Ele riu ainda mais e me puxou para um abraço meio desajeitado.

– Sério, obrigado, cara. Eu é que devia ter o olho roxo – disse. Continuou sorrindo e, não sei direito, mas tive a impressão de que ele ia me beijar de novo. As paredes pareceram se inclinar e eu me apoiei nele, para me equilibrar. – Tudo bem aí? – perguntou.

– Aham. Mas uma água me cairia bem. Minha garganta está queimando.

Tomei outro gole do licor, o que piorou a situação, e cambaleei até a mesa junto à parede. Subi nela com esforço, para me deitar e ficar olhando pela janela. A lua estava tão alta que algumas estrelas também eram visíveis.

– Eu estou bem – assegurei. – Não se preocupem.

Josie me seguiu.

– Está falando sozinho? – implicou.

– Não. Sei lá. Talvez. Acho que é de família.

Ela pulou para cima da mesa e se sentou com as pernas cruzadas ao meu lado. Levantou minha cabeça e chegou mais perto. Descansei a cabeça em sua coxa e sorri para ela. Josie pegou a garrafinha, bebeu um gole e ficamos um tempo olhando pela janela, em silêncio. Ela enfiou a mão pelo meu casaco aberto e afagou de leve o meu peito.

– Está sentindo muita dor? – acabou perguntando.

– Não muita – menti.

– Quer outro analgésico?

– Não sei – respondi. – Não faço ideia de quantos remédios já tomei. Acho que não o bastante.

– Talvez eu tome um também, só por tomar. Parece que estou flutuando. Não quero que essa sensação acabe.

– Não tome demais. Você bebeu.

– Nossa! – Ela riu. – É como se você se importasse ou algo assim.

– Mas eu me importo mesmo. Quero dizer, é como patinar no gelo. Engraçado e divertido, até que de repente tudo acaba e você cai de cara na água.

– E pode morrer.

– Pare com isso – falei. – A gente ainda está se conhecendo.

Josie se inclinou e me beijou de leve na boca.

– Amanhã você vai parecer um monstro. Já pensou nisso? Tipo, um horror mesmo.

– É. Mas não vou me incomodar se você me beijar de novo.

– Ai, meu Deus – gemeu Sophie. Estava do outro lado da sala, parada perto da outra janela. – Dá para ouvir vocês daqui, sabiam? Por favor!

– Sério mesmo, cara – disse Mark, e começou a tossir. Sophie deu uns tapinhas nas costas dele. – Sério, cara – repetiu ele, e tornou a chiar.

Ela riu e deu mais um tapa no baseado.

Josie sorriu.

– Não ligue para eles.

– Não ligo – respondi. – Isso aqui está perfeito.

– É – concordou ela. Contemplou as ondas mais escuras, para lá da rebentação. – Podíamos ficar aqui para sempre, mas morreríamos congelados.

– Não se ficássemos assim, bem juntinhos – retruquei.

Gostei de ter dito isso e gostei do som da minha voz com a dela, mas eu tinha a estranha sensação de que outra pessoa falava. Tinha a sensação de que, na verdade, eu estava escondido embaixo da mesa, ouvindo aquele fantoche falar, com um pressentimento do que viria. Como se, em algum lugar, algo ou alguém viesse até mim e tirasse tudo que eu tenho, e isso fosse inevitável.

Acendi um cigarro. Ele passou de mão em mão enquanto ficamos ouvindo as ondas baterem e sibilarem na praia. Fiquei pensando se, de algum modo, eu teria como apagar todos os acontecimentos da minha vida até aquele momento, como se pudesse provocar uma inundação, que lavasse tudo aquilo e me permitisse começar de novo. Imaginei o mar avançando praia adentro, cercando aquela casinha, submergindo bairros e cidades, o nível da água subindo e nos elevando acima do tumulto. Eu guardaria duas unidades de cada coisa importante: dois baseados, dois martinis, duas garotas, dois caras. Olharíamos pela janela, vendo a água escura bater e gorgolejar, nosso barco estalando e rangendo sobre ela, gemendo, estremecendo na água com pancadas e borrifos na crista das ondas.

Jogaríamos pela amurada todo o lixo que tivéssemos a bordo – as quinquilharias inúteis, os computadores, as partituras, todas as roupas e uniformes, o latim, nossas piores lembranças. De que mais poderíamos precisar além do brilho nos olhos do Mark, do cantarolar da Josie e da risada gostosa da Sophie? Quando tudo afundasse, o resto seria levado pela água e enfim emergiríamos do lodaçal e desabrocharíamos. E algo novo poderia crescer.

Mas não houve enchente e também não ficamos para ver o nascer do sol. Em certo momento, Josie saiu de baixo de mim. Beijou a minha testa e ficou junto com os outros. Cochilei enquanto eles conversavam e logo depois me vi arrastado para o vento frio, marchando pela praia até a rua. Mark também estava cambaleando. Achei que estivesse tendo dificuldade apenas na areia, mas percebi como andava pesadamente também na calçada.

Fumei um cigarro para despertar e acabei com ele antes de entrar no carro. No caminho para casa, Mark e eu conversamos sobre o Feingold enquanto as meninas dormiam. Ele tinha certeza de que ninguém mais o sacaneou pelo resto da noite, mas estava preocupado com o estado da casa.

– Não havia ninguém vigiando – repetiu. – Estava um caos do cacete.

Mark abria demais nas curvas, e os nervos à flor da pele me mantiveram acordado. Em dois momentos, baixamos o vidro da janela para receber uma rajada de ar frio no rosto. Ele deixou as meninas

na casa da Josie, e elas foram cambaleando pela entrada para carros, depois de murmurarem um boanoite.

Mark e eu não falamos muito quando ele deu a volta para o nosso lado da cidade. Ao fazer uma curva, nos vimos na contramão. Um par de faróis nos cegou. Eu gritei e Mark deu uma guinada no volante bem na hora, mas derrapamos até o acostamento e fomos quicando pela trilha arborizada além da calçada.

Mark continuava agarrado ao volante.

– Merda, merda, merda, merda – ficou repetindo.

Descemos, inspecionamos o carro e vimos que tivemos sorte. Mark dirigia devagar, então não havia muitos danos além de uns arranhões e marcas que seriam fáceis de explicar. Mesmo assim, ele se encostou no carro e segurou a cabeça entre as mãos por um momento.

– Qualquer dia desses isso tudo vai desabar em cima de mim. Eu juro, cara. Cacete, eles vão balançar a cabeça, putos da vida, decepcionados, como se dissessem: *É, sabíamos que não ia dar certo, nós simplesmente sabíamos.*

– Eles quem?

– Meus pais.

– Calma, cara, pelo menos você não está assim – falei, apontando para o meu rosto.

Mark riu, dando uma fungadela.

– É sério – continuei –, você não pode se divertir um pouco? Quero dizer, vou ter que inventar uma história para explicar a cara arrebitada, mas minha mãe vai saber que eu me diverti e ficará aliviada.

– Nem pensar em diversão! – disse Mark. – Para eles, diversão é uma coisa que a gente conquista, como a porra do paraíso no fim da vida, e eu ainda não cheguei lá. Primeiro tenho que me tornar senador, ou coisa assim.

– Esses aí com certeza sabem se divertir – observei, rindo.

Mark resmungou.

– Enfim, ainda não temos nenhum na família, apenas empresários. Meu pai acha que está na hora de os Kowolski entrarem na política.

– Então, por que ele mesmo não entra? Por que tem que jogar tudo em cima de você? A não ser que você se interesse...

– Não sei o que vou fazer da vida. Só não quero decepcionar ninguém enquanto ainda estou tentando entender o resto.

– Sei como você se sente – falei, mas não estava pensando em Mark.

Eu pensava em quantas vezes tinha ouvido essa frase e no que agora ela significava para mim. Dava a impressão de ser uma dessas coisas que a gente finge que é real, mas, na verdade, não tem como ser. Eu queria oferecer mais do que conversa fiada.

Mark segurou o queixo com uma das mãos e abraçou o próprio corpo com a outra. Olhou para o chão. Não encontrei mais nada que pudesse dizer para tranquilizá-lo. Eu servia mais para levar murros na cara do que para transmitir esperança. *Putá merda, cara, tive vontade de dizer. Tente se controlar, aprender a lidar com isso, caralho.*

– Vamos sair daqui – foi o que acabei falando. – Mas não me leve para casa. Vamos fazer você chegar em casa.

Ele ficou agradecido, e mais grato ainda quando voltamos de ré para a rua e percebeu que a roda tinha empinado. Mark ainda conseguia dirigir, e concluiu que poderia mandar consertar antes que os pais descobrissem. O problema era que os detalhes da história estavam começando a se acumular e Mark ficou com medo de não se lembrar de todos.

Quando chegamos à casa dele, tomamos a rampa da entrada para automóveis até a lateral. O carro subiu no gramado da frente, mas ele não percebeu. Desligou o motor.

– Vou dizer que fomos aonde mesmo?

– Você foi para minha casa – respondi, abrindo o casaco e pescando a bolsinha de remédios. – Quer um comprimido para dormir? Alguma coisa para se acalmar e não passar a noite inteira em claro, feito um maluco?

– Você toma isso aos montes, hein? – comentou ele, tirando dois comprimidos da palma da minha mão.

Engoliu um e guardou o outro no bolso. Ficou lá sentado, esperando que o remédio fizesse efeito, como se tivesse acabado de dar um tapa no cigarro de maconha. Sorri e também me recostei. Eu queria uma bolsa de gelo, mas acabei engolindo outro Vicodin. Pensei em me despedir, mas ainda não queria ir para casa, por isso fiquei um tempo ali com Mark, em silêncio.

– Você devia entrar – acabei dizendo, mas ele não se mexeu.

– Ei, você gosta da Josie? – perguntou, levantando ligeiramente a cabeça. – Acho que ela gosta de você.

– Pô, não sei, cara. E tem o namorado dela.

– É, isso mesmo. – Mark deu um sorriso sonolento. Comecei a ficar inquieto por dentro, mas também não conseguia me mexer. Meu corpo estava reduzindo o ritmo muito depressa. – Mas agora ele está fora da jogada – acrescentou Mark, engolando as palavras. – Fique de olho.

– Sei lá.

– Eu achava que talvez você fosse gay.

Sua entonação subiu no final, como se tivesse feito uma pergunta. Não respondi logo, porque não sabia como. Sabia que queria a Josie, mas não podia confiar no meu sentimento. Nunca considerei que aquilo com o padre Greg fosse sexo. Meu corpo apenas obedecera a ordens. Mas com Josie era diferente.

Mark escorregou o corpo e caiu para o lado, encostado no apoio de cabeça. Ele abriu um sorriso sonhador, deslizou a mão pela alavanca de câmbio e a pousou no assento ao meu lado. Suas pálpebras baixaram e tornaram a se levantar. Ele estava lutando para se manter acordado.

– Então, você é? – perguntou.

Parecia mais novo, menos sofisticado e experiente do que nunca. Talvez por causa do efeito das drogas, porque estava prestes a cair no sono ou porque aquilo era um ato de coragem que levava a noite toda para reunir, ou para eu notar, mas achei que Mark me lançou um olhar com algo próximo à esperança.

– Você não nos viu? – perguntei, enfim. – Eu e Josie?

Ele não respondeu. Soltou uma baforada de ar. Sua bochecha murchou, os ombros caíram. Os lábios continuaram ligeiramente entreabertos, a respiração úmida no couro do banco do carro. Eu nunca tinha visto uma pessoa adormecer, nunca testemunhara tanta vulnerabilidade.

Eu também queria dormir, e poderia ter dormido, mesmo naquele frio, mas me levantei, pesado, e

saltei do carro. Teria sido fácil abandoná-lo, mas não consegui. Seus pais só voltariam para casa no dia seguinte. Eu não podia deixar que o encontrassem dentro do carro, caso Mark dormisse a esse ponto. Tirei a chave da ignição, puxei-o para fora do veículo e tentei acordá-lo. Ele resmungou de olhos fechados. Passei seu braço pelos meus ombros e o carreguei até a porta lateral da casa, seus pés arrastando no chão.

Mark meio que acordou e perguntou se podíamos nos sentar. Eu o larguei sentado na escadinha. Ele se inclinou para os arbustos e vomitou. Desviei o olhar, para não fazer a mesma coisa, mas, quando me virei novamente, ele tinha caído com o rosto em cima da própria poça de vômito. Levantei a cabeça dele depressa. “Merda”, resmungou. Tinha a camisa e as calças encharcadas do que havia expelido, mas o paletó estava aberto e parecia relativamente limpo. Eu o fiz despi-lo. Mark não reagiu quando perguntei se estava se sentindo melhor. Apenas sorriu, ainda de olhos fechados.

Uma das chaves funcionou na porta lateral e eu o coloquei sentado num banco, na escuridão de uma saleta que dava para a cozinha. Achei o rolo de toalha de papel e limpei o Mark da melhor maneira que pude, mas sua roupa continuou fedendo.

– Mark – chamei, mas ele dormia profundamente.

Com algum esforço, tirei seus sapatos, depois as calças e a camisa. Tirei do seu bolso o pacotinho de maconha e coloquei as roupas num saco de lixo. Deitado no banco, era fácil perceber por que ele era tão atraente quanto todos os outros garotos desejavam ser. Os músculos dos ombros e do peito ficavam sobressalentes e o volume em sua cueca era evidente.

Eu poderia ter deslizado as mãos pelas linhas torneadas dos músculos das suas pernas e tocado ali ou em qualquer outra parte do corpo dele. Poderia ter feito qualquer coisa a ele ou com ele, no estado em que se encontrava. Poderia tê-lo moldado feito argila. Apesar de estar dormindo, ele ainda tinha no rosto um sorriso tímido, como se desejasse me ver entrar em ação – o Homem de Bronze reluzindo, suplicante e ansioso, murmurando algo para mim.

E então o toquei. Deslizei as mãos pela pele dele e as fechei em concha sobre sua virilha. Segurei o membro dele por um momento, então o soltei quando não senti nada. Eu desejava Josie. Poderia beijar o Mark outra vez, se me pedissem, de brincadeira, se as meninas estivessem lá também – mas não desejava isso. Não queria o corpo do Mark, e sim a amizade dele.

Ainda estávamos começando a descobrir o mundo. Eu ansiava pelas opiniões dele sobre esse mundo, queria conhecê-lo na companhia dele. Isso também não era uma espécie de amor? Um amor sem sexo, mas que envolvia todas as outras coisas importantes entre duas pessoas?

Tornei a erguê-lo e carreguei seu corpo seminu pela cozinha e pelo corredor, até uma sala com uma TV de tela plana enorme. Larguei-o no sofá, cobri-o com uma manta e me sentei no chão, encostado no sofá. Virei-me para ele e contemplei seu rosto sereno. Não podia fazer o que Mark deu a entender que queria, mas ele era meu amigo. Eu o admirava, mesmo sem saber como lhe dizer isso.

Encontrei o controle remoto e liguei a TV. Confetes, fogos de artifício, shows e pessoas pulando animadas ao som da música: as festas davam seu último suspiro em Nova York, mas o ano-novo ainda não havia acabado em outros lugares. As comemorações continuavam pelos Estados Unidos e eu ainda não queria apagar. Em algum lugar, pensei, minha mãe também estava desperta, sem querer dormir para não ter que acordar, adiando o amanhã e sua inevitável solidão com aqueles finos braços de passarinho em volta do corpo de alguém. Não me incomodei. Esperava apenas que cada um de nós voltasse logo a

ter alguém, alguém a quem nos agarrar, por mais brevemente que fosse, para nos lembrar que ainda estávamos vivos.

capítulo 8

Acordei assustado no meio de um sonho. Minha cabeça tinha caído para trás e se apoiado na canela do Mark, em cima do sofá. A TV continuava ligada, mas não era dela que vinham as vozes que eu ouvia, e sim da cozinha. Vozes que gritavam pelo Mark e invadiram a sala antes que eu conseguisse me mexer e entender o que estava acontecendo.

Mike Kowolski inundou meu campo visual, uma camisa polo lavanda passando diante da TV.

– O que diabos está acontecendo aqui?

Barbara chegou no instante seguinte e soltou um grito de horror. Levantando-se rapidamente, Mark se sentou no sofá e piscou os olhos várias vezes para acordar. Os raios solares irrompiam pelas janelas. Eu ainda estava de jaqueta e, por baixo dela, o suor grudava a roupa na minha pele. Barbara se curvou e pegou a garrafa de licor que se projetava do meu bolso. Não lembrava que tinha deixado a bebida lá dentro e também não notei que havíamos tomado uma quantidade tão grande, mas o sabor ainda estava na minha boca. Barbara a ergueu e mostrou-a ao marido.

– Patético – comentou ele.

– Papai...

– Não quero ouvir nem uma única desculpa. Não quero nem saber o que aconteceu. Olhe só para vocês dois! Por Deus, Mark, onde você enfiou as suas calças? O que vocês dois fizeram?

As bochechas de Mark ficaram vermelhas e ele se cobriu novamente com a manta.

– Não, pai, é que...

– Não! Tudo que você disser não passa de conversa fiada. Você não tem nada além de conversa fiada para dizer a seu favor nesse momento! Conversa fiada! O carro está um lixo e você o deixou em cima do gramado! Tem sorte de estar vivo. Que desperdício! É isso que você quer, desperdiçar tudo?

– Michael – disse Barbara, mas parou quando o marido a fuzilou com o olhar.

Nada do que ele dizia se parecia vagamente com o que eu lembrava. Achei que tínhamos nos saído bem. Tentei me virar para o Mark, pensando no que devíamos responder, mas meu pescoço doeu muito.

– Pai – Mark tornou a dizer.

– Não quero ouvir! Não quero saber o que diabos você fez para manchar o seu nome e o meu! Foi para isso que trabalhei a vida inteira? Para que o meu filho trouxesse o amigo derrotado para casa e desfilasse de cuecas por aí? Você pensa que pode jogar o que construí pela janela e cagar em tudo que eu fiz? É isso?

– Michael!

– Papai!

– Chega! – disse ele a Mark, apontando o dedo indicador gorducho para o filho.

Barbara passou por cima de mim e se sentou no braço do sofá, ao lado de Mark. Passou o braço em volta dele e cochichou em seu ouvido:

– Pode me contar o que aconteceu, meu amor. Vou tentar não ficar muito zangada.

Mike andou de um lado para outro, resmungando:

– Total falta de respeito. Total!

Abanou a mão e a cerrou num punho gordo enquanto Barbara ninava o filho com delicadeza.

Os olhos de Mark tinham se arregalado, fixos no chão. As mãos estavam no colo, o polegar estremecia de leve e a boca se contraiu numa linha reta. Aos berros atrás de mim, Mike ordenou que eu me mexesse e Barbara assentiu em concordância, mas os protestos dos dois não me assustaram tanto quanto a distância do Mark. Era como se ele tivesse abandonado o próprio corpo, deixando-o como garantia de sua própria presença, e fugido para um lugar silencioso. Era uma estratégia que eu conhecia bem, e tive vontade de acompanhá-lo. Exausto, fiquei de pé.

– Acho melhor eu ligar para minha mãe – sugeri.

– Também acho. E eu gostaria de falar com ela – retrucou Mike. – Ela é que deve ter lhe dado essas bebidas. O que você quer, arrastar o meu filho para os problemas da sua família?

– Minha família?

– Sim, sua família. – Ele se aproximou. – Vocês sempre têm que arrastar alguém para o fundo do poço, não é? – continuou Mike.

– Queria ver se você ia dizer tudo isso se meu pai estivesse aqui – respondi, também lhe apontando o dedo.

– Como ousa falar comigo desse jeito?

– Olhe para mim – disse, apontando para meu olho inchado. – Pensa que me incomoda?

Mike partiu num ímpeto para o telefone e ligou para minha mãe. Barbara me repreendeu, mas tudo que ela falou entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

– Desculpe – pedi ao Mark. – Desculpe, cara.

Enquanto esperávamos minha mãe chegar, Mike me passou um sermão. Pedi desculpas, mas meu tom de voz desmentia tudo que eu dizia. Ele explicava por que devemos temer o que gente como ele nos diz para temer e por que devemos escutar e respeitar as pessoas que querem nos proteger – e tudo aquilo ecoava nas palavras que o padre Greg partilhara comigo, e elas soavam cada vez mais vazias conforme eu as ouvia.

Pensei que mamãe fosse mandar o motorista, mas, para minha grande surpresa, ela mesma apareceu. Saltou do carro, deixando a chave na ignição, e quase correu pela aleia. Chamou pelo meu nome e, quando me alcançou, parou por um instante, imóvel e decidida, inspecionando meu rosto inchado. Em seguida, puxou-me para junto dela e me abraçou. Mais atrás de mim, senti que Mike murchava.

– Gwen? – disse ele, em tom débil.

– Ah, meu amorzinho – disse ela para mim, ignorando-o. – O que aconteceu? Você está bem? Temos que levá-lo agora mesmo ao hospital. Você não contou que ele estava assim – acrescentou, dirigindo-se ao Mike por cima do ombro. – Qual é o seu problema? Queria que meu filho sangrasse até morrer bem no

seu tapete? – Deu meia-volta e se aproximou dele. – E que história é essa de ligar para mim daquele jeito? Cadê o seu filho? Também preciso levar o Mark para o hospital?

– Ah, Gwen, espere um pouco. Espere só um segundo. Não há necessidade disso.

– Agora você é médico, Mike Kowolski?

– Gwen, por favor. Queria conversar com você sobre algumas regras.

– Você se acha muito superior, não é? Daqui em diante pode deixar que eu cuide do meu filho, obrigada.

Puxou-me pela aleia. Mike nos chamou, mas mamãe me apressou a entrar no carro. Ele ficou lá pedindo desculpas repetidamente, e ela parou junto à porta do carro enquanto ele gaguejava, impotente.

– Mike – interrompeu-o –, obrigada por ter me ligado. – Mamãe pronunciou cada palavra com rigorosa polidez. – É bom saber que tenho amigos em quem posso confiar. Pode dizer a Barbara que não se preocupe. Ainda quero discutir com ela umas ideias sobre a próxima recepção. Vou convidá-la ao meu escritório assim que estiver pronto.

Profissional, mamãe escondeu qualquer dor ou frustração e estampou no rosto uma máscara de indômita animação, cuja eficiência não pude deixar de admirar. Silenciou Mike e o exilou em sua própria casa a cada sorriso que lhe desferia. Fechou a porta do carro, passou a marcha e virou na direção da rua sem se despedir.

Contei que tinha levado um soco por solidariedade aos meus amigos, então ela assentiu numa espécie de compreensão e orgulho relutantes. Mas continuou preocupada comigo, apesar de eu lhe dizer que a aparência era pior do que a dor. Implorei a ela que não me levasse para o hospital.

Mamãe também relatou sua conversa ao telefone com o Mike – e o fato de ele ter se referido a ela como “mãe solteira”.

– Homens! – comentou. – Eles acham que sabem de tudo. Como se eu precisasse de orientação agora que seu pai foi embora. Como se algum dia seu pai tivesse sido útil!

Paramos num sinal vermelho e ela perguntou novamente se podia me levar ao hospital.

– Por favor – insisti. – Eu ia me sentir bem melhor.

– Não, não precisa. Elena cuida disso amanhã, quando voltar.

– Elena?

– É. Ela vai saber o que fazer. Vamos para casa.

– Elena? Você está pensando na Elena para cuidar de você? Por que eu não posso?

– Ora, qua... qual é! – gaguejei. – Você sabe. Ela é ela e você é você, e...

– O que diabos isso quer dizer?! – gritou mamãe. Fez uma pausa, respirou fundo e se acalmou. – Sabe, eu estou tentando, Aidan. Estou tentando. Que tal um pouco de apoio? Estou tentando recolher os cacos dessa família, ainda que sejamos só você e eu, e talvez ajudasse bastante receber um tapinha nas costas do meu próprio filho. De qualquer modo, demiti Elena. Acostume-se com a ideia.

– Você não pode despedir uma pessoa que faz parte da nossa família.

– Já despedi. Um dia ela vem pegar o resto das suas coisas. Elena não é da família, Aidan. É exatamente disso que estou falando.

Tive vontade de gritar com ela, mas não sabia direito o que dizer. Se o Velho Donovan havia escolhido o meu nome, era Elena quem havia me criado. Mas onde mamãe se encaixava nisso tudo?

– Era como se ela fosse da família – objetei. – Você não podia ter feito isso.

– Ah, Aidan. Está na hora de você crescer logo de uma vez.

– Eu gostava de ter Elena por perto.

– Eu pensei nisso.

– Pensou?

– Pensei, sim. – Ela balançou a cabeça e sorriu. – Olhe, eu tive uma professora – ela começou a dizer. – Uma mentora. Achava que sem ela eu nunca conseguiria dançar. Eu era jovem e pensava que não era ninguém sem a orientação dela. Um dia, por problemas familiares, ela voltou para Viena. Pensei até em abandonar a dança, mas decidi treinar sozinha até os testes de admissão para a Juilliard. É a vida, Aidan. Eu passei. Nós temos capacidade de melhorar. Nem sempre precisamos das pessoas que pensamos precisar. Eu ainda era uma garota quando percebi isso, e tive sorte. Imagine só. E pensar que eu quase esqueci essa lição. Seu pai foi embora, fato. Mas aí vai outro fato: não preciso dele para nada.



A tentativa de mamãe de estimular uma conversa animadora entre a gente não contribuiu muito para levantar o meu estado de espírito. Evitamos um ao outro dentro de casa, exceto quando eu ia até a cozinha buscar mais gelo para o meu rosto, mas acabei decidindo que eu precisava sair um pouco de casa e fui dar uma caminhada. Eu estava de ressaca, desidratado e zozinho por causa do sangue que latejava em torno do meu olho roxo, mas uma inquietação mais profunda dominava o meu corpo. Queria rever Josie, Sophie e Mark, mas também me sentia nervoso e com medo de voltar à escola. Todo mundo que passasse por mim nos corredores enxergaria além do olho roxo. Leriam meus pensamentos e concluiriam que aquela máscara com o rosto congestionado era um disfarce inútil para o garoto machucado, perturbado, maluco e fodido por trás dela. Todos apontariam o dedo para mim e diriam: *A gente sabia que você era um depravado, um tocador de punheta, uma boneca de padre. O que você é, Aidan?*

Eu não sabia a resposta. Agora eu era alguém para Josie, e ainda conseguia sentir o sabor dos lábios dela nos meus. Quando ela se inclinou sobre mim no posto salva-vidas, senti o perfume de baunilha em seus cabelos e o aroma de manteiga de cacau em sua pele. Ainda nem tinha tomado banho, então queria continuar encontrando Josie em mim, envolvido pela lembrança do colo dela.

Mas quem eu era para Josie? Ela não sabia quase nada sobre mim. O que poderia acontecer se descobrisse toda a verdade? Por que desperdiçaria seu tempo comigo? Eu me sentia atraído por ela de um jeito diferente e vibrante, um jeito que me deixava louco, ansiando por mais. Por outro lado, era doloroso pensar no Mark, deitado no banco, e nas minhas mãos frias deslizando pelo corpo dele como uma forma de provar aquilo para mim mesmo. De quanto ele se lembrava? Não poderia me perguntar também? Como eu poderia responder sem que o fizesse fugir?

Enquanto caminhava, atravessei a cidade por uma trilha de terra batida, pensando sempre nas mesmas perguntas, até que me descobri em frente à Preciosíssimo Sangue, do outro lado da rua. Assim como os dedos lembram quais teclas do piano devem tocar uma canção há muito esquecida, só percebi que havia chegado ali quando vi a longa entrada para carros.

Fiquei imaginando como poderia abordar perguntas cujas respostas eu tinha muita dificuldade de encontrar sozinho. Ele estava lá, umedecendo os lábios, meditando sobre as mesmas máximas banais que deve ter usado com inúmeros meninos. Tive vontade de gritar, rugir, destruir aquele lugar com ele lá

dentro, até que não sobrasse pedra sobre pedra. Mas uma dor surda reverberou dentro de mim, a lembrança de um tempo em que a voz dele me acalmava, suas palavras me davam segurança e sua fé me guiava. Não havia mais nada disso agora.

Não sei por quanto tempo fiquei na rua, contemplando aquela igreja, mas acabei percebendo que a luz da tarde esmaecia – e só consegui pensar em como eu a observei desaparecer na tarde em que James estivera no porão. Minha cabeça começou a girar e não consegui parar de pensar nos momentos que passei com o padre Greg. Tirei um Adderall do bolso interno da jaqueta e tentei amassar o comprimido na palma da mão. Cheirei os pedaços desiguais nas pontas dos dedos. Arderam como se eu tivesse enfiado um isqueiro no nariz. O gosto parecia bicarbonato de sódio descendo em gotas pela garganta, e deixei que as lágrimas rolassem, dizendo a mim mesmo que era apenas efeito do Adderall, mais nada.

Minha cabeça girava e, quando tentei me recompor, notei que os faróis de ré do sedã Lincoln da paróquia tinham se acendido e o carro vinha saindo da vaga. Torcendo para ainda não ter sido visto, desci a ladeira depressa em direção ao centro da cidade e, ao dobrar a esquina para a North Street, vislumbrei o sedã atrás de mim. Ele trocou de pista, reduziu a velocidade ao meu lado por um momento e seguiu adiante. Não pude ver quem dirigia, mas, como já estava naquelas redondezas, não tive alternativa senão contornar a escola, passar por Stonebrook e pegar um atalho pelas ruas mais próximas da enseada, a fim de voltar para casa. Mesmo sem saber onde o automóvel se encontrava, comecei a correr.

Já tinha corrido até Stonebrook quando tornei a vê-lo. Eu estava na ponte, no bairro do Mark, e o vi surgir no alto do morro, na direção em que eu ia. Agora tinha os faróis acesos e, assim que o fecho de luz percorreu a rua e me encontrou, o carro acelerou. Avancei mais alguns passos, mas percebi que ele estava vindo direto para mim. Dei meia-volta e tornei a correr pela ponte, ouvindo o carro se aproximar. Não havia casas nesse trecho da rua. De um lado, uma faixa estreita de árvores se estendia por uma ladeira que descia até o porto e do outro ficava o terreno do clube campestre. O carro buzinou. Pulei da calçada para as árvores que margeavam o campo de golfe.

– Aidan! – ouvi-o atrás de mim.

Sua voz ainda doía.

– Aidan! – chamou de novo, e percebi que ele tinha saltado do carro.

Repetiu meu nome enquanto eu atravessava a fileira de árvores e pulava no primeiro *bunker* de areia. Achei que, se fosse direto para lá, subiria mais depressa a colina, mas a areia reduziu minha velocidade. Quando saí do *bunker*, ouvi-o novamente. Também estava no campo de golfe. Tomou o caminho mais longo em volta do obstáculo, o que me impediu de sair em disparada pelo percurso. Ele usava as roupas pretas de praxe, com a camisa abotoada até o pescoço e com o colarinho clerical bem ajustado. Correu atrás de mim com passos pesados. Tinha um jeito de andar esquisito, mas de velocidade surpreendente. Quando finalmente consegui sair do *bunker*, ele já estava perto. Ruborizado e arfante, tornou a me chamar.

– Por favor! – gritou. – Preciso falar com você. Pare. Por favor.

Cortei para a direita, em direção a outro arvoredo, e subi a encosta o máximo que pude. Quando voltei ao gramado, aumentei a distância entre nós, porém ele manteve o ritmo. Pouco antes do alto da colina, fiquei escondido entre as árvores. Elas margeavam o rio que passava por debaixo da ponte e desaguava no porto. Estreitava-se ao longo do campo de golfe, depois se alargava, ao fluir para a rua e a ponte.

Pulei para o declive, saltando feito um louco, usando árvores e galhos finos para me refrear e guiar minha quase queda na margem do rio. Virei para trás ao chegar à base. O padre Greg apareceu no topo, onde eu tinha estado momentos antes. Fez uma pausa, curvou-se sobre os joelhos e tentou por um instante recobrar o fôlego.

– Aidan – grunhiu. Não consegui dizer muito mais e começou a descer.

Em um avanço desordenado, segui ao longo do rio até uma grande árvore que tombara atravessada sobre ele, com as raízes caoticamente retorcidas no ar. O solo revolvido perto da base era mais escuro que o terreno em volta. Agarrei uma raiz e pulei para o tronco. O padre Greg veio aos trancos pelo matagal do alto e, enquanto eu começava a lentamente atravessar o rio, ouvi-o cair. Gemeu ao bater no chão e virou. Suas costas bateram numa árvore, o que o impediu de rolar para o rio.

Fiquei parado em cima do tronco, e um cheiro forte de terra lodosa e o barulho da correnteza de água gelada inundou o ambiente enquanto eu esperava que ele se mexesse. O padre Greg se sentou e limpou a sujeira da roupa. Tinha cortes no rosto e, quando tentou ficar de pé, apoiou a mão na lateral do corpo e soltou um grito. Continuou sentado. Encostou-se na árvore e olhou para mim. Tossiu e gemeu, e eu esperei.

– Por favor, Aidan. Por favor, escute.

Mal conseguia se mexer, mas parecia recuperar mais controle a cada momento. Recobrou a concentração e me olhou sem balançar a cabeça. Ainda no verão anterior, eu encontrara machucados nos meus ombros, onde ele tinha me apertado enquanto eu obedecia às suas ordens e o segurava conforme suas instruções. Pensei em pegar um pedaço grosso de pau e açoitá-lo. Imaginei que poderia apedrejá-lo. Em algum lugar nas profundezas da minha mente havia a imagem de nossas mãos se buscando, deslizando por trás das costas um do outro e puxando para perto – uma imagem que ainda me aquecia. As ideias brotavam e morriam, e eu só queria não ficar com medo nem me sentir tão sozinho e insignificante quanto antes. Mesmo que o padre Greg tivesse me dado um sopro de vida, o que exatamente eu lhe devia nesse momento?

– Preciso conversar com você – disse ele, esfregando a cabeça.

– Não.

– Escute o que está dizendo. Não precisa ser assim.

– Você fez com que fosse assim!

– Eu esperava mais de você, Aidan – retrucou ele, balançando a cabeça.

– Por favor, fique longe de mim.

O padre Greg apoiou-se pesadamente sobre um cotovelo e se aprumou. Recomecei a falar, mas ele ergueu a mão para que eu parasse.

– Não. Escute. Você está me entendendo mal.

– Não posso. Não quero. Não me toque. Não chegue perto de mim. Fique longe.

Ele tossiu.

– Acabou tudo entre nós, Aidan. Não acontecerá novamente. Eu não quero mais. Acabou.

– Não quero nada com você.

– Não, não. Não houve nada.

– O quê?

– Não houve nada, certo? Foi inconsequente. Uma coisa passageira. Acabou. Ficou para trás. É como

se não tivesse acontecido, Aidan. Não foi nada.

Pigarreou e usou as duas mãos para se ajeitar numa posição mais cômoda, sentado.

– Aconteceu, sim. Claro que aconteceu – fiz um esforço enorme para falar.

– Não, não aconteceu. Não significou nada.

– Significou, sim – retruquei. Senti um nó na garganta, fora do meu controle. – Aconteceu.

– Acabou. Tente compreender, Aidan. Acabou, e você precisa seguir em frente. Cresça, seja homem,

Aidan. Esqueça. Não aconteceu nada.

Meus braços começaram a tremer, então eu me agachei no tronco da árvore.

– Por que está falando comigo? Pare de falar!

– Estou tentando protegê-lo, Aidan. Lembra-se de todas as nossas conversas, de como o ajudei a pensar em sua família? Pense também em todo o trabalho que fizemos juntos, em todas aquelas crianças, nas escolas que elas poderão frequentar a partir de agora. Nós realizamos muitas coisas juntos.

– Pare – pedi. – Pare, por favor!

Tudo aquilo era verdade. Era tudo de que eu me havia orgulhado, tudo que eu sonhara que poderia ser o trampolim do qual eu saltaria para o resto da minha vida.

– Não, eu estou preocupado – continuou o padre Greg. – Se você contar coisas sobre mim, elas também vão saber de você. O que podem pensar, Aidan? É o que eu sempre disse: as pessoas não vão entender. – Sorriu. – Está vendo? Não menti para você. Precisamos ser cuidadosos. Estou ficando velho, então o que vai acontecer comigo não importa muito. Mas e com você, Aidan, se contar a alguém? E com sua mãe? O que dirão sobre você se todo mundo descobrir? Você contou a alguém, afinal?

– Não.

Ele sorriu e deslocou o peso do corpo, mas não se levantou.

– E quanto aos seus amigos, os amigos da sua festa? Não falou nada sobre o que aconteceu entre nós, certo? Não contou nada a Elena nem aos seus amigos? Proteja-se. Não fale com ninguém. – Inclinou-se para a frente, desencostando-se da árvore. – Você não falou, certo? Nem com Mark nem com as meninas?

– Não. Com ninguém.

– Sobre nada?

– Nada.

– Ótimo. Nesse caso, você se salvou – disse o padre Greg, encostando-se novamente na árvore. Respirou fundo. – Desde que continue agindo assim. Não percebe como eu me importo com sua segurança? Sempre me importei com sua segurança, Aidan. E pense no que conquistamos juntos. É nisso que você deve se concentrar. Quero dizer, em tudo que fizemos pelos outros.

A voz dele parecia uma velha gravação automática, e não o homem que eu havia conhecido.

– Não posso. Isso também é insignificante. Agora tudo é insignificante.

– Você não pode estar falando sério – retrucou o padre Greg. – Não pode.

Ergueu os olhos para o céu que escurecia. Inspirou forte e escarrou. Limpou o sangue do corte no pescoço, depois esfregou os dedos sujos com o polegar. Tantas vezes eu busquei sua ajuda, tantas vezes ouvi sua voz com uma avidez, uma esperança e um desejo que chamara de amor... – e mesmo naquele momento o que me atraía a ele se parecia com amor, ou com o que o amor deixa para trás quando vai embora.

Continuei em cima do tronco, ouvindo a correnteza abaixo de mim. O padre Greg usou a árvore como

apoio para se levantar do chão. Veio andando aos tropeços na minha direção quando perdeu o equilíbrio. Agarrou outro galho para se firmar. Seu cabelo estava desganhado e a camisa, rasgada e suja do tombo. Uma das pernas o incomodava o suficiente para fazê-lo mancar. Passou pela minha cabeça que o padre Greg era um homem que ia morrer um dia – e, se tudo corresse conforme a ordem natural da vida, morreria muito antes de mim. O velho abatido tropeçou até a base do tronco e segurou uma das raízes maiores. Olhou para mim e sacudiu a raiz, para ver se ela movia a árvore. Nada aconteceu, a raiz apenas se curvou ligeiramente sob a pressão dele.

– Eu queria... – disse em voz baixa, e então parou. Tentou buscar as palavras, mas nada lhe ocorreu. – Tudo vai passar, não é?

Experimentou a raiz e, com estranha segurança, percebi que ele não subiria na árvore caída. Mesmo que tentasse, eu poderia me mover mais depressa, alcançar a outra margem e voltar para a rua em dois tempos. Então o padre Greg fez meia-volta e, sem jeito, abriu caminho pelo arvoredo até a orla do campo de golfe. Seus ombros tremiam. Estava destruído, mas, ainda assim, pensei, tinha mais razão do que jamais tivera.

capítulo 9

*M*eu rosto não ia sarar num dia, é claro – uma meia-lua de pele amarelada cercava as manchas azuis e roxas em volta do meu olho –, mas mamãe acabou me deixando faltar à aula na quarta-feira. No entanto eu sabia que não poderia ficar em casa para sempre. Quanto mais sozinho, pior eu me sentia. Não importava quantos analgésicos eu engolissem: eles apenas entorpeciam a dor provocada pelo inchaço do meu rosto. Eu não podia continuar me escondendo.

Na quinta-feira, ao acordar, compreendi que já estava na hora de voltar ao colégio. Ouvi o noticiário sentado na beirada da cama. Outra mesquita fora atacada e saqueada por vândalos, desta vez em Columbus, Ohio. Em Cambridge, Massachusetts, começaram a ser selecionados os jurados que iam participar do julgamento do pai que espancava outro pai até a morte num treino de hóquei. Como poderíamos seguir com nossas vidas?

Pedi o carro antes que pudesse mudar de ideia, depois atirei o telefone do outro lado do quarto. Eu precisava seguir em frente, e ficar em silêncio era minha única chance de segurança. E se houvesse apenas uma história para contar – que na verdade nada havia acontecido?

Mas não cheguei à escola na hora. O motorista seguiu lento demais, respeitando o limite de velocidade de cada rua. Quando entramos na Mulberry um sedã Lincoln arrancou do meio-fio em frente à entrada para carros da instituição. Não consegui ver quem dirigia, mas não pude deixar de pensar que era o carro dos padres da Preciosíssimo Sangue. Ele disparou à nossa frente e, enquanto entrávamos na escola, perdi-o de vista.

Fiquei remexendo na minha mochila quando o motorista pigarreou e me pediu, num inglês com sotaque eslávico de letras comidas, a gentileza de saltar. Parou no meio-fio e segurou a porta aberta, mas eu não conseguia descer do carro. Só conseguia enxergar o padre Greg parado ali, na entrada da escola, apoiado na mesa da Sra. Perrich, entretendo a aglomeração à sua volta, esperando por mim com um sorriso largo no rosto e estendendo a mão para me puxar para perto dele e me introduzir na sua história.

Já ia pedir que o motorista me levasse de volta quando a Sra. Perrich apareceu na escadaria e viu o que estava acontecendo e por que o motorista continuava esperando. Ela segurava as pontas da sua manta para que não voasse com o vento, mas ergueu um dos braços e acenou para mim. Acenou outra vez, como se fôssemos velhos amigos, mas, quando finalmente saltei, ela recuou, como se meus machucados fossem contagiosos. Recompôs-se depressa, passou o braço pelos meus ombros e me acompanhou pelos degraus, oferecendo sua solidariedade.

– Caí da cama – expliquei, quando chegamos ao hall de entrada.

Não havia ninguém ali. A Sra. Perrich não engoliu a história, mas também não questionou.

– Espero que isso não tenha estragado as suas férias – comentou.

– Ah, isso aqui? – falei, apontando para o olho. – Ah, isso não foi nada. Não foi grande coisa.

Vesti minha máscara, um jeito de eu me apresentar sem ter que desenvolver muito o assunto.

Ela me fez assinar a folha dos alunos atrasados e me mandou para a aula de inglês.

– Quando tiver um tempinho livre – começou ela –, volte aqui para me contar como foi o seu fim de ano. Foi divertido? Você viajou?

Olhei mais uma vez para ela antes de ir embora, imaginando como seria o seu universo colorido e animado. Como mamãe, a Sra. Perrich parecia transitar sorridente pelo seu mundinho imaginário. Esbocei um sorriso. Ela retribuiu.

Quando abri a porta da sala da aula de inglês, todos olharam para mim. Entrei e me sentei na minha carteira do outro lado. As perguntas viriam depois, perguntas com que eu saberia lidar. Perguntas que Josie, Sophie e Mark também poderiam responder. O professor Weinstein se posicionou na frente da mesa e esperou que eu me acomodasse atrás de Josie para continuar.

– E o que essa criatura mais queria? – perguntou à turma.

– Uma companhia – respondi, sem levantar a mão.

Josie se mexeu na minha frente e eu soube que ela estava sorrindo.

– Senhor Donovan, você esqueceu como deve se comportar? Aqui sempre erguemos os braços na hora de responder. – O professor Weinstein esfregou a parte funda de suas faces encovadas. – Além disso, o senhor está atrasado. Mais uma brincadeira e sairá da sala. – Fez uma pausa e olhou para o meu rosto. – Você está bem?

Sorri.

Soube depois que eu havia perdido uma arguição sobre *Frankenstein* na véspera. Não levantei a mão e o professor Weinstein não se deu o trabalho de me chamar para responder. Não fiz nenhuma anotação. Fiquei rabiscando com a caneta até que as páginas do meu caderno se transformassem em crateras preto-azuladas.

Os raios de sol filtrados pelas janelas batiam no tom avermelhado de algumas mechas do cabelo de Josie, e observei os matizes mudando de escuro para claro quando ela mexia a cabeça. Terminado o primeiro tempo, em vez de disparar para o corredor, como de praxe, ela se virou para trás.

– Oi. Até que não está tão feio quanto imaginei – disse. – Falamos de você ontem. Queríamos saber como estava. Queríamos ver você.

– Desse jeito?

– Ah, sério, não está tão ruim assim. Ficou até meio descolado, na verdade. – Sorriu e se levantou. – Você perdeu ontem.

– Ah, é? Perdi o quê?

– Eu – respondeu ela.

Soltei uma risada.

– É verdade.

– Quero dizer, você perdeu a nova eu – continuou Josie. – Eu solteira. Dustin faz parte do passado

agora. – Esbarrou de propósito no meu ombro. – E agora, como vai ser? Meu futuro está bem aberto no momento – provocou.

– Você está livre – consegui dizer.

– Por enquanto. – Fechou o zíper da mochila e a colocou nas costas. – Enfim, só queria que você soubesse disso. A gente se vê.

Saiu depressa e se encontrou com Sophie no corredor. As duas entrelaçaram os braços e foram embora. Ótima notícia. Foi como se ela tivesse lentamente desabotoado a blusa e revelado a renda do sutiã. De que adiantava sonhar tanto, observá-la da carteira de trás, e não tentar viver aquilo?

Guardei o material na mochila e saí para o corredor com os ombros arriados. Por mais que eu quisesse ficar animado com Josie, não conseguia deixar de pensar nas outras pessoas que encontraria ali. Só aguentei ficar na aula de química porque houve um teste surpresa e, assim, eu não teria outra coisa na cabeça a não ser fórmulas. Mas, depois do quarto tempo, Nick finalmente me achou. Não percebi sua aproximação enquanto ele subia a escada perto do ginásio. Passou o braço sobre meus ombros e me conduziu até o canto do patamar, junto à janela que dava para os campos de lacrosse e futebol americano.

– Contou a alguém que eu fiz isso com você? – perguntou.

Foi tentador. Brigar, no colégio ou fora dele, levava automaticamente a uma inspeção disciplinar.

– Não – respondi. – Mas poderia.

Nick olhou em volta com receio. Encostou-me na parede com o antebraço.

– Não seja idiota. Se disser alguma coisa, a qualquer professor, ao Berne, a qualquer um, vou contar para todo mundo que você e o veado do Kowolski estavam passando espuma na bunda do Feingold e pintando o caralho mole dele.

– Vocês que fizeram isso.

– Não. Vou falar que nós vimos vocês fazendo isso. Sacou? Batendo punheta do lado do cara enquanto ele estava desmaiado. Vou contar para todo mundo. Dustin também. E Andre, e qualquer outra pessoa que sirva de testemunha a nosso favor.

Tentei me soltar do seu braço, mas Nick era muito forte.

– De que porra você está falando? Muita gente nos viu no térreo. Eu dancei com a Josie. Todo mundo viu.

Nick deu um sorriso.

– É a sua palavra contra a minha. E a do Dustin, e de qualquer outra pessoa a quem ele contar. Ainda não entendeu? Somos nós que ditamos as regras aqui. Não você. – Pressionou o braço com mais força. – Sou eu quem diz o que aconteceu.

Minhas pernas ficaram bambas. Talvez eu desabasse ali mesmo se ele não estivesse me imprensando contra a parede. Nick falou mais alguma coisa, mas eu tinha escapado para outro lugar, para o arvoredo ao longo do rio em Stonebrook, pensando em como uma história pode ser reescrita.

– Não aconteceu nada – murmurei.

– É isso aí – concordou Nick. E riu. – A menos que eu diga que aconteceu.

– Não aconteceu nada – repeti.

Nick me deu uma cutucada forte no peito.

– Ok. Ótimo. Estou contando com isso. Não vou falar nada sobre o que vi no quarto do Feingold.

Nem Dustin. Por enquanto. Beleza? – Deu um passo atrás e cruzou os braços. – Seu segredo está seguro comigo, gostoso.

Dois calouros passaram por nós, descendo a escada. Nick olhou de relance e eles mantiveram a cabeça baixa. Virou-se para mim novamente.

– Não aconteceu nada – repeti, para que outras pessoas na escada ouvissem. O sorriso do Nick se desfez. – Não está entendendo? Não há o que falar, porque nada aconteceu.

Eu tremia e me sentia zozinho, como se estivesse flutuando.

– Acho melhor você não abrir o bico – avisou Nick, em voz baixa. – Senão, vou transformar sua vida num verdadeiro inferno.

– Não aconteceu nada, Nick, então não há o que falar!

A essa altura, eu estava aos berros, e Nick balançou a cabeça. Olhou para os outros garotos que vinham subindo a escada.

– Retardado! – xingou.

Tentei encontrar um lugar tranquilo para me acalmar. Estava fervendo de raiva, ainda tomado pelo medo das ameaças do Nick, mas sabia que também o havia assustado um pouco e, no fundo, isso era bom. Eu tinha sobrevivido e, o mais importante, poderia sobreviver de novo. Não fui almoçar, mas Sophie me achou antes da última aula e me passou um bilhete da Josie. *Eu nunca tinha beijado um cara de olho roxo até umas noites atrás. Foi meio sexy. Você está livre essa semana?* Meneei a cabeça e murmurei um sim. Sophie deu um risinho e partiu pelo corredor com a resposta.

Eu estava exausto e suado quando o inspetor Berne finalmente tocou o sinal da hora da saída. Parecia um zumbi ao sair da escola. Mas Josie me alcançou no estacionamento. Exibia um sorriso tímido no rosto pálido, um sorriso que qualquer um pararia para apreciar, e foi o que eu fiz, um pouco assustado por ela ter me procurado.

Josie enlaçou um braço no meu e encostou a cabeça no meu ombro.

– Achei que você tinha me esquecido – disse, erguendo os olhos para mim.

– Foi só um daqueles dias.

– Ah, eu sei. Ei, tenho que ir para casa, mas podemos demorar um pouco para chegar lá. Você não se incomoda, não é?

– Prefiro demorar – respondi, e a beijei.

Ela cantarolou quando nossos lábios se tocaram e aquele momento penetrou em mim como o calor de um banho quente. Ainda não tínhamos nos afastado tanto do estacionamento, e eu sabia que os outros alunos podiam nos ver. Não me importei. Na verdade, queria estar ainda mais colado a ela, bem ali, em cima do capô do carro de alguém.

Eu não sabia direito o que estava fazendo e, depois de algum tempo, a saliva começou a escorrer da boca e se acumular no queixo. Josie se afastou e riu.

– Nossa! – exclamou. – Preciso de um pouco de ar.

Virou-se para enxugar o rosto e fiz o mesmo, dando uma olhada no estacionamento. Dois colegas de turma e alunos do segundo ano conversavam, encostados nos carros. Outros tinham formado um círculo e faziam embaixadinhas com uma bola de pano.

Riggs estava dentro do carro com as janelas abaixadas e o rádio ligado, proporcionando uma trilha sonora ao lugar. Enquanto Bob Marley cantava “Soul Shakedown Party”, duas garotas do time de hóquei,

encostadas no capô do Riggs, apontaram para nós dois. Pelo menos não deram risinhos de sarcasmo, uma pequena vitória que tive a satisfação de experimentar. Eu me senti outra pessoa – o garoto do olho roxo, que mais parecia uma venda, escrevendo sua nova história.

– Venha – disse Josie, tomando meu braço. – Vamos sair daqui.

Caminhamos para a rua num andar preguiçoso, os dois grudados, e, embora minhas pernas fossem muito mais compridas que as dela, conseguimos manter o mesmo ritmo. Paramos algumas vezes pelo caminho para nos beijar e depois de um tempo já não nos babamos tanto. Descobrimos uma forma mais calma, mais lenta, seguindo a respiração um do outro.

A gente se beijava e sorria ao mesmo tempo. Quando percebi que Josie tinha que ficar na ponta dos pés, passei um braço sob sua cabeça e envolvi suas costas com o outro para lhe dar apoio, e relaxamos naturalmente um no outro.

Em meio aos beijos, tentamos conversar, encontrar assuntos que pudessem ser desenvolvidos enquanto caminhávamos, mas nenhum dos dois conseguia mantê-los por muito tempo. De vez em quando, nos encostávamos numa caixa de correio ou numa árvore, às vezes parávamos até no meio da calçada larga da rua Halverson. Aí o papo morria e a gente se aproximava um do outro, sorrindo em silêncio. Então concluímos que tudo aquilo servia apenas para que a gente se beijasse sem parar – e todos os intervalos eram somente uma distração.

– Você leu a reportagem sobre a nova tecnologia de reconhecimento facial que saiu no *Times* de ontem? – perguntei, depois que nos desgrudamos do muro de pedra do jardim do vizinho da Josie.

Já tínhamos chegado à casa dela, mas eu não queria que a tarde acabasse.

– Não. Que engraçado, você lê jornal todos os dias? Parece um velhinho fofo – comentou ela. Alisou a lapela do meu sobretudo, suspirou e deu um beijinho no meu nariz. – Queria que minha mãe não estivesse em casa.

– Eu também.

– Ela vai ficar me vigiando a noite toda, para ter certeza de que estou fazendo o dever de casa. Aquilo ali parece uma prisão – disse, apontando para sua casa com o polegar.

As árvores grandes encobriam uma visão clara da casa. Uma última camada suja de neve ainda formava uma crosta nas raízes das árvores e, ao longo de um dos troncos mais grossos, uma película de gelo fazia a casca reluzir. Reparei em nossas sombras, projetadas ali.

– Ela até pediu que Ruby não me deixasse mais receber ninguém em casa durante a semana – continuou Josie. – Precisamos encontrar outro lugar para ficar. Não sei qual é a dela, mamãe vem pirando um pouco. Se ela não estivesse em casa, eu faria você entrar escondido. – Deu um risinho. – Seria divertido.

– E se a sua mãe for neurótica o suficiente para espalhar câmeras de vigilância pela casa? Ela pode ter instalado algumas por aqui... Pode estar observando a gente nesse momento. – Levantei a gola do sobretudo, cobrindo a cabeça. Josie começou a rir. Desabotoou meu casaco e se aconchegou em mim, e eu a embrulhei no agasalho também. – Ela pode ter colocado uma câmera no meu casaco – murmurei.

– Então vai ver um belo amasso de camarote.

Tornamos a nos beijar durante algum tempo. Tirei o casaco da cabeça e demos um abraço bem apertado na friagem. Por fim, ela deu um passo atrás e me agradeceu por deixá-la em casa. Eu a vi contornar as árvores em direção à sua garagem e seguir para casa. Quando sumiu, tornei a olhar o gelo,

porém não havia mais nada, só a casca áspera. Uma nuvem passara em frente ao sol e tampou todo o brilho.

Nem acreditei que beijei Josie ali, a ficha ainda não tinha caído. Mas outros nos viram. Podiam ser convocados como testemunhas. Agora havia um registro a que eu poderia me agarrar, uma história a contar e na qual desejava crer.

Foi só nisso que consegui pensar no caminho para casa: nas possibilidades. De repente, imaginei Josie e eu de mãos dadas a caminho da lanchonete, o jeito como ela poderia afagar o meu queixo no corredor quando os professores não estivessem por perto, sua língua se movendo devagar contra a minha – tudo bem ali, à luz do dia.

Mamãe não estava em casa, mas tinha deixado um prato de biscoitos na bancada, com um bilhete escrito “SEU FAVORITO”. Biscoitos de canela. De fato tinham sido meus preferidos quando eu era criança, mas mesmo assim enfiei um deles na boca. Atravessei a biblioteca a caminho da escadaria. Estava subindo os degraus quando a campainha tocou. Tarde demais. Não pude correr. Já tinha sido visto. O padre Dooley pôs a mão em concha sobre os olhos e espiou pelo vidro ao lado da porta.

O desdém lhe curvava a boca.

– Queria passar aqui antes da missa da tarde – disse, ao passar por mim e entrar, quando abri a porta. Encostou a bengala na mesa de centro, como se esperasse que alguém a levasse junto com o seu casaco. – Queria ver como você está – acrescentou.

– Acho que isso não é necessário.

– Tudo bem. Como eu disse, só queria ver como você estava. – Examinou-me enquanto tentava passar um tom de compaixão, mas sem sucesso. Ele era paciente, e deixou o silêncio pairar entre nós. – Achei que podia lhe oferecer alguns conselhos – acrescentou, por fim. – Caso fossem necessários.

– Sobre o que devemos falar? – questionei.

O padre Dooley me olhou.

– É isso que acontece quando nos sentimos magoados, não é? Dizemos coisas sem pensar, para nos vingar. É por isso que estou aqui. Para cuidar da nossa comunidade. Todos precisamos de um pouco de cuidado, de vez em quando. Não podemos esquecer isso.

Era raro ver o padre Dooley sem a cara amarrada, mas ele conseguiu esboçar um sorriso meio torto. Feio e estragado pela falsidade.

– Não quero sua ajuda. Quero que me deixem em paz.

– Ainda acho que você e eu temos algumas coisas para discutir. Um pendência.

Eu não conseguia entender o que mais o padre Dooley podia querer de mim. Será que não percebia que eu não havia contado nada à minha mãe? Não percebia que eu queria me afastar de tudo aquilo? Por que era tão difícil que cada um cuidasse da própria vida, desligados um do outro? Não podíamos simplesmente cair fora sem olhar para trás, como o Velho Donovan fez? Por um momento, admirei meu pai, sua capacidade de criar a própria realidade e impô-la ao resto do mundo. Ele não perdia tempo com frivolidades. Inventou a sua verdade e se ateu a ela. Havia um radicalismo nisso tudo: que se danem todas as consequências – elas são insignificantes se comparadas à importância da causa.

Embora eu não suportasse o Velho Donovan, sua sensibilidade me inspirou. Eu não podia ir à Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo. Só de me imaginar cruzando o portão daquele lugar vinham à minha cabeça todas as ideias que eu tentava expurgar. Eu não era o padre Greg. Não era. Não era James. Não

era outro garoto qualquer no porão. Não era ninguém. Nada daquilo com o padre Greg havia acontecido, nem meu período na Preciosíssimo Sangue. Nada. A história fora apagada. Eu poderia apagá-la ainda mais. Ela poderia desaparecer, e tudo ficaria mais fácil se o padre Dooley também desejasse isso.

– Está bem – falei. Apontei para o corredor ao fundo, conduzindo-o ao escritório do Velho Donovan.

– A gente pode se sentar ali.

Ele hesitou, mas insisti. Levei-o para lá e me sentei na poltrona giratória de couro atrás da escrivaninha. Fiz um gesto para que o padre Dooley ocupasse uma das cadeiras de espaldar reto do outro lado.

– Prefiro ficar de pé.

– Ótimo – respondi, reclinando-me na poltrona.

Ele se calou por um momento e esperei.

Como eu não falei nada, o padre disse em voz baixa:

– Olhe, eu queria conversar com você, Aidan – começou ele, finalmente se sentando. Brinquei com o pequeno calendário de moldura de prata que ficava sobre a escrivaninha. O padre Dooley pigarreou. – A Igreja, inclusive a nossa paróquia, tem feito enormes contribuições para nossa sociedade. – Parou outra vez. – Aidan, olhe para mim, por favor. Preciso que você compreenda isso. O padre Greg é um homem complicado. Estive com ele ontem à noite. Estava doente. Está doente. Vai melhorar, mas talvez em outro lugar. Você nunca mais o verá por aqui.

Nada do que ele falava me parecia real. Não conseguia imaginar nossa cidade antes da chegada do padre Greg. Ele era muito popular. Era triste pensar no vazio que ele deixaria, mas eu também sentia raiva. Raiva de todo o espaço que ele havia ocupado. Peguei uma caneta esferográfica pesada e levantei os olhos para o padre Dooley, batendo com a base dela no risque-rabisque marrom e grosso.

– Ele fez muito por esta comunidade – continuou o religioso. – Você sabe quanto dinheiro ele ajudou a angariar para as escolas. Não podemos deixar que seus problemas pessoais maculem o resto da carreira dele. Pense no que uma história terrível pode fazer com uma boa pessoa. Se isso acontecer, talvez tudo pelo que ele trabalhou também seja destruído. Imagine todas as escolas, as famílias, as crianças que foram beneficiadas. Não queremos destruí-las também, não é? – interrompeu-se e bateu com a bengala no chão. – Nossa igreja tem uma história, uma posição aqui. E também existe a própria Santa Madre Igreja. Ela nasceu da perseguição e se transformou no que é hoje. Está me ouvindo? O que estou querendo dizer é que devemos perdoar e seguir em frente.

– Seguir em frente – repeti.

– Não estamos falando sobre reparações, Aidan. Não pode ter a ver com isso. Às vezes, temos que sacrificar nossas necessidades pessoais em nome de um bem maior. É a religião, Aidan, e ela é maior do que você, eu ou o padre Greg. Ela sobreviverá e continuará aqui muito depois de todos nós termos morrido. Continuará crescendo.

– Sem mim – retruquei. – Nunca mais vou voltar lá. Acabou para mim, já deu. Não vou voltar.

O padre Dooley engoliu em seco.

– Creio que também seria importante pensarmos no perdão. Devemos praticá-lo. Você vai melhorar a longo prazo.

– Vou melhorar? – Apertei a caneta e falei lentamente: – Padre Dooley, não sei do que o senhor está falando. A gente estava conversando sobre o trabalho, lembra? Os arquivos estão marcados. As pastas no

computador são fáceis de reconhecer. – Minha voz fraquejou. – O único assunto a tratar é trabalho. Não vou mais trabalhar como voluntário. Só isso. Acabou.

– Estou tentando deixar tudo às claras com você – retrucou ele. Parecia frágil, magro demais para a roupa que lhe pendia do corpo. – Há coisas importantes a serem tratadas aqui.

– Não, não há mais nada. – Percebi que eu tinha cravado a caneta no risque-rabisque e aberto um buraco no papel. Tentei me acalmar praticando a respiração lenta e ritmada da mamãe. – E não há mais nenhum assunto pendente entre nós. Acabou.

O padre Dooley se inclinou para a frente, tentando se aproximar. Estava prestes a contra-argumentar, mas eu o cortei:

– E nunca, nunca mais quero ver o padre Greg.

O velho sacerdote lançou-me um olhar frio e balançou a cabeça. Soltou um suspiro pelo nariz.

– Acho que devo ir embora – disse. Parecia muito angustiado, apertando o cabo prateado da bengala. – É difícil confiar em você, Aidan. Continuo preocupado com você.

– Não preciso da sua preocupação.

O padre Dooley se levantou, apoiando-se na cadeira. Remexeu nos botões do casaco, mas as mãos tremiam tanto que ele não conseguiu passá-los pela casa correspondente.

– Eu também gostaria de dizer que sinto muito. Gostaria que você pudesse ver as coisas da minha posição. Tenho que pensar em todos... na comunidade maior.

– Eu gostaria que o senhor pensasse em ir embora também. Faria um favor.

O padre Dooley aproximou-se da porta. Alisou o casaco e ergueu a voz:

– Pode deixar que encontro a saída sozinho.

Permaneci sentado, vendo-o se afastar. Uma longa faixa de luz vespertina se estendia pelo tapete persa até o gigantesco globo terrestre entre as poltronas. O ângulo de incidência da luz clareava o Pacífico Sul e o Círculo Polar Antártico. Fitei-os por um longo tempo, tentando invocar algo do Velho Donovan que eu conhecia. Era assim que eu queria ser. O que havia acontecido entre mim e o padre Greg? Nada. Se ninguém soubesse, nada teria acontecido. Não existia. Não podia existir.

capítulo 10

*E*u tinha entrado no piloto automático. Cada risada que fabricava, cada aceno afirmativo com a cabeça, tudo isso ajudava a moldar e a criar o *eu* que eu queria que todos vissem. E foi esse Aidan, o da confiança crescente, que eles enxergaram. Eu alongava os ombros quando ficava sentado na sala ou de pé no corredor, e empertigava a coluna. Às vezes as pessoas erguiam a cabeça para olhar nos meus olhos, como se eu tivesse um plano a cumprir. Na sexta-feira, um professor até me deu um tapinha nas costas e disse “Feliz ano-novo”. Retribuí com um sorriso caloroso – a incansável máscara dos Donovan, que agora parecia muito mais fácil de usar. Estava tudo *maravilhoso*.

Mais tarde naquele dia, Josie e eu trocamos bilhetes durante os avisos do final das aulas. Notei que ela vestia a mesma roupa do dia da festa de Natal, e Josie explicou que ela e Sophie iam a um show na Broadway naquela noite com as mães de ambas, um evento mensal chamado Noitada das Meninas. Aquele era seu traje de *mocinha*.

Eu a elogiei e disse que ela fazia todas as roupas parecerem o sonho do estilista que as desenhou – ela dava a melhor aparência possível ao que quer que usasse. Josie ainda estava ruborizada quando descemos juntos a escadaria da escola. Depois, ela e Sophie entraram no carro estacionado que as esperava.

Todos iam sair à noite. Mamãe tinha programado uma festa em Rye e os pais do Mark ficariam em Nova York para assistir à ópera e só voltariam no dia seguinte. Então, apesar de estar de castigo, sem poder sair, Mark insistiu em que nos encontrássemos assim mesmo. Uma das frases feitas da mamãe era “Não podemos deixar que o mundo se divirta sem a nossa presença”, e ele riu em concordância quando eu lhe disse isso. Fiquei feliz por não ter que passar a noite sozinho. Tinha a sensação de estar ganhando impulso e não queria que nada me fizesse reduzir o ritmo.

Embora nossa festa pudesse começar no meio da tarde, primeiro Mark tinha que esperar a mãe sair. Também não podia ir de carro, pois o pai talvez checasse a quilometragem na volta. Resolvemos nos encontrar no meio do caminho entre nossas casas, no parquinho da Escola Fundamental Coolidge. Como eu não tinha nada para fazer em casa, saí antes dele e subi num dos blocos de concreto usados como trepa-trepa.

Já havia escurecido quando cheguei, e fiquei olhando o céu pela abertura quadrada no topo do bloco. Os postes de luz do estacionamento vizinho lançavam uma vaga bruma cinza-alaranjada no parquinho, mas ainda era possível ver algumas estrelas tênues brilhando na moldura acima de mim. A luz era fraca e

quase pensei vê-las piscar, como se passassem muito de leve por tons esmaecidos de azul ou violeta. À medida que continuei a contemplá-las, outras ganharam vida entre as primeiras. Era deprimente pensar na distância que nos separava – era bem provável que pelo menos uma já estivesse morta e tudo que restasse fosse sua luz. Acendi um dos cigarros da mamãe e, entre uma tragada e outra, levantei-o para o céu, tentando fixar meu próprio pontinho laranja no imenso vazio lá no alto.

Dei minha última tragada quando Mark enfiou a cabeça pela abertura. Não conseguia ver seu rosto, mas sabia que era ele.

– Oi. O que está fazendo? – perguntou. – Tentando enviar sinais de fumaça, ou algo assim?

– É – respondi, rindo. – Tem alguém esperando por eles?

– Claro que não. Só eu.

Mark enfiou-se pela abertura e caiu sentado do meu lado. Riu alto, e o eco no cubo de concreto duplicou o volume do som. Falei para ele não fazer barulho, caso alguém passasse por ali, e lhe entreguei uma garrafa plástica com o rum do bar do Velho Donovan. Ele a pegou e balançou a cabeça.

– Porra, já estou chapado, cara. – Tomou um gole da bebida e enxugou a boca. – Puta merda! – exclamou.

Bebi da minha garrafa também. Era como chupar a ponta errada de um cigarro aceso.

– Esse rum devia ser do bom – comentei. – Talvez tenha um sabor mais apurado.

– Como tudo nesse mundo idiota – disse Mark. Desviou o olhar e riu consigo mesmo. Ficamos calados por um minuto. – Por que não? – acabou dizendo, como se houvéssemos continuado a conversa.

Mark já estava com os olhos injetados, mas mesmo assim encheu seu cachimbo de maconha. Nós o fumamos juntos e acendi outro cigarro para disfarçar o cheiro. Estávamos muito perto um do outro, e fiquei de pé pela abertura para terminar meu cigarro.

– Ei, você bloqueou minha visão, cara – disse Mark, puxando uma perna da minha calça.

– Você está meio tenso hoje – observei. – Relaxe, cara.

Tornei a me abaixar e deixei uma perna pendurada para fora pela abertura traseira do cubo.

– É – disse ele. – Desculpe. Estou queimando muito a mufa hoje.

Uma coisa que aprendi ao sair com Mark era que, quando ficava chapado, ele raramente concluía seu raciocínio. Costumava verbalizar uns trechos e eu preenchia as lacunas que faltavam na sua lógica.

– Mas não faz a menor diferença o ângulo pelo qual se olha as coisas. Continuo acabando na mesma merda de lugar.

– Do que diabos você está falando?

Mark se virou para mim e apenas balançou a cabeça.

– Ah, qual é, não pode ser tão ruim assim – insisti. – Você sobreviveu ao ano-novo depois que saí da sua casa. Eu também. Estamos vivos aqui agora.

– É – concordou Mark.

– Peço desculpas por terem nos achado daquele jeito. Nem me lembro de ter pegado no sono.

– Não, cara. Tudo está de cabeça para baixo. A culpa não é sua.

Ficamos calados outra vez. Ouvei um carro passar pela rua da escola. Sabia que o motorista não conseguiria nos ver no parquinho através da fileira de árvores, mas mesmo assim fiquei meio nervoso. Mark nem notou. Estava isolado dentro de sua cabeça naquele momento.

– Eu deveria ser alguém importante, lembra? – disse, quebrando o silêncio.

– É verdade.

– Alguém perfeito.

– Ah, eu sei. Não somos todos?

– Bem, os coroaos acham que você está bem longe de ser perfeito.

– Não são os primeiros.

– Mas acham que é *má influência*. Tipo, eu não deveria sair com você, pois você vai acabar com o meu futuro brilhante.

– Aí é foda.

– Nada mais faz sentido para mim – disse ele, desanimado. – Além disso, eles não sabem nem metade da história – acrescentou, e ficou em silêncio outra vez. Bebemos mais um pouco e Mark prosseguiu: – As pessoas dizem que acreditam em certas coisas, mas aí fazem tanta coisa que acabam se contradizendo completamente. – Pegou o cachimbo de dose única, encheu-o e o acendeu. – Se eles me pegarem fazendo algo parecido com o que fiz no ano-novo, como dirigir bêbado, vão me matar! Foda-se. Na verdade, se eu for apanhado, eles vão me matar. – Deu um tapa no fumo e me ofereceu o cachimbo, que recusei. Ele o levou à boca outra vez e continuou: – Estávamos falando hoje sobre aquele cara que colocou uma bomba no sapato. Fiquei pensando. Sabe por que os jihadistas vão acabar vencendo? Porque acreditam em alguma coisa. De verdade. Eles acreditam de verdade em alguma coisa. A gente não acredita em nada, e é por isso que estamos fodidos.

– Não acredito nisso – retruquei, dobrando os joelhos junto ao peito.

– Aham, até parece – disse Mark, zombando de mim. Deu mais um trago na garrafa. – Meu pai assinou um cheque para o levantamento de fundos da Preciosíssimo Sangue. Um cheque de 10 mil dólares. Falou que tinha que se igualar ao seu pai, mesmo achando que você é doido. Sabe, meu pai acha que o seu caga barras de ouro. Enfim, mandou todo aquele dinheiro para eles, e nem lembro a última vez que pôs os pés numa igreja. O que isso significa?

– Nada – respondi. – Qual é, cara, deixe para lá.

Ele balançou a cabeça. Deu outro tapa e descartei sua oferta com um aceno. Ele terminou de fumar e pôs o cachimbo de lado. Esfregou os olhos e pegou um frasco de colírio. Surtia algum efeito, mas não o bastante.

– Quero dizer, faz muito tempo que não vou à igreja, e não pretendo voltar. Meu pai também não, mas quer acreditar que fazemos parte da comunidade. Como se precisássemos ter uma insígnia que demonstrasse isso, sei lá. Ele quer fazer parte de todas as organizações sociais da cidade: clube, igreja... – Mark levantou-se pela abertura do cubo e correu os olhos pela escuridão do parquinho e do campo de beisebol, mais adiante. – Tenho a sensação de que passei a vida toda tentando agradar às outras pessoas, tentando ser quem elas querem que eu seja. Mas eu também não tive muitas ideias próprias sobre o que fazer. E não é que elas estejam me impedindo de ser quem eu quero ser. Eu não quero ser ninguém em especial. Não é estranho isso?

– Não.

– Sempre achei que as ideias dos outros eram melhores, que os outros saberiam o que é melhor para mim. Só que nunca pensei que eles pudessem ser exatamente como eu: um bando de fingidores. Estamos todos completamente sozinhos.

De repente ele se curvou sobre mim e agarrou os meus ombros. Olhou para o meu olho roxo e, por um

instante, achei que ele ia beijá-lo. Senti um nó no estômago e fiquei imóvel.

– Cara – disse Mark –, solidão é uma merda.

Balançou a cabeça e tornou a se levantar. Enxugou o nariz.

Nesse momento, fiquei constrangido por estar ali, apertado no interior de um cubo. Enfiei as pernas pela parte traseira e pulei para a areia.

– Vamos embora – chamei Mark. – É melhor a gente sair daqui. Estamos fazendo muito barulho. De repente alguém vai ouvir e vamos ser pegos.

– Foda-se – retrucou Mark. – Sei lá, talvez esteja na hora de eu ser pego mesmo. Talvez seja disso que eu preciso.

– Pare com isso!

– Tudo bem – disse ele, e olhou para a escola. Pôs a mão acima dos olhos, para bloquear o brilho de uma das lâmpadas do estacionamento. – Sei de um lugar onde ninguém vai nos escutar.

Saiu do cubo e caminhou decidido pelo parquinho em direção às árvores ao lado da escola. O prédio era estreito nos fundos e a parte da frente se abria feito um leque para a rua, além de ter mais andares que a traseira, de modo que o telhado descia gradualmente. Uma escada de incêndio metálica ziguezagueava pela parede da construção, perto dos fundos, do parquinho e das luzes do estacionamento. Mark me levou até a base da escada e subiu depressa até a porta de emergência.

– Ei, cara – chamei. – Se a gente tentar entrar, vai disparar o alarme.

– Não vamos entrar. Vamos subir – disse ele. A janela ao lado da entrada de emergência era coberta por uma grade de metal. Mark olhou para o telhado. – Acha que consegue?

– Qual é, você não está falando sério.

Mark sorriu. Foi a primeira vez no dia que pareceu relaxado.

– É. Bom, *eu* consigo. Mas já vi você nadar. Acha que consegue içar o corpo até aqui?

Ele não esperou pela minha resposta. Segurou-se na grade e começou a subir. Avançou com esforço até a beirada do telhado e, lá chegando, hesitou, mas só por um instante. Segurou-se na borda, puxou o corpo para cima e rolou para adiante, sumindo de vista. Eu o segui, só que mais nervoso. A subida foi ainda mais difícil do que imaginei e, quando pensei quão alto eu deveria estar, não olhei para baixo. Quando icei o corpo, meus braços tremeram e a grade chacoalhou. Ouvi a brisa balançando os galhos das árvores, 4 ou 5 metros abaixo de mim. Agarrei-me com toda a força e continuei subindo devagar. Quando enfim cheguei lá em cima, Mark estava sentado pouco depois da borda de pedra.

– Precisa de uma mãozinha? – perguntou. Plantou os pés na borda, me agarrou por baixo de um dos ombros e me puxou para cima do telhado.

O que eu não notei, olhando do chão, era que havia um terraço ali. Estendia-se por uma área plana de onde estávamos até uma parede baixa, acima da qual havia outro terraço que levava a outra parede baixa. Dali em diante, o telhado subia numa inclinação íngreme até um pico na parte frontal do edifício. Nós nos sentamos encostados na primeira parede baixa, bebendo rum direto da garrafa, enquanto eu recuperava o fôlego. Mark não tinha o costume de beber, mas foi enxugando o rum mais depressa do que eu. Sorriu, porém uma espécie de raiva ainda pairava em seu rosto. Terminou o rum e atirou a garrafa do outro lado do telhado.

– Cuidado. Isso é do bar do próprio J. P. Donovan. Na última vez em que roubei uma garrafa dele, acabei vomitando na Sophie – comentei, rindo.

Mas ele ficou quieto.

– Ah – fez Mark, meio entediado. – Lembra? Estava tudo muito legal até minha mãe aparecer.

– Escute – continuei, segurando o ombro dele. – Agora estamos aqui. Esqueça todos eles. Estamos livres. É assim que devemos nos sentir. Livres!

Apontei para o telhado à nossa frente. Os postes do estacionamento eram mais baixos e não forneciam muita luz. Do telhado podíamos ver mais estrelas e o céu escuro se abria sobre nós. Giramos no sentido oposto, deitados com a cabeça na base da parede, e nossa perspectiva mudou.

– Epa! – disse Mark. – Que viagem!

Começou a rir, e eu também, contente por ele estar feliz. Dividimos o rum da minha garrafa e fumamos um pouco mais com o cachimbo. Depois de algum tempo, ríamos feito dois idiotas. Apontei para as estrelas, então Mark fazia o mesmo depois me cutucava com a outra mão. Eu não conseguia parar de rir.

Mark levantou-se.

– Vamos ficar livres de verdade – disse, e começou a se despir. Parei de rir quando chegou a hora de tirar as cuecas e as meias. Ele me olhou fixo, com a cara séria. – Você também, idiota.

Hesitei, mas acabei tirando as roupas. Dei graças por ele não ter tirado a roupa de baixo. Quando faltavam apenas a cueca e as meias, senti o frio corroer meus pés e tomei mais um gole de rum, na tentativa de me aquecer. Mark tirou a garrafa de mim e matou a bebida. Girou o corpo e a jogou por cima da borda do terraço. Ouvi a tampa de plástico bater no metal da escada de incêndio.

– Uhul! – gritou ele. – Que todos se fodam!

Pulamos feito malucos, agitando os punhos no ar e dançando em volta das pilhas de roupas.

– Acho que podemos subir mais – disse ele. – Olhe só. – Tomou impulso, disparou em direção à parede e, com um salto, escalou para o nível seguinte. – Venha! – chamou, debruçando sobre ela.

Eu o imitei, e fizemos isso até chegarmos à parede seguinte. Escalamos o aclave íngreme do telhado, rastejando de bruços. Na borda, olhamos para a rua lá embaixo. Outro carro passou, mas não reduziu a velocidade.

– Que todos se fodam! – gritou Mark outra vez. O mundo parecia se mover debaixo de mim. Meu senso de equilíbrio não estava em perfeita ordem e, apesar de eu nem me mexer, tive a sensação de escorregar para a frente, subindo e passando pela borda do telhado. Rastejei de volta, descendo, e me virei de barriga para cima. Passei a me sentir um pouco melhor, mas, com a abóbada celeste à minha volta, parecia que eu me inclinava para a frente, como se tentasse alcançar as estrelas.

– Puta merda! – exclamei.

– Eu sei – disse Mark. – Parece que estou voando.

Torci o pescoço e olhei para ele. Mark continuava no beiral, mas agora de joelhos, com os dois braços abertos. Estremeci.

– Fala sério – objetei. – Vamos nos vestir. Não aguento mais ficar assim.

– Não – respondeu ele. Quando olhei para ele novamente, tinha se empoleirado ainda mais na beirada do telhado. – Não.

– Mark.

– Não. Eu quero que eles se fodam. Quero que eles se fodam junto com toda essa merda de senador Kowolski.

Abaixou a cueca e mostrou a bunda para mim. De joelhos, tentou dar a bunda para a rua lá embaixo – seus pés passaram por cima da borda do telhado e balançaram no ar acima da fachada da escola. Mark riu e tocou o peito com o queixo, mas fiquei sem saber se estava chorando.

– Ei, cara.

– Como você consegue? Como consegue ficar normal? – perguntou ele, baixinho, ainda empoleirado no beiral.

– Você é que sempre parece ser o mais esperto de todos nós – respondi. Mark continuava com as mãos plantadas à sua frente e, apesar de ele ter descido do telhado na minha direção, seus pés continuavam balançando fora da borda às suas costas, como se as meias dele passassem pelo bairro. – Cara, desça daí logo de uma vez!

– Que se foda. Eu pareço esperto? Sou completamente zoadado, cara. Você sabe disso. Sabe melhor do que ninguém.

– Cara! Você está chapado. Falando sério.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim.

– Então você se importa comigo?

Ele elevou a entonação no fim da frase, e eu não soube dizer se ele estava imitando ou zombando da Josie na noite de ano-novo ou se havia algo de sincero na pergunta.

– Vamos lá, cara.

Mark estendeu uma perna mais para trás, até ficar com o joelho fora da borda. Quase nu e projetado sobre a ponta do telhado, parecia a carranca de um navio viking dando uma guinada para a escuridão à sua frente. E, com uma loucura tristonha nos olhos, perguntou:

– Você me ajudaria mesmo, se eu precisasse?

– Caramba, cara! – Virei-me de bruços e comecei a rastejar na direção dele. – Você pirou?

– Você sabe – disse ele. Levantou as mãos do telhado e começou a se inclinar para trás. A perna afundou mais no ar. Ele sorriu, depois seu corpo oscilou, e ele se inclinou de lado e deu um grito.

– Mark!

Ele escorregou, perdeu o equilíbrio, e a perna inteira ficou fora da borda. Mark se contorceu e bateu na borda do telhado, mas consegui agarrar seu punho quando ele ia tombando para trás. Graças a mim não caíu. Seu corpo tremia quando jogamos os braços nos ombros um do outro e fomos escorregando telhado abaixo. Mark não opôs resistência. Ao chegarmos à parede, ambos nos encostamos no aclave do telhado.

– Que merda você estava pensando? – perguntei.

Mark ficou em silêncio e, passado um momento, tinha os olhos vermelhos e marejados. Corrigiu a postura e se sentou ao meu lado com a cabeça entre os joelhos. Encostou-se em mim e o vento que atravessou minha pele me enregelou.

– Vamos embora – falei. – Precisamos nos vestir.

Descemos da primeira parede e, ao andarmos pelo segundo terraço, conseguíamos ver todo o parquinho e o estacionamento lá embaixo. À esquerda, na rua que conduzia à escola, dois faróis piscaram e dobraram a esquina. Apressei Mark em direção à borda, mas, antes de chegar lá, o carro entrou no estacionamento. Fiquei abaixado de bruços e puxei Mark comigo.

– Fique deitado – instruí.

Fomos rastejando até a parede seguinte e olhamos por cima dela para o nível abaixo e para o chão. O

carro parou perto do parquinho e acendeu o farol alto. Era a polícia. Um homem desceu do lado do motorista e balançou uma lanterna pelas barras do trepa-trepa, depois pelos balanços e pelos blocos de concreto. Passou algum tempo com a lanterna apontada para eles.

Nossa roupa estava um nível abaixo, mas eu temia que ele nos visse se passássemos por cima da parede mais baixa. Deitados atrás da parede, permanecemos na sombra. Eu estava morrendo de frio, mas com medo demais para me mexer. Mark permaneceu ao meu lado, mas não olhou comigo por cima da borda. Ficou deitado de barriga para cima, as lágrimas rolando pelo rosto, e olhou para o céu.

O policial andou até o parquinho e manteve a lanterna voltada para os blocos de concreto. Por fim, depois do que pareceu uma eternidade, voltou para o carro, entrou e apagou os faróis. Continuou ali dentro por algum tempo, em ponto morto, até finalmente manobrar e ir embora. Quando suas luzes desapareceram depois da esquina, fiquei de joelhos e dei um tapinha no Mark.

– Vamos – chamei.

Voltamos num pulo para o patamar inferior e nos vestimos em silêncio. Mark parecia deprimido. Bati os pés e friccionei os braços, tentando me aquecer. Não conseguia me livrar do frio.

– Vamos sair daqui – falei.

Mark hesitou. Chegou mais perto e me envolveu nos braços. A princípio, não me mexi, mas então senti o aperto e vi que aquilo era mais que um abraço. Tentei me soltar, mas ele me estreitou um pouco mais.

– Qual é! – falei. Mark não respondeu e eu me soltei de seus braços. – Por favor. Não vou fazer isso. Mark deu um passo para trás.

– Você sabe mesmo fazer isso, não é? Ligar e desligar? Sempre que você quer?

– Ahn?

– Eu não consigo – disse Mark. – Ser totalmente livre.

– Consegue, sim.

– Sério? Vá se foder.

– Olhe, cara, não se preocupe. Está tudo bem. Você só não pode pedir que eu faça o que não quero. Sinto muito.

– É, entendi – assentiu. Cruzou os braços e me fitou por um momento.

– Olhe, somos apenas amigos, ok? – retruquei. – Podemos ser amigos. Isso é ótimo.

Mark virou o rosto. Quando tornou a me olhar, tinha os olhos vermelhos e desvairados, correndo em todas as direções. Só não conseguiam parar em mim.

– Por favor – implorou ele. – O que você acha que ia acontecer se fôssemos flagrados aqui?

– Mas não fomos. – Dei um passo à frente e pus a mão no ombro dele. – Venha, vamos sair daqui.

– Você não entende – retrucou Mark, empurrando minha mão.

– Do que você está falando, cara?

Mark começou a andar de um lado para outro, abraçando o próprio corpo.

– Não aguento mais. Estou ficando maluco. Como você consegue?

– Tente se controlar. Não estou entendendo você.

– Pare de fingir, cara.

– Por que você está tão puto?

– Que tal ser meu amigo de verdade? A gente podia largar todo esse papo furado e finalmente cair na

real? Mais cedo eu falei que nunca mais voltaria à Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo. Eu estava falando sobre isso, cara. E você simplesmente ignorou. Por quê?

Fiquei calado por alguns segundos, esperando que Mark pudesse se acalmar e se recuperar o suficiente para bolar um plano. O pavor me silenciou. Eu ainda acreditava que surgiria alguma coisa que interromperia aquela conversa e nunca mais voltaríamos a ela. Mas Mark olhou para mim e eu tive vontade de chorar.

– Por favor – disse ele. – Estou tentando lhe contar. – Aproximou-se e parou perto de mim. – Eu estou pirando, cara. Você não percebe? Não acha que você e eu sabemos de coisa de mais?

Coloquei a mão no ombro dele e o mantive a distância.

– Pare de falar. Cale a boca de uma vez. Por favor, não diga mais nada.

Mark recuou.

– Por quê? Eu estou enlouquecendo. Não posso mais ficar calado. Isso está em toda parte.

Tornei a estender a mão, mas ele se afastou.

– Que porra é essa? Você não está me ouvindo? Cacete, eu estou morrendo com esse silêncio, cara. Meus pais querem que eu faça terapia. Querem saber se ainda tenho alguma chance, se podem me consertar antes que eu fique totalmente inútil.

– Não fale assim – retruquei.

Tentei pensar em algo mais para dizer, porém Mark continuou:

– Eles já acham que não valho nada. O que todo mundo vai pensar? Não posso ir à escola. Não posso ir a lugar nenhum. Estou completamente fodido. – Ergueu os olhos para o céu e deu um suspiro. – O pior é que nem consigo entender direito. Aquilo simplesmente começou. Eu estava no nono ano. O padre Greg disse que era amor. Mas o que dói, porra, o que eu sei é que não foi certo com o padre Greg. O que eu sinto agora, e também o que *sei* agora, é que eu gosto de homem. Ele não me amou. Eu achava que me amava, mas aquilo não era amor. Mas eu poderia amar outro cara. Tenho plena noção disso também. – Virou-se para mim. – Qual é, cara. Você sabe do que estou falando, certo? Tem que saber.

Não respondi, apesar de ele ter insistido. Mark se aproximou.

– Vamos lá, cara. Converse comigo, por favor.

– Pare de falar. Você não sabe o que está dizendo.

– Sei, sim. E é isso que me deixa tão maluco, porra. Não existe mais nenhuma pessoa com quem falar sobre isso. Só você. Você sabe. Eu sei que não fui o único. Você trabalhou lá.

– Pare de falar do padre Greg. Esqueça o cara. Não aconteceu nada com ele.

– Aconteceu, sim. Preciso conversar. Não precisamos ficar sozinhos nessa. – Mark se aproximou para me dar um abraço e eu retribuí. – Você passou pela mesma coisa que eu. E, falando sério, isso não significa nada para você? Não estar sozinho nessa? – Ele me apertou com mais força. – Você entende, cara. Não precisamos ficar sozinhos. Podemos conversar. – Suas mãos deslizavam para cima e para baixo nas minhas costas e Mark me puxou mais para perto. – Um beijo tem muito significado.

– Pare. – Empurrei-o.

– Qual é, cara. Somos as únicas pessoas que podem conversar sobre isso.

– Não. Pare de falar, porra. Não diga nem mais uma palavra sobre o padre Greg. Não aconteceu porra nenhuma lá.

Mark agitou os punhos.

– Caralho! Não me faça parecer mais maluco. Não sou louco. Todo mundo é que é. – Aproximou-se de mim novamente. – Eu vi o padre na festa de Natal na sua casa. E o evitei. Mas vi como ele olhou para você do outro lado da sala. Não estou maluco, cara. Eu vi. Sei que também deve ter acontecido com você. Eu sei.

Dei-lhe um empurrão e ele caiu de costas.

– Claro que não, porra. Não foi isso que aconteceu. Não fale mais isso de novo. Nunca mais. Isso nunca aconteceu comigo. Nem com ninguém. Sacou?

Mark ergueu os olhos para mim.

– Quero conversar sobre o padre Greg, ok? Pensei que você estivesse com o padre Greg. Ah, qual é! Como é que você sempre diz mesmo? Tire a máscara, cara. Fale comigo. Preciso de alguém para conversar. Não sou o único.

– Qual é o seu problema? – rebati. – Não está me ouvindo? Não faço ideia do que você está falando. – Parei perto dele. – Por que está me contando tudo isso?

Mark começou a chorar.

– Não posso estar sozinho nessa.

– Talvez esteja – retruquei. Eu tremia, tentando me controlar. – Esse não é o padre Greg que eu conheço. Nunca mais quero voltar a falar dele.

– Cara, por favor, por favor, me ajude – soluçou Mark. – Eu preciso de ajuda. Aconteceu, sim. Estou me sentindo sozinho para caralho. Não consigo mais guardar esse segredo. Porra, isso está acabando comigo, cara. Está me matando. Por favor. Eu preciso de ajuda, cara. Por favor.

– Olhe, eu não sou igual a você, ok? Não sou! Sei lá, vai ver você estava procurando por isso. Talvez seja isso. Talvez seja isso que você está tentando dizer. Mas eu não sou você, ok? – Eu mal conseguia expulsar as palavras da minha boca, mas repeti: – Pare de falar nisso. Enterre o assunto. Se você conseguir enterrá-lo fundo o suficiente, não vai nem conseguir mais pensar nele. É isso que as pessoas fazem quando querem esquecer alguma coisa. – Levantei Mark, colocando-o de pé. – Nunca mais mencione o padre Greg. Não ferre tudo nem para você nem para ninguém. Nunca mais faça qualquer menção sobre esse assunto. Prometa que você não vai abrir o bico.

Mark balançou a cabeça.

– Você consegue ouvir o que está dizendo? Quem é você? – questionou.

– Não venha com essa. Recupere sua vida.

Mark me encarou, depois desviou o olhar. Andou até a beirada do telhado, junto à grade de metal, chegou à escada de incêndio e jogou as pernas para fora. Fez uma pausa e me olhou, virando-se para trás.

– Essa é a minha vida – disse.

Desceu o corpo, sumiu de vista e me deixou no telhado, encarando a escuridão sem ele.

capítulo 11

Dormi quase até o fim da manhã e, à tarde, encontrei minha mãe na cozinha. Bebericava uma xícara de chá ao mesmo tempo que examinava alguns papéis espalhados pela bancada de madeira.

– Passei metade do dia de ontem no banco – contou ela, como se já estivéssemos no meio de uma conversa.

– Oi?

– Sim, oi, mas veja só: seu pai concordou em ajudar, de verdade. Ainda estamos definindo os detalhes contratuais, mas isso resolve a questão. Vou seguir em frente – disse. Estava de pernas cruzadas e sacudia o pé. – Já conversei com Cindy. Pensei que ela estivesse com o dinheiro apertado, mas topou negociar um espaço no seu prédio. Não sei. Ela anda passando por dificuldades com a família.

Obriguei-me a ficar imóvel.

– Por quê?

– É o James. Você conhece o James? Ele também frequentava o mesmo colégio que você... Bem, até esta semana. Cindy o tirou de lá e o matriculou na Bullington. Isso não é estranho? É como se a casa deles tivesse sido marcada: “Ei, sociedade, meu filho tem problemas.” E ela também acha que a culpa é dela. Estou me sentindo péssima por ela, pobrezinha. Não sei por que precisa se castigar tanto assim. O coitado do James é problemático. Quando não está na escola, fica agarrado na barra da saia da mãe, na galeria. Mas não quero ser enxerida. Sério, já imaginou?

Mamãe continuou falando da nova loja e dos móveis de que precisava, empolgada demais para perceber que eu havia permanecido o tempo inteiro em silêncio. Só escutava metade do que ela falava. Fiquei pensando no James e, quando mamãe disse que teria que sair de novo, raciocinei tão rápido que até me surpreendi. Perguntei se podia ir com ela e, estampando no rosto um daqueles meus sorrisos encantadores, pedi para ver o seu novo espaço. Ela me abraçou. Nem parecia que era eu ali. Outra pessoa falava.

– Você está mesmo botando para quebrar. Quero ver tudo o que está fazendo.

Mamãe ficou encantada. Foi tão fácil mentir – na verdade, foi prazeroso.

Quando chegamos lá, paramos diante da loja e espiamos pelas vitrines. O espaço ainda estava vazio e minha mãe ainda não tinha a chave. Esperamos na calçada. Com seus grandes óculos escuros e a elegante echarpe lilás, mamãe parecia uma estrela de cinema dos anos 1950, dirigindo seu próprio filme,

apontando para o lugar em que se sentaria para discutir os planos com os clientes, onde guardaria algumas das suas pastas de desenho e a área que desejava transformar numa galeria de festas.

– Essa é a ideia – continuou. – As pessoas poderão escolher elementos e temas. Será uma festa num salão? Será uma recepção em casa? A elegância deve ser visível ou sutil, como se você mesma estivesse preparando tudo? Trata-se de um espetáculo, não é? Qualquer escolha faz parte da identidade da cliente, e ela deve se sentir livre para explorar.

– Ou para inventar – acrescentei.

– Exatamente.

Cindy trabalhava na sala ao lado – o prédio inteiro era dela – e minha mãe se dirigiu para lá. Já estava prevista a visitinha à loja da Cindy, mas, quando chegamos lá, senti um aperto no peito. Não conseguia ficar parado. A luz brilhante de dois quadros enormes e coloridos reluzia na calçada através da fachada envidraçada do prédio. Mamãe apontou para um deles em particular, mas foi difícil me concentrar.

– Essa exposição é fantástica – afirmou. – Ela praticamente fisga você enquanto passa na rua.

A mesa da recepcionista tinha um monte de folhetos e catálogos. Mamãe me apresentou à jovem assistente, que parecia tão polida e moderna quanto as vigas de aço do salão de exposição abobadado. A galeria fora construída para parecer um armazém reformado, embora nunca tivesse existido armazéns naquela rua. Mas isso não parecia incomodar a pequena multidão que se deslocava por entre as paredes independentes no imenso espaço. A assistente olhou para minha mãe por cima dos óculos de aro preto e grosso e repetiu meu nome como se fosse difícil de pronunciar.

Enquanto esperávamos por Cindy, fiquei muito inquieto. Estava com tanto medo que quase achei que meus dentes cairiam da boca se eu sorrisse. Tentei parar de me mexer e fiquei de frente para uma gravura, sem prestar atenção nela de fato, mas pensando se James teria contado tudo à mãe.

Quando me acalmei o bastante para me controlar, compreendi que ainda não queria contar nada à mamãe. Por alguma razão, parecia que isso ia abrir a porta e deixar que o padre Greg entrasse de novo na minha casa, e, uma vez que ele voltasse, o mundo inteiro ficaria sabendo. E a ideia de todo mundo saber o que havia acontecido parecia pior do que ser flagrado no ato. Se ninguém soubesse, não teria realmente acontecido, certo? E eu ia insistir nessa história: nunca aconteceu nada.

Não sei por quanto tempo fiquei olhando para a gravura quando mamãe se aproximou.

– O que está fazendo? Por que está agindo feito um maluco? Bem aqui? Em público?

– Como?

Eu devia estar parecendo ligeiramente perturbado.

– O que você tem? – perguntou mamãe. Não sabia se já a tinha visto tão transtornada desde aquele dia que voltei da casa de Elena. – Cindy está ao telefone. Já, já vem falar com a gente.

Mamãe correu os olhos em volta e abriu um de seus cativantes sorrisos “públicos”. Havia apenas duas ou três pessoas ali, e nós falamos tão baixo que duvido que tenham ouvido alguma coisa. Mas pude sentir aquela antiga frustração por trás da luminosa fachada dela.

Fiquei olhando para a gravura de um rosto masculino. A tela fragmentava-se numa grade simétrica, criando um retrato tridimensional de um rapaz com um meio sorriso irônico, junto com uma superfície plana decomposta em padrões de cubos multicoloridos. Tive vontade de pular dentro daqueles cubos, esconder-me no vermelho ou no azul e deixar que o resto da minha existência desaparecesse.

Mamãe tocou o meu ombro e eu me virei. Cindy tinha enfiado a cabeça na curva do fundo da galeria e acenava para nós. Retribuí com um sorriso automático e senti aquela falsidade conhecida se infiltrar em mim. Eu queria mesmo era chorar, mas não conseguiria fazer isso com os cantos da boca virados para cima. E lá estava aquilo de novo: mamãe e sua animação indômita.

As duas se abraçaram e disseram uma à outra como estavam maravilhosas. Ao contrário da assistente, Cindy não vestia nada preto. Talvez fosse o tipo de mulher que jamais usa preto – ainda mais sendo dona de uma galeria de arte. Pareceu contente por nos ver, mas também revelava certo cansaço, e a maquiagem não conseguia esconder as bolsas na área dos olhos.

– Me desculpem por ter deixado vocês esperando. Estava falando com o Walter – explicou.

– Desde quando ele liga para saber como você está? – perguntou minha mãe.

– Apenas estamos tentando nos manter um pouco mais em contato ultimamente – respondeu Cindy. Pareceu meio aliviada. – Que bom que você trouxe Aidan – comentou, enquanto a acompanhávamos a passos rápidos até o fundo da galeria. – James também está aqui. Você ainda não conhece James, não é? – perguntou, virando-se para mim. – Ele está lá embaixo, jogando videogame. Por que você não vai lá conversar com ele, enquanto tratamos de negócios aqui?

Fiz um esforço enorme para me controlar e imitar a atitude da minha mãe. Atenha-se ao plano, disse para mim mesmo. Apenas vá falar com ele.

No fundo da galeria havia uma escada estreita que dava no depósito no andar de baixo. Vi uma fileira de quadros emoldurados, encaixados lado a lado num suporte na base da escada. Cindy debruçou-se no corrimão.

– Querido? – chamou. Ninguém respondeu, mas ouvimos o tiroteio elétrico e os gritos estridentes que vinham do videogame. Cindy tentou sorrir, mas segurou o corrimão com força. – Querido! – tornou a chamar. – Meu bem, onde você está?

Desceu correndo os primeiros degraus.

– James! – gritou. Alguns visitantes da galeria talvez a tenham ouvido. Ela esfregou a testa e falou mais baixo: – Peço perdão, ando muito irritada esses dias. Sinto muito. Eu estou bem.

– Não se preocupe, minha querida – tranquilizou mamãe.

– James! – ela tornou a chamar.

O ruído que o jogo emitia cessou de repente e ouvimos James gritar de volta, das profundezas do cômodo lá embaixo:

– Estou aqui, mamãe. Estou aqui. Só estava tentando passar de fase. Estou aqui – repetiu, aparecendo no corredor. Parou ao lado do suporte de molduras ao pé da escada, com as mãos enroladas na camisa xadrez verde e preta. Era um garoto magrelo, de calça jeans preta ajustada ao corpo, com cachos que lhe caíam pelo rosto.

Foi terrível ouvi-lo falar. Ele soava mais experiente do que devia, e senti um nó na garganta ao pensar que o padre Greg havia começado a me ignorar por causa daquele tampinha. Mesmo tendo esclarecido tudo, e sabendo como eram deturpadas as afeições do padre, eu ainda não conseguia *não* detestar James.

Ele piscou e olhou para nós três no topo da escada. “Oi”, disse ele, baixinho, quando Cindy nos apresentou novamente. E por sua expressão inalterada – o jeito que seus lábios permaneceram imóveis e tristes –, percebi que ele não estava feliz de me ver ali.

Cindy insistiu para que ele me convidasse para jogar.

– Temos muito que conversar aqui em cima – disse ela para mim. – Acho que vamos demorar um pouco.

– Mal posso esperar – disse mamãe.

– Está brincando? – retrucou Cindy, enquanto se recompunha. – Vamos ser vizinhas! E tive algumas ideias que podem ser úteis para nós duas.

– Estou jogando *After the Plague* – informou James. – Você pode jogar também, eu acho.

A voz dele era suave, mas me assustou mesmo assim. Tinha o peso dos sussurros.

– Esse jogo? Sério? – disse Cindy.

– Ah, qual é? – resmungou James.

– Está bem, está bem – interrompeu-o a mãe. – Não estou criticando. Só duvidei... – Nervosa, virou-se para mamãe e subiu a escada de volta. – Essa garotada de hoje... – Deixou a frase morrer por um momento até que as duas se afastaram da escada. – A gente tem que se preocupar mais e mais com eles, ou por eles. Não sei.

Houve um momento de silêncio, que percebi ser a minha deixa. Falei que ia descer e ficar com o James.

– Parece que tudo está mais interessante aqui embaixo – comentei.

Cindy abriu um sorriso e eu soube que tinha dito a coisa certa, como se tivessem me entregado o velho roteiro e eu o retomasse no ponto exato em que o deixara, na festa de Natal.

Desci as escadas e passei pelos suportes de quadros e armários de arquivo. James já tinha voltado para o jogo. Um trilho de lâmpadas fracas acompanhava o que tinha se transformado num corredor entre as unidades de armazenamento. Outras duas fileiras foram apagadas e se estendiam em direções diferentes no teto. Os gritos e as explosões do videogame do James vinham de trás de um dos armários de arquivo. Fiz a curva e achei uma pequena área de escritório que o menino tinha esvaziado e equipado com um projetor e uma tela. Os personagens do jogo eram do tamanho dele. James controlava um homem de jaqueta de couro, brandindo uma pistola semiautomática, e disparava contra um exército de zumbis, que iam avançando entre gemidos até que James arrancasse a cabeça deles a tiros. O sangue esguichava pela tela, e eu fiquei meio nauseado com aquilo.

– Com licença – falei baixinho, mas James deu um pulo, assustado. – Desculpe. Só pensei em descer e ficar aqui um pouco.

As cores da tela refletiram-se no seu rosto pálido quando ele me olhou. O garoto encolheu os ombros, desabando por dentro, e deu um passo para trás. Um dos zumbis atirou o machado no jogador e outro espetou o personagem da jaqueta com um forcado. Houve mais um golpe cortante, mais gritos, e o jogador do James caiu num monte ensanguentado. A horda de zumbis o cercou e se banqueteu com o corpo. A tela reluziu numa película vermelha.

Havia um tapetinho no chão, entre nós, mas nenhum dos dois o cruzou.

– Tem refrigerante na geladeira – disse James, por fim, apontando para uma portinha marrom embaixo da escrivaninha.

O porão estava frio e uma xícara de chá ou café teria sido mais apropriada, mas mesmo assim peguei uma lata no frigobar. Fiquei encostado na escrivaninha e percebi como eu era mais alto que o James. Ele olhou para a tela e balançou a cabeça.

– Bom, já que você me matou, acho que posso recomeçar. Quer fazer um jogo para dois? Tenho outro controle.

James apertou alguns botões e passou por uma série de telas, até que surgiu a imagem de dois avatares contra um fundo cinzento.

– O segundo jogador é uma garota? – perguntei. A guerreira digital usava jaqueta de couro, como seu correspondente masculino, mas a dela era preta. – Eu jogo. O que tenho que fazer?

James remexeu numa gaveta da escrivaninha e pegou o outro controle. Ao ligá-lo, explicou suas funções básicas: como dar chutes e socos, atirar, lançar uma granada e onde procurar mais recursos, porque eles eram poucos e demoravam a aparecer. O menino levava tudo muito a sério e segurava o novo controle remoto junto ao peito ao recitar as instruções. Parecia ficar orgulhoso de si mesmo.

– Obrigado – falei, depois de um minuto. – Mas é só um jogo. Vou pegar o jeito.

– É. Mas é melhor você jogar direito.

Ele ficou parado ali, sob o brilho do projetor e da tela, com um ar solene, e me perguntei se era assim que eu parecia aos olhos dos outros alunos quando respondia às perguntas dos professores, uma após a outra – automático e sem vida. Quando estendi a mão para pegar o controle, James deu um passo para trás e me entregou o aparelho com o braço esticado, quase jogando-o na minha mão.

– Você pode ficar ali – disse, apontando para o outro lado do tapete.

Segui suas ordens e o jogo começou. Embora nós dois formássemos uma equipe contra os zumbis, James matou a maioria deles, enquanto eu atirava para todos os lados. Se eu me importasse em ganhar ou perder, teria ficado feliz por não estarmos jogando um contra o outro. James me trucidaria, e percebi que não pararia por aí. Na verdade, como ele conhecia o jogo tão bem, presumi que já o tivesse zerado. Ele parecia apenas cumprir uma formalidade: avistar zumbi, destruir zumbi; pegar munição, recarregar, disparar, disparar, disparar.

Entendi como aquilo podia confortá-lo, a execução sucinta de tarefas, uma atrás da outra, indefinidamente, mantendo-o ocupado o bastante para não ter que pensar em outra coisa.

Do outro lado do tapete, James conservava uma postura rígida. Apenas os dedos se mexiam.

– Ei – comecei a falar. – Ouvi dizer que você mudou de escola – comentei.

– Minha mãe queria que eu me mudasse para outro lugar.

– Não brinca. Para onde?

– Não sei. Outro lugar, eu acho. Ei, cuidado! – gritou James. Deixei minha jogadora chegar muito perto de um zumbi, que mordeu o ombro dela. – Dá uma voadora! – gritou ele. – Dá uma voadora!

Meus dedos se atrapalharam com os botões, mas consegui fazer o personagem girar e afastar o zumbi com um pontapé. Então estourei seus miolos. O corpo sem cabeça oscilou no mesmo lugar.

– É isso aí! – murmurou James.

Usou o cadáver para bloquear um ataque e aniquilou com uma granada o grupo de zumbis que se aproximava. Seu personagem seguiu em frente e nos fez marchar para um ponto mais avançado do jogo.

– Ela não gostava do nosso colégio? É uma boa escola.

– Não sei.

– O que aconteceu?

– Minha mãe só achou que eu devia ir para outro lugar. Não sei.

Nossos avatares correram para o meio de uma praça com um poço de pedra no centro. O que parecia

ser um grupo comum de aldeões eram zumbis, na verdade, tropeçando despreocupadamente por gestos prosaicos: puxar a corda do poço, embora não houvesse balde; pegar maçãs numa carroça de frutas virada e cheia de larvas de mosca. As criaturas se voltaram para nós quando James atingiu uma delas por trás. Ele também atirou nas janelas de algumas construções, das quais caíram mais zumbis.

– Ouvi dizer que você vai para a Bullington. É isso mesmo?

– Vamos lá! – disse ele. – Essa parte é difícil.

– Sério. Por que ela faria você ir para lá?

– Não sei. Você vai jogar ou não?

– Acho que você sabe, sim – retruquei. James me lançou um olhar rápido, virou-se de novo para o jogo e procurou se concentrar ainda mais. – Você não é mais coroinha na igreja, certo? – Tentei dar um tom casual à minha voz. – Nem vai mais lá? – James balançou a cabeça. – Eu trabalhava lá também. Mas nunca mais vou voltar.

James deslocou o pé no tapete e atirou em outro zumbi. Não consegui sentir os botões sob os polegares. Fiquei parado bem ao lado dele.

– James – chamei em voz baixa.

Ele deu um passo para trás e apontou para o controle que eu tinha largado no chão.

– Por-por favor – gaguejou. – Vamos voltar a jogar.

– Você contou para sua mãe? – perguntei.

James meneou a cabeça para mim.

– Não sei.

– Contou. – Minha voz guinchou, mas não consegui me impedir.

– Eu só quero voltar a jogar – choramingou James. Um dos avatares deu um grito. – Não quero falar.

Não posso. Não posso.

Arranquei o controle da mão dele e segurei seu braço.

– Mas eu preciso saber – insisti. James tentou se soltar, mas não conseguiu. Inclinei-me na direção dele, segurei o colarinho com a outra mão e o puxei para perto. – Você pode me contar. – falei. – O que você disse? Alguém conversou com o padre Dooley? Você não entende? – berrei.

No jogo, uma horda de zumbis guinchava, e nossos avatares gritaram quando as criaturas os cercaram, esfaqueando e cravando as garras em seus corpos. Com o braço livre, James tentou me dar um soco, mas saiu fraco e inútil. Depois tentou me chutar.

– Você não vai contar para ninguém?

– Não – respondeu ele.

Agarrei-o pelo cabelo e o forcei a olhar para mim.

– Me prometa que não vai contar para ninguém.

Ele manteve os olhos fechados.

– Não. Não vou contar nada. Não vou – implorou. – Não, não.

Continuei a segurá-lo enquanto meu estômago se revirava. O suor brotava do meu pescoço. Senti o peito dele através da flanela, contra os nós dos meus dedos. Soube ali que poderia pôr James de joelhos. Poderia fazer o que quisesse com ele, e isso me deu vontade de vomitar.

– Não! – gritou ele.

Larguei o braço e o colarinho dele. Bloqueei a saída com meu corpo e continuei a segurá-lo pelo

braço, então ele se curvou e mordeu a minha mão. Livrou-se num instante. Entrou debaixo da mesa e se encolheu feito uma bola ao lado do frigobar. Tive vontade tanto de bater nele quanto de abraçá-lo.

Os zumbis se empanturraram com nossos avatares mortos, cujo sangue respingou por toda a tela em gotas horrendas, realistas demais. James permaneceu embaixo da mesa, como se quisesse se proteger dos esguichos.

– Por favor – choraminguei. – Eu não queria machucar você. Por favor. Não foi minha intenção. – Quase me engasguei ao dizer isso. – Não, não. Eu não sou como ele, James. Não sou ele. Não sou.

– Não vou falar sobre isso! – berrou o garoto, então fungou e enxugou as lágrimas das bochechas.

Encostei-me no armário de arquivos e escorreguei até cair sentado no chão. O projetor piscava acima de mim. De novo uma película vermelha cobriu as imagens da tela enquanto o tema musical acompanhava o ruído que os zumbis faziam ao mastigar. James continuou choramingando e logo depois eu comecei a chorar também. A poeira flutuava no brilhante cone de luz acima de mim, e me lembrei de como meus joelhos ficavam arranhados no chão do porão da igreja, a mão do padre Greg puxando os meus cabelos, o cheiro úmido do suor, o uísque, a ardência, o dedo com a unha lascada pressionando meu lábio, o bigode áspero esfregando no meu pescoço, as minhas costelas espremidas pela força que ele fazia em cima de mim, o ar frio que arrepiava os pelos do meu peito, a borda da bancada onde ele me pressionava cavava um lanho fundo nas minhas costas. Lembrei como eu me recusava a gritar, não, eu não ia gritar, nem uma só vez, eu só precisava do silêncio para sobreviver àquilo e da respiração ofegante que vinha com a sensação prolongada de dor, até finalmente desaparecer. Então eu dizia a mim mesmo *Consegui, sobrevivi, e se isso for mesmo necessário, se isso for tudo que é preciso fazer, posso aguentar tudo de novo, consigo aguentar.*

Fiquei enjoado. Peguei minha Coca-Cola, tomei um gole para tentar acalmar o estômago, mas foi pior, e tive que me segurar para não vomitar. Assim que consegui me recuperar, pedi desculpas ao James. Ele ainda ficou debaixo da mesa me observando, mas depois relaxou.

– Não vou encher o seu saco de novo – prometi. Ele assentiu. Ninguém se mexeu por algum tempo, e comecei a pensar nas nossas mães no andar de cima. – Elas vão descer? – perguntei.

– Ela vai gritar primeiro – respondeu James. – Uma vez tomei um susto danado. Agora, grita antes de descer.

– Que bom.

Eu queria provar que não o perturbaria mais, algum sinal que significasse mais do que qualquer coisa que eu pudesse lhe dizer. Se aquilo fosse um videogame, eu encontraria um recurso capaz de lhe devolver o sangue às faces ou uma capa que o protegesse, mas, na vida real, não havia nada além de confiança, e era fácil compreender por que ele não confiava em mim.

Quando me levantei, James continuou embaixo da mesa. Bebi o resto do refrigerante, tentando me acalmar. O garoto hesitou.

– Vamos – falei. Peguei os controles e joguei um em sua direção. – Vou ser a garota de novo.

James se moveu para a frente, a fim de ver a TV de um ângulo melhor, mas continuou sentado no chão, perto da mesa. Jogamos novamente a mesma fase e eu me concentrei, levando o jogo a sério, tentando colaborar com o avatar do James, assim ele não teria que me dar tanta cobertura. Quando chegamos ao centro do vilarejo de novo, desta vez mais depressa, atirei nas janelas dos andares superiores assim que

nos aproximamos do poço, joguei uma granada dentro dele e a coisa toda explodiu, lançando tijolos para todos os lados.

– Sensacional – disse James, baixinho. – Se não tivesse feito isso, eles iam sair de lá rastejando.

– Estou aprendendo. Mas não teria ido bem se você não tivesse explicado o jogo – declarei. James sorriu. – Você é bom mesmo.

– Eu sou. Sei disso.

Mais tarde, Cindy nos chamou e fomos até a escada. Na frente das nossas mães, agradei ao James por ter me deixado jogar, e o garoto apenas acenou. Quando subi, mamãe estava radiante. Colocou a mão no meu ombro e avisou a Cindy que voltaria na terça-feira. Saí andando pela galeria enquanto mamãe voltava para a amiga e a abraçava.

– Isso tudo é muito empolgante, não é? – disse. – Obrigada.

– Temos que parar de agradecer uma à outra e começar a pôr a mão na massa – retrucou Cindy.

Deram-se um beijo de despedida, mamãe apertou a mão dela e veio andando na minha direção, junto à porta.

– Foi um prazer ver a sua galeria – declarei.

Quase fiz uma mesura, de tanta formalidade.

Na saída, passamos pela gravura do rosto de homem que eu tinha observado mais cedo. Antes, vendo um cubo de cada vez, o conjunto da obra não tinha ficado tão claro quanto agora. Tratava-se de uma máscara em múltiplas camadas, e o que restava da carne quase havia desaparecido, representando apenas um rosto passível de reconhecimento, e não como o rosto real por trás dela. Quem, a não ser um otário, um merdinha idiota feito eu ou James, revelava em algum momento aquele troço mole e trêmulo por baixo?

Mamãe exibia um ar de superioridade quando caminhamos de volta ao carro. O sol já tinha se posto, e ela pareceu animada com o céu noturno e a luz laranja emitida pelas imitações de lâmpões a gás ao longo da calçada. Olhou para um lado e para outro, batendo palmas com as mãos enluvadas. Minha respiração condensada subiu e desapareceu no ar.

– Ainda é cedo para conseguirmos uma mesa no Oyster Bridge – disse mamãe. – Você está com fome, não? – continuou, quando já tínhamos entrado no carro. – Vamos jantar. Vamos sair e comemorar. Este é o novo “nós”. Voltando a nos aproximar.

– Ah, sim. Isso mesmo.

– Não está empolgado? Você se parece mais comigo do que imagina. Vamos ser a vanguarda. Vamos ser o assunto do momento, não vão falar de outra coisa.

Visualizei mamãe rodopiando numa diagonal furiosa pelo palco, flexionando os quadris e preparando as pernas para o salto. *Suba*. Eu sabia que devia ser preciso mais do que treino para fazer o corpo elevar-se no ar. Sua mente tinha que desejar isso também. A pessoa precisava se ver subindo, não do seu próprio ponto de vista, mas como se estivesse tendo uma experiência extracorpórea, observando-se de longe, enquanto uma voz distante dizia *Suba, suba, suba, chegue lá no alto*, e ela se deixasse levar.

Era o poder da vontade, e imaginei que era preciso o mesmo tipo de força para o sujeito mentir para si mesmo, redirecionar as lembranças dentro da cabeça e avançar em outro rumo da vida. O Velho Donovan não existia mais. Agora éramos apenas mamãe e eu marchando na batalha, abrindo caminho para o esplendor que todos queremos encontrar.

Voltamos para casa depois do jantar. Mamãe colocou músicas dos anos 1980 no último volume e perguntou se eu sabia preparar um martíni. Ela já tinha tomado alguns no restaurante e eu imaginei que não deveria ser muito difícil. Mamãe, por sua vez, respondeu que a questão não era de fato saber a receita, mas entender o requinte da preparação, e disse que nós dois trabalharíamos nisso. Pensei no requinte que eu tinha que dar para fingir que dava a mínima para aquela porra. Um drinque é um drinque, e todos atingem o mesmo objetivo, o mesmo cenário que tantas vezes se repetiu em casa, a mesma situação que eu sabia que aconteceria de novo nessa noite. Mamãe pediu que eu a observasse enquanto preparava o seguinte.

Segui suas instruções e preparei um. Beberiquei o meu devagar enquanto mamãe virou o dela num só gole. Afastou-se de mim e se encostou no piano. Tinha o andar afetado dos bêbados.

– Vou vencer sozinha, de novo. Nós vamos – acrescentou, ao olhar para mim.

Eu não estava a fim de outra conversinha de incentivo. Mas, quando ela abriu o sorriso, percebi que não conseguiria escapar, a menos que mudasse para um assunto pela qual ela se interessasse mais.

– Vai tirar de letra. Você ainda não está velha nem grisalha. Quero dizer, ainda parece mais jovem do que a maioria das mães que vejo na escola.

Mamãe soltou um risinho.

– Ora, quanta gentileza. Você sabe mesmo dizer a coisa certa na hora certa. Quem educou você?

Deu uma risada insegura. Afastou-se do piano e se sentou no braço da poltrona reclinável do Velho Donovan. Fiquei calado, bebericando meu martíni, encostado no console da lareira.

– Não sou tão jovem assim – continuou mamãe. – Já não atraio a atenção dos homens como antes. Tive esse dom há muito tempo, mas agora isso acabou, assim, sem mais nem menos. Um homem olha para a gente e já dá para saber o que ele está pensando.

Mamãe estava perdida em seu devaneio e olhava fixo para a lareira vazia ao falar. Para mim, aquilo não tinha nada a ver com o gênero. Tinha a ver com ser observado, os olhos que subiam e desciam pelo nosso corpo, devorando-o. Qualquer um podia sofrer esse tipo de momento, podia sentir seu peso, conhecê-lo ou até desejá-lo. Às vezes ser desejado tinha uma sensação muito boa. Não precisava da gravidade do momento para saber disso. Havia muitas maneiras de desejar alguém e de ser desejado. Existia todo um espectro de desejo entre duas pessoas, e ele nem sempre tinha a ver com o corpo.

Mamãe tentava me dar conselhos. Pensava que sabia o que era perder alguém e achava que eu não conhecia essa sensação, ou não era capaz de compreendê-la tão plenamente quanto ela. Como eu poderia confiar em alguém assim, alguém que usava tudo para se tornar vítima?

Ela pediu que eu lhe preparasse outro martíni.

– Olhe para mim – disse. – Ninguém poderá dizer que eu pareço triste. Não pareço triste. Vou conseguir dar a volta por cima.

Mergulhou no silêncio quando largou seu corpo na poltrona do Velho Donovan, cujo enorme estofamento inflou-se em volta de sua estrutura esguia. Talvez pudesse sentir o cheiro dele, o cheiro de velho, aquela mescla bolorenta de pele morta e arrogância. Logo a cabeça dela pendia de um lado para outro, parecendo uma boneca que fora jogada num canto. Então ela subiu para se deitar, trôpega.

Arrumei as coisas e a segui. Por trás das portas fechadas do quarto principal ouvi o gemido da música clássica vagando pela escuridão. Mamãe costumava ouvi-la para se lembrar da época em que a música inundava os teatros. Bati à porta. Ela não respondeu, mas entrei mesmo assim. O luar atravessava

o quarto. O espelho comprido instalado na porta do banheiro refletia uma sombra da cama, e só consegui enxergar minha mãe quando mexeu o pé. Ela não havia se coberto. Em vez disso, puxou a ponta do edredom e se enrolou nele, de modo que ficou pendurado em seus ombros como uma capa. Suas pernas finas, de meias, estavam à mostra e dobradas junto ao peito. Nem mesmo havia descalçado os saltos altos.

Fui até lá, tirei seus sapatos e a coloquei numa posição mais confortável. Em seu torpor, com o corpo mole, consegui erguê-la, enquanto puxava os lençóis para baixo. Passei uma coberta por cima dela e desviei os olhos quando a saia subiu até o meio de sua coxa. Mas ela pareceu não se importar. Virei as suas pernas e as enfiei embaixo dos lençóis o mais rápido possível, mas acabei vendo sua calcinha de qualquer forma. Seus olhos estavam desfocados. Talvez ela nem piscasse se a esbofeteasse.

Roubei um dos cigarros que ela mantinha na mesinha de cabeceira e o fumei, de costas para ela. Mamãe poderia voltar à vida ao sentir o cheiro, nem que fosse para gritar comigo. Era um cigarro de mulher, uma daquelas coisas finas e compridas, mas isso não vinha ao caso. Eu poderia até ter calçado seus saltos altos e ainda assim me sentiria o homem da casa.

Bati a ponta do cigarro no cinzeiro. Ali também havia um copo alto com água e um frasco de comprimidos para dormir. Pensei em tomar um deles. Eu bem que precisava ser derrubado por nocaute para cair num sono demorado, pesado e sem sonhos. Mas só havia dois comprimidos. Deitei-me na cama e puxei parte das cobertas, até encontrar a mão dela. Apertei-a e, para meu alívio, ela retribuiu o gesto. Era fraco, mas ainda lhe restava alguma vida. Estava frio ali, ou foi o que disse a mim mesmo, por isso também me enfiei debaixo das cobertas.

O Velho Donovan não tinha morrido, mas deixou mamãe com a sensação de ser viúva, enroscando-se toda noite com o peso da ausência dele ao seu lado. Fiquei me perguntando se, no estado em que se encontrava, ela pensava que eu era ele, ou quis acreditar nisso, preenchendo o espaço ao seu lado. De certa forma, eu queria ser ele, ou talvez alguém como ele – alguém que tivesse o luxo de se sentir necessário.

Eu estava caminhando para isso, decidi. Finalmente parecia que eu tinha resolvido as pendências. Nunca precisaria dizer uma palavra sobre o que me havia acontecido. Poderia seguir adiante, contar uma nova história, uma história melhor. Uma história que teria apenas uma versão.

capítulo 12

O problema é que nem sempre a gente escreve a própria história. Você participa da história dos outros e fica sem resposta quando se pergunta por quê. Você não tem controle, porque as forças em ação são grandes demais para enfrentar e, às vezes, até para entender.

Quando o Velho Donovan me incentivava a ler o jornal toda manhã para que eu me inteirasse dos acontecimentos, pensava em mim mesmo como um general de pijama, observando a distância e opinando sobre a guerra. Não achava que me tornaria participante. O Velho Donovan devia estar acostumado a se ver como personagem – alguém cujos atos, observações ou associações, pelo menos, poderiam ser descritos em algum artigo. Durante todo aquele tempo em que lia as notícias, nunca me ocorreu que um dia eu também faria parte delas.

Na manhã de uma segunda-feira, abri o *Times* enquanto comia meu cereal. Os flocos murcharam quando bati os olhos na manchete. Os detalhes da reportagem flutuaram na minha mente como uma obscura névoa em preto e branco. Um poço se abriu dentro de mim e mergulhei fundo nele, longe do alcance dos gritos, longe da luz.

A arquidiocese de Boston estava com problemas. O *Globe* dera o furo na véspera. A princípio, um padre fora acusado de uma série de abusos, depois outro e, num piscar de olhos, a arquidiocese inteira tinha se envolvido num escândalo, num acobertamento institucional generalizado, numa epidemia de abusos. *Abuso*. Tive dificuldade para ler a palavra. Parecia um termo equivocado, impreciso.

Às vezes queremos dizer a nós mesmos: *Veja que infelicidade. Graças a Deus isso não aconteceu conosco, comigo*. Podemos ignorar as bombas e a violência do outro lado do oceano, mas apenas até que os prédios comecem a desmoronar no nosso próprio país. Podemos deixar de lado o drama dos vizinhos do outro lado da cidade, mas apenas até que os socos e os gritos de que ouvimos falar irrompam nossa casa adentro. O que fazer nessas horas?

O escândalo não se concentrou somente em Boston. Iniciaram uma investigação mais ampla e outras vítimas já tinham começado a se manifestar. As páginas quase viraram sozinhas, contra a minha vontade, e corri timidamente os olhos pelas matérias, apagando as informações da minha mente assim que meus olhos pulavam para a linha seguinte, deslizando pelas palavras. Quando cheguei ao final da reportagem, uns padres de Rhode Island e Connecticut também tinham sido acusados. Outra reportagem, mais adiante, explicou tudo em detalhes, e o medo me afligiu dos pés à cabeça.

A reportagem não mencionou a Igreja do Preciosíssimo Sangue nem o padre Greg, mas, à medida que

fui lendo, o espectro deles imprimiu-se sobre a matéria como um estímulo visual. Ouvi a risada sonora do padre partir do texto da reportagem. “Um vizinho sociável”, “uma figura proeminente da sociedade”. Era a linguagem que os jornalistas costumavam usar para descrever os assassinos: “o homem amável que vivia na casa ao lado”.

Fiquei pensando se deveria faltar à aula. Perder mais dias de escola instigaria a ira do professor Weinstein, e, pior ainda, poderia despertar suspeitas. Todos sabiam que eu havia trabalhado como voluntário na igreja.

Tive vontade de voltar correndo à casa da Josie, tirar o resto de gelo da árvore e ver se eu não poderia resgatar aquela imagem de nossos corpos colados, restaurá-la como um antigo afresco enterrado nas criptas de uma cidade perdida. Quando ressuscitasse aquele momento, criaria um lembrete permanente de que eu era apenas um garoto normal do ensino médio que não precisava ser transferido para a Bullington, que não precisava ser interrogado nem aparecer nas manchetes dos jornais transformado num monstro de espetáculo circense, numa fera de rosto humano que espreita suas vítimas, enquanto os espectadores indagam: *Como ele se transformou nessa coisa, como permitiu que isso acontecesse?*

E não me deixariam em paz. Já percorri muitos supermercados e examinei tabloides estampando matérias sobre operários que sofreram acidentes em usinas, celebridades mutiladas pela cirurgia plástica e crianças sequestradas. Todos focavam sobre essas histórias, mas ninguém queria participar delas. Havia algo de monstruoso nas pessoas envolvidas – os criminosos, as famílias e as próprias vítimas –, que pareciam ser retratadas com qualidades assustadoras. Ninguém queria se envolver com esse tipo de gente, e eu também não.



Quando cheguei ao colégio, percebi que não teria como evitar o assunto. No hall de entrada, pequenos grupos de mães e babás conversavam baixinho e examinavam com cuidado todo estudante que passava por ali. “Terrível, simplesmente terrível”, ouvi uma mãe dizer quando cruzei a porta. Por mais intangível e imaterial que seja o medo, ainda assim ele cria efeitos palpáveis. Como se tivesse um sabor e um cheiro. O bafo rançoso de cigarro e o fedor ardido de uísque do padre Greg me seguiram escola adentro.

Enquanto eu caminhava até a mesa da Sra. Perrich, Hazel, a mãe de um aluno do sétimo ano de quem eu fora monitor um ano antes, me avistou. Deu um tapinha no ombro da amiga e as duas se afastaram do círculo de mães.

– Oh! – fez Hazel, estampando um sorriso forçado com todos os sinais de piedade que eu conhecia tão bem. Afastou-se da outra mulher e pousou a mão no meu ombro. – Ah, meu Deus – disse, dando outro tapinha. – Olhe só para você! O que aconteceu? Você está bem?

– É claro – respondi, então percebi que ela estava falando do meu olho. – Um acidente. Na noite de ano-novo – expliquei.

Ela balançou a cabeça de leve.

– É que as pessoas podem ficar preocupadas. Podem pensar o pior. Você sabe... As igrejas... – disse, finalmente. – Esse escândalo... Uma coisa terrível.

– É muito difícil acreditar que isso esteja acontecendo – comentou a outra mãe.

Fiquei calado, olhando fixo para as botas delas. O cano alto alcançava seus joelhos e tinha um acabamento de pele clara na borda – as meninas da minha turma usavam as mesmas botas.

– Não há como prever que coisas desse tipo aconteçam. Não nessa medida – continuou Hazel.

Duas outras mães voltaram a atenção para mim. A Sra. Perrich falava ao telefone, mas também me lançou um olhar por cima dos óculos.

– Você trabalha na Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo, não é? – indagou uma delas.

Hazel não conseguia tirar a mão de mim por muito tempo. Alisou o lado do meu braço.

– Não tem como não ser difícil. Digo, você trabalha mesmo lá, não é?

– Danny estava se preparando para a crisma – disse outra mãe do grupo. – Quantas crianças da nossa comunidade frequentam aulas de crisma lá?

– Eu sei – disse a quarta mãe, e voltando-se para mim: – Em que ano você está?

– Aidan está no segundo ano – respondeu Hazel rapidamente.

– Ah, meu Deus. Você trabalha lá? Eles debateram alguma coisa, quero dizer, estão comentando sobre o assunto?

– Teal! – repreendeu-a Hazel. – Aidan, isso não é da nossa conta.

As outras mães já haviam recuado um pouco, mas se viraram novamente para Teal, que permanecia diante de Hazel, de braços cruzados.

Eu não conhecia ninguém ali – só lembrava o nome de duas ou três –, mas elas sabiam que eu havia trabalhado na Igreja do Preciosíssimo Sangue.

– Não acredito que uma coisa dessas tenha acontecido na Preciosíssimo Sangue – afirmei. – Se nada aconteceu, por que precisamos falar sobre isso?

Elevei a voz conforme eu falava. Senti o suor escorrendo pelas costas e brotando na minha testa. Cerrei os punhos e enfiei as mãos nos bolsos para não ter que enxugar o rosto.

– Querido – disse Hazel. – Calma, está tudo bem. Não estamos acusando ninguém aqui.

– Não – falei alto demais. – Eu também não.

– Bem – disse a mãe das botas felpudas –, ainda acho que a Associação de Pais deve abordar esse assunto de alguma forma. Temos que fazer com que as pessoas discutam isso, e é óbvio que as crianças também precisam de algum tipo de orientação.

– Com certeza – concordou Teal. – O doutor Ridge deveria convocar uma assembleia.

– Talvez apenas uma reunião mais informal – sugeriu outra mãe. – Isso tudo é muito delicado.

– Exatamente – confirmou Hazel.

– Na verdade – disse a mãe das botas felpudas –, isso é o tipo de coisa que o padre Greg deveria fazer. É responsabilidade dele, não só com a sua paróquia, mas com a comunidade inteira.

– O padre Greg nem rezou a missa no domingo – informou Hazel. – Foi o padre Dooley que celebrou.

– O padre Dooley? – perguntou Teal. – Ele falou alguma coisa sobre tudo isso?

– Ora, Teal, por favor! – retrucou Hazel, tentando passar o braço pelos meus ombros, mas recuei.

– Não estou entendendo nada do que vocês estão falando – declarei.

Nada daquilo fazia sentido para mim. Nenhuma delas tinha estado lá. Por que estavam tão preocupadas? Algumas nem eram católicas.

Apontei para o relógio e me afastei. Enquanto os pais clamavam por assembleias e grupos de

discussão, os alunos faziam exatamente o inverso. Havia silêncio de um lado e sussurros de outro. Os estudantes que se envolveram com a igreja cochichavam num canto. Tentei evitar essas conversas a caminho da sala, já que muitos alunos sabiam que eu havia trabalhado lá durante o outono e o verão.

Nick e Dustin me encontraram no corredor. Dustin me lançou um olhar e resmungou alguma coisa para o colega por cima do ombro. Para onde quer que eu me virasse, pensava ouvir alguém dizendo meu nome, mas ninguém se dirigiu diretamente a mim.

O Sr. Weinstein mandou que fizéssemos uma redação, mas fiquei o tempo todo fitando a folha em branco, com medo das lembranças que tomaram conta da minha mente. O professor se reclinou em sua cadeira, com as mãos atrás da cabeça, do mesmo jeito que o padre Greg costumava fazer ao rezar em seu escritório.

O gesto me fez lembrar uma conversa que eu tive com ele no começo do trabalho voluntário. O padre tinha me mostrado algumas fotografias que planejava usar em estudos de caso: crianças com as mãos avidamente levantadas numa sala de aula; duas alunas de frente para o computador, uma delas apontando para a tela com uma expressão de descobrimento no rosto. E havia mais.

– Sabe por que gosto de trazer crianças como você para este projeto? – perguntara o padre Greg. – Porque vocês são iguaizinhos a essas crianças, e acho importante que umas ajudem as outras. – Ele havia passado para uma foto de três meninas latinas de avental branco de laboratório e óculos de proteção. – Ajudar os outros ajuda a nós mesmos – continuara, um sermão que havia repetido diversas vezes durante nosso trabalho na campanha.

Tinha sido muito fácil acreditar que eu logo seria recompensado. O padre Greg me prometia e recordava que era assim que Deus agia. *Tive fome e me deu de comer, tive sede e me deu de beber, era peregrino e me acolheu.*

Naquela época, acreditei nele porque queria acreditar, mas, olhando para a folha em branco durante a aula do Sr. Weinstein, pensei em como de fato se inicia uma crença. Não é que ela simplesmente atinja o sujeito feito um raio, derruba-o do cavalo e pinta seu mundo com cores mais vivas. Na verdade, tudo começa com o desejo de enxergar alguma coisa sob certo prisma ou de ver o mundo por outro ângulo. É o *desejo* que prepara o terreno. Faz a gente acreditar que as nuvens estão se abrindo – e se abrindo exclusivamente para nós. Precisamos que elas façam isso, porque abrir-se somente para nós dá algum incentivo, alguma inspiração para seguir em frente. Eu acreditei no padre Greg. Ele sabia que era isso que eu queria e fez de propósito, para me manipular.

O Sr. Weinstein pediu que entregássemos as redações e eu passei adiante minha folha em branco. Josie se virou para trás rapidamente e me fitou.

– O que aconteceu? – perguntou, apenas movendo os lábios, sem emitir som.

– Nada – respondi.

O Sr. Weinstein pediu que eu ficasse quieto e começou a aula.

Voltei a vagar pelos meus pensamentos. O padre Greg tinha me oferecido compaixão? Não era isso que os ensinamentos diziam ser fundamental, a compaixão? Também não diziam que agir com compaixão era nosso bilhete de entrada no céu? Mas será mesmo compaixão nos dedicarmos uns aos outros, pressupondo que esse ato um dia será recompensado? Uma demonstração maior de fé não consistiria em praticar o ato de compaixão sem esperar nada em troca?

Mas quem faria isso? Quem não agiria da forma que melhor lhe conviesse depois de retirar o véu e

desnudar palavras como “amor” e “virtude”? Palavras que o padre Greg havia usado com muita frequência pareciam agora corruptas e perigosas. E o que dizer quando outra pessoa as utiliza? Por que eu não poderia manipulá-las com alguém como fazia o carrasco com seu machado até que a pessoa fizesse o que eu queria?

Saí zozinho da aula do Sr. Weinstein. Percorri o corredor e vi que as pessoas olhavam de relance na minha direção, mas desviavam o rosto assim que eu as encarava. Não era como se alguém apontasse o dedo, mas, depois de uma das mães sugerir que todos comentavam sobre a Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo, passei o dia apavorado, com medo de que alguém já tivesse descoberto. Com medo de encontrar uma reportagem que mencionasse especificamente o meu nome, ávida para expor as aberrações e os monstros em nosso meio, que apontasse para mim e dissesse: “Não o deixem entrar, ele contaminará tudo.” Com medo de que alguém já tivesse lido a matéria e conversado sobre o assunto – e sobre mim – e de que toda essa gente tivesse espalhado a notícia por toda a escola. Com medo de que, por fim, algum tipo de anúncio fosse feito pelos alto-falantes e eu fosse mandado para a diretoria. Então todos se sentiriam à vontade para olhar e apontar estupefatos para aquela criatura esquisita e perturbada que cruzava o corredor em sua marcha final em direção à sala de orientação educacional da Sra. Ackerson, onde falariam sem rodeios que garotos como eu deveriam ficar sob observação dos especialistas da Bullington. Eu receberia uma dispensa especial para fazer a transferência ali mesmo, naquele exato momento. Eles poderiam providenciar um carro, se fosse necessário.

Foi impossível falar com Josie ou Sophie. Não queria que elas ficassem me perguntando coisas. Desejava voltar para o anexo da piscina da casa da Josie, fumar um baseado, perdido num torpor descontraído. Mas agora isso parecia muito distante. De repente, me preocupei com o Mark. Não o vi na escola e, depois da terceira aula, tive certeza de que tinha faltado. Senti um pequeno alívio. Não tínhamos voltado a nos falar desde o episódio do telhado. Eu não sabia direito o que ele faria depois. Não era disso que falava tanto, de todos descobrirem?

Pedi dispensa da aula de química e fui ao banheiro do andar de baixo para que ninguém me enchesse o saco. Vomitei. Depois de me limpar, passei a me sentir um pouco melhor, mas esperei que todas as aulas acabassem para subir e pegar minha mochila. Preferi não almoçar e fui me sentar num cubículo do banheiro do terceiro andar, tentando recuperar a calma. O suor gotejava no meu pescoço e encharcava o colarinho. Afrouxei o nó da gravata do uniforme e joguei água fria no rosto, molhando algumas mechas encaracoladas até poder pentear o cabelo todo para trás, liso como os mafiosos dos filmes. Fechei a cara e tive vontade de socar meu reflexo. Em vez disso, destampeei uma canetinha e rabisquei o vidro. Dei um passo para trás e vi os talhos cortando a minha testa e as minhas bochechas, enquanto outro atravessava a mancha amarelada em volta do meu olho.

Quando o sinal tocou, sequei um pouco o cabelo com toalhas de papel e fui para a aula. Estava bem melhor. *Eu consigo*, repetia comigo mesmo. Ninguém saberá de nada.

Marquei com o motorista para me buscar depois da escola e saí de fininho antes do último tempo. No banco de trás do carro, banquei o esnobe e ignorei o homem que dirigia. Com quase toda a neve derretida, a cidade exibia a palidez suja de dentes manchados pelo fumo. Quando a primavera chegasse descongelando as grades dos bueiros, quando o gelo derretesse e quando o solo ficasse mais macio e a terra fértil pudesse ser revolvida, as empresas de paisagismo, os pintores de residências e os caminhões de asfalto se alastrariam pela cidade. E, com precisão cirúrgica, devolveriam viço e cores aos jardins e

injetariam vida nos gramados. As ruas seriam pavimentadas; as casas, maltratadas pelo tempo, receberiam as belas pinceladas que lhes dariam uma aparência tão fresca quanto a das flores que ladeavam suas entradas; e todos os sinais de decadência desapareceriam. Por que isso não poderia acontecer comigo também?

Como cheguei em casa mais cedo que o normal, fiquei surpreso ao ouvir o rádio na cozinha e a voz da mamãe. Senti o cheiro do cigarro já no vestíbulo, enquanto tirava o casaco.

– Aidan! – gritou ela quando entrei na biblioteca. – Aidan, venha cá.

Estava sentada à mesa da copa, com um cinzeiro fumegante ao lado, e levantou-se de repente assim que entrei na cozinha. Ainda usava a roupa da ginástica matinal e tinha pequenas mechas soltas do rabo de cavalo. Entrelaçou as mãos, soltou-as, acenou para que eu me aproximasse e as entrelaçou novamente.

– Ah, venha cá. Por favor. – Hesitei. – Essas histórias sobre os padres... – continuou.

Ela não andou pelo cômodo, mas percebi que suas pernas deram uma leve estremecida, como se estivessem se preparando para sair correndo. Sentei-me junto à bancada de madeira. A distância me pareceu mais segura. Reuni todo o autocontrole que encontrei, mas, se ela atravessasse a cozinha e me envolvesse em seus braços, não tinha certeza se conseguiria aguentar mais.

Mas mamãe permaneceu sentada e disse:

– acredite, fiquei preocupada assim que li tudo aquilo. Com você e a Preciosíssimo Sangue.

– As pessoas também estavam falando disso na escola – retruquei, devagar. Corrigi a postura e me sentei ereto. Mamãe não me olhava nos olhos. Percebi que era mais fácil eu me concentrar nela. Estava acostumado a mentir para ela. – Mas não aconteceu nada na Preciosíssimo Sangue. Não enquanto estive lá.

– Tem certeza? – perguntou ela. – Recebi um telefonema. Lembra-se da Hazel? Bem, há uns boatos correndo por aí.

– Boatos – repeti, ainda olhando para mamãe.

O medo em seus olhos conferia à sua beleza cotidiana uma espécie de inocência atraente, algo que pedia proteção. Mamãe era uma pessoa que clamava por ajuda através dos olhos, e tinha o costume de recebê-la, o que fazia o outro se sentir ainda mais necessário.

– São só insinuações – continuei. Tentei falar bem devagar para parecer que eu estava calmo. – Que falta de educação! Chega a ser invasivo. Nenhum deles trabalhou lá. Eu, sim.

– Ah, Aidan, por favor – implorou mamãe. – Tem certeza? Isso é muito sério.

– Eu também. Não aconteceu nada.

– Está em todos os jornais. É uma epidemia. Um verdadeiro acobertamento em massa. Parece que vai haver uma ação judicial coletiva...

– Bem, eu não vi nada – reiterei. – Estou de saco cheio desse assunto.

– Os culpados devem ser processados como qualquer cidadão normal – prosseguiu mamãe. – E não só pelos abusos... O que dizer daqueles que tentam acobertar o crime? Calhordas.

Mamãe levantou-se, cruzou a cozinha e me abraçou. Afundei a cabeça em seu peito, para não ter que encará-la. Não sabia por quanto tempo conseguiria aguentar.

– Todo mundo ficou me perguntando sobre isso, como se eu fosse culpado de alguma coisa. Mas eu não fiz nada – resmunguei. – Trabalhei lá, mas agora não trabalho mais. Não tenho mais nada para declarar.

Mamãe ficou abraçada comigo durante algum tempo. Não falou mais uma palavra. Então, ela respirou fundo e disse:

– Acredito em você. Acredito mesmo e não precisamos mais falar disso. Só fiquei com medo de sermos vítimas também.

Tornamos a nos calar e mamãe me apertou com força. Prendi a respiração e a soltei devagar. Quando me largou, permaneceu ao meu lado. Eu mal conseguia me conter, e torci para que ela não notasse.

– Outra coisa, Aidan. Sei que você até disse isso, mas nunca mais vai pisar naquela igreja outra vez. Nem eu. Eu já não sentia vontade, agora então, por que deveria voltar? A organização inteira está envolvida. Simplesmente não compreendo. – Sua voz ficou mais baixa e mais calma, mas mamãe pareceu distante. – Por outro lado, seria diferente se nós tivéssemos sido vítimas – prosseguiu, voltando à mesa e acendendo outro cigarro. Então exalou a fumaça sem olhar para mim. – Mas não fomos. Isso é o mais importante.

– Isso mesmo – concordei.

Não estava me sentindo nem um pouco mais calmo. Uma estranha dormência atingiu a minha pele.

Subi para o quarto. Tirei os livros da mochila e me sentei à escrivaninha, mas os problemas de geometria se transformaram num labirinto que não consegui percorrer. Eu sabia de cor os teoremas, mas não conseguia lembrar de jeito nenhum. A linguagem matemática parecia zombar do que eu sentia por dentro, como se todas as linhas, uma embaixo da outra, implicassem uma ideia de facilidade, uma direção que levava a um fim específico: a resposta. Os olhos do livro se estreitaram e me fitaram. Eles queriam respostas, mas e se não houvesse respostas? E se houvesse apenas incertezas, tudo embaralhado naquela situação? E se não houvesse jeito de explicá-la? Era por isso que a reportagem mentia tanto: não era fácil explicar a história toda em apenas alguns parágrafos, respondendo às perguntas do lide, no formato de pirâmide invertida.

Também não fui bem-sucedido no dever de casa de literatura inglesa. Não memorizava as frases e tive que reler os parágrafos vez após outra, sem conseguir reter seu significado. Via o Sr. Weinstein levantando o livro na aula, brandindo-o acima da cabeça, quando ninguém respondia às suas perguntas: *As respostas estão bem aqui! Ninguém leu o poema? Elas estão bem na sua frente. Vocês terão que aprender o conteúdo desse livro se quiserem algum dia entrar na universidade!*

Atirei o livro na estante, do outro lado do quarto, e tudo que estava nas prateleiras despencou. A caixa de charutos com as quinquilharias do Velho Donovan bateu no chão e seu conteúdo se espalhou pelo tapete. O globo de neve não quebrou, mas rolou até o pé da minha cama e fez um remoinho de flocos cintilantes refletir-se numa de suas colunas lustrosas. No segundo seguinte eu estava de pé atirando o globo no chão, sem ter a menor ideia do que fazia. O vidro explodiu. A MÁGICA DE REYKJAVIC, era a inscrição na base preta do globo. Livre da bolha, ela não passava de uma simples mancha líquida no tapete, e a neve antes iridescente se transformou num pó acinzentado de coisa nenhuma.

Comecei a andar de um lado para outro. Tinha vontade de quebrar tudo que havia ali. Eu poderia jogar o teclado e o rack de metal contra uma coluna da cama. Poderia facilmente queimar a fotografia de duas mulheres na ponte do Brooklyn. Poderia rasgar em pedacinhos o exemplar velho e desbotado de *Frankenstein*, que tinha resvalado para o chão. Poderia atirá-los pela janela, como acontece nas comemorações de ano-novo no centro da cidade. Meu quarto já não era seguro.

Mamãe me chamou do andar de baixo e, passado um minuto, bateu à minha porta. Entrou sem esperar

pela resposta.

– O que houve? Escutei um barulho.

– Tentei mudar a estante de posição sem tirar tudo dela.

– O quê?! – rebateu ela, com as mãos nos quadris.

– Queria ter mais espaço perto da poltrona, para poder colocar um apoio para os pés.

Mamãe parecia exausta e mais velha. Notei que não usava maquiagem. Deu um suspiro.

– Você está bem?

– Sim.

– Eu estou do seu lado, Aidan. Pode pedir minha ajuda. – Ficou ali por mais um instante, depois seus lábios enfim se contorceram num sorriso. – Entendo como é a sensação de ser traída.

– Eu sei. – Hesitei. – É só que... Não consigo parar de pensar que eles mentiram para mim. Todo aquele trabalho que fiz para eles. Todo aquele trabalho. São mentiras demais. Estou confuso.

Tive que me interromper antes de revelar mais coisas. Na verdade, parecia que eu tinha que me impedir de vomitar.

– Eu sei, querido. Eu sei. E estou aqui para apoiar – disse mamãe, com um sorriso. – Acho que hoje a gente podia pedir uma pizza e assistir a um filme. Que tal? Você tem dever de casa? Está a fim?

– Muito. Não estou com disposição para fazer mais nada.

– Nem eu.

Avisei que primeiro arrumaria a bagunça e depois desceria para escolher a pizza e o filme. Acabei jogando no lixo a maioria dos presentes que o Velho Donovan tinha me trazido de suas viagens. De que adiantava guardá-los?

Mais tarde, nos aninhamos na cama da mamãe, com a pizza de espinafre e o azeite na mesa de cabeceira, e assistimos a três episódios de uma série de TV. No fim das contas, o programa nos deixou insatisfeitos, porque ficamos o tempo inteiro esperando por respostas, querendo saber mais, e acabamos sem resolução alguma. Mas, quando me levantei para voltar ao meu quarto, mamãe segurou minha mão.

– Eu já disse isso, e falei sério. Preciso acreditar em você, Aidan, e vou fazer isso sem hesitar. Tenho que acreditar. Posso confiar em você, certo?

– Sim. Pode confiar. Acredite em mim.

capítulo 13

*P*ara que eu mesmo passasse a acreditar, precisava continuar indo à escola normalmente, por isso na terça-feira assisti a todas as aulas e me sentei com a postura reta na carteira, como se sempre tivesse sido um aluno aplicado. O Sr. Weinstein não me chamou uma única vez e a Sra. Martelli não reclamou quando não entreguei o dever de casa pronto. Eu estava dando um jeito de suportar, repetia para mim mesmo. Não era impossível. Poderia empurrar com a barriga e passar de ano. Logo, logo todo mundo deixaria de lado as pessoas que se envolveram com a Preciosíssimo Sangue e tudo voltaria a entrar nos eixos. Era assim que o medo era superado, não? Vá lá e faça o que você sempre faz. Dirija o seu carro, faça compras, vá ao cinema, assista a uma peça na Broadway. Dance conforme a música e esqueça as preocupações.

Havia também algo de automático no jeito que eu atravessava os corredores nos intervalos, na marcha rígida necessária para me impelir adiante. Andava tão distraído que por pouco não tropecei na Josie no fim do dia.

– Ei – disse ela –, você esteve calado o dia inteiro. Começou a bancar o difícil de repente?

Dei uma risada sem jeito e ela prosseguiu:

– Vamos sair daqui, ficar sozinhos?

Depois que o sinal tocou, fomos ao Blueberry Hill Café. A fila não estava grande, então, enquanto eu pegava café com leite e uns bolinhos, Josie foi procurar uma mesa escondida nos fundos, onde os adolescentes costumavam se sentar, o mais longe possível da entrada. Era uma das mesinhas redondas menores, aquelas em que mal cabiam duas cadeiras magrinhas de ferro, uma de cada lado, e Josie se posicionou de modo a ter uma visão geral de toda a cafeteria.

Peguei a bandeja com nosso pedido e me sentei de frente para ela.

– Ei, você tem falado com o Mark? – perguntou Josie.

Quando respondi que não o tinha visto na escola, ela não se espantou.

– É claro que você não o viu. Faz dois dias que ele não vem à aula. Tentei ligar para a casa dele, mas ninguém atendeu.

– Só quis dizer que não estou preocupado. Ele ficou de castigo durante todo o fim de semana. Talvez esteja doente ou algo assim.

Contraí e relaxei os músculos, tentando me conter, mas o nervosismo me invadiu. Não queria pensar na ausência do Mark, mas era impossível.

– Em dois anos ele nunca faltou – acrescentou Josie. Fingi surpresa, mas ela insistiu: – Todo mundo anda agindo feito maluco agora. Se estivesse aqui, o Mark apenas passaria um baseado e falaria alguma coisa engraçada. Então a gente se esqueceria de todo o resto. O problema é que ele sumiu. Quero dizer, gosto de ficar sozinha com você, mas acho muito estranho ele não ter ido à aula. Está tudo tão esquisito ultimamente! Esse negócio com a Igreja deixou todo mundo de cabelo em pé.

– Será que a gente poderia não falar disso?

– É difícil evitar. Ainda mais quando as pessoas começam a suspeitar dos padres da Preciosíssimo Sangue.

– Por favor. Isso é besteira. As pessoas começam a espalhar um monte de boatos só para fazer mais drama.

Conversei com Josie sem olhar para ela. Olhava por cima de seu ombro, para o espelho que havia ali atrás. Mesmo de costas para os outros clientes, eu via todas as outras mesas pelo reflexo dele, que ocupava quase toda a parede e produzia a ilusão perfeita de duplicar o tamanho da loja. A Blueberry Hill vivia cheia, do café da manhã até a hora do jantar. Como sempre, havia vários carrinhos de bebê rodando pelo salão.

A maioria dos adultos era composta por mulheres, mas havia também alguns homens. Reconheci um deles, aliás, o pai de um dos alunos lá do colégio, cuja participação era bem ativa na Associação de Pais. Estava vestindo seu traje habitual: uma camisa xadrez de flanela, com os dois primeiros botões desabotoados. Muitas mães o achavam atraente, mas ele não me parecia do tipo mulherengo, pelo menos não nas ocasiões em que eu o vira.

Quando entramos no café, ele estava sozinho, lendo o jornal. Na mesa havia as sobras de um sanduíche. A pele ao redor dos olhos era enrugada e ele sorria por trás da barba grisalha e bem aparada, virando as páginas. Balançava a cabeça vez por outra, numa incredulidade suave e quase paciente. Era o tipo de homem que eu gostaria de ser. Não um homem cuja ocupação eu desejasse, porque não tinha ideia do que ele fazia para ganhar a vida, mas um homem cuja serenidade era palpável. Só que essa serenidade não durou muito tempo. A sineta acima da porta de entrada tocou quando Josie e eu começamos a conversar e vi que a expressão dele tinha se alterado por completo.

O padre Dooley se inclinou sobre a bengala ao entrar lentamente na cafeteria. A atendente ajeitou a bandana na cabeça e enxugou as mãos no avental enquanto o sacerdote se aproximava do balcão. Ele falou baixo, quase sussurrou, percebendo que todos os olhos estavam voltados para ele.

– Meu Deus – comentou Josie, inclinando-se sobre a mesa –, agora é muito difícil ver um padre e não pensar besteira. É como se todos fossem culpados.

– Não são – retruquei em voz baixa.

Tive vontade de virar o rosto, fechar os olhos ou sair correndo pela porta dos fundos, mas o homem sereno fechou o jornal, dobrou-o e o deixou na mesinha. Fuzilou o padre Dooley com o olhar e coçou a barba. Descruzou as pernas e ficou sentado com as mãos entre os joelhos, mas em seguida se levantou e andou na direção do padre. Disse alguma coisa ao velho sacerdote, baixo demais para que ouvíssemos. O padre Dooley balançou a cabeça e respondeu. Os dois trocaram mais algumas palavras e o religioso deu a volta, foi até a outra ponta do balcão e ficou olhando fixo para a máquina de café expresso.

– Ei – disse o homem, apontando para o padre –, não me ignore. Eu lhe fiz uma pergunta.

– Por favor, Paul – retrucou o padre Dooley, com frieza na voz. – Só vim buscar uns cafés.

– Você é o superior. Não está isento de responsabilidade – argumentou o homem.

– Por favor, pare de me amolar – respondeu o padre. Correu os olhos rapidamente pelo café. – Aqui não é lugar para discutirmos isso.

– Não se atreva a me dispensar! – gritou Paul. – Faz mais de dez anos que frequento a Preciosíssimo Sangue. Mereço algumas respostas. Meus filhos já foram lá.

A atendente se apressou nas tarefas e derramou um pouco do primeiro café que serviu ao padre Dooley. Enfiou o copo num saco para viagem e o empurrou para ele.

– Isso é ultrajante! – continuou Paul.

– É isso mesmo! – ecoou uma mulher, perto da entrada da cafeteria. – Ele tem razão.

O padre Dooley pegou a bengala e a segurou junto à perna.

– Não sou eu que devo ser julgado aqui. Por favor, não me tratem como criminoso. Aqui não é nem o lugar certo nem a hora certa para discutir isso. A Igreja inteira está abordando a questão. Temos uma resposta coordenada.

– Fale comigo como um ser humano normal, Frank! – Paul tremia ao gritar. Firmou o corpo, encostado no balcão. – Você acha que está acima da lei. Nós queremos respostas. O padre Greg com certeza conversaria com a gente. Aliás, onde diabos ele se meteu?

Uma das mães perto de Paul se levantou e pousou as mãos nas costas dele.

– Ele está absolutamente certo – disse ao padre Dooley. – Você... você... você devia se envergonhar – acrescentou, com a voz embargada. – Devia se envergonhar muito. Não falou nada na missa. Nem mencionou o assunto.

– Não sou jornalista. Não devo especular nem incitar debates sem razão. Não quero criar caos.

O padre Dooley correu os olhos pelo salão e, quando eles encontraram os meus no espelho, eu congelei por dentro. Não parecia que queria discutir a situação aos berros no meio de uma cafeteria nem brandir a bengala na cara dos clientes, mas era o que tinha feito. Mantivemos o contato visual por um instante e, a julgar pelo tanto que ele tremia, tenho certeza de que sentiu o mesmo que eu. Seu olhar pedia ajuda, uma mão que me buscava, segurando meu ombro e me puxando para ele. Não pude fugir e, de repente, fiquei pensando se ele sentia o mesmo a meu respeito. Talvez eu o tivesse assustado mais do que Paul.

Ele não disse nada, mas se virou novamente para o homem:

– Estou fazendo tudo que posso. Estou tentando.

– Bem, não é suficiente. Não são as notícias que estão causando o caos. Você não vai me dizer nada, não é? Onde diabos está o padre Greg? Com certeza ele daria alguma explicação. Onde está ele?

O padre Dooley pegou o saco com os três cafés.

– O padre Greg está doente no momento, então não devemos atormentá-lo ainda mais. Ele não está recebendo telefonemas. Mas eu sim. Na igreja. Agora, todos devemos falar sobre coisas mais importantes e parar com essa chateação.

O padre Dooley sempre tivera uma fisionomia carrancuda, amuada – era um obstinado defensor das regras –, mas, parado ali, com o saco de papel balançando nas mãos, pareceu perder o controle do seu eu habitual, e a máscara começou a desmoronar.

Paul encostou o dedo no peito do religioso e achei que o velho sacerdote ia cair de costas.

– Você é tão responsável quanto o resto da Igreja – disse. – É tão culpado quanto eles. Não pode

simplesmente resolver isso com seus superiores. Também merecemos justiça.

O padre Dooley assentiu.

– Lamento muito – respondeu, e virou-se para a porta. – Por favor, meu Deus – pensei ouvi-lo murmurar ao abri-la e sair para a calçada.

A mulher que havia concordado com Paul deu-lhe um tapinha no ombro. Ele socou o balcão ao lado da caixa registradora, e ela recuou.

– Nunca mais piso naquela igreja – declarou ele. – O resto do mundo chama isso de acobertar um criminoso.

A mulher conduziu-o à mesa em que estava, então ele puxou a cadeira e se juntou a ela e à amiga que a acompanhava. Todo mundo começou a falar ao mesmo tempo.

– Ainda não consigo acreditar que ele entrou aqui – comentou Josie. – Deve ser o homem mais burro do mundo, ou completamente alheio a tudo. Meu pai acha que é pura arrogância. O cardeal não sei quem disse que não entende por que a situação chegou a esse ponto, um escândalo tão grande. Todos eles acham que simplesmente vai passar. – Olhou para mim e, pela apreensão que vi em seu rosto, percebi que minha máscara estava caindo. – O que você acha? – perguntou. Esperou pela minha resposta, mas eu não conseguia abrir a boca. – Quero dizer, você trabalhou na Preciosíssimo Sangue – insistiu Josie. – É isso mesmo? Nada?

– Sinceramente? Também só quero que isso tudo acabe. Será que a gente poderia falar de outra coisa, por favor?

– Ei, é você que sempre quer discutir as notícias. E isso é diferente. É ainda mais importante. Diz respeito a crianças.

– E por que isso é tão diferente? – questionei.

Ela balançou a cabeça.

– Porque é. É um crime duplo. O cara não está apenas prejudicando as crianças agora. Ferrou todo o futuro delas. É como agredi-las uma vez e agredir de novo, uma vez atrás da outra, pelo resto da vida.

– Agredir?

– Olhe, isso é uma agressão. Mas pelo menos é de um tipo contra o qual podemos lutar. O que diabos está acontecendo com o mundo? Quero dizer, terroristas tomam conta de metade do planeta, outros mandam antraz pelo correio para deputados e senadores, um americano faz parte do Talibã. Sério! E agora os padres começaram a atacar crianças? O mundo está acabando ou o quê?

– Isso é loucura – retruquei, elevando a voz. – Além disso, sabe quantas coisas boas a Igreja já fez? Esse episódio isolado não pode apagar isso.

– Ai, meu Deus – disse ela. – Você é maluco. Está defendendo esses caras? Virou um católico fervoroso, assim, de repente? Não dá para contestar a situação. Os padres são culpados! Sem sombra de dúvida. E, também, pense nos pobres garotos. Não é justo. Eles tiveram que passar por tudo aquilo, e só com a denúncia deles é que pudemos saber de alguma coisa.

– Talvez eles só estivessem querendo chamar atenção – sugeri. Dei uma risada, mesmo sem motivo. – Como quem imita um criminoso para aparecer no jornal, sabe?

– Não tem graça nenhuma – disse Josie. – Você está louco.

– Por que tanta pressão? Por que estou sendo interrogado?

– Você? – perguntou.

Ela passou um momento calada enquanto terminava o café. Não consegui pensar em mais nada para dizer, porque cada palavra que surgia na minha cabeça parecia me incriminar mais. Tive vontade de cortar a língua e enviá-la pelo correio para a Preciosíssimo Sangue, com um bilhetinho dizendo *Acrescentem isso à sua maldita coleção*.

– Acho que a gente devia ir para casa – sugeriu Josie, por fim. – Ficou tudo meio esquisito.

– É verdade. Ficou mesmo. Quero dizer, você tem que acreditar em mim. Acho que só estou me sentindo traído, sei lá. Eu trabalhei lá. Tudo parecia normal e sério. Mas agora tudo parece ter mudado.

Josie me escutou com as mãos sob o queixo e permaneceu calada e calma quando fiz uma pausa.

– Desculpe se fui um idiota – acrescentei, por último. – Queria que as coisas fizessem mais sentido. Quero que tudo volte ao normal.

Ela estendeu a mão sobre a mesa e apertou a minha.

– Você não é um idiota – disse. – Com certeza não é.

Saímos da cafeteria e Josie me conduziu pela rua, dobrando a esquina para um estacionamento mais isolado, atrás de umas lojas. Senti seus lábios encostarem nos meus, me pressionarem e me puxarem mais para perto dela. Tentei corresponder – era o que eu achava que queria –, mas tive que me esforçar. Josie colou o corpo no meu e, embora eu estivesse encostado na parede, foi como se escapulisse. Ela voltou a roçar em mim e disse:

– Por favor, me abrace.

Fiz o que ela mandou. Josie abriu minha boca com a sua e movimentou a língua. Não tive nada a oferecer.

– Qual é o problema? – perguntou ela. – Não está a fim?

Eu queria, mas não estava tão entusiasmado assim ou, pelo menos, não tão excitado quanto ela. Fui concordando, sorrindo e imitando suas expressões. Nós grudamos nossos corpos um no outro e reagi como achava que devia, copiando os gestos, esfregando o nariz no dela nos intervalos entre os beijos. Segurei sua nuca, afaguei sua orelha e dei-lhe vários beijos, percorrendo os mesmos passos, no automático.

Josie segurou meu pulso e fez minha mão deslizar pela lateral do seu corpo. Depois, começou a esfregar as minhas costas, e eu continuei a fazer o que ela me mostrara. A parte sombria do meu ser se afastou, mergulhando mais fundo em mim mesmo. De repente, foi como se eu não compreendesse o desejo nem soubesse reconhecê-lo, como se não conseguisse me conectar com outra pessoa por meio do tato e retribuir com meu corpo – tudo que eu sabia era ser desejado e obedecer.

Tentei tocar lugares diferentes do corpo dela, mas Josie não reagiu como eu achava que devia. Nada me inspirava, nada me empolgava. Josie acabou percebendo isso depois de algum tempo e pareceu frustrada. Redirecionou minhas mãos algumas vezes. “Passe a mão aqui”, dizia, e eu obedecia, mas sem qualquer desejo ou medo. Tentei mover mais depressa e apertar com mais força, porém aquelas já não eram as minhas mãos. Em algum lugar nas profundezas mais obscuras da minha cabeça eu ouvia a voz do padre Greg, arfando, falando sobre Deus e o que havia dentro de nós, e sobre o *amor, amor, amor*. Eu me sentia completamente vazio. Nunca houvera nada entre mim e ele, eu podia concluir aquilo agora. Não havia nada dentro de nós.

Josie sentiu que eu não estava reagindo e ergueu a cabeça com um olhar desolado.

– Qual é o problema? – perguntou. – O que você quer? O que quer fazer?

– Não sei. Não sei o que fazer. Gostaria de saber, mas não sei.

Ficamos calados por um momento.

– Não está dando certo – disse ela em voz baixa.

– Mas deveria – retruquei.

– Você não me deseja?

– Desejo.

Ela recuou um pouco.

– Mesmo? Não parece.

Fiquei calado e confuso demais para encontrar uma resposta ou outra coisa para dizer. Josie se aproximou, segurou meu casaco e me puxou para ela, com ar brincalhão.

– Você não me acha bonita?

– Claro que acho.

– Não fale só da boca para fora. Você me acha bonita?

– Acho. E quero você.

Não era mentira. Tinha vontade de beijá-la no pescoço todas as vezes que ela mexia no cabelo e deixava a curva do pescoço e o ombro expostos na aula do Sr. Weinstein. Josie foi a primeira garota que beijei, e queria que ela fosse a primeira no sexo também. Eu tinha vontade de desfazer tudo que havia ficado para trás e voltar a ser virgem de verdade.

– Sério? – duvidou ela.

Josie desabotoou o casaco e eu a abracei. Abriu o zíper do meu casaco e comprimiu o corpo contra o meu.

– Eu estou aqui – disse, baixinho. – Não vou a lugar nenhum. Não tenha pressa.

Deslizei as mãos pelas costas dela e senti o fecho do sutiã. Desejei já saber como abri-lo. Josie se aninhou em mim, e meus nervos a floraram.

Apertei-a mais contra mim e os movimentos dela se tornaram mais urgentes ao sentir minha ereção. Fiquei meio zozzo e a beijei com mais força. Chupei seu lábio inferior. Pousei as duas mãos na sua bunda e a puxei com força. Josie deu um risinho e permaneceu comigo por um momento, a respiração ofegante em meu pescoço. Depois se afastou.

– Calma, calma – disse, rindo.

Minhas entranhas se revolviavam e comecei a tremer.

Josie abriu um sorriso, mas também estava nervosa, com as faces enrubescidas.

– Eu, hã, eu gostaria de não ter que ir embora.

Recompôs-se, então me provocou, dizendo que da próxima vez teríamos que ser mais respeitáveis. Encontrar um lugar mais tranquilo. Um lugar privado, e não um beco no centro da cidade. Concordei. Um lugar em que eu pudesse me sentar. Minhas pernas estavam bambas, eu quase não me aguentava em pé.

– Um lugar em que pudéssemos nos deitar – disse Josie, antes de me beijar outra vez.

– Por que não encontramos esse lugar agora? – perguntei.

– É verdade. – Ela ainda recuperava o fôlego, as narinas estremeciam ao respirar. – Minha mãe tem um compromisso na cidade hoje à tarde. Vamos lá para minha casa. Vou fazer você entrar escondido, sem que Ruby o veja.

Refizemos o mesmo trajeto que havíamos percorrido até a casa dela dias antes, trocando beijos pelo

caminho, só que dessa vez andando mais rápido. Parávamos de vez em quando para lamber de leve os lábios um do outro, então Josie agarrava minha mão e me arrastava. Não trocamos muitas palavras até entrar na rua da casa dela. Quando chegamos lá, olhei para o olmo que estava coberto por uma película de gelo outro dia. Mas o gelo já havia derretido.

Josie subia e descia na ponta dos pés enquanto me contava o plano. Prestei atenção nas suas instruções e, quando ela entrou e fechou a porta, passei correndo pela casa do vizinho e dobrei à direita no fim do quarteirão. Saltei a mureta baixa de pedra e disparei pelo quintal dele até o arvoredo junto à propriedade da família da Josie. Então me agachei ao pé de outro olmo de tronco grosso. Josie não tardou a abrir a porta dos fundos e ir para o anexo da piscina, com a mochila ainda pendurada no ombro. Tinha trocado de roupa. Agora usava uma calça de moletom rosa-choque e uma jaqueta bem justa na cintura, com o capuz debruado por uma pele felpuda. Esperei mais um minuto, depois corri para a porta lateral do anexo da piscina.

Josie a abriu assim que bati.

– Pensei que você tinha me dado um perdido – comentou, e logo depois me beijou. Preparou um chocolate quente no bar da sala principal e o batizou com um licor de café. Bebericamos nossos drinques sentados no sofá.

Pouco depois, acabou a conversa. Os lábios dela deslizaram pelo meu pescoço e coloquei a caneca em cima da mesa para não derramá-la no nosso colo. A urgência anterior voltou e nos atracamos. Josie levou as mãos às costas e me ajudou com o sutiã, então abriu meu cinto e desabotoou a calça, pegou meu membro pela abertura da cueca e puxou-o para fora.

Envolveu-o com sua mão pequena e o esfregou na barriga dela, apertando e puxando. Senti uma descarga elétrica. Então, sem mais nem menos, comecei a murmurar coisas, disse que ela ia gostar, que seria gostoso. Só que aquelas palavras não eram minhas, mas irrompiam das trevas dentro de mim, e falei tudo isso ao pé do seu ouvido enquanto pressionava sua calcinha, empurrando, forçando a passagem e remexendo. Josie recuou os quadris num movimento rápido, mas eu fui atrás dela com mais força.

Ela me soltou e tentou se afastar, mas estava embaixo de mim.

– Ai! Por favor! – disse, mas eu não parei. – Não!

– Não? Não. Fique quietinha – respondi.

– Pare.

– Não. Shhh.

– Ai! Que porra é essa? Não! Pare agora!

Josie bateu no meu ombro. Saí de cima dela e ela dobrou os joelhos, me empurrando para longe. Subiu as calças, enroscou-se em posição fetal no canto do sofá e me fitou.

No peito, meu coração batia tão forte que chegava a doer. Minhas mãos tremiam incontrolavelmente. Meu corpo inteiro. Não parecia me pertencer. E, quando vesti a calça novamente, senti uma dormência familiar crescer dentro de mim.

– Qual é a porra do seu problema? – gritou Josie. – Você me machucou!

– Não.

– Como assim, “não”? Sim, senhor! Você me machucou!

– Não, quero dizer, não foi minha intenção – Minha garganta se apertou e tentei engolir o choro.

Dobrei as pernas junto ao peito. A enorme televisão estava desligada e nossas silhuetas se refletiam na tela. – Não era eu naquela hora. Não era eu. Me desculpe.

Josie permaneceu calada por algum tempo.

– Tem alguma coisa seriamente errada com você – disse, finalmente.

– Não, não tem. Quero transar com você.

– Bem, agora é que isso não vai acontecer.

– Sinto muito. Não era minha intenção machucar você. Não sei o que eu estava fazendo.

– O que você tem? – perguntou Josie.

– Não sei – respondi, e olhei para o chão.

Queria falar mais alguma coisa, mas por onde poderia começar?

Fiz menção de me inclinar na direção dela, mas Josie se levantou de repente e foi para o bar. Deve ter achado que eu queria beijá-la. Pegou um refrigerante.

– Estou falando sério. Tem alguma coisa muito errada.

O tom da sua voz tinha mudado. Aquela não era uma pergunta. Sorveu um gole da sua bebida e esperou por um comentário meu. Fiquei imaginando como ela deveria estar me enxergando naquele momento.

Bebeu devagar e aguardou.

– Acho que não devemos continuar.

– Eu não entendo – retruquei.

– Não entende o quê?

– Eu quero. Quero que nosso relacionamento dê certo. Por que isso não está acontecendo?

– Não se trata só do que você quer. Também tenho voz ativa aqui. E eu disse que não quero, cacete. –

Baixou o copo e abraçou o próprio corpo, como se estivesse com frio. Seu rosto estampou certa apreensão. – Tem alguma coisa que você não está me contando – acrescentou.

Não prestei mais atenção. Mergulhei mais dentro de mim. Não conseguia me concentrar. Mesmo com todo aquele vazio, não havia espaço para absorver mais nada.

– Você está, sei lá, se sentindo bem? – perguntou Josie.

– Não sei. Não. Só não quero que você ache que eu não a desejo. Eu desejo. Quero você. Não sei por que estou assim neste momento.

Josie balançou a cabeça. Fitou-me com um olhar triste e amedrontado, mas acabou abrindo um sorriso.

– Não estou falando disso – esclareceu. – Olhe, não estou tentando ser cruel. É só uma pergunta. Você tem alguma coisa para me contar? Isso ajudaria?

Josie parecia muito corajosa. Invejei-a, e algo se rompeu dentro de mim. Contornei o sofá e andei em direção ao bar.

– Pare com isso! – berrei. – Por que todo mundo agora questiona tudo? Por que eu sempre preciso falar?

Josie deu alguns passos para trás, encostando-se nas prateleiras com as garrafas.

– Estou tentando entender tudo isso.

– Eu ando meio perturbado, ok? – gritei, agarrando o encosto de uma das banquetas do bar e me aproximando dela. – Por que tudo deve ter explicação? Por que essa necessidade de decifrar tudo?

– Por favor. Agora você está me assustando. Por favor, não grite comigo. – Josie se protegia atrás do balcão, mas falou com firmeza. – Escute o que está dizendo. Olhe para si mesmo. Você está parecendo um maluco.

– Não sou maluco.

– Bem, acho melhor você ir embora. Você me machucou e me fez ficar morrendo de medo. Esse não é o Aidan que achei que estava começando a conhecer. Saia da minha casa. Agora.

Desviei o rosto e continuei apoiado na banquetta. Não conseguia emitir nenhum som. Agarrei-me ao balcão. Não encontrava palavras.

– Saia – repetiu ela. – Ande, vá embora.

Continuou atrás do balcão enquanto eu vestia o casaco e saía pela porta dos fundos. No caminho para casa, percebi que estava tão apavorado quanto ela. Acabaria perdendo tudo que havia finalmente conquistado. Onde meu autocontrole tinha ido parar? Tentei elaborar um plano para resgatá-lo, como tinha feito com Josie. Queria retomar o controle da minha vida. Mas isso não era possível. Durante o trajeto, pensei em Mark lá no telhado, pensei no que ele deve ter visto atravessar o meu rosto enquanto tentava conversar comigo. Quem ele enxergou ali?

Naquela noite, ao tentar dormir, duas vozes distintas gritavam na minha cabeça, e por pouco achei que havia outra pessoa no quarto. Eram duas mentes lutando na mesma batalha: uma dizendo que eu devia estender a mão para o Mark, outra ordenando que eu me calasse e me mantivesse de bico fechado.

Fiquei assustado ao pensar que havia mesmo mais alguém no quarto e tive muita vontade de acender a luz para verificar. Ele poderia estar sentado no braço da poltrona ou agachado aos pés da cama. Talvez estivesse até dentro do armário, esperando que eu o abrisse, então me diria: *Arrá! Peguei! Seu sacana, você não pode se esconder para sempre.* Acendi o abajur e corri os olhos pelo quarto. Meu coração estava aos pulos. Levantei-me para ir até o closet e vi de soslaio um garoto pálido e apavorado na minha janela. Soltei um grito. Era apenas meu próprio reflexo, os braços flexionados e abaixados, prontos para a luta. Passei muito tempo olhando fixo para o que pensei ser eu mesmo, a sensação fantasmagórica me percorrendo, conforme eu tentava recobrar o fôlego.

Sentei-me na cama com as pernas junto ao corpo e de costas para a parede, tremendo e grunhindo entre dentes. Estava agitado demais para dormir. Parecia que eu despencava de algum lugar, sem a menor ideia de onde ia aterrissar. Será que eu estava mesmo me transformando num monstro?

Tive ódio de mim mesmo mais uma vez quando pensei na forma terrível como havia tratado Mark. Ele era meu amigo. Eu sabia o que ele queria. Queria ser ouvido. Queria que eu o visse, queria que o visse por inteiro. Queria saber que eu o compreendia. E eu buscava isso também, percebi. Não era isso que todos desejávamos e merecíamos, duas pessoas realmente honestas uma com a outra?

Depois de tudo o que eu havia sentido pelo padre Greg, agora eu tinha uma nova razão para odiá-lo. Josie estava certa. Não eram apenas as crianças que ele havia distorcido e manipulado. Também ferira os homens que viríamos a ser: nosso futuro como amigos e amantes. O padre Greg não estava ali de corpo presente, mas, de alguma forma misteriosa, ele de fato se encontrava no meu quarto – ainda exigindo toda aquela devoção. Como ele havia me doutrinado! Uma doutrina que dizia: *Temei-me, se não acreditardes em mim.*

capítulo 14

Quando acordei e me arrumei para ir à escola, estava tão nervoso que me sentia nauseado. Não sabia direito como proceder, mas, quando olhei pela janela da copa e vi o carro da Elena, a esperança reluziu no fim do túnel. Não sabia havia quanto tempo ela tinha chegado. Devia ter voltado para buscar suas coisas. A luz que saía da janela do seu quarto destacava-se naquela manhã cinzenta e sombria e sua silhueta entrava e saía do meu campo visual enquanto eu andava pela trilha de pedra até a garagem. O porta-malas do carro estava aberto. Parei ao lado e esperei.

Elena desceu a escada minutos depois, carregando roupas e uma bolsa de viagem. Parou ao me ver e sorriu, dizendo “*Mi hijo*”. Trocamos um abraço contido e ela apontou para o carro. Ajudei-a a arrumar as roupas no banco traseiro.

Subi com ela de volta para o quarto e a ajudei a embalar numa caixa alguns porta-retratos e os livros.

– Como eles estão? – perguntei, segurando a foto de Candido e Teresa.

Olhei para o retrato. Teresa estava sorrindo, mas eu só me lembrei de todo o ódio que havia em seus olhos quando a vira pela última vez.

– Estão contentes por mim. Terê ficou comigo em casa todos os dias, depois das aulas. Vai preparar o jantar de hoje à noite.

– Você vai procurar outro emprego?

– Em breve – respondeu ela. Entregou-me a Bíblia para que eu a colocasse na caixa e eu fitei o livro por algum tempo.

– Sinto muito.

– Há uma razão para tudo, não é?

Eu queria abraçá-la, mas Elena se encontrava do outro lado da cama e manteve distância de mim. Olhava a casa de relance.

– Ei – falei, em voz baixa. – Não tem problema conversar agora. O que ela vai fazer?

Elena deu um suspiro.

– Preciso ir embora logo – disse, prendendo o choro. – É difícil para mim... ver você, *mi hijo*. Também lamento muito. Vou sentir sua falta.

Dei a volta na cama e ela me abraçou. Quando me soltou, me segurou com os braços estendidos, depois foi até o armário do banheiro embalar seus itens de higiene pessoal.

– Mas você tem novidades, *no*? – perguntou.

– As coisas estão mudando – respondi. Tirei o crucifixo da parede em cima da cama. – Quase me sinto outra pessoa. – Elena permaneceu de costas para mim, embalando tudo às pressas. – Quero dizer, queria conversar com você sobre um monte de coisas. Coisas sobre as quais, aliás, eu já devia ter falado há mais tempo. – Minha voz tremia. Quase não conseguia falar.

Elena continuou de costas.

– Bem, Deus dará o amparo – disse. – Você só precisa se lembrar disso. Eu vou encontrar outro emprego e você vai crescer, entrar numa boa faculdade e sair de casa. Graças a Deus.

Quando ela terminou de arrumar suas coisas e se virou para mim, me viu com o crucifixo na mão.

– Você tem lido as notícias? – perguntei.

Elena me ignorou, arrancou o crucifixo de minhas mãos e o jogou na caixa em cima da cama. Tirou um par de sapatos de debaixo dela.

– Elena, o que foi? Por que não olha para mim?

– *Mi hijo* – falou, finalmente. Ela se interrompeu, inquieta. – Não quero falar sobre nada daquilo.

– Bem, acho que eu preciso falar.

– Não. Não comigo. Converse com um padre. Procure o padre Dooley. Lembra?

– Com *eles*?

– Tenho ido à igreja todos os dias – comentou, perfeitamente imóvel, respirando pelo nariz. – Porque Deus é quem sabe. Ele é quem sabe, e eu tenho fé nele.

Eu tremia e suave.

– Não sei o que fazer – desabafei. – Preciso contar a alguém. É sobre o padre Greg.

Elena ergueu um dedo para mim.

– Não, *mi hijo*. Não. Você precisa contar para outro padre. Não conte para mim.

– Não. Por favor, preciso que você me escute.

Andei na sua direção, mas ela ergueu a mão para me impedir. Tirou as duas caixas da cama e as segurou nos braços.

– Não. Não posso. Tenho rezado por você, e é tudo que posso fazer. Tenho rezado e vou continuar rezando. Pensei que não fosse encontrar você hoje. Não posso fazer isso.

Começou a caminhar na direção da porta.

– O quê?! O que você está dizendo? – gritei.

Elena voltou-se para mim.

– Você tem que conversar com um padre. Eu tentei lutar contra, mas precisamos aprender a aceitar certas coisas. Foi o que meu padre recomendou. Não é porque existem umas maçãs podres que vão contaminar o cesto inteiro. – Deu um passo para fora da porta. – Por favor, tenho que ir. Não posso fazer isso.

Corri e segurei o braço dela. Elena gritou.

– Você sabia? – perguntei. Ela tirou a minha mão, mas agarrei-a de novo. – Você sabia?

Ela ficou em silêncio por um momento.

– Eu lavava a sua roupa. Via quando ele trazia você para casa. Via como você o olhava. Não era correto. Mas você também permitiu, *mi hijo*. Você permitiu. Deus escreve certo por linhas tortas. Tenho fé nele. Sempre vou confiar.

Desceu depressa a escada para a garagem. Corri atrás dela e parei no patamar do alto da escada.

Elena jogou as caixas no porta-malas e comecei a chorar. Ela voltou ao pé da escada e me olhou lá em cima.

– Por favor, *mi hijo*. O padre Dooley o ajudará. Vá conversar com ele, por favor.

As lágrimas anuviaram minha vista. Arriei num degrau e me encostei no corrimão.

– Era isso que você sempre me dizia: “Vá à igreja.”

– Não – retrucou Elena, em voz alta. – Não. Eu lutei contra isso, *mi hijo*. – Brandiu uma das mãos acima da cabeça. – Também estou sofrendo. Mas tenho fé na Igreja. Deus vai ensinar o caminho. Sempre ensina. Você também tem que acreditar nisso, *mi hijo*.

Comecei a soluçar. Lembrei-me do Mark tentando conversar sobre o assunto.

Elena começou a subir a escada para ir ao meu encontro, mas mamãe saiu da cozinha gritando e correndo na nossa direção.

– O que está acontecendo aí? – perguntou, ao se aproximar. – Elena? O que está acontecendo? – Viu que eu chorava lá em cima e balançou a cabeça. – Meu Deus, já chega! Controle-se, Aidan. Elena está indo embora. Ela não é sua mãe! É sua babá, pelo amor de Deus! Controle-se!

– Precisamos conversar – falei ainda do topo da escada, mas não me mexi. Continuei encostado no corrimão.

– Aidan Donovan, pare de chorar agora! A primeira recepção da minha empresa vai começar logo mais, à noite, e eu preciso me certificar de que tudo esteja em ordem. O mundo não gira mais devagar porque você não consegue crescer. – Virou-se para Elena: – Tudo bem, chega disso. Você já me atrasou o suficiente. Já pegou tudo?

Elena assentiu.

– Então, o que está esperando? Lamento que tudo tenha acabado assim, Elena, mas isso aqui é simplesmente ridículo.

Ela hesitou, então subiu a escada ao meu encontro. Deu-me um abraço enquanto eu chorava no seu ombro.

– Você vai ficar bem – falou. – Sinto muito. De verdade. Sinto muito, *mi hijo*.

Mamãe começou a gritar outra vez. Elena se afastou e não olhou para trás. Passou calada pela minha mãe. Só quando deu marcha a ré, manobrou o carro e partiu pela entrada para automóveis foi que me dei conta de que não tinha dito a ela as palavras que estavam presas na minha garganta. Continuavam encravadas dentro de mim feito cacos de vidro. Elena não tinha deixado que eu lhe contasse. E agora tinha ido embora.

Mamãe me repreendeu novamente:

– Agora não – disse, levantando a mão. – Tenho que sair. À noite a gente conversa. – Tirou as chaves da bolsa. – É só um coquetel, então não devo chegar muito tarde. Mas não adianta chorar pelo leite derramado, Aidan. Ela foi embora. Você precisa seguir em frente – declarou, com nova autoridade na voz. – Vá se arrumar para a escola.

Marchou para a garagem. Momentos depois, deu ré no Lexus prateado do Velho Donovan. Não buzinou nem baixou o vidro da janela. Endireitou o carro e partiu com a mesma rapidez com que Elena se fora. Vi suas luzes traseiras desaparecerem na esquina e foi como se ela houvesse partido para sua própria Bruxelas.

Quando cheguei ao colégio, só conseguia pensar em Mark. O armário dele ficava perto do laboratório

de química e, antes de entrar na aula, me peguei fitando o móvel, lembrando como Mark costumava ficar curvado sobre ele. Meu amigo não estava lá, mas eu o imaginei segurando a porta com uma de suas mãos cor de âmbar. Ele alisava os cachos e todos voltavam exatamente para o mesmo lugar. Pude ouvi-lo cantarolando, procurando se acalmar, mas a distância que ele impunha em relação aos outros tinha perdido a segurança. Para mim, agora ele era o Mark selvagem e assustado que eu vira alguns dias antes, tentando se aquecer como podia no telhado congelante, olhando para mim com aquela cara de desespero. Estava morrendo de medo. Eu compreendia. Conhecia muito bem a sensação. Precisava falar com ele.

Procurei pelo Mark o dia inteiro, mas ele faltou à aula pelo terceiro dia consecutivo. Agora não havia como fugir das consequências. Josie também não tinha ido e nada poderia acabar com a dor no meu estômago, que parecia vazio e podre. Nada poderia preenchê-lo. As goladas de água no bebedouro não ajudaram nem um pouco. Parecia que eu não conseguia me mexer. Ao contrário, era o mundo que se movia ao meu redor.

Eu não conseguia ter ânimo nem tomar decisões. O sinal tocou e eu saí andando. O professor dizia “Peguem seus livros”, então eu abria no último dever que tínhamos feito e pousava as mãos em cima das páginas abertas. Depois, me sentei no laboratório e esperei que algumas daquelas substâncias químicas me transformassem em pó.

Começou a nevar. Gordos flocos embaçaram as janelas. Afundei ainda mais no meu banco e contemplei a fileira de tubinhos e bolinhas dos modelos de moléculas na mesa à minha frente. Tive medo de falar e estabelecer contato visual com qualquer pessoa. Tive medo do que eu diria, medo do que eu poderia tornar real se contasse a verdade a todo mundo.

Na igreja, se você vai ao confessionário, tudo o que fala fica guardado ali ou assim me levaram a crer na época – como se o que fazíamos com a vida desaparecesse na vastidão da eternidade, e como se nosso sentido e propósito fossem reconhecer o desígnio maior, reverenciá-lo e permanecer anônimos dentro dele. Mas eu não podia mais fingir que acreditava em nada disso.

Em vez disso, pensei na Preciosíssimo Sangue e na paróquia em que o padre Greg havia trabalhado antes, e em qualquer outra antes dela, passando de cidade em cidade como uma doença contagiosa, invisível para a maioria mas não para todos, frequentando festa após festa com a mão estendida, abrindo caminho de família em família entre apertos de mão e tapinhas nas costas, até chegar a minha vez de suportar o fedor dos seus sussurros e ser instruído a acreditar que aquilo fazia parte da religião.

Eu peguei a doença e agora a infecção estava dentro de mim, fazendo parte de mim, para sempre. Não podia me ferir ainda mais. Eu queria ter uma oportunidade de dizer *não, não tenho mais medo*, de soprar seu hálito rançoso direto na cara dele e de vê-lo, junto com o padre Dooley e todos os outros – todos os velhos doentes, sociopatas, que ficaram de longe, vendo a gente apodrecer, enquanto permitiam que os padres Greg da vida devastassem nossos bairros feito uma peste –, receber de volta a dor que infligiu. Nada daquilo era bíblico ou um ato de Deus. Era humano. Eles não podiam se esconder para sempre atrás de uma metáfora. Que se danem a esperança e o desespero. Vivemos num mundo de consequências e efeitos. Veja o que eles fizeram.

Quando saí da sala, sabia que as pessoas me olhavam. Estava pronto para arrancar a porta de um dos armários e espatifar alguma coisa com ela. Era bem possível que o fizesse, se não tivesse visto Sophie encostada no armário do Mark, escondendo o rosto entre as mãos. Ela se assustou quando a chamei,

depois deu um passo atrás. Achei que Josie já devia ter lhe contado o que eu tinha feito e esperei que ela desse um grito ou saísse correndo, mas, na verdade, ela me agarrou num abraço feroz e não soltou mais.

– Você está sabendo o que aconteceu com o Mark? – perguntou. Hesitei, ainda com os braços em volta dela e tentando falar, mas não consegui. – Ele está no hospital. Caiu da ponte de Stonebrook ontem. Ainda não acordou.

– Caiu? Da ponte? – perguntei, sem questionar mais.

Ficamos imóveis e Sophie chorou baixinho no meu ombro, enquanto explicava o que seu pai tinha lhe contado na noite anterior: Mark estava em coma por causa de um traumatismo craniano e da hipotermia. Tivera sorte de ser encontrado e resgatado do rio logo. Continuamos abraçados mesmo depois que o sinal tocou, chamando para a aula seguinte.

– Josie sabe? – perguntei, finalmente.

– Não, ela não retorna minhas ligações desde ontem à noite. – Sophie saiu do abraço e perguntou, olhando para mim: – Que diabos está acontecendo? Não entendi nada. Por que ele faria uma coisa dessas? Qual é o problema? O que havia de errado? Será que eu podia ter ajudado com alguma coisa?

A porta do laboratório foi aberta e a Srta. Richards apareceu no corredor.

– Sophie, Aidan. O que ainda estão fazendo aqui? A aula já começou.

Sophie meneou a cabeça se virou para mim:

– Foi bom meu pai ter me contado, mas acho que não aguento isso. Acho que vou para casa. Não entendo. Simplesmente não entendo.

– Ei! – gritou a professora. – Não estão me ouvindo? Preciso chamar o inspetor Berne?

Tudo que eu via e ouvia era Mark gritando na borda do telhado e depois dizendo que nunca conseguiria se libertar. Na hora eu não tinha entendido de que ou de quem ele queria se libertar, mas, ali parado junto ao armário dele, pensei em quantas vezes Mark devia ter se perguntado se deveria contar o que havia acontecido entre ele e o padre Greg.

Desferi dois socos nos armários com a lateral do punho. A Srta. Richards gritou outra vez, mas eu a ignorei.

– Não aguento mais! – exclamei. Sophie me olhou, apavorada. – Não consigo! – berrei. Deixei as duas no corredor e desci correndo a escada para o térreo para então sair, em meio à neve que caía.



O padre Greg precisava saber o que eu planejava fazer em seguida. Não queria que ele simplesmente lesse as notícias no jornal. Queria que ele ouvisse tudo da minha boca. Quando cheguei à igreja, o estacionamento estava deserto, exceto pelo carro da paróquia, sepultado sob uma camada fina de neve.

O prédio estava completamente às escuras, a não ser por duas lâmpadas no salão, nos fundos. Sofri para subir a ladeira da entrada para automóveis e chegar à porta lateral do salão, cavando pequenos buracos na neve ao andar. A porta estava trancada e eu a esmurrei com a parte inferior do punho, com toda a força que tinha. Bati cada vez mais forte até ouvir a trava de metal ranger do outro lado e a porta se abrir para mim. O padre Dooley levantou a gola do roupão, protegendo-se do vento frio que invadiu o salão. Também segurava a bengala com essa mão, de modo que ela pressionou seu peito, apontando

cerimoniosamente para o chão. Ele se apoiou com força na porta enquanto o vento açoitava os fios de sua cabeleira rala.

Estava mais recurvado que de costume e o vento também castigou seu roupão de banho, fazendo a flanela farfalhar em volta das pernas. Ele vestia outras roupas por baixo, e tive a impressão de que tinha feito um esforço enorme para se levantar da poltrona, talvez até para despertar de um cochilo.

– Bem, entre logo, antes que o vento me derrube – disse.

Bateu a porta com força depois que passei por ela e recobrou o fôlego.

– Estou surpreso por ver você aqui. – Encostou-se na porta, como se logo fosse abri-la. Então se recompôs e acrescentou, mais confiante: – As portas da Preciosíssimo Sangue estão sempre abertas para você. Fico feliz por você saber disso. É uma grata surpresa, isso que eu quis dizer.

Pressionei minhas mãos enluvadas contra a boca e soprei, fechando-as em concha, na tentativa de restituir algum calor. O padre Dooley oscilou por um instante e se projetou para a frente sobre a bengala, largou o roupão e deixou que ele se abrisse, revelando o suéter solto e puído por baixo, assim como as calças de lã que se inflavam em torno de suas pernas de caniço. Andei de um lado para outro pelo saguão, até me fixar junto ao corrimão da escada que levava ao porão. A luz do sol era desbotada pela tempestade de neve e, ali dentro, quase todas as lâmpadas estavam apagadas. Apenas o abajur do escritório do padre Dooley e a lâmpada da sala de catecismo, na outra ponta do salão, iluminavam o salão principal e incidiam de leve sobre o saguão e a escada. Pude discernir a pedra cinza do patamar inferior e, embora a escuridão fosse completa para lá da curva da escada, era muito fácil lembrar o indicador do padre Greg apontando e sinalizando para continuar a segui-lo.

– Você não parece bem – disse o padre Dooley atrás de mim, rompendo o silêncio. Aproximou-se e parou na entrada do salão principal, tendo às costas a luz fraca de seu escritório. Olhou para o chão, mas falou em tom suave e apreensivo, ou, pelo menos, foi assim que o apresentou, com aquele toque hesitante de piedade. – O que houve? Quer uma xícara de chá? Fiz um bule agora há pouco. Sobrou muito. Vamos entrar.

– Não.

Segurei o corrimão e não me mexi.

– Por favor. Vamos conversar. Estou contente por você ter vindo. Será bom para nós dois conversar aqui. Vamos para o meu escritório.

– Não.

– Ajude um velho a descansar as pernas, Aidan. Venha. – Deu um sorriso, mas um minuto depois ele se desfez. – Vamos voltar ao meu escritório. Vai fazer bem.

– Não!

Percebi que estava tremendo. Tornei a me virar para a escada, incapaz de distinguir os acabamentos na parede que descia para o porão.

O padre Dooley respirava pesadamente atrás de mim. Deu um suspiro.

– Por que exatamente você veio aqui, Aidan? Quero ajudá-lo. Sei que é difícil acreditar, mas é isso que mais desejo.

– Não vou demorar – repliquei, embora fosse difícil introduzir alguma força nas palavras. – Chame o padre Greg aqui. Quero que ele também escute. Não vou mais ficar calado. Não posso.

– Ora, Aidan. – Quantas vezes eu já ouvira esse tom de voz! – Por favor, Aidan, temos que conversar

sobre isso.

– Vou contar tudo.

– Não há razão para ter medo – disse o padre Dooley, pronunciando as sílabas lentamente. – Agora você está seguro. Precisamos pensar no futuro, Aidan.

– Chame o padre Greg! – gritei. – Quero falar tudo na cara dele.

O padre Dooley se empertigou um pouco. Segurou a bengala com as duas mãos e se aproximou.

– Por favor – disse, quase calando minha boca à força. – Vamos voltar ao meu escritório, Aidan.

Toda vez que ele mencionava o meu nome eu ouvia a voz do padre Greg – sussurros frios, promessas descumpridas e a trama longa e retorcida de uma mentira. Dei um soco no corrimão.

– Não sobrou mais nada. Vá buscá-lo. Preciso dizer o que ele fez. Ele precisa ouvir. Ele fez isso.

– Não sobrou nada? Aidan, você não está olhando o quadro geral. A tradição. A Igreja. Todas aquelas escolas. As crianças.

– E eu?

O padre Dooley deu mais um passo à frente.

– Acalme-se, Aidan. O padre Greg foi embora. Não vai voltar. Foi transferido. Ele está no Canadá, Aidan. Agora, por favor. Vamos ficar calmos. Podemos conversar. Você está bem, Aidan.

Chegou mais perto e pôs a mão no meu ombro. Eu me encolhi.

– Canadá? Você o mandou para o Canadá?

– Ele foi transferido. Depois deve voltar para a África – respondeu o padre, com um sorriso. – Eu falei que protegeria você, Aidan. Falei que isso era importante para mim. Agora, vamos ficar calmos. Pense em todo o trabalho que ele fez. Todo aquele trabalho que você fez com ele. Existem muito mais coisas, Aidan. Por que destruir tudo que foi bom?

– Ele precisa ouvir. Preciso dizer na cara dele. Foi ele quem fez isso. A culpa é dele. Não quero prejudicar mais ninguém – gritei.

– Aidan, você pediu que eu garantisse que você nunca mais o veria. Eu o compreendi. Agora você só precisa conversar comigo. É uma coisa boa. Estou aqui para ajudá-lo.

O aperto da mão dele era fraco, mas a voz era serena e penetrante e, quanto mais a ouvia, mais eu tinha a sensação de estar sendo sufocado.

– Me solte – ordenei.

Ele imediatamente tirou a mão e recuou. Esfregou o queixo e sua mão tremeu.

– Aidan, há outras maneiras de pensar no que aconteceu. Lembra que São Francisco reconstruiu a Igreja? Lembra que estamos falando de amor, do amor divino? O amor de Deus. É disso que estamos falando. O amor de Deus é maior do que as indiscrições dos seres humanos. Esta instituição merece ser protegida, Aidan. É maior do que nós.

Ele saiu andando para o salão principal e gritei às suas costas:

– É isso que vocês vivem dizendo. Todos vocês! Amor? – Olhei para o porão e me voltei para o padre Dooley: – Amor? – gritei, e sacudi o corrimão. – Estou cansado de mentir! Não aguento mais! Não sei como vocês conseguem.

O padre Dooley virou-se no vão da porta.

– Aidan, não grite comigo. Não vê a posição em que me encontro? O que devo fazer? Eu acredito nesta Igreja, na Igreja Católica, Aidan. Ela é maior do que você, do que eu ou do que o padre Greg. É

universal. Sou um servo da Igreja, Aidan. Acredito na compaixão. Acredito no amor. Acredito na Igreja. – Encostou-se no batente da porta e sacudiu a bengala para mim. Havia lágrimas em seus olhos. – Acredite em mim. Por favor.

Dei um passo na sua direção. Ele gesticulou para que eu me acalmasse, mas o ignorei.

– Sabe quantas vezes o padre Greg me disse isso? – berrei. – Onde fica o limite? Por que eu tenho que ser dispensável?

– Essa não é a única maneira de ver as coisas.

– Como você consegue guardar tudo? Tudo isso? Não tem vontade de gritar?

O padre Dooley se manteve rígido, como se todos os músculos do corpo tivessem se contraído e ele não pudesse se mexer.

– Existem consequências, Aidan. Você precisa compreender. Por favor. Pense em todos aqueles que se envolveram. Pense em todas as outras pessoas.

– Estou pensando! – gritei, socando o batente da porta ao lado dele. – Não sou só eu. São as *outras* pessoas!

– A imprensa costuma exagerar. Não confunda as coisas.

Estendeu a mão outra vez e eu a afastei com um tapa. Ele recuou.

– Não estou confundindo nada.

– Aidan, não se junte à caça às bruxas – disse ele, em tom brusco. – Pense nisso. Você sabe que o padre Greg era um bom homem. Agora, trate de se controlar – acrescentou, mas em seguida calou-se. Recuou, afastando-se de mim, e se deteve na penumbra do salão. – Vamos, Aidan. Você está começando a me assustar. – Continuou andando para trás. – Sou apenas um velho, não preciso ser ameaçado dessa maneira. Não me faça chamar a polícia.

– Por minha causa? – berrei. – O que eles vão dizer quando eu contar tudo?

– Você não pode me ameaçar, Aidan. Isso não está certo. Você não é o primeiro. A polícia sabe disso. Posso obter uma ordem de restrição proibindo que você se aproxime. Elas já estão até prontas. Mas, por favor, não precisamos disso. Eu me importo com você, e você não pode destruir todo o resto só por causa da sua situação. Por favor. Tente ver por esse ângulo. Tente pensar em todas as outras pessoas.

Apontei para o porão.

– Eu estava lá. Eu sei. Ele estava com o James. Eu fiquei escondido bem ali. Ele estava com o James. Eu estava lá!

Esmurrei o batente da porta de novo e o padre Dooley recuou para o salão principal. Fui atrás dele.

– Todas as outras pessoas? Eu estou pensando em todas as outras pessoas. No James, em mim, no Mark. Mark Kowolski, seu maldito. Sabe o que Mark fez? Pulou da ponte de Stonebrook. O padre Greg precisa saber disso.

O padre Dooley girou nos calcanhares e andou depressa até seu escritório.

– Você também precisa saber! – insisti, perseguindo-o. – Você sabia de todos nós. Sabia o que ele fazia com a gente. – Agarrei-o pela camisa e o imprensei à força na parede. – Ele fez isso. Sabe o que ele fez com a gente? Ele fez isso!

Sacudi o padre Dooley e senti seu peito ossudo bater nos nós dos meus dedos. Joguei-o repetidas vezes na parede, sacudindo-o, gritando, chorando, e pensei no padre Greg segurando o James nos braços e o imprensando na bancada de trabalho do porão. O bafo do padre Greg nos meus ouvidos: *Shhh. Shhh.*

Os braços inúteis contra um peito mais forte. Vozes abafadas. Farfalhar de roupas. Sufocamento. E engolir uma espécie de rugido dentro de mim. Não: *Shhh. Shhh.*

Inclinei-me sobre o padre Dooley, soluzei com a cabeça em seu ombro.

– Vou fazer alguma coisa – ameacei em voz baixa. – Vou contar tudo.

O padre Dooley resmungou. Suas palavras ficaram presas na garganta. Seus braços não estavam levantados contra os meus, e dei um passo para trás ao perceber que meu corpo o imprensava na parede. Sua bengala caiu no chão e ele tropeçou para a frente. Segurei-o e o arrastei para uma das cadeiras dobráveis de metal ali perto. Ele finalmente levou as mãos à cabeça, e um gemido surdo ecoou baixinho no salão principal da igreja.

– Vou contar tudo a todo mundo! – continuei. – Você não fez nada para impedir. Diga. Diga o que você fez. Diga, seu monstro.

– Não posso – finalmente respondeu o padre Dooley. – Não posso.

As lágrimas me embotaram a visão. Eu não conseguia lembrar por que tinha ido lá, para começo de conversa, nem pensar para onde poderia ir depois. Era como se tivesse chegado do nada e fosse de novo para lugar nenhum. Para manter minha mente presente, não havia nada além da voz entrecortada do padre Dooley. Ele havia recomeçado a falar, mas as palavras me eram incompreensíveis. Não conseguia mais ouvir suas desculpas. O ruído que ele fazia se tornou uma cantilena ecoando na minha cabeça, um som que me perseguia em busca de sentido, sem conseguir encontrá-lo. O palavrório sem nexos preencheu o salão, grudando em mim feito montes de neve, feito um punho molhado. Não havia mais nada para ouvir. Larguei-o lá, arriado na cadeira, resmungando suas orações consigo mesmo.

A neve continuava a cair, ininterrupta. Já se espalhara por gramados, galhos e telhados. Acima das árvores, nada rompia a vastidão desbotada do céu. Fui avançando devagar pelos jardins e ouvindo a neve recente sob meus pés. Cada passo produzia um ruído semelhante a uma coçada vigorosa, e eu olhava repetidas vezes para trás, para ter certeza de não estar sendo seguido. Não esperei para recobrar o fôlego. Continuei andando, vendo minha respiração se condensar à minha frente, tênue, enquanto a neve continuava se acumulando, e, ao me aproximar do campo de golfe de Stonebrook, peguei o caminho mais longo, em volta da parte final do percurso, tomando o cuidado de evitar a ponte. Eu não podia olhar para ela. Passei pelo quarto buraco e vi um bicho escuro traçar uma reta solitária por um *bunker* próximo, pintado de branco. Ele fez uma pausa para me olhar a distância, antes de seguir seu caminho.

Vaguei o dia inteiro, até que por fim cheguei ao bairro do Mark, entrei na rua dele e olhei para sua casa. O jardim estava deserto e a casa, totalmente às escuras. O sangue latejava em meus pulsos e na base do meu pescoço, com uma força e uma palpitação que fugiam ao meu controle. Fiquei um tempo parado e deixei que a neve grudasse no meu rosto e me espetasse, ao derreter. Por fim, tomei coragem para ir até a porta de entrada e tocar a campainha. Ninguém atendeu. Toquei de novo, vez após outra, e mesmo assim ninguém apareceu. Contornei a casa até a porta lateral do vestíbulo em que havia ajudado o Mark na noite do ano-novo. Espiei o interior. Sapatos e botas alinhavam-se numa fila ordeira embaixo do banco. Contornei os fundos da casa até chegar à cozinha. Sobre o fogão acendia-se uma luz pálida. Era a única luz acesa na casa, e um tênue brilho branco-azulado espalhava-se da área do fogão para o resto da cozinha. Era tudo arrumado, imaculado, desumano.

– Por favor, me desculpe – falei à casa vazia.

Um cachorro latiu em algum ponto longínquo da colcha de retalhos formada pelos jardins. Seu latido

transportou-se de um bairro para outro e foi ficando mais fraco. Viajando pela noite, sua voz acabaria por emudecer e desaparecer na distância, como tudo parecia fazer, e se perderia no nada, mais além. Esmurrei a parede lateral da casa do Mark. Chutei a porta.

– Por favor! – repeti. – Estou aqui. Estou aqui agora!

A tempestade de neve borrava qualquer luz ao longe. O quintal dos Kowolski estava escuro e, para além dele, as trevas eram mais profundas. Era como se não houvesse ninguém em lugar nenhum, e pensei no mesmo sentimento de solidão que eu havia experimentado na primeira vez em que o padre Greg me chamara para descer ao porão, e em como ele devia ter chamado Mark, James e todos os outros – um exército de meninos descendo as escadas devagar e penosamente até o porão, querendo acreditar. Com o tempo, como é que todos os garotos não perderiam a nitidez? Cada um se transformaria em mais um corpo cinzento, frio e trêmulo a ser aterrorizado com palavras como *amor*, *segurança* e *fé*. Eu precisava contar. Precisava contar a história toda. Mark merecia ser o primeiro a ouvi-la, porém eu não podia esperar mais, e corri para o bairro da Josie.

Ao pé da entrada para automóveis havia agora montes de neve, que iam inchando junto à árvore que um dia tivera a nossa imagem juntos. Estendi o braço para um monte e deixei nele a impressão da minha mão. De manhã ela seria uma imagem congelada, um sinal de vida e reconhecimento, como uma pintura rupestre.

Os pais da Josie deviam estar no mesmo coquetel que minha mãe, de modo que meu único medo era que Ruby me visse, mas isso não aconteceu. Fui até os fundos e vi Josie sentada à mesa da cozinha, fazendo o dever de casa. Quando bati de leve na janela, dei-lhe um susto e, a princípio, achei que ela ia gritar por Ruby. Ela se recompôs ao me reconhecer. Apontou para a porta dos fundos.

Preparou-se mentalmente ao abri-la. Usava as mesmas calças de moletom da última vez que eu a vira. Seus olhos também exibiam a mesma apreensão.

– Desculpe – comecei a falar. – Você tem razão. Eu preciso de ajuda. Preciso da sua ajuda.

Não falei mais nada. Não consegui. Senti meu queixo tremer, desviei o rosto e olhei para o quintal e para o anexo da piscina. Havia lágrimas em meus olhos. Josie saiu na friagem e me abraçou. Eu só precisava disso. Como um gesto tão simples, de uma pessoa para outra, pôde de repente me dar uma confiança que eu nem sabia que tinha e me libertar para dizer *Vou lhe contar uma história que vai doer?* O que inspira isso, afinal?

Josie sacudiu a neve dos meus ombros e das minhas costas e, rápida e silenciosa, me levou para o seu quarto. Como o meu, o dela tinha uma poltrona junto à janela, que Josie me ofereceu enquanto tornava a descer correndo, para limpar o que eu tinha sujado. “Acredite em mim”, eu lhe dissera em nosso último encontro. Era o que eu tinha desejado naquele momento, mas já não podia dizer isso. Ouvia o padre Greg falando: *Amor, amor, amor, acredite em mim, Aidan, acredite em mim, isto é amor, amor, amor*. Eu já não tinha essa capacidade. Josie estava certa, e não me restava nada senão lhe contar a verdade.

Na volta, ela encostou a porta e passou o trinco.

– Dei boa-noite a Ruby – disse. – É para meus pais não terem que dizer oi quando chegarem. Mesmo assim, temos que falar baixo, para o caso de ela passar pela porta.

– Tudo bem. Mas tenho que falar.

Ela me abraçou, não como uma namorada, mas do jeito que todos deveríamos ser abraçados ao menos uma vez na vida – um jeito que nos faz saber que não estamos sozinhos. Uma absolvição humana.

Estar perto dela me deu força, e finalmente comecei. Sentei-me ao seu lado na cama, zozzo e trêmulo, mas tranquilizado por sua voz – que embalava, abraçava. Josie fez perguntas, mas elas não doeram, apenas me encorajaram. E ela segurou a minha mão enquanto eu lhe contava tudo.

capítulo 15

*P*assaram-se horas. Os pais da Josie chegaram e, mesmo que fosse a última a sair, soube que mamãe também logo estaria em casa. Liguei para lá e deixei um recado dizendo que estava na casa da Josie, para que ela não achasse que eu tinha voltado a fugir para a casa da Elena. Mas também era importante deixá-la a par das coisas – eu sabia que em pouco tempo estaria lhe contando a história que contara à Josie. Tentei imaginar como contaria também ao Velho Donovan, se seria por telefone ou diante de uma toalha branca de linho num restaurante de Manhattan, na próxima vez que ele estivesse em Nova York a negócios. *Eu tinha medo, é o que diria aos dois. E ainda tenho, portanto, me escutem.*

– Não quero ir para casa – disse à Josie.

– Você não tem que ir. Pode ficar aqui mesmo.

Deixei um segundo recado para mamãe e lhe disse que não voltaria para casa, mas que ela não ligasse para os pais da Josie, porque eles não sabiam. Prometi explicar. E acrescentei: “Estou são e salvo. Estou bem.”

Josie me observou enquanto eu deixava o recado. Levantou-se quando acabei e tornou a me abraçar. Chutou longe os chinelos, deitou-se embaixo do edredom e me chamou.

– Fique aqui comigo – disse.

Quando me deitei, ela apagou a luz e se aninhou nos meus braços. Não falamos, mas, passado um pequeno intervalo, ela segurou minha mão.

– É tudo culpa minha – declarei. – Mark.

– Não, não é.

Perscrutei o quarto até que meus olhos se adaptassem ao escuro e eu pudesse discernir as silhuetas das celebridades nos cartazes emoldurados na parede e os contornos de detalhes dos móveis. A casa estava mergulhada no silêncio e Josie se deitou atrás de mim, de conchinha. Sua respiração aqueceu minhas costas. Foi diminuindo o ritmo e ela adormeceu, então me acalmei o bastante para acompanhá-la.

Quando tocou o despertador de manhã, nos soltamos devagar um do outro. Levantei-me da cama e tentei tirar o amassado da calça. Josie ligou a TV e deu início a seus rituais matutinos.

– Não se preocupe – disse. – Ninguém me chateia de manhã. Vamos descer e sair pela porta da frente enquanto todos ainda estão na cozinha. Vai funcionar. Vai ficar tudo bem.

As nuvens da noite anterior tinham se dissipado, e eu me sentei na poltrona com a luz do sol me aquecendo as costas. Escutei Josie do outro lado da porta do banheiro, cantarolando no chuveiro. Era

dona de uma espécie de energia que a impulsionava, uma felicidade que não era alimentada pela alegria, mas por uma compreensão, e sua disposição de ajudar, sua fonte inesgotável de carinho, parecia alimentar nossa ligação. Fiquei assombrado com isso e me perguntei por quê, até aquele momento, eu tinha visto tão pouco esse fenômeno. Josie abriu a porta do banheiro ao sair do banho e o vapor escapou para o quarto. Estava embrulhada numa toalha lilás e tinha outra amarrada na cabeça como um turbante. Sorriu para mim e prosseguiu em sua rotina. Ficou na ponta dos pés ao escovar os dentes, e aplicou uma maquiagem superficialmente – apenas parte de seu alegre alvoroço.

Senti vontade de lhe preparar café e ovos mexidos. Queria apertar o nó da gravata, dar-lhe um beijo na testa e lhe desejar um bom dia. Quando entrei no banheiro, para que ela pudesse se vestir, pensei no que realmente significava construir um lar. Eu não queria pensar em sexo – isso poderia vir depois. Naquele momento, tudo que eu queria era companhia. Essa era a verdadeira liberdade. Essa era a única segurança que podíamos oferecer uns aos outros: o que realmente significava amar e viver sem máscaras.

Era só nisso que eu conseguia pensar ao fazer minha própria higiene pessoal, lavando o rosto e o pescoço e esfregando os dentes com um dedo coberto de pasta. Enquanto Josie tomava banho, eu havia assistido ao noticiário da manhã e ouvido os âncoras desfiarem história após história. Havia investigações do governo sobre o colapso da Enron; a primeira-dama dirigia uma campanha para que pais e professores tranquilizassem as crianças quanto à segurança; o novo sistema de alerta contra o terrorismo vinha sendo elogiado por alguns membros do Congresso; e, ainda na véspera, o prefeito de Nova York começara a distribuir ingressos gratuitos para ajudar a lidar com as enormes multidões que faziam peregrinação até o Marco Zero. Eu sentia que tinha sobrevivido à noite anterior graças ao pequeno e valente ato de bondade da Josie. Ela também merecia uma manchete, mas este não é o tipo de material que chega ao jornal.

Josie pediu que eu saísse do banheiro depressa. Estava parada diante da TV, de uniforme, segurando uma bota felpuda junto ao peito. Mark nos encarava da tela, para onde corri imediatamente. Era a foto do rosto dele, feita para o anuário escolar. Ele fitava o mundo com um sorriso cético e sem alegria, aquele que um dia eu havia interpretado como esnobismo, mas sabia agora ser sua única fachada para esconder todo o medo que sentia. Uma rápida fotomontagem mostrou nosso colégio, a piscina e uma série de medalhas. Ele estava sob o efeito de drogas, disseram, fora do seu juízo normal. Subiu na amurada da ponte e pulou. Uma busca em seu quarto, em casa, sugeriu um longo histórico de uso abusivo de drogas, do qual seus pais não tinham o menor conhecimento. Josie chorou encostada no meu peito. Abracei-a e encarei os olhos do Mark quando voltaram a exibir a foto dele, e desejei também poder abraçá-lo. Desejei tê-lo abraçado.

O programa havia passado do noticiário nacional para o local enquanto eu estava no banheiro, e a tentativa de suicídio do Mark fora a manchete principal. Abracei Josie enquanto ela soluçava.

- A culpa é minha – afirmei. Ela tentou me acalmar, mas eu só repeti: – A culpa é minha.
- Pare de falar isso!

Por cima do ombro dela, vi o apresentador da previsão do tempo animar nuvens de tempestade ao longo do litoral e despachá-las com um aceno para o Atlântico. A reportagem sobre Mark havia acabado. Continuamos abraçados.

- Eles não sabem da história toda – lamentei. – Você sabe disso.

A palavra *abuso* ficou ecoando na minha cabeça. O modo como eles a usavam quase fazia Mark

parecer inocente, e as drogas também, como se nem ele nem elas tivessem a menor culpa, nem que tudo fosse obra do “abuso”. Não indagaram por que ele teria se entregado às drogas. Deixaram a palavra no ar sem qualquer pergunta, como se o uso abusivo fosse uma escolha, e como se essa escolha fosse o comportamento aberrante e não a profundeza e o sigilo de todas as outras coisas que lhe pesavam na mente.

– Acho que preciso me encontrar com ele. Estou com medo, mas acho que tenho que ir.

– Vou com você – disse Josie. – Você não tem que estar sozinho.

Chamei o motorista e mandei que o carro nos esperasse na rua, sem subir a rampa da garagem. Quando ele chegou, descemos pé ante pé a escada da frente e saímos porta afora, exatamente como Josie havia prometido. Estávamos de uniforme, porém a caminho do hospital, torcendo para que Mark ainda estivesse lá e não tivesse sido transferido para outro lugar.

Demos sorte. Ele continuava lá, no segundo andar, mas seria transferido ainda naquele dia, mais tarde, para um hospital maior em New Haven. Josie perguntou à enfermeira da recepção se os pais de Mark estavam lá. Isso nem me ocorrera e, quando ela explicou que eles ainda não haviam chegado, o alívio me inundou. Eu ainda não estava pronto para encontrá-los. Precisava vê-lo primeiro. Josie me deu o braço e a enfermeira se ofereceu para nos mostrar o caminho até o quarto. Eu estava atordoado. Subir um andar de elevador pareceu levar uma eternidade. A fluorescência branca e luminosa dos corredores me fez sentir exposto e sujo e, quando a enfermeira nos deixou, fiquei contente por ser tênue a iluminação do quarto do Mark.

Havia uma cadeira junto à cama, porém nem Josie nem eu nos sentamos, e o quarto dava a impressão de atravancamento, com todos os aparelhos, tubos, suportes de soro e outros medicamentos e fios que o mantinham vivo. Chegamos bem perto da cama e Josie apertou meu braço com força.

Mark estava mais magro e mais pálido, com as faces encovadas e macilentas, parecendo um fantasma do seu antigo eu. Tinha sido escorado na cama. De olhos fechados, era como se cochilasse, só que tinha no rosto uma expressão distorcida e alterada pelos tubos que lhe invadiam o nariz e a boca, e, se estivesse dormindo, com certeza estaria padecendo com a tempestade de pesadelos que o espreitava por trás de suas pálpebras. Aquele não era o Mark que eu vira adormecer na noite de ano-novo, de cuja boca eu ouvira o último bafejo antes de ele apagar. Naquela noite ele deixara a cabeça pender, inclinando-a na minha direção com um sorriso sonolento no rosto. Agora eu mal podia fitá-lo. Ele era a carcaça do meu amigo, não o amigo em si, um prisioneiro confinado num inferno de silêncio.

Josie sentiu que eu me afastava e me segurou junto à cama. Soltou uma das mãos e a estendeu para o Mark. A dele estava sobre o cobertor, e Josie a prendeu entre os dedos. Através dela, voltamos a formar um nó. Ela me olhou e se voltou para o Mark:

– Mark – disse –, estamos sentindo sua falta.

Virou-se outra vez para mim e sorriu, e baixei os olhos para ele.

– Me desculpe – consegui enfim balbuciar e, depois que o fiz, jorrou a torrente. Conteí tudo o que havia contado a Josie na noite anterior, sobre o padre Dooley, o padre Greg, James, ele e eu. – Você não está sozinho – fiquei repetindo. – Quero lhe contar, você não é o único. Quero contar o que aconteceu para todo mundo.

Josie nos segurou enquanto eu falava, e pensei em como pessoas como o Velho Donovan, o padre Greg, os professores e até mamãe e Elena, todos haviam tentado, em um ou outro momento, me dar

conselhos sobre quem eu era e sobre o tipo de pessoa que devia me tornar, mas, ao olhar para Josie, perguntei a mim mesmo se aquilo tudo não se resumia a algo mais simples: *Você é ou não o tipo de pessoa que fica ao lado dos outros quando eles precisam de ajuda e apoio? Não será nesses momentos, quando você tem que se empenhar mais do que se julgava capaz para atender outra pessoa, e consegue, que enfim descobre o você que se escondia por trás da máscara, o tempo todo? Não será aí, finalmente sem máscaras e estendendo a mão uns para os outros, que criamos a chance de nos abraçarmos de novo? E quanto à chance de amar outra vez? Será que também conseguimos criar essa possibilidade?*

Cheguei mais perto do Mark e dei-lhe um beijo na testa.

Quando reergui o corpo, percebi que a enfermeira que nos levava ao quarto estava parada à porta, sorrindo para nós.

– Desculpe – disse eu.

– Não, não, não – respondeu ela. – Não peça desculpas, de modo algum. Faça o que precisar. –

Tornou a sorrir e seguiu para outro quarto.

– Mark – falei, novamente voltando-me para ele –, vou contar para todo mundo.

Josie e eu descemos para o pátio externo do hospital e decidimos que primeiro eu precisava ir ao encontro dos pais do Mark e depois prosseguir de lá, fazendo minha lenta marcha de uma família para outra, até que todos compartilhássemos a verdade. Josie reafirmou que me ajudaria, que uma marcha podia começar com duas pessoas, e depois veríamos no que se transformava.

– Eu lhe disse: é minha resolução de ano-novo – declarou. – Estou aqui.

– Eu também.

Corremos pela calçada ao lado dos montes de neve do pátio, seguimos correndo pela rua, atravessamos o centro da cidade, passamos atrás do campo de golfe e entramos no bairro dos Kowolski. Não era para o perdão que eu estava correndo, e não era por ter me dado seu perdão que Josie corria a meu lado. Não havia paz no fim do caminho. Mantivemos o ritmo durante todo o trajeto pela cidade, e corri como se estivesse numa matilha, com todos os meus medos ao meu redor.

Só quando chegamos à casa do Mark e paramos em silêncio, recuperando o fôlego, foi que me dei conta do frio. O vento feroz que trouxera a tempestade da véspera continuava por ali. Josie me abraçou, e era só isso que tinha existido nesse inverno, e apenas em breves momentos: alguns corpos quentes, de estranhos que eu queria conhecer melhor, antes que eles ou eu desaparecêssemos.

Subimos pela aleia até os degraus da entrada e toquei a campainha. Os saltos altos de Barbara martelaram o assoalho de madeira de lei conforme se aproximava. Ela afastou a cortina para o lado e me olhou com uma expressão assombrada de pavor. Quando destrancou a porta, estendi a mão para Josie e ela a segurou. E assim tinha sido com Mark, um dia, percebi. Enquanto éramos estapeados em meio ao pavoroso tumulto de vozes, Mark havia buscado minha mão uma vez, depois outra, num gesto natural – o único que poderia nos preparar rumo à furiosa gagueira do amanhã.

Agradecimentos

Antes de qualquer coisa, agradeço a você, Rob Weisbach, meu amigo e superagente, que se recusou a desistir. Sua paixão continua a me inspirar e sua visão e orientação me ajudaram a moldar esta história no romance de que hoje me orgulho. E obrigado a você, meu amigo David Groff, sem cuja orientação, apoio, revisões e cuidados este livro nunca teria encontrado outro leitor.

Sinto-me agradecido e orgulhoso por fazer parte da família de Margaret K. McElderry. Muito obrigado a Justin Chanda e a toda a equipe da Simon & Schuster Children, desde os revisores até os capistas e diagramadores, bem como ao pessoal incrível de marketing e vendas, que se encarregou de divulgar o livro – todos os quais admiro e com quem me sinto grato por haver trabalhado, especialmente a minha destemida editora, Rūta Rimas, cuja visão e cujas revisões fizeram deste um livro muito melhor – seu entusiasmo garantiu que a história de Aidan encontrasse um lugar nas conversas com o público.

Agradeço também a Jonathan Rabb, ao redor de cuja mesa alguns de nós nos sentamos, muitos anos atrás, e de cujo seminário nasceu este romance. Mas foi necessária outra tribo para criar este filho, e sou grato à comunidade de escritores do City College de Nova York. Obrigado à equipe que passou noites demais em claro (a quem estou querendo enganar – será que algum dia elas são suficientes?) conversando sobre livros, o nosso e os de terceiros, e sempre me lembrando por que nos importamos e por que escrevemos.

Obrigado a você, Fred Reynolds, cujo apoio e supervisão (e o convite para ir a Archer City!) me ajudaram a cavar espaço para pôr em ordem as prioridades, literárias e outras. E sou profundamente grato a Bill Lippman, Debbie Himmelfarb e seus familiares por sua crença inicial neste romance; seu apoio, por meio do prêmio Doris Lippman de Criação Literária, despertou a atenção de outras pessoas para este livro e lhes levou também a se importar com ele.

Este escritor não existe sem suas duas mães literárias, Linsey Abrams e Felicia Bonaparte, que são os núcleos intelectuais, espirituais e filosóficos em torno dos quais orbitou toda a minha experiência na pós-graduação, e a quem serei eternamente grato por haverem despertado em mim uma segunda vida na paixão pela literatura.

E, por último, mas longíssimo de ser o menos importante, agradeço à minha família, ao clã Kiely-Shannon-Chaffee: a Heide e John, a quem agradeço todos os dias por me incluírem em sua família, e cujos conselhos, conhecimentos e sabedoria no tocante aos livros, às ideias e à vida moldaram este livro e a mim mesmo, de inúmeras maneiras; a Joshua, Niall e Trish, irmãos que admiro imensamente pela vida

que levam e pelas pegadas que deixam, as quais seguirei para qualquer lugar e cujos reservatórios de apoio e incentivo me respaldaram ao longo deste processo; a Ted, meu irmão em tudo, por seu entusiasmo contagiante – uma fonte de energia renovável capaz de sustentar os outros pela vida inteira – e por sempre me lembrar por que a aventura é importante; a vovó Jane, cuja animação, amor, fé, vasta sabedoria e sorriso radiante são constantes fochos de luz em minha vida; e especialmente à minha mãe e ao meu pai, Maryanne e Tom, os quais me ensinaram que definir os próprios princípios, viver de acordo com eles e usá-los para aprender a melhor maneira de amar outra pessoa é o que de fato significa ser humano. E um agradecimento ultraespecial a meu pai, o verdadeiro escritor da família, sem cuja caneta vermelha e incansável paciência eu nunca teria compreendido a língua inglesa.

Jessie, este livro, como tudo na minha vida, foi feito por causa de você e para você, a mulher que me inspira todos os dias, com quem aprendo todos os dias e para quem trabalho todos os dias – um brinde ao amor, de todas as maneiras e para sempre.

Sobre o autor

© Gary Joseph Cohen



BRENDAN KIELY é mestre em escrita criativa pela City College e seus artigos já apareceram em diversas publicações especializadas em ficção. Nascido em Boston, ele é professor do ensino médio e vive com a esposa no Village, em Nova York.

www.brendankiely.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!, Praticamente inofensiva e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[capítulo 1](#)

[capítulo 2](#)

[capítulo 3](#)

[capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[capítulo 6](#)

[capítulo 7](#)

[capítulo 8](#)

[capítulo 9](#)

[capítulo 10](#)

[capítulo 11](#)

[capítulo 12](#)

[capítulo 13](#)

[capítulo 14](#)

[capítulo 15](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)